

Alexey Dodsworth

Dezoito de escorpião

A beleza estelar pode esconder verdades terríveis...

Temas
DA LITERATURA
BRASILEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

alexey dodsworth

dezoito de escorpião

TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA

 novo século®

São Paulo 2014

Copyright © 2014 by Alexey Dodsworth

COORDENAÇÃO EDITORIAL Nair Ferraz
DIREÇÃO DE ARTE DIMITRY UZIEL
CAIA Monalisa Morato
REVISÃO Denise de Camargo
Equipe Novo Século

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO
DA LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

Dodsworth, Alexey
Dezido de Escorpião / Alexey Dodsworth. --
Barueri, SP : Novo Século Editora, 2014. --
(Talentos da literatura brasileira)

1. Ficção brasileira I. Título.

14-00693

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Edição Digital: 2014

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar - Barueri - SP

E-ISBN: 978-85-428-0231-3



www.novoseculo.com.br



AGRADECIMENTOS

Mais adequado seria dedicar esta história não a esta ou àquela pessoa, mas aos momentos aos quais, juntos, pertencemos. As pessoas eventualmente perdem contato, estão próximas agora e depois não estão mais. Tenho em mim, contudo, a sensação estranha e certa de que todo tempo é infinito. Então, é preciso agradecer à importância singular de cada momento e aos personagens que o constituem, pois isso é tudo o que temos no final: lembranças e eternos retornos.

O ano é 2011. Nele, eu participo de uma experiência de inserção na Floresta Amazônica. Tal experiência tem a finalidade de levar à TV brasileira um programa educativo que ficou conhecido como "Amazônia, o Reality Show". Durante quase trinta dias, eu e outras pessoas ficamos internados no coração da floresta e passamos por experiências muito marcantes: nadamos com os botos cor-de-rosa; dormimos no alto da copa de uma árvore de trinta e cinco metros de altura; fomos hóspedes de uma tribo indígena e dançamos em seus rituais. Foi num desses trinta dias, enquanto olhava o pôr do sol no silêncio da floresta, que nasceu a ideia de *Dezoito de Escorpião* com a floresta como palco. Aos meus companheiros daquele momento este livro é dedicado: Mel Ravasio, Mateus Verdelho, Picuruta Salazar, Martha Sobral, Vivian Seixas, Natalia Guimarães, Allen Lima, Carol Zoccoli, Carolina Magalhães. Agradeço principalmente a Marcelo Skaf por ter sido tão bom professor, infectando-nos com o vírus do amor pela floresta. Como não poderia deixar de ser, agradeço a Bianca Sampaio e Deborah Ferreira, que foram nossas "mães" enquanto suávamos loucamente em meio à fúria verde. Um agradecimento especial vai para Victor Fasano, que me ensinou a chamar as árvores altas e antigas de

“Majestades”. Nada seria mais adequado, pois majestades elas são. Por fim, mas não menos importante, agradeço a Gui e a todos os demais nativos da etnia tukano que tão bem nos receberam, abrigaram e fascinaram com suas histórias e sua arte.

2009: neste momento, eu e mais quatorze pessoas somos aprovados no primeiro vestibular de Astronomia da Universidade de São Paulo. Não importa que não sejamos os primeiros a nos formar, ou que alguns de nós talvez jamais venham a concluir o curso. Somos – e sempre seremos, nesta curva assintótica que se prolonga de infinito a infinito – estudantes de Astronomia. Alan, Marcelo, Diego, Renato, Arthur, Marcos, Neiva, Raphael, Aruã, Gabriel, Thais, Jacy e Eduardo, um pedaço deste livro nasceu naquela primeira foto com o Big Bang atrás de nós. Aos meus colegas, amigos e professores do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, vai meu agradecimento pelas maravilhas partilhadas.

Mais uma vez 2011: estou em Santander, na Espanha, e passo uma semana no Palácio de la Magdalena com estudantes do mundo inteiro, fazendo um curso de verão de astrobiologia organizado pela Universidad Menendez Pelayo e pelo Instituto de Astrobiologia da NASA. Aprendo coisas com diferentes pessoas, todas elas vivas de algum modo no mundo de *Dezoito de Escorpião*. Eduard Solà, Sylvia Kehl, Tere Flyin, Abhimanyu Kumar Singh, Tatiana Benevides, esta loucura é em parte culpa vossa. Que o Deus dos Sorvetes vos agrade!

Estamos em 2013: algumas pessoas leem este livro antes de todo mundo. Patricia Montini, Ricardo França, Leticia Paola Alabi, Marcelo Lago, Cristina Lasaitis, Waldemar Falcão: a vocês, meu muito obrigado por terem sido meus primeiros críticos, re-visores e incentivadores.

Retrocedemos vinte anos e nos encontramos em 1993. Aline, Rose, Laércio, Radha, Viviane, Júnior, Marcelo e todos os outros: este é nosso pequeno segredo.

Contemplemos 1971: processos caóticos e imprevisíveis culminaram num cruzamento de fatores que abriram uma porta, permitindo a minha entrada nesta vida. A todos os meus ancestrais

provenientes de todos os cantos do planeta, dos europeus aos indígenas: o ontem lhes pertence, e sou grato pela parcela que me coube.

Ricocheteamos de um lado para o outro no caos do tempo, e eis que temos 2040. Neste ano, eu, Ravi e o doutor Baars estamos conversando sobre a colonização do planeta Marte, riscos inerentes às explosões solares e outras coisas, enquanto tomamos um sorvete de chocolate com amêndoas. Este livro é para vocês, que agora são muito jovens. Porque o futuro – este porvir enigmático que tanto nos fascina em suas infinitas possibilidades sempre abertas – em grande parte lhes pertence.

Por fim, este livro é dedicado a você, caro leitor. O agora é seu momento. Se eu fosse você, pesquisaria no Google todas as curiosidades aqui contidas. Falo sério. Você descobrirá que a realidade é mais mágica que a mais bizarra das fantasias.

Todos os fatos e personagens descritos neste livro são reais apenas no universo alternativo conhecido em nossa realidade como “ficção”. Qualquer semelhança de pessoas e circunstâncias decorre do fato de que realidades alternativas sempre se tocam em algumas encruzilhadas.

*Somewhere, over the rainbow,
Way up high.*

*There's a land that I heard of
Once in a lullaby.*

*Somewhere, over the rainbow,
Skies are blue.*

*And the dreams that you dare to dream
Really do come true.*

*Someday I'll wish upon a star and wake up where the clouds are far
behind me.*

*Where troubles melt like lemon drops, away above the chimney
tops.*

That's where you'll find me.

*Somewhere, over the rainbow,
Bluebirds fly.*

*Birds fly over the rainbow,
Why then – oh, why can't I?*

*If happy little bluebirds fly
Beyond the rainbow,
Why, oh, why can't I?*

Over the Rainbow, E. Y. Harburg

PARTE 1

ELEITOS

NO QUAL OS PERSONAGENS PRINCIPAIS SÃO APRESENTADOS E UMA DESCOBERTA ASTRONÔMICA SEM PRECEDENTES PÕE EM RISCO O MAIOR SEGREDO DA TERRA.

Primeira Lei de Clarke:

QUANDO UM CIENTISTA DISTINTO, MAS IDOSO, DECLARA QUE ALGO É POSSÍVEL, ELE QUASE CERTAMENTE TEM RAZÃO; QUANDO ELE AFIRMA QUE ALGO É IMPOSSÍVEL, É BEM PROVÁVEL QUE ELE ESTEJA ERRADO.

0. CERRO TOLOLO, CHILE, INVERNO DE 1993

Era uma noite fria e estrelada, excelente para dormir, mas Gustavo Porto de Mello não conseguiria descansar nem se tomasse remédio. Ele continuava a achar que estava de algum modo se enganando, e isso o irritava demais, tirando-lhe o sono. Após checar nove vezes os sofisticados instrumentos do observatório e comparar os resultados com os estudos progressos sobre temperaturas, composições químicas e luminosidades estelares, mantinha-se ferreamente atado ao seu tradicional ceticismo. O que para muitos seria apenas teimosia, para Gustavo era uma necessária virtude: cautela. Astronomia é uma ciência repleta de complicadas sutilezas, e qualquer mínimo erro de cálculo ou interpretação pode conduzir a resultados equivocados. Já tinha visto muito disso em seus anos de profissão, e não estava nem um pouco disposto a ser pego em erros primários. Portanto, não achou que seria perda de tempo checar todos os dados uma décima vez. Auxiliado por quantidades consideráveis de café, o astrônomo se

pôs a analisar novamente o espectro daquela estrela por toda a madrugada.

Seria impossível ignorar a beleza das constelações vistas a partir de Cerro Tololo. Sem a tão comum poluição luminosa dos grandes centros urbanos, o céu do interior chileno seria capaz de emocionar a menos sensível das almas. Bastaria olhar para cima por alguns minutos e se deleitar com a generosa luz das estrelas. Antares, já normalmente exuberante em brilho a ponto de rivalizar com o planeta Marte, em Cerro Tololo chegava a parecer um distante farol avermelhado.

Todavia, a despeito da presença de tantos astros cintilantes e chamativos, o que realmente interessava a Gustavo era um corpo estelar insignificante e quase invisível a olho nu, conhecido pelo inosso nome de HR 6060. Seu brilho aparente era tão fraco que fazia essa estrela sequer ser digna de um nome próprio mais especial e marcante, como nos casos das famosas Antares, Aldebaran, Capella, Sirius ou Vega. HR 6060 era apenas mais uma estrela dentre as tantas outras da Constelação do Escorpião, e apenas a décima-oitava em brilho. Para ser vista a olho nu, seria necessário ir para um lugar bem afastado das luzes da cidade, como no caso de Cerro Tololo, além de ter visão perfeita. Ou usar binóculos. Sob diversos aspectos, a palidez daquele astro era incapaz de inspirar poetas ou instigar mitologias.

Não havia lendas e cânticos em torno de HR 6060.

Mas Gustavo possuía uma vantagem que o distinguia da maioria das pessoas: seu ofício lhe permitia usar olhos mecânicos capazes de revelar algo que fazia aquele brilho irrisório ser mais espetacular que Antares e mais digno de atenção que a brilhante Sirius. Considerando o que a ciência lhe permitia constatar, HR 6060 talvez fosse uma das mais importantes luzes do céu noturno.

– Te peguei! – comemorou Gustavo, perplexo diante do que seus instrumentos lhe revelavam.

Após analisar pela décima vez a temperatura superficial, a atividade cromosférica, a aceleração da gravidade na superfície, a composição química, a idade, a massa, a luminosidade e a velocidade de rotação de HR 6060 e sobretudo considerar as

incertezas de todos os cálculos e instrumentos, Gustavo se deu por vencido. Esboçou um sorriso e percebeu que suas mãos formigavam de excitação. Ele havia encontrado o que tantos procuravam: uma agulha estelar no vasto palheiro celeste.

Precisava contar a novidade para o Projeto SETI.



Tão logo interceptou a comunicação entre os observatórios de Cerro Tololo e Arecibo, Helena contactou Ravi pelos canais seguros, a fim de lhe contar a desagradável novidade. Irritada, deuse conta da ausência de preocupação por parte do doutor. Considerando tudo o que estava em jogo, como ele poderia se manter tão plácido?

– Com todo respeito, acho que você não percebe as implicações da descoberta do tal Gustavo – exasperou-se Helena.

O doutor Ravi Chandrasekhar sentiu vontade de rir, mas respeitosamente não o fez. Compreendia a ansiedade de sua tão querida amiga, ainda que tais preocupações soassem um pouco ofensivas. Helena, afinal de contas, era a pessoa mais próxima a ele e deveria conhecê-lo melhor do que parecia.

– Minha cara – respondeu Ravi o mais suavemente que podia. – Não apenas percebo as implicações, como já as tinha inserido em meus relatórios. Se você revisar tudo o que tive o cuidado de investigar e disponibilizei para nossa equipe, eles até demoraram para descobrir a verdade sobre HR 6060.

Helena soltou um longo suspiro de resignação, que se traduzia como *não dá pra discutir com você, seu arrogante*. De fato, não dava mesmo. O que quer que Helena dissesse implicaria numa imediata contra-argumentação por parte do doutor, ela sabia disso. Resolveu poupar seu grego, e não se alongou.

– Está bem, Ravi. Eu espero, para o bem de todos nós, que você saiba o que está fazendo. Subestimar a ciência humana é um perigo. Não esqueça disso. Você acha que eles são burros?

Longe, muito longe de Ravi, Helena voltou os olhos para o céu em busca de HR 6060 e não tardou a localizar a pequena estrela. Noite após noite, sempre que a Constelação do Escorpião ascendia

no horizonte, o brilho daquele pequeno farol indicava ao mesmo tempo rota e assombro. Helena jamais cessou de se espantar. E, ao contrário do que Ravi supunha, ela havia lido seus relatórios sobre a evolução científica humana várias vezes, desde que foram elaborados em 1958. De acordo com as estimativas otimistas da Areté, esperava-se que as nações já tivessem descoberto pelo menos um planeta fora do sistema solar – um exoplaneta – no final dos anos 1980, mas nem disso foram capazes. As previsões não constituíam uma ciência exata e dependiam do cruzamento de tantos fatores que era impossível estabelecer qualquer tipo de convicção. Helena era capaz de apostar na descoberta de exoplanetas antes da virada do século. Ravi era mais cético a esse respeito, o que revelava um tanto de arrogância. Ele quase sempre subestimava a ciência humana e costumava rebater com certo desdém as apostas iniciais de Helena e dos outros companheiros. *As nações são desunidas demais para um progresso científico veloz*, costumava dizer o doutor aos outros membros da Organização Areté.

– Eu não os subestimo, Helena – declarou Ravi. – Apenas não vejo motivo para alarde desnecessário. Eles descobriram a verdade sobre HR 6060, mas e daí? Uma coisa é constatar a natureza dessa estrela. Outra, bem diferente, é descobrir nosso projeto. Nem tecnologia para isso a humanidade tem.

– Não têm, *ainda* – resmungou Helena, entre os dentes.

– E o que você quer que eu faça? Que eu incapacite o tal astrônomo brasileiro ou que o coopte? Assassinato ou sequestro? – perguntou Ravi, e Helena quase conseguia visualizar o sorriso debochado do amigo. Às vezes, tinha vontade de bater nele com um martelo.

– Claro que não! Mas insisto que a gente... você sabe... dificulte as coisas – apelou Helena, com certa ansiedade na voz.

– Claro! – e agora Ravi falava muito sério. – Pra quê matar quando podemos apelar pra burocracia infinita? Quantos agentes temos dentro do Projeto SETI?

– Três – respondeu Helena.

– Não que eu não soubesse a resposta, mas obrigado por confirmar. Há de ser o suficiente para afogar o senhor Porto de Mello num oceano de desencontros. Vejamos o que sua descoberta renderá. Alguns artigos aqui e ali... Mas não se preocupe, Helena. De verdade, não há o que temer. Eles só verão o que nós autorizarmos que eles vejam. Descobrir *uma* coisa sobre HR 6060 não é descobrir *tudo*.

À parte essas discordâncias, ao menos em um aspecto tanto Helena quanto Ravi concordavam: a descoberta de Gustavo não faria grande diferença a médio prazo. Sempre seria possível contar com a incomensurável burocracia dos governos, a perplexa falta de cooperação humana, além de prioridades outras capazes de desviar a atenção do que HR 6060 representava. O tão recente fim da Guerra Fria eliminara boa parte da tensão entre nações-chave, refreando a pressa dos povos em voltar os olhos para o alto. A corrida espacial estava longe de ser uma prioridade, e as grandes potências da Terra dirigiam sua atenção para assuntos mais terrenos.

Ainda assim, era natural que Helena, em nome de todo o amor que sentia por seu povo, temesse as descobertas científicas envolvendo HR 6060. Apenas uma coisa gerava nela temor maior: a perspectiva de que Ravi tivesse razões para se surpreender com a ciência humana. O doutor acreditava que tão cedo o homem sequer teria voltado para a Lua. Havia, e isso é que soava assustador para Helena, a limítrofe possibilidade de Ravi estar enganado. Em trezentas mil simulações computacionais avançadas envolvendo o novo século, em apenas três as nações alcançariam as estrelas. Mas mesmo isso pouco importava para o doutor. Afinal, em cada uma das projeções, levando em conta os menores detalhes, o resultado era o mesmo, para proporcionar um mínimo de alívio a Helena e a todos os demais membros da Organização Areté.

Em todas as realidades possíveis, as nações sucumbiam ao irresistível poder do doutor Ravi Chandrasekhar.

1. ARRAIAL DO CABO: BRASIL, 5 DE MARÇO DE 2012

Gerd Traue já havia rodado o mundo e conhecido larga variedade de praias, mas não cessava de se impressionar com a beleza da costa brasileira. Areia fina e água transparente era uma combinação difícil de encontrar na Europa e, em decorrência da raridade, as existentes viviam superlotadas no verão. Já fazia um bom tempo que o alemão não se entusiasmava mais em voltar para a frenética Ibiza e, assim, resolvera transpor o oceano em busca de lugares mais tranquilos. O Brasil era perfeito, dada a sua condição de verão quase constante em diversas regiões. Tão encantado estava que, contrariando seus tradicionais hábitos noturnos, fazia questão de acordar cedo para aproveitar bem o dia. Despertou pela manhã com uma leve dor de cabeça e um zumbido intermitente nos ouvidos. Nada que o desestimulasse, porém.

Naquele final de verão, havia um adicional de beleza: golfinhos nadando perto da costa. Gerd sorriu, lembrando da primeira vez que viu um, dias antes, enquanto nadava em outra praia não muito distante. Quase morreu de susto, achando que fosse um tubarão. Soube, então, que golfinhos eram comuns naquela área e, por isso, resolveu carregar sua câmera sempre que possível, a fim de filmá-los.

Gerd notou que não era o único estrangeiro na praia. Havia alguns turistas americanos, vários argentinos e alguns italianos, estes últimos facilmente reconhecíveis pela maneira agitada com que mexiam as mãos enquanto falavam (alto). Pôde reconhecer uma garota canadense especialmente extrovertida com quem havia trocado dicas fotográficas nas noites anteriores, assim como um homem possivelmente indiano a quem Gerd via com constância, sempre anotando coisas e conversando com crianças pobres. Aquele comportamento de dar tanta trela para a garotada que pedia dinheiro aos turistas pareceu esquisito a Gerd. Mas, se o homem fosse mesmo indiano como ele pensava, estava justificado. O alemão já tinha estado em Nova Délhi, e algo que ele nunca esqueceu foi do fastidioso bando de crianças seguindo turistas com incansável determinação, pedindo *one dollar* até conseguir. O suposto indiano chamava a atenção pela altura e pelo comportamento amistoso com todos. Com algum constrangimento,

Gerd constatou que devia estar há um bom tempo encarando a figura, pois o moço se voltou para ele, como que adivinhando que era observado, e sorriu de volta. Envergonhado por ser pego encarando, Gerd baixou os olhos.

Sentou-se na areia e se pôs a ler as notícias no iPad, aguardando um momento propício para filmar os golfinhos. Eles tinham sido vistos nos últimos dias nadando ali por perto, sempre de manhã bem cedo. Enquanto passava os olhos pelas principais notícias, o alemão notou que a reportagem da primeira página anunciava, com estardalhaço: *Maior tempestade solar em cinco anos atinge a Terra*. Apesar de não entender muito de Astronomia nem se interessar tanto pelo assunto, um detalhe da notícia capturou sua atenção: *Companhias aéreas deverão alterar os horários de seus voos por possíveis interferências nos sistemas GPS*. Pensou que seria prudente checar, então, se seu voo marcado para o outro dia de volta para a Alemanha havia mudado de horário ou sido cancelado. Em outras circunstâncias, tenderia a achar tudo aquilo um alarmismo tolo, mas sabia o quanto era melhor pecar por excesso de zelo que por falta. Não compreendia bem os detalhes técnicos, mas expressões tais quais “tempestade eletromagnética grave, de nível 3” e a autoridade da fonte da informação – a *National Oceanic and Atmospheric Administration* – eram elementos suficientes para persuadi-lo a aceitar sem pestanejar tal notícia. De acordo com o jornal, o apogeu da tempestade seria no próximo dia 7, mas o Sol já se encontrava vomitando turbulência, principalmente numa tal “região cromosférica 1429”, cujo significado ele até tentou compreender, sem êxito.

Absorto em seus pensamentos, Gerd mal notou quando o primeiro golfinho começou a saltar exatamente à sua frente. Continuava distraído, vendo as fotos impressionantes do Sol fornecidas pela agência espacial europeia, quando foi trazido de volta para a realidade da praia por uma exclamação infantil.

– Mamãe! Mamãe! Olha o peixeão!

A garotinha morena de aproximadamente cinco anos pulava com animação, chamando a atenção dos adultos para não apenas um, mas vários golfinhos num turbilhão alucinante nas águas

próximas à costa. Pareciam em festa. Gerd guardou o iPad e, aos tropeços, tentou sacar a câmera da bolsa protetora, atrapalhando-se um pouco no processo. Quando finalmente conseguiu ligar a filmadora, os golfinhos tinham interrompido o burburinho. Mas a menina continuava animada.

– Peixão! – gritava.

Não são peixes, são mamíferos, pensou Gerd, em parte se repreendendo pela própria irritação com a justificada ignorância infantil. Aguardou alguns minutos pela volta dos animais até que, frustrado, resolveu desligar a câmera. Foi neste exato momento que, como se tivessem adivinhado os pensamentos de Gerd, os golfinhos reiniciaram sua festança aquática, para alegria não apenas do turista alemão, como de todos na praia. Ou, melhor dizendo, de quase todos. O indiano, estranhamente, parecia não ligar nem um pouco para os golfinhos. Dirigia sua atenção para o céu, como se estivesse procurando alguma coisa. De fato, pareceu a Gerd que aquele era um homem bem esquisito. Enquanto isso, os golfinhos pulavam de um lado para o outro. *Como estão animados!*, pensou Gerd enquanto os filmava. Até que, subitamente, um calafrio invasor lhe subiu pela espinha fazendo-o estremecer como se tivesse levado um choque. Sim, os animais pareciam agitados, mas o burburinho não transmitia animação.

Transmitia pânico.

Claro, era apenas uma impressão, afinal Gerd não era versado em comportamento animal nem sabia explicar a lógica do que sentia naquele momento. Mais tarde, conversando com sua irmã pela internet, relatou a sensação como algo súbito e poderoso. *Como um soco no estômago*, disse.

Continuou a filmar, tentando manter a mão firme, já que não dispunha de tripé. Viu mais três golfinhos se juntarem ao grupo original de apenas cinco. Então, testemunhou a chegada de mais quatro. Porém, em vez de ficar feliz com a cena, Gerd ficou ainda mais apreensivo. Os pelos de seus braços e pernas estavam eriçados, carregados de eletricidade estática. Sentia um peso incomum, como se alguma coisa estivesse achatando sua cabeça. De chofre, deuse conta de que não estava só em seu mal-estar. A

menina, que antes pulava feliz e apontava para os golfinhos, agora chorava aos berros.

– Mamãe, ajuda os peixinhos!

A mãe, é claro, não entendia nada, pois olhava para a cena e via apenas algo supostamente bonito. As pessoas na praia estavam encantadas com tantos golfinhos juntos numa espécie de carnaval das águas. Mas Gerd, sem entender por quê, *sabia*. Ele sabia que havia algo errado. Só não tinha a menor ideia de como explicar o que sabia. Limitou-se a sentir empatia pela menina, mirando-a e tomando um susto quando ela retribuiu o olhar e o sustentou por longos cinco segundos. O olhar incômodo de quem partilha um segredo.

Gerd notou que o nariz da menina sangrava. Estava para chamar a atenção da mãe sobre a pequena hemorragia quando, num rompante, o primeiro golfinho veio reto em sua direção e encalhou na areia, a menos de dois metros de onde ele se encontrava. O leve arrepio na coluna de Gerd se converteu imediatamente no mais puro terror. Tentou se levantar, mas descobriu que estava tão, mas tão tonto, que mal conseguia se mover. Mesmo assim – e com considerável esforço – continuou a segurar a câmera, pois tinha a sensação de que algo importante estava para acontecer. Tentou se levantar novamente, mas quase vomitou ao se tocar que tinha perdido o significado dos termos “em cima” e “embaixo”. Por alguns segundos, sentiu-se como se estivesse de ponta cabeça e o céu fosse o chão. E foi então que o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto golfinho se uniram ao primeiro, vindo como torpedos na direção da praia onde Gerd se encontrava. Angustiado e sem entender bem as próprias razões, o alemão procurou a menina com o olhar, apenas para vê-la desmaiada nos braços da mãe, que gritava por ajuda.

Reunindo o que lhe restava de forças, Gerd conseguiu endireitar a coluna, ficando sentado e com a câmera firme em sua mão, registrando o momento em que nove golfinhos quase em uníssono encalharam na praia de Arraial do Cabo. As pessoas começaram a gritar. Pasmado, Gerd notou que o encalhe coletivo não havia cessado. Dez, onze, doze, vinte golfinhos atolaram completamente na areia,

sem a menor razão. E foi aí que Gerd conseguiu se pôr de pé, mesmo com a forte sensação de que iria cair para cima.

Começaram a surgir pessoas, dentre elas alguns salva-vidas. Todas corriam, movidas pela urgência de ajudar os animais, cuja pele sensível desidrataria rapidamente naquele Sol escaldante de fim de verão. Morreriam, se não fossem devolvidos ao mar. Gerd, envergonhado, manteve-se apenas filmando, mais pela estranha crise de labirintite que por falta de desejo de ajudar. Queria pedir ajuda para si mesmo, mas considerou a situação dos golfinhos mais urgente que a sua. Notou, com leve irritação, que não era o único a nada fazer. O indiano demonstrava não estar muito interessado na cena. Estava em pé, olhos fixos no céu, parecia encarar o Sol. Mesmo usando óculos escuros, olhar diretamente para o astro-rei não devia ser algo lá muito saudável. Gerd pensou em gritar algo do tipo *ajude as pessoas!*, mas então se deu conta de que seria ridículo fazê-lo, já que ele mesmo não conseguia se mover e, por isso, nada fazia.

Pôs-se a contar: vinte e um, vinte e dois... vinte e cinco... *trinta* golfinhos encalhados. Trinta. Já seria difícil explicar um, o que dizer de trinta?

Felizmente, no final tudo correu bem. A população, amistosa e emocionada, conseguiu devolver cada um dos golfinhos ao mar e ainda teve o zelo de aguardar por uma hora a fim de verificar se o problema se repetiria. O povo brasileiro era mesmo muito gentil.

O fenômeno não se repetiu. A garotinha acordou e passava bem, sem hemorragia alguma. O indiano enfim havia decidido fazer alguma coisa, e pedia para a menina arregalar os olhos e mostrar a língua, enquanto acalmava a mãe preocupada. Talvez fosse médico. Pouco a pouco, a tontura de Gerd passou e ele conseguiu se mover normalmente. Estava feliz por ter conseguido filmar toda a cena. *Vai fazer o maior sucesso na internet*, pensou, enquanto assistia a tudo mais uma vez na pequena tela de LCD. Distráido, nem viu quando um salva-vidas se aproximou, com a expressão preocupada.

– Moço! Ei, moço!

Gerd levantou os olhos. O salva-vidas era um rapaz de pouco mais de vinte anos, moreno e forte, e oferecia um lenço de papel

ao alemão

– Seu nariz, moço. Está sangrando. Tudo bem com o senhor?



Horas depois, na cidade canadense de Yellowknife, uma bela aurora boreal resplandeceu, para deleite de quem pôde testemunhá-la. As fotos do fenômeno fizeram sucesso durante dias em todo o mundo, tanto quanto a filmagem dos golfinhos de Gerd. O que ninguém sabia nem imaginava eram as outras consequências daquele show.

2. PORTO ALEGRE, BRASIL, 5 DE MARÇO DE 2012

Laurinha odiava o que o seu corpo estava se tornando. Era como se um inimigo secreto tramasse em seu interior, fazendo-a mudar, deformando-a inteira. Não bastassem as coisas da vida sobre as quais ela não podia ter o mais vago controle, apavorando-a continuamente, agora era seu próprio corpo o elemento incômodo. Passar despercebida – coisa que ela sempre apreciara – não era mais uma opção. Truques baratos e básicos, como apertar aqueles seios cada vez maiores com uma faixa, não funcionavam mais. Seria preciso que ela se ensacasse numa embalagem de amianto, se não quisesse ser notada. Tudo em Laura era superlativo, os mínimos detalhes eram assaltantes da atenção alheia. Sua boca carnuda, invejada por mulheres mais velhas (*Igualzinha à da Angelina Jolie!* – diziam), era um acinte. Até o diretor do colégio, ao falar com ela, não tirava os olhos de sua boca.

Laurinha não parava de esticar. Não para os lados, como gostaria, pois imaginava a gordura como um campo de força bem mais eficiente que um saco de amianto. Desconfiava, porém, que nem assim seria deixada em paz. Apenas deixaria de ser “a mulher gigante” e passaria a ser “a balofa”, o que, considerando sua situação, não deixaria de lhe conceder uma pequena vantagem: os meninos parariam de querer usá-la. O fato é que Laurinha cada vez mais merecia menos ser chamada de “inha”, pois esticava *para o*

alto e avante!, conforme brincavam as outras meninas da escola. Numa idade em que toda diferença será motivo para perseguição cruel, nenhum exagero é perdoado: os muito gordos ou muito magros, os muito altos ou muito baixos, os muito burros ou muito inteligentes. Para passar despercebido, era necessário ser mediano. Coisa que ela decididamente não era. Não mais.

Laura se sentia um monstro destruidor de armários, já que a cada dois meses suas próprias roupas não mais lhe cabiam. Era como se seu maldito corpo quisesse ser exibido. Num dia a camisa lhe cobria o baixo ventre e, subitamente, duas semanas depois, lá estava ela com o umbigo de fora, descobrindo a contragosto que até para aquele buraco ridículo na barriga os homens costumavam olhar. Diante desse cenário, já que não tinha dinheiro para comprar roupas de nova numeração, era impossível se manter anônima.

As mudanças físicas, naturais nos pré-adolescentes, haviam disparado por coincidência alguns dias após a morte da mãe de Laurinha, de modo que ela havia criado um falso nexos causal entre uma coisa e outra. Não satisfeita em lhe tirar a mãe, a existência agora insistia em lhe roubar o corpo, fazendo seus seios crescerem, seu corpo se agigantar, seus lábios incharem como numa reação alérgica.

E havia, é claro, o problema do cheiro. Laurinha podia senti-lo se espalhar incontrolável como uma aura em torno de si, e sabia muito bem que poderia se vestir com um gigantesco saco de batatas que nada impediria tal cheiro. Aquele odor sutil, porém irresistível, que fazia as pupilas dos homens dilatarem e suas narinas pulsarem, tais quais as de um gato a farejar uma lata de sardinha aberta e convidativa. Acima de tudo, Laurinha odiava aquele cheiro, mas descobriu que passar horas no banho se esfregando com sabonete de enxofre não mudava nada além das contas de água e luz.

Os meninos mais velhos não cessavam de assediá-la, forçando-a a fazer "coisas sujas" que ela não queria. Não sabia como culpá-los, já que ela mesma achava, em seu raciocínio torto, que a culpa era dela e de seu cheiro. Ela era a lata de sardinha aberta. Os meninos eram os gatos. Ponto final. Não queria fazer nada daquilo,

mas fazia, por motivos tão variados quanto confusos, que misturavam desejo de aceitação com uma estranha fantasia de estar cumprindo sua função na ordem natural das coisas.

Laurinha Boquete, Laurinha Boquete, riam-se os meninos, ironizando seu sobrenome italiano – Boccardo. Ela não sabia direito o que vinha a ser um boquete, mas imaginava que não seria coisa boa e com certeza deveria ter a ver com sua boca indecente.

Desde que fora agarrada pelo primeiro garoto (Gabriel, o garoto musculoso do nono ano) e praticamente forçada a chupá-lo, Laurinha entrara num ciclo vicioso que lhe parecia inescapável. Depois que o rapaz fez questão de compartilhar com seus colegas toda a experiência com a garota, ela se vira na contínua situação de ser chantageada pelos outros. *Se não chupar o meu também, digo pro diretor contar pro seu pai que você é Laurinha Boquete*, intimavam. Mesmo sem ter exatamente um pai, ela se resignara diante da ameaça, pois o que havia como substituto era algo pior: um tio rígido e pouco amoroso. Laurinha aprendera que essa era sua única alternativa desde que sua mãe morrera (*suicídio!* – sussurravam os adultos). Colocar o pinto dos meninos na boca era nojento, mas pelo menos não doía, então ela seguiu fazendo. Tinha mais medo de levar porrada do tio que de chupar pau.

Tanto medo acumulado fez eclodir na garota uma série de sintomas clássicos de transtorno obsessivo compulsivo, a cada dia piores. Por não ter com quem conversar, Laurinha procurava respostas e falsas conexões causais nos sinais aleatórios do mundo. Seus tiques nervosos mentais funcionavam assim: se ela encontrasse uma criança vestindo vermelho no trajeto para casa, isso significava alguma pequena alegria em breve. Se sua colega da esquerda falasse com ela antes da colega da direita, isso significava que ela tiraria uma boa nota em matemática. Se uma margarida tivesse número ímpar de pétalas, isso significava pelo menos três dias sem ter de chupar os garotos. Eram tantos códigos e acordos secretos com eventos casuais que não era de impressionar o gradual fechamento de Laurinha em si mesma. Seu raciocínio era, apesar de bizarro, singelo em sua simplicidade: se as pessoas mentem e magoam, o melhor a se fazer é tentar obter as respostas

de Deus em pequenos sinais. Sua mãe, muito religiosa, sempre lhe falara dos pequenos sinais.

Por isso mesmo, em relação ao seu tio – já que não conseguia conversar com ele – iniciara um secreto jogo mental. Ficava na janela, observando as placas dos carros. Se o último carro que ela visse antes de seu tio chegar tivesse placa ímpar, a noite seria boa. Se a placa fosse par, seria A Noite da Coisa Ruim. O jogo raramente funcionava, é claro, mas mesmo assim Laurinha o jogava. *Placa ímpar*, avaliou a garota ao ouvir o carro do tio chegar pouco antes de o relógio completar oito horas da noite. *Noite boa*.

A placa ímpar aparentemente falava a verdade, já que o tio, apesar de muito bêbado, entrou em casa e não a importunou. A geladeira abriu e fechou, a TV foi ligada e ela pôde ouvir a narração empolgada do Discovery Chanel sobre os dez animais mais perigosos do planeta Terra. Seria, ao que tudo indicava, uma noite banal em que o tio adormeceria diante de algum programa ruim e derramaria cerveja no tapete. Suspirando, a menina se enfiou na cama e se pôs a ler gibis. Sentia-se tonta desde o período da manhã, ouvindo um zumbido intermitente, e percebeu que melhorava se ficasse deitada. Chegou a adormecer algumas vezes, sempre sonhando a mesma coisa: ela no deserto, envolta por cinco sóis coloridos. Nos últimos três anos, era com recorrência que Laura se via transportada em seus sonhos para o mesmo cenário onírico, no qual um longo e vasto deserto avermelhado se banhava na luz de um dia que parecia não ter fim. Sentia-se bem nesses sonhos e, não raro, punha-se a fantasiar que *aquela* era a realidade, em contraste à sua vida de merda.

Laurinha sempre sonhava com sóis coloridos.

Mas naquele fatídico 5 de março de 2012, ao cair no sono envolvida por dezenas de revistas em quadrinhos, Laurinha teve um sonho diferente, tão confuso quanto realista. Sonhou com o Sol nascendo à sua frente, mas era apenas o nosso astro-rei num lugar verde e amplo. Por alguma razão que ela não sabia precisar, o Sol parecia maior e mais próximo, tão próximo que era possível vislumbrar as labaredas e umas manchas escuras, tais quais ela já vira em fotos na internet. Quanto mais subia no horizonte, mais

próximo o Sol se tornava, até que todo o campo ao redor de Laurinha desapareceu e ela se viu a flutuar no espaço, tão sozinha quanto sempre fora. Por um ínfimo momento, achou que talvez ali pudesse encontrar sua mãe, já que – dizem – as mães vão para o céu. Ou talvez visse seu pai, a quem ela nunca conhecera, já que ele havia morrido em algum tipo de acidente elétrico quando Laurinha tinha apenas dois anos de idade.

Mas até as promessas de reencontro no paraíso deveriam ser mentira, pois ali não havia nada nem ninguém. E o espaço, ao contrário do que os filmes mostravam, não era escuro e estrelado, mas se estendia por todas as direções como num dia eterno que não era, de forma alguma, nem vagamente azul. Era um dia branco com um Sol amarelo inclemente, quente e incômodo, e Laura mal podia fitá-lo. Cobrindo os olhos com as mãos, ousava no máximo entrever aquela bola flamejante e suas manchas escuras tomando a forma de números aleatórios compondo um código: 01, 35, 34, 03, 32, 06... Foi enquanto tentava compreender o significado daquela combinação numérica que uma familiar voz feminina explodiu em sua cabeça e lhe disse *nada tema, querida*.

Mamãe, é você?

A menina tomou coragem e tirou as mãos da frente dos olhos, não sem algum medo, achando que o calor a cegaria. Mas, ao contrário disso, ela se deparou com a mais linda luz que jamais vira e sentiu um arrepio que lhe subiu dos pés à cabeça e voltou, como se tivesse sido ligada num circuito elétrico.

– Não olhe pra mim, sua putinha! – ordenou seu tio, enquanto continuava a se esfregar nela, liberando uma mixórdia de odores alcoólicos em seu hálito. *Noite ruim. A placa errou*, pensou Laurinha ainda semiadormecida, com certa indiferença. Seu corpo, uma peça abandonada entre dezenas de revistas tão rasgadas quanto suas esperanças.

Há muito que nada mais era surpresa e, de fato, fora com pouco espanto que ela lidara com a primeira invasão do próprio tio àquela coisa descontrolada e esquisita que ela tinha como corpo. Ela sabia que era só esperar que ele terminaria, no máximo em cinco minutos, pois estava bêbado. Se não reclamasse, não

apanharia, como das primeiras vezes. Olhou para o lado, fechou os olhos e se deu conta de que, ao fazê-lo, o Sol ressurgia resplandecente, mais vivo do que nunca.

Abra os olhos, ordenava-lhe a voz feminina oculta na bola flamejante. *Não posso agora, ele vai se zangar*, replicou Laura. *Liberte-se!*, insistia imperiosa a estrela amarela e, pela primeira vez, ela não sabia o que deveria temer mais: se as ordens da mulher dentro do Sol ou a fúria do tio, ao ver quebrado o acordo mudo, celebrado há meses. Nesse acordo, a menina de doze anos finge que dorme, o tio finge que acha que a menina de fato dorme. A menina finge que acredita que o tio acha que ela está realmente dormindo. Entre uma mentira e outra, a única coisa verdadeira: titio estupra Laurinha sempre que bebe demais.

E sempre que bebe apenas um pouquinho.

Cabeça virada para a parede, olhos entreabertos, a menina divisou os primeiros pingos de chuva a cair do lado de fora, esparsos, porém grossos. Desabavam fazendo barulho no chão, um barulho imenso que em breve soaria como o de mil pedras soterrando Porto Alegre. Laurinha nunca entendera por que as revistas em quadrinhos se referiam ao som da chuva caindo como um suave *ping ping*, quando para ela soava mais como um duro *poc poc*.

Abra os olhos, Laura.

Odiava que a chamassem de "Laura". Soava como seu tio insuportável ralhando com ela. *Desculpe, querida. Você é minha querida. Abra os olhos para mim, Laurinha*, implorava a voz. A chuva era boa. Ela gostava de chuva, sempre gostara, principalmente daquelas fortes, anunciando o outono. Tinha a lembrança, ainda que escorregadia e bem enevoada, de sua mãe (*Suicídio! Por que, mamãe?*) lendo histórias para ela em tardes chuvosas, as duas enrodilhadas em grossas cobertas. Seu quarto, uma trincheira contra as coisas ruins, numa época na qual ela ainda não precisava contar placas de carro, pois o tio não existia em seus dias. Sua mãe costumava cantar, fazendo tranças nos cabelos loiros e fartos de Laurinha, dizendo como ela era linda. Uma rainha. A rainha do deserto dos sóis coloridos.

Não me ignore, Laurinha. Abra os olhos.

Laura conseguia divisar o Sol com grande nitidez, e não compreendia por que deveria abrir os olhos, se já o estava vendo. Abrir os olhos significaria ver seu próprio tio em cima dela, arfando como um cachorro. Subitamente, como se quisesse oferecer respostas, a grande bola de luz passou a disparar uma sequência de imagens em alta velocidade: crianças às dezenas correndo atrás dela, chamando-a para brincar. Um homem negro, alto e musculoso (*Martin? Quando iremos nos conhecer?*) com um sorriso capaz de iluminar a noite. Um rapaz indo ao seu encontro, um tanto zozzo, e ela sabia seu nome, apesar de não lembrar dele: Arthur. Ela tinha que cuidar de Arthur. Uma floresta. Um homem alto e moreno que, ao abrir os olhos amendoados, revelava em suas órbitas duas estrelas gêmeas e amarelas.

São cinquenta longos passos, e você virá conosco, disse-lhe o homem com fogo no olhar. Laurinha não entendia nada, mas teve seu medo convertido em curiosidade. A imagem do homem moreno se desfez e foi substituída novamente pela imagem do negro alto e forte (*Martin? Como posso ter tantas saudades do futuro, Martin?*) e ele lhe ofereceu a mão, declarando com firmeza: *Sem mais sofrimento onde é sempre dia. Sem sofrimento onde a noite é proibida. Te encontro lá.*

Laurinha quase podia sentir o calor irradiado por aquele corpo e se percebeu desejando-o.

Aproximando-se timidamente, a garota se deixou abraçar pelos braços fortes do moço negro. *Muhipu-Nuri!* – gritou a voz feminina dentro do Sol. Uma voz poderosa, confiante, familiar. *Muhipu-Nuri!*, urrava a voz, vitoriosa.

E foi então que Laurinha se deu conta de que era ela mesma quem lhe dava ordens, era sua a voz feminina a falar o tempo todo. Era Laura, na versão “rainha do deserto dos sóis coloridos”. Abriu os olhos e descobriu que não era a única, naquele momento, a gritar.

Seu tio também berrava, como se estivesse sendo esfaqueado.

A menina ficou confusa. Diante de si, o que ela via não podia ser seu tio. Mas era. Laurinha enxergava sobre seu corpo uma silhueta humana repleta de fochos luminosos correndo por todos os

lados. *Tão lindo*, pensou, tomada pela mais sincera surpresa. *Quem dera titio fosse sempre assim, tão lindo*. As luzes eram a coisa mais maravilhosa de todo este mundo, e Laurinha percebeu que elas a procuravam. A queriam. As cores a queriam, e ela deixou que viessem.

Podem vir!

Ao serem desejadas, as luzes de seu tio vieram. Adentraram Laura pelo diafragma, fazendo-a estremecer de um jeito esquisito. Ela não sabia, mas tinha acabado de experimentar seu primeiro orgasmo com toda aquela profusão de brilhos lindos, enquanto sonhava com o abraço do homem negro (*Martin? Onde está você?*).

Em seu tio, a repentina falta de suprimento sanguíneo provocou a acelerada degeneração do tecido cerebral. Toda a região em torno da área central afetada teve o fluxo de sangue reduzido, entrando numa espécie de penumbra. Seu cérebro se tornava cada vez mais escuro, na exata proporção em que o de Laura se acendia. *Muhipu-Nuri!*, gritava a menina, enquanto o Sol liberava explosões intermitentes, plasma magnetizado do vento estelar atravessando a vastidão do espaço, fazendo soar um alarme que levou 8,317 minutos para ser ouvido de diferentes formas ao redor do planeta. Se em milhares de pessoas e animais o efeito foi tênue, causando desorientação, e em algumas centenas foi derradeiro, conduzindo ao suicídio, nada se comparava ao evento naquela pequena casa em Porto Alegre. Por alguns segundos, em decorrência de um inesperado entrelaçamento subatômico, o campo eletromagnético solar e o da menina Laura se tornaram uma só coisa.

Por alguns segundos, Laura Boccardo se tornou o Sol na Terra.

Tomado pelo terror, no derradeiro fim de sua existência, o tio da menina finalmente compreendeu quem ela era. *O que* ela era. O conhecimento, transmitido em alta velocidade para dentro do cérebro daquele confuso homem – um efeito colateral da conexão entre ambos – fez com que ele desejasse nunca ter conhecido a sobrinha. Fez com que ele desejasse tê-la matado enquanto era tempo, quando ela era ainda um bebê. Era interessante como alguém podia pensar tantas coisas em apenas dois milissegundos.

Muhipu-Nuri!, gritava a besta-fera, enquanto sorvia da vida daquele homem até a última gota.

Morra, titio. Vá para o inferno.

Subitamente, tudo foi silêncio na mais triste casa da cidade de Porto Alegre.



Passaram-se cinco dias até que um casal de vizinhos muito idosos encontrasse o cadáver do homem nu, na cama. Diagnóstico: acidente vascular cerebral. Passaram-se cinco dias até que Laurinha finalmente parasse de sonhar com auroras boreais, números desconexos e saísse de dentro do armário, sem o mais vago sinal de desnutrição (a despeito de não ter comido ou bebido nada durante o período), falando coisas sem sentido sobre ser proibido sair à noite.

Os vizinhos pensaram no quanto jamais haviam reparado na incrível beleza de Laura Boccoardo. E, entre constrangido e embriagado com o cheiro que a menina exalava, o velho por um segundo desejou adotá-la só para tê-la nua em seus braços.

Felizmente – para ele – jamais a teve.



Ao contrário do inicialmente previsto, Laura Boccoardo permaneceu no orfanato por apenas dois anos e meio. Ela até que tinha o “fenótipo certo”, num país onde a probabilidade de uma criança ser adotada é inversamente proporcional à taxa de melanina de sua pele. Entretanto, Laurinha tinha três características que prejudicavam suas chances: 1. Já era bem grande em seus bizzarros 1,80 de altura para apenas catorze anos de idade, e as pessoas preferem bebês; 2. Era bonita de uma forma um tanto absurda e, assim, deixava as possíveis mães um tanto desconfortáveis e os possíveis pais indevidamente excitados. Como dizia uma das moças do orfanato, *para adotar esta menina, só um casal gay convicto!*; 3. Quem haveria de querer uma garota com um

histórico psiquiátrico e um diagnóstico de transtorno de múltiplas personalidades?

Para Laurinha, não sobrara nenhum parente. Vinha de família pequena e, com a morte do tio abusador, restara-lhe o orfanato. Se não era exatamente feliz por lá, ao menos as outras meninas eram menos perversas que os garotos.

Foi com certo desdém que, na primavera de 2014, ela ouviu a diretora lhe chamar para conhecer um casal “muito inteligente” que gostaria de “conhecê-la melhor”. Laura deu de ombros e aguardou os candidatos numa sala cheia de livros e brinquedos. *Mais uma dupla para desapontar*, pensou.

Quando o casal entrou, Laura teve duas impressões instigantes. A senhora era muito gentil e suave sob todos os aspectos. E o homem parecia, no mínimo, um esquisitão. Era raríssimo que ela visse um indivíduo do sexo masculino que não demonstrasse um ridículo descontrole energético ao conhecê-la. Aquele homem em especial irradiava um tipo de luminosidade que Laura jamais vira: um conjunto de pulsações fortes, rítmicas e controladas, bem diferentes da fragilidade no campo áurico dos outros. Desde o episódio com seu tio, em março de 2012, Laura passara a ver luzes coloridas em torno das pessoas. Aprendera rapidinho a não mencionar nada disso, já que, da única vez em que tocou no assunto, deram-lhe um remédio medonho que a deixava constantemente sonolenta. Como os campos luminosos eram mais interessantes do que as aparências físicas (e, em geral, revelavam mais sobre os indivíduos do que seus sorrisos), Laura naquele momento nem se apercebeu da invulgar familiaridade presente nos olhos amendoados daquele homem alto, moreno e de cabelos negros.

Ele apenas sorria para ela, olhando-a nos olhos e não para sua boca, pernas ou peitos. Laura gostou do casal imediatamente.

– Olá, querida – disse a mulher miúda com um suave sotaque espanhol, afagando seus cabelos. – Meu nome é Helena, e este é meu amigo (*amigo?* – estranhou Laurinha), Ravi. Gostaríamos muito de conhecer você melhor. O que acha de sairmos alguns fins

de semana para almoçar juntos, talvez ir ao cinema, tomar um milk-shake...?

– Olá, Laurinha – disse o homem, estendendo-lhe a mão para um firme cumprimento formal. – É um prazer conhecer você. Sinto muito que tenhamos nos conhecido tão tarde. Mas eu lhe prometo que, se você quiser ficar conosco, nunca, nunca mais alguém poderá lhe fazer mal.

Diante do exposto, sem pensar duas vezes e confiando nas boas luzes, a Besta do Apocalipse foi tomar um milk-shake de chocolate, seu favorito.

E nunca mais voltou.

3. SÃO PAULO, BRASIL, 5 DE MARÇO DE 2012

Se já era normalmente desorientado, naquela manhã de segunda-feira Martin estava pior do que nunca. Faltavam quinze minutos para as oito horas, quando o garoto percebeu, constrangido, que tinha conseguido a proeza de se perder pela terceira vez em menos de uma semana, tomando um ônibus errado. Seu senso de direção nunca fora bom, mas ultimamente estava pior do que nunca e ele sentia muita vergonha diante da ideia de ligar para seu pai, pedindo-lhe mais uma vez que o levasse à escola. Por essas e outras que desejava tanto um celular com aplicativos de GPS. Seu pai se recusara. *Você vai ficar dependente desse treco. Está mais do que na hora de prestar mais atenção e aprender a se orientar, menino!*, dissera-lhe.

Martin sabia que o pai tinha razão. Faria quinze anos em vinte dias, e lhe incomodava a perspectiva de ser ainda tão menino, tão míope, tão desorientado e, sobretudo, tão negro. Dentre esses quatro elementos, o único imutável era justo o de que ele deveria se orgulhar. Fora educado para isso, e não era à toa que seu pai lhe havia dado a sina de tão exigente nome: Martin Luther King. O problema é que Martin Luther King dos Santos não se sentia nem tão corajoso nem tão libertador. Todos diziam que injúria racial era crime, mas nada disso impedia as agressões no âmbito escolar. *Macaco! Preto fedido!*, gritavam-lhe alguns. Tentara reagir duas ou

três vezes, imbuído do sentimento de fazer jus às expectativas de seu pai ao lhe conceder tão grave nome. Mas o resultado havia sido lastimável e lhe rendeu uma cicatriz na testa e um pulso torcido. Martin jamais fora um tipo atlético, e em sua vida o ato de revidar não costumava vir coroado pelo êxito.

Justamente por querer corresponder às expectativas paternas – excessivas, já que eles tinham apenas um ao outro, desde que a mãe de Martin morrera de derrame no parto – o garoto resolveu não ligar pedindo carona. Achou que poderia chegar à escola apenas pedindo indicações às pessoas, mas, mesmo orientado, insistia em errar o caminho. Andou em círculos por uns quarenta minutos, até se tocar que não adiantaria mais ir à escola, pois a prova já havia iniciado. A perspectiva de perder o exame não causou muita angústia a Martin. Considerando como se sentia mal naquela manhã, duvidava imensamente da possibilidade de conseguir se concentrar.

Ao se deparar com a estação de metrô Paraíso, o garoto se deu conta de que estava centenas de metros fora de sua rota. Sem pestanejar, entrou no metrô, pensando no quanto seria confiável e seguro estar num meio de transporte no qual não seria necessário ter o menor senso de orientação. Ótima ideia, se não fosse por um detalhe: tomou o metrô na direção errada. Decidiu então sair na estação Santa Cruz e passar a manhã no shopping, até que fosse hora de voltar pra casa. Por volta do meio-dia, tomaria o metrô para a estação Jabaquara, perto de onde morava.

O velho estava desempregado e, considerando seus sessenta e dois anos, encontrava grande dificuldade para arranjar trabalho. Desde então, vinha alugando um táxi para tentar pagar as contas, o que colocava ele e Martin numa tremenda corda bamba, com recursos que mal davam para pagar o condomínio e as outras contas. O garoto queria muito ter logo dezesseis anos para poder arranjar um emprego de meio período e, assim, ajudar o pai nas despesas. Se pudesse, trabalharia desde já. Mas seu pai recusava terminantemente tal possibilidade. Queria que Martin se dedicasse aos estudos. Além disso, havia os surtos de labirintite, mais intensos a cada ano, que o faziam vomitar e passar dias sem

conseguir se levantar da cama. Nenhuma das prolongadas horas perdidas nas filas dos hospitais públicos serviu para dar a Martin qualquer diagnóstico ou solução.

Por volta do meio-dia, Martin constatou, irritado, que havia conseguido a proeza de se perder dentro do shopping. Levou em torno de quarenta minutos andando de um lado para outro até encontrar a saída, sentindo imenso alívio, pois estava quase entrando em pânico. O relaxamento, porém, não durou muito. Martin se deu conta de que tinha encontrado a saída errada. Aquela era a que levava para a rua, não para a estação de metrô dentro do próprio shopping. Assustado, resolveu deixar o orgulho de lado e sacou o telefone para chamar o pai, torcendo para que ele estivesse com seu táxi pelas imediações. Só teve tempo de pressionar os botões 9 e 8, quando então o aparelho foi arrancado bruscamente de suas mãos.

– E aí, neguinho? Veio matar aula no shopping?

Mesmo confuso e sentindo a desorientação crescer, Martin reconheceu na hora o sorriso sardônico naquele rosto oleoso. Era Jorge ou George, ele não lembrava bem, o valentão do terceiro ano que adorava fazer troça não só de Martin, como de toda e qualquer criatura menor e mais fraca que se movesse sobre a face da Terra. Ele estava – como usual – acompanhado de sua pequena trupe de valentões que o faziam se sentir mais macho e corajoso.

– Você nem precisa ir na aula, né macaquinho? Você sabe que vai passar em qualquer vestibular com a cota pra pretos. A gente é que tem que se foder de tanto estudar – acusou Jorge-talvez-George, fazendo malabarismos com o celular de Martin.

– Para de brincadeira e me dá meu celular, Jorge! Preciso ligar pro meu pai! – pediu Martin, ajeitando os óculos no rosto, suas lentes grossas fazendo seus olhos parecerem muito pequenos.

– Meu nome é *George*, preto burro! – enfatizou o rapaz, dando um tapa forte no peito do garoto. – Diga meu nome. Qual é meu nome, seu filhote aidético do King Kong?

– George...

Os outros cinco garotos não faziam nada além de rir. Dois deles, inclusive, eram quase tão negros quanto Martin (mas se achavam

Foi tudo muito rápido. Inesperadamente, como se antecipasse o movimento de George em sua tortura de aproxima-e-afasta, Martin agarrou os óculos. Nenhum dos dois pretendia largar o objeto, que terminou por se estilhaçar. George tentou golpear Martin na orelha esquerda, mas ele se desviou e, sem enxergar nada, saiu correndo perigosamente. Martin não via nem ouvia nada. O *ziiiiiiiiiiiiiiii* havia crescido em intensidade a ponto de abafar o som dos carros. Corria a esmo, num mundo de névoas e zumbidos.

Martin nunca fora um bom corredor e não tardou a ser alcançado pelo grupo. Alguém o puxou pela gola da camisa, segurando-o e rindo. Sem pensar em nada do que fazia, Martin passou a golpear o ar com os punhos, enquanto George se divertia.

– Que macaquinho zangado! Vai fazer macaquices, macaquinho?



Nos anos que se seguiram após aquela segunda-feira quente, ao fazer um retrospecto, Martin sempre se punha a indagar o quanto de dor George poderia ter sentido. Não houve nenhuma premeditação quando Martin enterrou uma caneta até o fundo no olho direito de seu antagonista, matando-o imediatamente. Na verdade, ele nem lembrava de ter feito isso, considerando que a última coisa de que era capaz de recordar foi do momento em que tomara a decisão de correr na direção do que lhe parecia ser o Sol. Martin imaginava que uma caneta enfiada no olho deveria ser algo bem doloroso, e ele esperava que tivesse sido *bem* doído.

Qualquer remoto argumento de autodefesa não se sustentara muito, considerando a existência de cinco testemunhas capazes de jurar sobre a Bíblia que Martin os havia atacado sem razão alguma. O segurança do shopping nada notara. Se alguém tinha visto o que realmente ocorrera naquela manhã, ninguém se manifestou. Martin era muito novo, mas já tinha uma boa noção de como as coisas eram: as pessoas tinham seus próprios problemas e pouca disposição para se envolver nas encrencas alheias. Principalmente quando o indivíduo morto é filho de um advogado cujo

temperamento prepotente e racista explicava bem a origem do péssimo caráter de George.

Inicialmente condenado a cumprir três anos na Fundação Casa, Martin sabia que poderia encurtar esse tempo dependendo de seu comportamento. As coisas, contudo, não correram bem para ele no primeiro ano de correção socioeducativa. Quebrara – usando um esfregão – a mandíbula de um garoto mais velho que tentara iniciá-lo na prática do coito anal forçado. Arrancara com os próprios dentes um bom pedaço da mão de outro garoto que o havia provocado. Nada disso entrava no cômputo geral de “bom comportamento”, ainda que nos dois casos Martin tivesse agido em defesa própria. Era certo que havia aplicado força excessiva nas duas ocasiões, e tinha a forte impressão de que dizer a verdade – ele não se lembrava de nada – só faria tudo piorar. Não estava nem um pouco interessado em trocar a Fundação Casa por algum eventual hospital psiquiátrico.

Havia outras coisas sobre as quais Martin nunca falava. Não queria revelar sobre o zumbido quase intermitente em seus ouvidos, tal qual um alarme eterno, nem muito menos pretendia contar que, sem explicação alguma, sua miopia a cada dia parecia diminuir. Dentre todas as mudanças, Martin tinha a certeza de que, sob hipótese nenhuma, deveria falar sobre as luzes. Nunca, jamais.

Algumas mudanças eram impossíveis de ocultar. Martin se tornava mais e mais forte com o decorrer dos meses. Segundo os médicos, “tinha boa genética”. Deveria ter ganho bem uns dez quilos de massa muscular nos últimos dois anos, apenas comendo direito e treinando nos equipamentos do internato. Mas, se o devido exame médico fosse realizado em Martin, descobrir-se-ia que as taxas de miostatina – uma proteína capaz de inibir o desenvolvimento muscular – haviam caído vertiginosamente desde o dia 5 de março de 2012. Como resultado, o garoto havia se tornado não apenas mais forte, como também mais rápido e ágil.

Era certo que os acessos de esquecimento o preocupavam, mas ao mesmo tempo faziam Martin se sentir seguro. Ocorresse o que ocorresse, ele gostava da ideia de ter um “valentão interior” capaz de defendê-lo se fosse necessário. Não tinha a menor ideia,

entretanto, do que poderia fazer ao sair da Fundação Casa. Seu pai morrera no natal de 2012, vitimado por um acidente vascular cerebral fulminante após sua última visita. Martin pensava em continuar seus estudos e, talvez, fazer um vestibular para Biologia. Adorava o assunto, e já tinha lido material bem adiantado para seu atual estágio estudantil. Seu maior sonho era correr para bem longe daquela cidade horrível, daquelas pessoas horríveis, e se refugiar em algum lugar como, talvez, a Chapada Diamantina, cujas fotos Martin não se cansava de admirar.

Veio, então, a primavera de 2014 e, com ela, o comportamento esquisito do diretor. O diretor sempre fora boa praça com Martin, a despeito de todo seu péssimo comportamento no âmbito da instituição, mas o que lhe estava sendo oferecido ultrapassava o que poderia ser considerado mera simpatia. Chamado para uma reunião após um exame de rotina no oftalmologista, o diretor apresentou Martin a um homem moreno muito alto, talvez indiano, e a uma mulher baixinha e simpática. Sem muitos meandros, o homem moreno se apresentou como Ravi, disse ser um doutor e foi direto ao ponto:

– Martin, sabemos que você gosta muito de assuntos ligados à natureza e de lugares verdes. O que você acha de dar prosseguimento aos seus estudos num lugar mais adequado aos seus interesses? Trata-se de uma comunidade no coração de uma vasta floresta. Temos grandes projetos para você lá, e a Fundação Casa concorda que sua reabilitação seria mais eficiente conosco.

Martin, sem pestanejar, topou. Aprendera a seguir seus instintos, e as luzes naquele homem poderiam ser traduzidas como “digno de confiança”. Daria tudo para sair daquele lugar. O problema não era exatamente a Fundação Casa, e sim São Paulo como um todo. Se era pra ser chamado de “macaco”, que fosse então para o mato. Preferia a companhia de animais à de outras pessoas. E decidiu, na breve conversa com Ravi, que havia encontrado alguém suficientemente confiável, alguém com quem poderia falar sobre os esquecimentos, falar sobre o “animal interior”.

E, acima de tudo, alguém com quem poderia falar sobre as luzes.

4. MONTREAL, CANADÁ, 5 DE MARÇO DE 2012

Sergey Tarasov vinha dormindo muito mal nas últimas três noites, a ponto de acordar repetidas vezes durante a madrugada e se pegar caindo no sono após o almoço. As razões, sabia ele, estavam diretamente relacionadas à palestra que ele deveria dar na Universidade de Concórdia, e “ansiedade” era um nome ameno para descrever seus sentimentos naqueles dias. Tarasov não era mais nenhum jovenzinho principiante para tremer nas bases diante da expectativa de falar em público. Mas *aquela* público em especial era capaz de fazer qualquer gênio sofrer uma pequena regressão. Ter diante de si algumas das pessoas mais inteligentes do planeta e assumir a tarefa de explanar para elas algumas teorias pouco convencionais não era nada. Duro era estar ciente de que, salvo exceções, gente com aquele currículo construía a própria carreira a partir de um endurecimento da própria personalidade, não deixando espaço para empatia ou gentileza.

Além disso, havia outro problema. Ele tinha a mais pura consciência de que, em tempos de internet e Google, muitos provavelmente já teriam feito uma busca por seu nome. Havia diversos homônimos, é claro. “Sergey Tarasov” era um nome por demais comum em Moscou. Mas entre o pianista genial, o famoso oncologista e o festejado biatleta, com alguma dedicação chegariam ao Sergey Tarasov certo e seus textos científicos pouco usuais, tão criticados por beirarem à ficção e – segundo alguns – ao esoterismo. A possibilidade de ser alvo de preconceito em decorrência dessa associação era bem alta, ainda que Tarasov separasse bem as coisas. Era um respeitado programador no Instituto de Pesquisas Nucleares de Moscou e sabidamente um grande desenvolvedor de programas computacionais muito apreciados no âmbito da Meteorologia, mas tudo isso podia ser eclipsado pelo simples fato de, nas horas extras, ele gostar de estudar coisas que não eram consideradas “ciência respeitável”.

Seus artigos sobre artes esotéricas e tentativas de comunicação com espíritos faziam tremendo sucesso no nicho dito “ocultista” na internet. Tarasov sabia que não tinha do que se envergonhar, mas há um bom tempo não tinha mais paciência para o preconceito arrogante de seus pares. Tinha mais medo de si e do que poderia responder, do que da eventual ironia de alguém.

Entretanto, durante as quase duas horas de preleção, Tarasov chegou a esquecer seus temores. Se o público em questão não parecia o mais receptivo do mundo, ao menos não tinha demonstrado ser o mais indiferente. As pessoas pareciam prestar atenção e estar minimamente interessadas. Ao ver dois ou três sorrisos seguidos de certo brilho no olhar, Tarasov se empolgou e fez uma das melhores apresentações de sua vida. Ao abrir espaço para a participação do público, pelo menos quatro mãos se ergueram. E, antes que se pudesse decidir quem dentre os quatro faria a primeira pergunta, o mais voluntarioso – um senhor muito bem vestido e de cabelos nitidamente tingidos – disparou:

– Você sabe que o que está nos mostrando pode ser apenas coincidência, não é mesmo, Tarasov? O rigor científico exige mais do que apenas uma comparação de dados envolvendo algumas décadas. Precisaríamos de, pelo menos, uns duzentos anos de correlações antes de chegarmos a qualquer conclusão a respeito do que o senhor alega.

Quem contestava era Robert Norton, um astrofísico americano brilhante, porém conhecido por sua arrogância e indisposição para “exotismos”. Tarasov já estava acostumado com a postura cética de seus pares ocidentais. Na falecida URSS, conforme ele bem recordava, os cientistas eram mais abertos a “pesquisas exóticas”, havendo até mesmo setores inteiros dedicados a todo tipo de bizarrice. E, como não podia deixar de ser na época da Guerra Fria, o que um lado fazia, o outro tentava replicar. A “ciência estranha”, portanto, não era tão estranha assim, nem nos Estados Unidos. Afinal, se os russos gastavam recursos com investigações parapsicológicas e experimentos de telepatia e telecinésia, os americanos não queriam ficar para trás, ainda que ano após ano eles não encontrassem nada de muito significativo. O raciocínio era

bem simples: e se houvesse alguma coisa, de fato, a ser descoberta? Quem levaria vantagem? O conflito entre os dois países estimulava a pesquisa e o progresso científico, conforme se verificou na corrida espacial, praticamente abandonada depois que as duas nações fizeram as pazes. O que poucos sabiam é que, ao lado da chamada "ciência oficial", investigações de cunho mais alternativo também ocorriam, com pouca ou nenhuma resistência cética.

Tarasov sentia saudade da tensão criativa da Guerra Fria e dos consequentes recursos passíveis para viabilizar pesquisas, por mais malucas que elas parecessem. Agora tinha de lidar com a estreiteza mental e a sovinice de quem parecia não conseguir ver o que estava à sua frente.

Ademais, o que Tarasov havia exposto não era nada de muito novo. Diversos outros cientistas já tinham tentado demonstrar uma relação causal entre distúrbios psiquiátricos e explosões solares. *Ora, pensou Tarasov, o presidente Obama se reuniu há dois anos com um cientista que revelou evidências da relação entre explosões solares e o índice Dow Jones! Bolsa de valores! E a minha pesquisa é que é bizarra?* Pensou em usar esse argumento, mas preferiu assumir uma postura mais humilde. Não queria criar desnecessária antipatia com alguém do naipe de Robert Norton.

– Amigos, evidentemente não estou apresentando conclusões e jamais disse estar – replicou Tarasov, tentando disfarçar a irritação.
– O que apresento são indícios inconclusivos, porém instigantes. Instigantes o suficiente para, acredito, merecerem nossa atenção em pesquisas futuras.

Um dos cientistas presentes, um médico austríaco de setenta anos e olhos azuis leitosos chamado Jürgen Mittersteiner, pediu a palavra. Sorrindo, levantou-se e aprumou os elegantes óculos de leitura com aro de tartaruga, enquanto procurava algo entre suas anotações. Sergey notou que aquele senhor parecia ser respeitado entre seus pares. Tinha a impressão, mas não a certeza, de ter lido alguma entrevista com ele na *Nature*. Algo sobre genética e esquizofrenia. O doutor Mittersteiner, parecendo ter encontrado o que buscava entre tantos papéis, pôs-se a falar, dispensando o

microfone. Considerando sua poderosa projeção de voz, clássica de professores experientes, ficou claro que não precisaria de microfone algum.

– Eu gostaria de voltar a um ponto muito curioso exposto por você no início de sua palestra, Tarasov. Poderia, por favor, mostrar o gráfico que relaciona as explosões solares com a solicitação de internações para doentes esquizofrênicos em hospitais americanos?

– Eu não vejo como... – disse Norton, tentando interromper.

– Não me interrompa, Robert – pediu Mittersteiner, em tom de repreensão. – Quero adicionar um dado curioso à dedicada pesquisa de Tarasov.

Sergey, naquele momento, teve de conter uma dupla gargalhada: a primeira seria dedicada ao “fora” de Robert Norton recebeu; a segunda era pura vaidade. Ter a própria pesquisa qualificada como “dedicada” por alguém do porte do doutor Mittersteiner era, ele bem sabia, motivo para abrir pelo menos uma garrafa de vodka e bebê-la inteira. Voltou todos os slides até o início de sua preleção, parando na correlação que ele menos apreciava: a de número dois, feita por seus colaboradores brasileiros. O gráfico em questão englobava os anos de 1986 a 2004 e expunha uma fascinante sincronia entre a solicitação de leitos em hospitais psiquiátricos e explosões solares a cada ano. Parecia haver uma conexão entre fenômenos eruptivos do Sol e surtos esquizofrênicos nos Estados Unidos.

– Infelizmente não pude considerar anos anteriores a 1986, pois não há dados confiáveis e organizados sobre a solicitação de internações de pacientes esquizofrênicos nos Estados Unidos para antes dessa data, Mittersteiner – justificou-se Sergey.

– Eu sei. Bem sei, Tarasov – comentou Mittersteiner com simpatia. – Não era uma informação que nos preocupasse no passado. Pois bem, o senhor demonstrou uma curiosa coincidência entre o número de leitos ocupados por esquizofrênicos e o número médio de explosões solares a cada ano. Essa correlação bate muito bem entre 1986 e 1994, mas falha firmemente a partir daí. Na verdade, eu noto que a relação se inverte de forma muito impressionante – observou o médico.

– Exato. Por isso, não acredito que exista real correlação entre o número de explosões solares e o aumento de surtos esquizofrênicos, a despeito da coincidência inicial. Meu interesse principal agora envolve a correlação entre explosões solares e o aumento da taxa de suicídio. Essa correlação, conforme demonstrei, é coincidente demais para representar mero acaso.

– Mas é justamente aí que entra a minha crítica à sua pesquisa, professor Tarasov – replicou Mittersteiner, com um sorriso de canto de boca. – É claro que, conforme Robert aponta, a ciência deve resistir a toda forma de tentativa de encaixe de nossas crenças sobre as evidências. A evidência sempre será mais importante do que aquilo no qual acreditamos. Entretanto, você desiste fácil. Veja bem: nada, absolutamente nada, no mundo tem causa única. Você nota que, a partir dos anos 1990, a relação entre explosões solares e esquizofrenia não apenas perde a correspondência, como chega a se inverter. O gráfico mostra isso com clareza: quanto maior o número de explosões solares, menor o número de internações.

Sergey aquiesceu, sem saber direito aonde Mittersteiner queria chegar.

– Pois bem – continuou o psiquiatra. – Os senhores têm ciência de que foi justamente a partir de 1994 que a indústria farmacêutica passou a desenvolver os mais eficientes antipsicóticos presentes no mercado? A olanzapina, por exemplo, foi aprovada em setembro de 1996, mas variantes dela já eram testadas com grande êxito desde 1992. Uma hipótese bem plausível para a inversão do gráfico é a seguinte: à medida que as explosões solares aumentaram, as vendas de antipsicóticos eficientes dispararam. Com o consumo dos medicamentos, as internações caíram vertiginosamente. Daí a explicação para, no gráfico a partir de 1994, quanto mais explosões solares ocorrem, menos leitos são ocupados no hospital. Sugiro que o senhor compare as explosões solares com as vendas de olanzapina. Creio que o resultado irá lhe surpreender. Como médico psiquiatra, verifico empiricamente a piora de meus pacientes em episódios de intensas explosões solares, e fiquei muito contente em ver alguma iniciativa no sentido de esclarecer essa questão.

Robert Norton pediu a palavra. Já era esperado que o fizesse.

– Com todo o respeito, pessoal, a mim parece que o que está sendo feito aqui é uma tentativa de espremer modelos até que uma crença seja justificada. Vocês querem que uma coisa seja verdade e estão tentando “salvar a criança”.

Antes que pudesse replicar, Sergey notou uma mulher ruiva, alta e sardenta pedindo a palavra na primeira fila da plateia. Ao contrário do que poderia imaginar o senso comum, havia enorme quantidade de cientistas do sexo feminino no VIII Encontro de Astrobiologia.

– Meu nome é Aideen Donnelly, sou matemática e leciono na *University College Dublin*. Concordo com Norton. Entretanto, gostaria de ressaltar um ponto: somos um grupo multidisciplinar justamente porque, separados, tendemos a ver apenas uma parte do todo, mas perdemos a visão de conjunto. Sem o conhecimento psiquiátrico de Mittersteiner, dificilmente admitiríamos que a interpretação do gráfico de Tarasov estava incompleta. Antes de rechaçarmos uma teoria, por mais estranha que ela possa parecer, deveríamos pensar juntos com cautela e abertura. Afinal, esse é o espírito deste evento: exercitar a multidisciplinaridade. O que Tarasov nos pede é bastante aceitável: ele quer que investiguemos melhor as evidências por ele apresentadas em sua conferência. Ora, não vejo por que não fazê-lo! Dispomos de programas computacionais excelentes capazes de verificar correlações as mais diversas. Se pudermos jogar alguma luz sobre esse assunto, seremos capazes de ampliar o espectro de cuidados na prevenção dos surtos esquizofrênicos.

– Obrigado por sintetizar tão bem o que estou tentando dizer o tempo todo, Aideen – disse, agradecido, Sergey. – Sei muito bem que somos todos ocupados e devemos dedicar o nosso tempo ao que parece ser plausível, mas não creio que seria tão difícil ou oneroso darmos mais atenção a uma possível influência de fatores cósmicos em casos médicos. Aos que tiverem interesse em me contatar, meu e-mail está no livro oficial deste encontro, eu estou à disposição. Obrigado.

Seguiram-se as palmas, generosas em sua profusão, batidas inclusive pelo próprio Robert Norton. Como era de se esperar,

algumas pessoas abordaram o palestrante para continuar o assunto enquanto ele tentava sair do palco. Embora gostasse da sensação de ter despertado o interesse nas pessoas, tudo o que Sergey queria, naquele momento, era sair para almoçar. Estava morrendo de fome, e conhecia um restaurante tailandês maravilhoso nas redondezas, onde poderia se esbaldar com sua comida favorita. Esquivou-se delicadamente das pessoas, não sem antes prometer conversar melhor com elas ao longo dos próximos dias. Cartões foram trocados, e Sergey se sentia de alma lavada.

O programador russo não havia, entretanto, notado aquele homem alto, de tez morena, olhos amendoados e nítido aspecto indiano sentado na última fileira. O estranho parecia não conhecer ninguém, pois era hora do intervalo, as tradicionais “panelinhas” já estavam se formando, e ninguém o havia chamado. Ele apenas parecia esperar por Sergey. O professor Tarasov viu que não estava errado em sua impressão, pois foi interceptado pelo homem no momento em que se aproximava da porta de saída. O estranho lhe estendeu a mão direita e se apresentou, oferecendo um sorriso amistoso e falando inglês com um sotaque curiosamente neutro, soando como o apresentador de um programa de televisão.

– Meu nome é Ravi Chandrasekhar. Gostaria de conversar sobre a importância de seu trabalho no contexto do Brasil, professor Tarasov.

– Brasil? Mas o que...? – balbuciou Sergey.

– Você provavelmente está familiarizado com o fenômeno da anomalia magnética do Atlântico Sul. A intensidade da radiação solar é maior no Brasil em decorrência dessa anomalia – disparou Ravi.

– De fato. Mas o que isso tem a ver com meu estudo? – indagou Sergey.

– Gostaria de conversar com você sobre alguns casos especiais de esquizofrenia no contexto brasileiro. Permita-me pagar seu almoço? Conheço um restaurante maravilhoso bem perto daqui, Sergey. Posso te chamar de Sergey, não posso? Comida *tailandesa*, sabe, professor? Aposto que você irá *adorar*.

5. SÃO PAULO, BRASIL, 28 DE MAIO DE 2012

Ravi quase nunca ficava esfuziante, não era de sua natureza, mas chegou bem perto disso quando Helena – fazendo valer os investimentos de infiltração no Governo Federal brasileiro – enviou-lhe a novidade da aprovação do projeto de lei nº 12.654. A nova jurisdição elevava as operações da Organização Areté a um novo patamar.

Na última reunião, Helena havia criticado a impossibilidade logística de catalogar todos aqueles que a Areté costumava chamar de Eleitos: os indivíduos portadores de hipersensibilidade eletromagnética. Dois por cento poderia até parecer um número pequeno, mas dois por cento de sete bilhões de pessoas continuava a significar cento e quarenta milhões de sujeitos. Ainda que a Areté tivesse agentes infiltrados em todas as organizações, instituições e governos, era tecnicamente inviável realizar testes genéticos ou avaliações oftalmológicas em todas as pessoas. Ravi poderia até se desdobrar, mas temia as consequências desse procedimento.

Durante muito tempo, a Areté procedera da forma mais paciente. Como em algum momento da vida alguém precisa ir a um hospital, realizar uma coleta discreta e indolor de material genético para análise seria mais fácil. Isso não mudava o fato de que nem todo mundo vai a hospitais. E as prioridades, é claro, haviam mudado. O problema, conforme expunham Ravi e Mittersteiner – e os demais médicos da Areté concordavam –, não consistia em detectar todos os Eleitos do mundo, mas sim os Eleitos que representassem ameaça a si mesmos ou à sociedade. No que concernia aos primeiros tipos, a intrusão da organização em todas as sessões psiquiátricas de todos os hospitais do planeta já garantia segurança mínima satisfatória. Mas ainda havia a complicação de como lidar com o segundo tipo: as assim chamadas “ameaças ao próximo”. Os homicidas, os delinquentes. Os “loucos perigosos”.

Não escapava à Areté a problemática inerente à dinâmica social brasileira. Enquanto um Eleito de pele branca tinha mais chances de ser internado e psiquiatricamente tratado, um Eleito de pele escura terminava quase sempre enfiado numa instituição prisional. Tratamento medicamentoso para uns, poço do esquecimento para

outros, a diferença entre “louco” e “bandido” definida pela taxa de melanina. Ciente disso, Ravi salientava desde 1993 – após o quase-desastre na Antártida – a importância de se dar prioridade à detecção de Eleitos nas prisões. Foi então decidido que os agentes inseridos no governo do Brasil mexeriam seus pauzinhos para facilitar o trabalho de diagnóstico e detecção. Demorou um pouco, mas foi com uma mescla de satisfação e alívio que Ravi transmitiu aos milhares de delegados da Areté a mais nova lei brasileira:

LEI Nº 12.654, DE 28 DE MAIO DE 2012.

Altera as leis nºs 12.037, de 1º de outubro de 2009, e 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para prever a coleta de perfil genético como forma de identificação criminal, e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 5º da Lei nº 12.037, de 1º de outubro de 2009, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

“Art. 5º

Parágrafo único. Na hipótese do inciso IV do art. 3º, a identificação criminal poderá incluir a coleta de material biológico para a obtenção do perfil genético.” (NR)

Art. 2º A Lei nº 12.037, de 1º de outubro de 2009, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos:

“Art. 5ºA. Os dados relacionados à coleta do perfil genético deverão ser armazenados em banco de dados de perfis genéticos, gerenciado por unidade oficial de perícia criminal.

§ 1º As informações genéticas contidas nos bancos de dados de perfis genéticos não poderão revelar traços somáticos ou

comportamentais das pessoas, exceto determinação genética de gênero, consoante às normas constitucionais e internacionais sobre direitos humanos, genoma humano e dados genéticos.

§ 2º Os dados constantes dos bancos de dados de perfis genéticos terão caráter sigiloso, respondendo civil, penal e administrativamente àquele que permitir ou promover sua utilização para fins diversos dos previstos nesta Lei ou em decisão judicial.

§ 3º As informações obtidas a partir da coincidência de perfis genéticos deverão ser consignadas em laudo pericial firmado por perito oficial devidamente habilitado.”

“Art. 7º A. A exclusão dos perfis genéticos dos bancos de dados ocorrerá no término do prazo estabelecido em lei para a prescrição do delito.”

“Art. 7º B. A identificação do perfil genético será armazenada em banco de dados sigiloso, conforme regulamento a ser expedido pelo Poder Executivo.”

Art. 3º A Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 9º-A:

“Art. 9º A. Os condenados por crime praticado, dolosamente, com violência de natureza grave contra pessoa, ou por qualquer dos crimes previstos no art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, serão submetidos, obrigatoriamente, à identificação do perfil genético, mediante extração de DNA – ácido desoxirribonucleico, por técnica adequada e indolor.

§ 1º A identificação do perfil genético será armazenada em banco de dados sigiloso, conforme regulamento a ser expedido pelo Poder Executivo.

§ 2º A autoridade policial, federal ou estadual, poderá requerer ao juiz competente, no caso de inquérito instaurado, o acesso ao banco de dados de identificação de perfil genético.”

Art. 4º Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias da data de sua publicação.

Brasília, 28 de maio de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Eduardo Cardozo /Luiz Inácio Lucena Adams



Conforme Helena bem salientou em resposta, *Preparem-se, pois teremos problemas com a turma dos Direitos Humanos*. A Ravi, o aviso da amiga soava assaz profético. Processando os cenários de múltiplas realidades possíveis e considerando os fatores entrecruzados, o doutor estimou em cerca de vinte e dois por cento a chance de a lei ser revogada por inconstitucionalidade. Considerou o percentual baixo e aceitável, diante do fato de que a lei discrepava dos conceitos ocidentais de preservação da dignidade humana e do direito à intimidade. Os ativistas iriam certamente se focar nos aspectos lombrosianos da lei: a falácia de um determinismo fisiológico capaz de induzir os indivíduos ao crime. Para Ravi, a nova lei possibilitava a identificação e o resgate do máximo possível de Eleitos cuja condição os tornava perigosos para si mesmos ou para os outros. Qualquer barulho que os ativistas de Direitos Humanos fizessem seria facilmente compensado por estratégias dos delegados da Organização Areté.

Havia pelo menos algo a mais que Ravi poderia fazer. Ele poderia, por um ou dois anos, mexer seus pauzinhos e tornar a Comissão de Direitos Humanos no Brasil uma verdadeira palhaçada. Após alguns peões movidos aqui e ali, ele criaria uma condição tal que tornaria muito difícil alguém levar a Comissão a sério.

A ideia alternativa de identificação dos Eleitos, Ravi bem sabia, era muito mais rápida, discreta e eficaz: sete bilhões de nanorobôs enviados ao redor do mundo, com o objetivo de coletar material genético de todos os seres humanos. Em menos de 24 horas, todos seriam diagnosticados, sem exceção. Tecnologia assim era um

brinquedo para Ravi. Um brinquedo por demais arriscado, contudo, considerando os poderosos sistemas de defesa eletroimunológica dos Eleitos. Bastaria que apenas um nanorobô tivesse sua programação deturpada para se instaurar o colapso de tudo em decorrência de um surto de câncer tecnológico em escala planetária. Um robô microscópico poderia “surtar”, contaminando todos os outros e criando uma nuvem molecular destruidora muito difícil de conter. Riscos desse tipo eram inadmissíveis. Ravi os havia calculado como sendo de três vírgula oito por cento, mas se tratava de um perigo mínimo cuja possibilidade decorreria na extinção máxima, com pouca possibilidade de reação eficiente mesmo por parte da Organização. Nanorobôs eram computadores quânticos, e a Areté ainda não tinha chegado a uma conclusão eficiente acerca do quanto um Eleito do porte de Lionel poderia interferir em sistemas probabilísticos a ponto de transformar riscos mínimos em certezas fatais. Considerando tudo isso, por mais lenta e pouco eficaz que fosse a lei da coleta obrigatória de material genético, tanto melhor que fosse assim. Passos lentos, porém firmes e seguros.

Para Ravi, era inevitável pensar em Lionel, seu primeiro sucesso em termos de redenção criminal. Afinal, como bem disse seu saudoso amigo, o poeta libanês Kahlil Gibran, *o que é o mal senão o bem torturado por sua própria fome e sede? Quando o bem está faminto, procura o alimento nas cavernas mais escuras, e quando tem sede bebe das águas mais impuras.*

Nenhuma frase, neste mundo ou em outros, sintetizaria melhor a fome, a sede e Lionel.

6. SÃO PAULO, BRASIL, 2 DE SETEMBRO DE 2017

– Você poderia me explicar com detalhes quando e como as suas crises de enxaqueca começaram?

E lá vamos nós de novo, pensou Arthur Coimbra diante da mesma pergunta feita pelo décimo especialista em cinco anos. Sentia que começava a perder a paciência com tantas análises e

exames que não levavam a lugar algum. Insistia por insistir, mais por hábito que por esperança.

Ainda que já estivesse conformado, a intensidade de alguns ataques não deixava de impressionar Arthur. Os surtos de dor vinham em ondas súbitas, tais quais tsunamis – o vagalhão era precedido por um recuo do mar, uma calmaria que se revelava traiçoeira e, em seguida, advinha a onda que lhe devastava mente e corpo. Sempre pensava em sua estranha doença quando via notícias sobre ondas assassinas. *Sua mente é um lago tranquilo*, sugeriam os livros de autoajuda e meditação. Para Arthur, tudo aquilo era uma grandessíssima tolice. Sua mente não era lago, era tsunami.

Com um tom de voz monocórdico, iniciou suas explicações pela centésima vez, sempre com a sensação de que as palavras eram poucas para expressar tudo o que ele tinha na memória. Mesmo assim, Arthur abriu as comportas do desabafo. Ano após ano, as dores eram mais intensas, as náuseas mais insuportáveis e os vômitos mais frequentes. Pensara em tirar a própria vida mais de uma vez durante o começo da adolescência, mas, por vergonha, não quis relatar isso aos médicos. Se o pensamento não se converteu em ato, foi por um único motivo: medo. Esperança ele não tinha, mas medo havia de sobra para dar e vender. E, sejamos justos, boas doses de paracetamol também ajudavam a controlar a dor.

Sua primeira crise, ainda em tenra infância, tinha sido forte de tal modo que a lembrança do ocorrido era levemente distorcida. Segundo sua tia Andressa e alguns poucos mais velhos que testemunharam o fato, tudo começou com uma dor de cabeça súbita numa costumeira visita à cidade de Salvador em 2006. Ele tinha então dez anos e estava maravilhado com as cores vibrantes de um parque de diversões local, mal podendo esperar por sua vez de andar na roda gigante. Sua alegria, contudo, durou pouco. Ao atingir o ponto mais alto do brinquedo, Arthur foi tomado por uma dor tão aguda que o fez vomitar todo o lanche ingerido uma hora antes. Nenhuma importância especial foi dada ao mal-estar, pelo motivo óbvio de que se tratava da primeira vez de uma criança

numa roda-gigante. Náuseas não constituem surpresa em brinquedos assim, muito menos quando pouco tempo antes a pessoa devorou um saco de batatas fritas indecentemente oleosas e de tamanho extra grande.

Entretanto, ainda que fosse criança, Arthur não era ingênuo. Em verdade, já tinha noções suficientes para saber discernir um simples mal-estar de algo mais grave. O que ele sentira não tinha comparação com nada que já havia experimentado antes. Sim, ele já tinha tido dores de cabeça. E sim, já tinha vomitado e ficado enjoado, sobretudo em passeios de barco, como o que fizera em Manaus nos dois anos precedentes à sua primeira crise. Mas nada, absolutamente nada, poderia ser comparado à náusea sentida no alto do brinquedo. O simbolismo era irônico, pois foi a partir daquele exato momento que a vida de Arthur começou a cair – tal qual a própria roda-gigante que, após atingir o ponto mais alto, forçosamente nos conduz à descida. Em sua atrapalhada eloquência infantil, ele tentara explicar que aquele mal-estar era diferente, mas nenhum adulto – nem mesmo o médico – lhe dera muita atenção. De certa forma, esse pouco caso marcou sua personalidade. *Vou me lembrar disso, para quando crescer eu não achar que crianças são idiotas*, pensara na época.

Desde então as manifestações de dor, enjoo e vômitos não se estabilizaram, muito pelo contrário, tornaram-se ainda mais intensas. Arthur melhorava quando estava em sua casa, numa ilha do Nordeste brasileiro chamada Itaparica. Embora, no contexto das coisas, “melhorar” significasse passar o dia com uma leve dor de cabeça a latejar em sua têmpora direita e um intermitente zumbido nos ouvidos, além de pelo menos um sangramento nasal por mês. Seus amigos faziam troça, dizendo que ele tinha uma “menstruação nasal”. Ele piorava substancialmente sempre que visitava Salvador. E deu um show bizarro quando foi visitar alguns tios em São Paulo, aos doze anos, no dia 5 de março de 2012. Atirou-se ao chão em plena Avenida Paulista, pondo-se a gritar como se estivesse sendo espancado, enquanto o sangue fluía primeiro timidamente, depois aos borbotões por suas narinas. Sua mãe, que nunca tinha sido um grande modelo, sentira mais vergonha que preocupação, na

ocasião. A viagem fora um desastre completo, a despeito de eles estarem numa cidade onde o atendimento médico era então considerado primoroso.

Arthur, no hospital, apenas piorara. Ao entrar no pronto-socorro, os médicos puderam verificar que placas avermelhadas haviam surgido em sua pele, como se ele tivesse levado fortes tapas. Não conseguia mais andar, de tão tonto que estava. Fatalmente, recaíram suspeitas sobre sua mãe: teria ela dado uma surra no menino, a ponto de deixá-lo cheio de marcas, dores, com o nariz sangrando e tão perturbado a ponto de mal conseguir se mover? A situação chegara a tal ponto de constrangimento que ele mesmo preferira fazer de conta que se sentia melhor, apenas para sair dali. Até porque, verdade seja dita, entrar ali apenas o fez se sentir pior.

Diante de nenhuma explicação plausível, além do tradicional, genérico e inútil diagnóstico de virose, Arthur fora levado a ingerir quantidades cavalares de analgésicos, o que permitira a redução das dores da categoria “incapacitante” para a meramente suportável. Após dois dias, três quilos a menos e uma quase superdosagem de paracetamol, sua mãe resolvera voltar para Salvador e, de lá, embarcar para a ilha de Itaparica.

Tão logo chegou em casa, Arthur melhorou.

A tia Andressa era por demais arguta, e não lhe passou despercebida a estranha coincidência da piora ao viajar seguida da súbita melhora ao retornar. Seu primeiro diagnóstico fora simples e contundente: *frescura*, dizia ela. Tia Andressa podia ser também muito maldosa e tinha como especialidade a notável tendência de esperar dos outros o que ela mesma era capaz de fazer. Quando enfim se convenceu de que o tormento de seu sobrinho não era fruto de manipulação emocional, tia Andressa executou um *looping* mental e prontamente fez o seu segundo diagnóstico: possessão espiritual.

O médico pareceu curioso nessa parte do relato e interrompeu o paciente.

– Sua família é espírita?

– Na minha família tem de tudo um pouco – respondeu Arthur, sorrindo timidamente. – Mas eu não me ligo muito em religiões, a

não ser como curiosidade histórica. Numa boa.

– Pois é, li sua ficha. Você cursa História, não é?

– Sim.

O médico sabia que não havia nada de original nas suposições metafísicas de tia Andressa. Era por demais comum, no começo do século XXI da sociedade brasileira, atribuir causas espirituais a problemas físicos pouco conhecidos. O brasileiro em geral havia se acostumado a desconfiar das autoridades médicas, o que em muitos casos era justificado, mas lamentavelmente o mesmo ceticismo não era aplicado no que diz respeito às supostas autoridades espirituais. O cenário podia até mudar, mas os atores representavam as mesmas peças: adolescente psicótico sendo tratado com orações e exorcismos perpetrados por algum pastor pentecostal; epiléticos recebendo passes em alguns centros espíritas mal-informados; enxaqueca crônica sendo medicada com magia. Tudo isso ocorria num contexto em geral bem-intencionado, em que as autoridades espirituais realmente acreditavam naquilo que ofereciam. A boa intenção, contudo, não tornava menor o dano.

E foi nesse contexto que este rapaz foi inserido, constatou o médico. Ao invés de insistir em exames mais detalhados, a família de Arthur enveredou pelos coloridos e fantasmáticos caminhos dos centros espíritas, casas de umbanda e, por fim, templos pentecostais. Ao invés de curar a doença do garoto, as atrapalhadas jornadas espirituais serviram apenas para adoecer as mentes de seus familiares e atrasar qualquer diagnóstico eficaz. A mãe de Arthur, contagiada pelo discurso resignado do *karma* espírita, passara a falar apenas em encarnações passadas, de um modo tal que a vida presente se tornara irrelevante. A cada mês, recordava-se de uma suposta existência anterior e, perdida nos tempos de outrora, parecia mais e mais disposta a abdicar da importância desta vida. Tia Andressa, por sua própria natureza inflexível e cheia de certezas sobre tudo somada a certa repulsa ao sexo, sentira mais identificação com as igrejas neopentecostais e virou pastora, passando a dedicar sua vida a perseguir homossexuais, umbandistas e espíritas (dentre os quais, sua própria irmã). O pai de Arthur, por sua vez, mergulhara de cabeça

na umbanda, contudo menos por crença e muito mais por motivos não tão esotéricos assim: apaixonou-se por uma frequentadora local vinte anos mais jovem. E foi assim que a multiplicidade religiosa brasileira esfacelara a família do rapaz que, a despeito de preferir morar no interior, resolveu mudar-se para São Paulo e ficar longe de toda aquela confusão. A doença, contudo, lhe era por demais leal e de seu lado não arredou pé.

– Tudo isso que você descreve me parece muito difícil. Não prejudicou seus estudos? Me espanta que você esteja na faculdade – questionou o médico.

– Nem tanto – avaliou Arthur. – Acho que até ajudou. Estudar não deixa de ser uma forma de me distrair. E eu meloro se posso ficar na paz do meu quarto.

A despeito de todo seu mal-estar, Arthur sempre fora um garoto bastante inteligente. Mais que a média, diziam seus professores. Não foi com espanto que, mesmo aos trancos e com várias faltas por motivos de saúde, concluíra seus estudos como um dos primeiros da turma e passou em primeiro lugar no vestibular de História na Universidade de São Paulo no verão de 2013.

Arthur Coimbra detestava a cidade, mas adorava o campus da USP, verde e tranquilizador. Apreciava mais ainda a ideia de estar afastado do redemoinho de sua família e se relacionava muito bem com seus companheiros de apartamento na república universitária. Durante três anos, teve uma vida mais tranquila e agradável do que julgaria possível, com poucos mal-estares, sempre procurando se restringir ao campus. Seus amigos em geral já tinham se acostumado ao que consideravam uma de suas diversas “esquisitices”: a resistência de Arthur em passear na cidade. Em verdade, ele tinha vergonha de dizer que – sem explicação alguma – vomitava profusamente quando punha os pés no grande centro. A ideia de expor sua fragilidade o irritava demais. Preferia, portanto, cultivar a fama de *nerd*.

À medida que detalhava tudo o que lembrava, percebia que, ao invés de ser interrompido pelo médico, gerava nele mais curiosidade. Os especialistas anteriores, ao contrário, não queriam saber detalhe algum sobre sua vida e demonstravam impaciência

com o que consideravam informações de pouca relevância. *Gostei dele*, pensou Arthur.

Assumindo uma postura mais relaxada, contou ao médico que a vida prosseguiu por um bom tempo em sua tranquilidade acadêmica transbordante de boas notas e algumas namoradas ocasionais. Arthur administrava sua dores e aprendera a lidar bem com seus recorrentes pesadelos. Passara a tentar – sem muito êxito – ignorar o que ele mesmo chamava de “rádio cabeça”: uma súbita sucessão de vozes imaginárias que cantavam todos os sucessos do momento e diziam más notícias. Surpreendera-se nas primeiras manifestações – quase sempre ocorridas na hora de dormir –, mas depois se acostumara, a despeito das bizarrices. Certo dia, estava discutindo sobre a segunda grande guerra com dois amigos e ficou constrangido ao se dar conta de que, lá no fundinho de sua mente, ABBA não parava de cantar *The Winner Takes It All*.

A música não seria nada, se não fossem as vozes dando notícias de desastres, assassinatos e, eventualmente, temas banais – como o casamento ou divórcio de alguma celebridade. Às vezes era difícil dormir, com tantas emissoras sintonizadas ao mesmo tempo, soando baixinho e sem cessar no fundo de sua mente. Com alguma tristeza, constatou que, entre as dores de cabeça e as vozes, preferia as dores. Mas não tinha a menor ideia de como mudar de uma coisa para a outra. Associado a isso, seus dentes doíam, assim como suas articulações. Passou a se distrair demais e, em duas ocasiões, deu-se conta de que não lembrava de ter realizado o trajeto entre um ponto e outro.

– E é por isso que estou aqui, doutor. O senhor deve ser o décimo médico que eu procuro, mas é o primeiro psiquiatra. Nunca pensei seriamente sobre o assunto, mas desde o começo deste ano eu comecei a cogitar que estava, de fato, ficando louco.

7. SÃO PAULO, BRASIL, 10 DE JULHO DE 2018

– Se as condições meteorológicas forem favoráveis, *hoy yo voy a mostrar* Ganimedes, *una luna* de Júpiter! – Foi com esse anúncio

empolgado no mais intenso portunhol que Julia Rivera retirou Arthur Coimbra de seu tradicional torpor distraído.

O mais interessante em namorar Julia, pensava Arthur, era justamente o fato de ela ter enveredado por uma área de conhecimento distinta da sua. Apreciava a ideia de estar ao lado de uma garota com quem podia conversar sobre coisas diferentes, considerando que o saber de um mal tangenciava o do outro.

Era fato que tinham se conhecido numa disciplina que cursaram juntos, Filosofia da Ciência, e tinham como paixão comum a vida do astrônomo Johannes Kepler. Não obstante o interesse semelhante, os alvos de interesse eram bem distintos: Arthur se interessava por fatos históricos e tramas políticas da época de Kepler; Julia, por sua vez, se mostrava fascinada com as três leis fundamentais da mecânica celeste elaboradas pelo famoso astrônomo. Ouvi-la discorrer sobre órbitas elípticas dos planetas com aquele charmoso sotaque portenho era algo que realmente não o entediava. Sempre gostara de conviver com pessoas cujos interesses adicionavam novidade à sua vida.

Física estava muito, muito longe de qualquer coisa que Arthur efetivamente conhecesse, e Julia conseguia dar um sabor especial ao assunto, fazendo o complicado ser inteligível. Em contrapartida, ela apreciava o fato de encontrar no companheiro um espectador atento para suas divagações. Os últimos namorados de Julia costumavam se sentir bastante incomodados com sua notável inteligência, sendo que ela mesma não se mostrava nada disposta a passar por “comum”. Ser uma *geek* completa e fã de *Jornada nas Estrelas* era mais importante para sua identidade que ser considerada a garota mais popular ou a gostosona da faculdade – ainda que ela fosse, sem sombra de dúvida, “extremamente gostosa”, como faziam questão de ressaltar os amigos de Arthur.

Em apenas dois dias de relacionamento Arthur aprendeu, por exemplo, que um planeta qualquer em órbita de uma estrela forma uma elipse, e não uma circunferência. A última namorada, em contraste, havia lhe ensinado tudo sobre o Big Brother Brasil. Mas o que mais encantava Arthur era a forma sucinta e clara com que Julia explicava coisas que ele nunca tinha conseguido entender,

como a lei da gravitação universal e toda a matemática implicada. *Esta garota será uma excelente professora um dia*, pensava Arthur com assumido orgulho.

Ao contrário da maioria dos homens, ele apreciava estar ao lado de uma namorada que parecia saber mais do que ele em relação a tantas coisas. E curtiava mais ainda a concepção de “programa romântico” de Julia: em vez de um tradicional cineminha, varavam a noite fazendo observações astronômicas na Praça do Relógio, na Cidade Universitária. Havia noites observacionais oficiais, organizadas pelo Sputnik, um clube de astrônomos amadores, mas Arthur gostava especialmente quando as observações eram mais privadas, envolvendo apenas os dois com um bom e velho telescópio refletor. Em dois meses, tinha aprendido tanto (ou mais) sobre observações que um estudante de Astronomia em um ano. Além disso, uma vez que Arthur ainda não se sentia lá muito seguro para passeios fora do campus, as concepções de diversão de sua parceira constituíam uma excelente desculpa para não sair.

Julia protagonizava cenas involuntariamente engraçadas. Sua incomensurável falta de senso para momentos românticos era compensada pelo fato de isso ser tão espontâneo nela que não tinha como o namorado não achar engraçado e se encantar. Numa de suas primeiras noites juntos na Praça do Relógio, Arthur – que, admitia, não era lá muito acostumado a olhar para o céu antes de conhecer a garota – se encantou com uma estrela muito intensa de coloração avermelhada. *Veja, amor, que estrela bonita*, comentara na época, tentando criar um clima.

Longe de romancear, Julia pareceu se divertir. Deu seu tradicional sorriso de canto de boca e continuou concentrada em torno da parafernália telescópica que precisava ser montada. *Não é estrela, é um planeta*, contestou, sem sequer tirar os olhos do material. *Trata-se de Marte, que, por sinal, está neste momento bem perto da Terra*. Arthur deu de ombros e riu da total ausência de senso romântico da namorada. Não era mesmo fácil criar um clima com uma garota diagnosticada como superdotada e membro daquela associação onde só entram pessoas de alto QI, a tal

MENSA. Julia, por sua vez, irritou-se secretamente com a ignorância do namorado. O tempo, porém, havia ensinado à estudante argentina a importância da paciência com pessoas menos versadas em ciências.

Outros homens saíam correndo com a falta de noção da argentina, mas a verdade é que sua inteligência os amedrontava. O sexo masculino, bem observava Julia, parecia ter um sério problema em lidar com a perspectiva de conviver com uma garota tão mais forte, ainda que tal força se restringisse aos quesitos “intelecto” e “caráter”. Mas Arthur não se intimidava fácil, até porque era ele mesmo muito inteligente e sabia disso. Com um foco diferente de interesse do dela, mas, ainda assim, bastante sagaz. Julia adorava essa autoconfiança em homens. Arthur achava o jeito *nerd* da namorada muitíssimo charmoso e morria de tesão quando ela dizia o próprio nome com aquele sotaque portenho: “*Húlia*”. Ela muito o fascinava e jamais o intimidava. Ele a enternecia e a seduzia com sua forte curiosidade acadêmica. Julia e Arthur formavam o casal improvável mais provável do campus universitário.

Os dois se conheceram num bom momento. Arthur tinha iniciado o tratamento com olanzapina e seus sintomas psiquiátricos tinham melhorado por demais. Até mesmo um dos efeitos colaterais no final das contas colaborava em prol do namoro. Ele sentia dificuldade para dormir em decorrência do uso do neuroléptico, e Julia era notívaga por natureza. Achava um desperdício dormir e perder a noite e as estrelas. O casal por vezes varava a madrugada, quando ela aproveitava para desfilas seu conhecimento astronômico. Naquela noite, mostrou Antares a Arthur.

– Esta é *una estrella muy* interessante! – disse Julia, apontando para um brilhante astro avermelhado. – *Su nombre* significa “rival de Marte”, porque apresenta *un brillo rojo* intenso. Oh, *perdón... Brillo* vermelho.

– É mesmo muito bonita – comentou Arthur, já imaginando que, em seguida, viria a tradicional e divertida enxurrada enciclopédica. Não estava errado.

– *Si, Antares tiene* magnitude absoluta de aproximadamente -5,3, é a décima sexta *estrella más brillante* do céu noturno. É *una estrella inmensa*, Arthur, *inmensa!* Nosso Sol seria apenas *una* bolinha perto de Antares.

– Quão longe ela está? – perguntou Arthur, fascinado com a memória da garota, e dando o estímulo inquiridor que a fazia ficar tão explicitamente feliz.

– Se *non* me falha a memória, algo *cerca* de 604 anos-luz da Terra. *Ella* pertence a *un* tipo espectral de classe “M”.

Arthur compreendia quase tudo o que Julia lhe explicava. Conceitos mais simples como “ano-luz” e outros termos astronômicos não lhe eram totalmente estranhos. Estudara tais coisas no ensino médio. Ignorava, contudo, o que viria a ser um “tipo espectral” ou uma “classe M”. Diante do ar perdido e curioso do namorado, Julia sorriu e continuou:

– *Perdón, cariño, yo* me pego *hablando* coisas e *non* me toco que às vezes me *pongo* a *hablar* numa linguagem privada. Mas *non* é difícil de compreender. *Las estrellas, así* como plantas e *animales, son* divididas em classes, famílias, de acordo com *sus tipos espectrales*. *Las* classes indicam *la* temperatura da atmosfera da *estrella*. Quando *yo* digo que Antares é de classe “M”, isso significa que *su* temperatura superficial varia entre 2000 e 3500 Kelvin, e que *su color* aparente é... como vocês dizem? *Naranja*.

– Laranja. Quantas classes existem? – perguntou Arthur.

– Se formos seguir *la* classificação de Harvard, são sete classes *espectrales*. As classes são definidas por letras: O, B, A, F, G, K, M. *Nuestro* Sol, por exemplo, é *una estrella medíocre* de classe “G”.

– O espantoso é que você tem de decorar tudo isso – admirou-se Arthur. – Estou lembrando de um comentário do professor de Filosofia da Ciência. Ele disse que se tomarmos toda a compilação de História do mundo, seria possível encher uma biblioteca inteira. Se considerarmos o conhecimento de Física, apenas uma estante. Mas que, no final das contas, o físico tem de saber tudo sobre aquela estante, enquanto o historiador não tem essa obrigação.

– *Sin duda!* – concordou Julia. – Mas *voy* te contar um segredinho: *nosotros* usamos mnemônicos.

– Mnemônicos?

– *Si*, mnemônicos! Brincadeiras que permitem decorar equações, fórmulas e até classes estelares. *Las classes de las estrellas*, por exemplo, você pode decorar através da frase em inglês “*Oh, be a fine girl, kiss me*”.

– Muito interessante, dona Julia! – riu-se Arthur. – Um mnemônico muito conveniente sob mais de um aspecto. Confesso que gostei.

Ambos riram e, deitados na grama da Praça do Relógio, ficaram em silêncio a mirar Antares por quase cinco minutos. Conversaram um pouco sobre viagens espaciais. Nesse ponto, discordavam bastante. Julia lamentava o fato de que dificilmente viajaria para as estrelas. *Foi quando yo me apercebi da quase impossibilidade de ser astronauta que decidi estudar Astronomia*, admitiu a garota. Já Arthur assumia um pavor total diante da perspectiva de sair do planeta. Só de pensar no assunto, sentia calafrios. Diante da discordância, caíram em profundo silêncio, cada qual curioso com a diferença dos desejos do outro. Não era um silêncio constrangedor, e sim meditativo.

Após alguns minutos, Arthur resolveu romper o intervalo e, num quase sussurro, recitou a fórmula mágica astronômica praticamente impossível de esquecer:

– *Oh, be a fine girl, kiss me...*

Julia não se fez de rogada. Jogos mnemônicos, afinal, não serviam apenas para decorar o nome de classes estelares. Assim, sob a luz ancestral de Antares e de dezenas de outras estrelas, História e Astronomia se beijaram com sofreguidão há muito tempo não testemunhada.

8. RIO DE JANEIRO, BRASIL, 2 DE DEZEMBRO DE 2018

Não foi sem surpresa que Gustavo Porto de Mello recebeu a notícia de que – finalmente – após mais de duas décadas de solicitação, o projeto SETI havia concordado em direcionar seu envio de sinais para a estrela HR 6060. O astrônomo era paciente, e a excessiva burocracia relativa às solicitações de uso do

radiotelescópio de Arecibo não o impressionava. Nem por isso deixou de estranhar o que lhe pareceu uma lentidão incomum. A ele parecia que alguém dentro do SETI não queria atender ao seu pedido, mas havia também todas as outras esquisitíssimas confusões: recados que se perdiam, relatórios preenchidos desaparecidos, e-mails importantes que terminavam parando na caixa de spam, além de tantas outras falhas muito incomuns na tão organizada cultura norte-americana. Tudo havia piorado depois que os republicanos voltaram ao poder dois anos antes, de modo que o astrônomo já havia perdido a esperança de conseguir alguma colaboração por parte do SETI. Se assim era no que diz respeito a um empreendimento privado, pior ainda se precisasse apelar para qualquer colaboração governamental. Os astrônomos em geral temiam cortes cada vez maiores no orçamento das pesquisas espaciais, considerando que a prioridade era – conforme esperado, no caso da vitória republicana – aumentar os recursos das forças militares.

O potencial de HR 6060 havia impressionado muito a maioria dos cientistas dedicados a estudar essa estrela. Análises espectroscópicas haviam revelado um imenso planeta com traços inegáveis de água, substância-chave na constituição da vida. Além disso, após a NASA ter enfim retomado o tantas vezes adiado satélite *Terrestrial Planet Finder*, pelo menos duas Super Terras (planetas com massa até dez vezes maior que a terrestre) haviam sido identificadas em órbita de HR 6060, e os delicados refinamentos de busca infravermelha revelavam indícios significativos da existência de ao menos um planeta de proporções similares às terrestres na zona espacial favorável à habitabilidade. Ao longo dos últimos anos, mais de sete milhões de planetas haviam sido descobertos fora do sistema solar, a maioria por astrônomos amadores. E o número era ainda irrisório diante de tudo o que poderia haver, pois já era mais do que sabido que – ao contrário do que se pensava inicialmente – estrelas com planetas em órbita são bastante comuns.

Se por mais de quinze anos as investigações restringiram as descobertas ao contexto de Super Terras, a acuidade do *Terrestrial*

Planet Finder permitia a eventual identificação de mundos apenas um pouco maiores ou menores que o nosso. O espelho do TPF, quatro vezes maior que o do aposentado telescópio espacial Kepler, era também cem vezes mais sensível que o Hubble. Seus poderosos sensores infravermelhos eram capazes de anular a radiação de uma estrela mais de um milhão de vezes, de modo que planetas com as mesmas dimensões que as terrestres poderiam ser encontrados. E assim foi.

O *Terrestrial Planet Finder* era o orgulho dos astrônomos, e seu lançamento fora causa de grande emoção, sobretudo considerando a bizarra sequência de adiamentos que precedidas a decolagem. Se fosse um tantinho paranoico, Gustavo poderia jurar que alguém deliberadamente tentara sabotar o lançamento do TPF.

Levando em conta o poderoso instrumental do novo satélite, não foi nenhuma surpresa quando milhares de planetas tipo-Terra foram identificados em órbita de diversas estrelas. E a descoberta de um planeta de tamanho similar ao nosso orbitando justamente HR 6060 constituía tão absurda coincidência que seria tolice não lhe dirigir a atenção.

Gustavo não era exatamente otimista no que tange à busca por vida inteligente alienígena. Sempre fora, contudo, simpático à teoria do universo biofílico: a vida, ainda que em manifestações unicelulares, deveria ser comum em outros cantos do universo. Mesmo assim, não via por que não aproveitar a oportunidade de uso do radiotelescópio do projeto SETI e enviar um sinal para HR 6060.

Desde que o astrofísico Frank Drake concebera o *Search for Extraterrestrial Intelligence* (SETI) em meados dos anos 1980 do século anterior, muitas críticas recaíram sobre o projeto. A mais comum dentre todas dizia respeito ao uso de verba governamental norte-americana para a manutenção de algo que muitos consideravam um "luxo" sem utilidade prática. Esse argumento era o que Gustavo considerava mais ridículo, já que os custos de manutenção do projeto não eram superiores ao valor de um helicóptero militar ao ano. Mesmo Frank, que já tinha vivido mais tempo do que se podia imaginar (completara 88 anos em maio

último), nunca mudara de ideia quanto à importância do SETI. Um dos mais dedicados parceiros de Frank, Carl Sagan, quando vivo, costumava repetir que, de fato, era pouco provável identificar vida inteligente em outros mundos, mas ainda assim apoiara a utilização de radiotelescópios nessa busca. *Ausência de evidência não representa evidência de ausência*, costumava repetir Sagan em suas conhecidas tiradas filosóficas.

As reclamações de que o dinheiro destinado ao SETI era um desperdício de verba pública soavam hipócrita a Gustavo, ainda mais depois que teve a oportunidade de conversar com sua colega Lynn Rotchschild, num evento na Universidade de Stanford. Na ocasião, Lynn argumentara que, com o dinheiro da guerra do Afeganistão, na década passada, seria possível iniciar o processo de transformação do planeta Marte num mundo onde a vida seria possível. Se a busca por inteligência extraterrestre parecia louca o suficiente para irritar os partidários do argumento do “dinheiro mal usado”, a ideia de converter Marte paulatinamente num local habitável fazia rir até mesmo os cientistas adeptos das mais bizarras propostas. Mas nenhum dos críticos parecia se incomodar com o fato de que as tais “verbas” eram utilizadas para fins por demais questionáveis – como a guerra, conforme Lynn denunciava constantemente.

Gustavo tinha a forte convicção de que cada centavo gasto em projetos como o SETI e até na possível transformação de Marte numa fazenda de dimensões planetárias era, ao contrário do que muitos pensavam, dinheiro muito bem empregado. O futuro justificaria tal investimento, e as últimas descobertas de fósseis microbiológicos na região marciana conhecida como Mawrth Vallis haviam levado a comunidade científica à loucura e lançado vida nova à pesquisa espacial. Afinal, se estava provado que o planeta Marte já tinha abrigado vida, era questão de tempo até encontrarmos outro mundo no qual a biologia fosse presente, e não passado.

O único argumento não exatamente contrário ao projeto SETI, mas que demonstrava forte cautela, tinha sido dado pelo astrofísico Stephen Hawking alguns anos atrás. Hawking temia não a

possibilidade de estarmos sós no universo, mas de um dia entrarmos em contato com uma civilização inteligente, sem garantias das intenções destes seres. E se fossem hostis? Hawking emitia essa possibilidade não com terror paranoico, mas como algo que precisava ser considerado. De fato, a busca por inteligência alienígena poderia ser um tiro no próprio pé. Ainda assim, Hawking jamais se posicionara contra o SETI. Havia, afinal, pelo menos uma razão lógica para apostar nas boas intenções de uma civilização tecnologicamente muito avançada: se fossem malignos, tenderiam a se destruir antes de conseguirem singrar as estrelas. Era uma visão otimista, considerava Gustavo. Afinal, só tínhamos o nosso próprio exemplo para servir de amostragem.

Gustavo teve vontade de ligar para Lynn, a fim de dar as boas novas. Ela sempre fora simpática a qualquer investigação cujo foco envolvesse HR 6060. Entretanto, o astrônomo bem sabia que Lynn dificilmente estaria no *Ames Research Center* nesta época do ano. Ela se encontrava de férias, e havia comentado um ano antes sobre seu desejo de voltar à Austrália no verão. Além de tudo, era domingo e muito provavelmente sua amiga estaria na praia, de modo que Gustavo se limitou a enviar uma mensagem contando a novidade. Ela receberia o recado em suas lentes de contato de ampliação da realidade, as famosas *googleyes*, tão logo se conectasse à internet.

Conseguida a liberação de uso do radiotelescópio de Arecibo, vinha agora a necessidade de decidir que tipo de mensagem seria enviada para HR 6060. Uma sequência longa de números primos sempre era uma boa alternativa. Por mais diferente que fosse, uma eventual cultura alienígena inteligente seria capaz de identificar números primos e acusar seu recebimento.

Gustavo sabia que não viveria o suficiente para receber uma resposta, se é que haveria alguma. Nossa mensagem matemática estava sujeita às leis da Física. Como nada pode viajar mais rápido do que a luz, a transmissão levaria em torno de 45 anos para alcançar HR 6060 e, se alguém eventualmente a respondesse, seriam necessários outros 45 anos para a resposta chegar até nosso mundo. Essa limitação não o incomodava muito. Gustavo tinha

plena consciência de que um bom cientista se concentra no contexto de um todo maior, e a gratificação pessoal nem sempre é possível. Ainda assim, o astrônomo se sentia deveras satisfeito e feliz com o que realizara, ao descobrir o segredo de HR 6060.

Não era sempre, afinal, que alguém podia dizer ter descoberto a mais perfeita gêmea do Sol jamais vista.

Era ela: a décima oitava estrela mais brilhante da Constelação do Escorpião.

9. SÃO PAULO, BRASIL, 15 DE JANEIRO DE 2019

Fazendo uma retrospectiva mental, doutor Arantes tentava identificar o que poderia ter dado tão errado, embora admitisse que equívocos eram mais do que esperados naquele tão estranho caso. O primeiro diagnóstico, dado seis meses após a primeira consulta, foi mais confuso do que Arthur poderia imaginar: esquizofrenia indiferenciada. Todavia, cobria bem o fato de que, na prática, seus sintomas eram clássicos de todos os subtipos de esquizofrenia (o que era mau), mas concomitantemente pareciam responder a medicamentos (o que era bom). Chegar a esse diagnóstico foi demorado, em decorrência da cautela profissional do psiquiatra. E, a bem da verdade, mesmo seis meses depois o próprio médico ainda se espantava com as estranhezas do caso, o que o fazia revirar as próprias anotações em busca de algum detalhe que porventura tenha passado despercebido.

Arthur procurara o psiquiatra cinco anos depois que começara a conviver com uma espécie de estação de rádio em sua própria cabeça. De acordo com as descrições do paciente, ele tinha sofrido o mais potente colapso nervoso de sua vida no dia 5 de março de 2012 e, quando voltara a si, descobrira ter um rádio interior difícil de desligar. Alucinações auditivas, conforme o próprio paciente pesquisara na internet, representavam um clássico sintoma de esquizofrenia. Entretanto, chamou a atenção de doutor Arantes a ausência de outros sintomas que justificariam tal diagnóstico, e, além disso, Arthur sofria não exatamente de alucinações, e sim de alucinoses. Na alucinose, o indivíduo não acredita na realidade das

coisas esquisitas que vê ou ouve, discernindo entre o que é “mundo real” e o que não deveria estar ali. À primeira vista, não parecia haver confusão mental no paciente, muito pelo contrário. O diagnóstico de esquizofrenia hebefrênica podia ser descartado, uma vez que Arthur não apresentava fala desorganizada, embotamento afetivo ou discurso incoerente. Tampouco era paranoico, e não alimentava teorias conspiratórias.

Pelo menos, não inicialmente.

Doutor Arantes tentou dirimir o medo do rapaz, explicando que seria periclitante e selvagem diagnosticá-lo como esquizofrênico sem maiores investigações, uma vez que seriam necessários pelo menos seis meses de avaliação e uma análise detalhada do histórico de Arthur antes de se chegar a uma conclusão. As perturbações auditivas, ponderou o psiquiatra, podiam ser decorrentes do uso de drogas (o que o próprio paciente descartou) ou mesmo constituírem um único sintoma isolado gerado por estresse. Arthur, contudo, não concordava que sua vida era estressante, sobretudo levando em conta sua existência quase restrita ao campus universitário, longe de qualquer desconforto associado ao horrível trânsito de São Paulo. Sequer participava de manifestações ou movimentos sociais estudantis que rendiam eventuais confrontos com a polícia militar. Em verdade, era como se Arthur habitasse uma torre de marfim, onde apenas livros o interessavam, mas não a interação com o mundo. Escolhera estudar História em parte por conta disso: preferia ler sobre o mundo do que participar dele.

Não escapava ao médico a peculiaridade das alucinações auditivas do rapaz e a estranheza de seu caso. O paciente relatava uma suposta capacidade de ouvir o que era transmitido por estações de rádio e TV. Arantes não pôde deixar de se fascinar, ao considerar que talvez aquela fosse uma atualização pós-moderna do fenômeno da alucinação auditiva. Se antes as pessoas diziam ouvir demônios, fantasmas, deuses ou comandos de extraterrestres, não era estranho que as versões contemporâneas das alucinações versassem sobre coisas atuais. A loucura sempre fora parcialmente fundamentada no mundo real e, por isso mesmo, podia ser

contagiosa. Não à toa, muitos malucos conseguiram arrebanhar centenas de pessoas ao longo da história da humanidade, convencendo tantos com seus delírios.

Mas o curioso em Arthur é que ele – ao menos no começo – não acreditava receber realmente transmissões de rádio. O próprio paciente considerava tal coisa impossível e, portanto, alucinatória. Arantes jamais vira em toda sua experiência clínica um esquizofrênico rejeitar e racionalizar a própria perturbação. E, por isso mesmo, hesitava em classificar seu paciente. Um único sintoma não faz de alguém esquizofrênico, por mais bizarro que possa parecer. A plena consciência do paciente e a recusa em aceitar a aberração auditiva consistia suspeita forte de que se tratava de alucinação não psicótica, decorrente de estresse. Loucos, afinal, afirmam que não o são. Quando alguém afirma ser, é porque provavelmente não o é, e nisso reside grande ironia. Doutor Arantes receitou, então, um ansiolítico leve para que o paciente pudesse dormir sem o tormento das rádios e TVs alucinatórias.

Arthur, contudo, piorara a olhos vistos. Após quarenta dias, o ansiolítico não fazia mais efeito, mesmo em doses aumentadas. Pior: se inicialmente era cético, o paciente passara a dar mostras de que acreditava na possibilidade de estar recebendo transmissões eletrônicas. Iniciara a dar indícios de paranoia, ao afirmar saber o que alguns amigos pensavam dele, em decorrência de – segundo ele mesmo – conseguir visualizar, por alguns segundos, mensagens de texto de telefones celulares. *O quadro, então, evoluiu para alucinações visuais*, pensou o médico com tristeza. O discurso oscilava entre coerente e sem sentido de um minuto para o outro. O paciente parecia resistir bravamente, mas descia a olhos vistos a ladeira da sanidade, a um ponto tal em que seria impossível prosseguir sem utilizar um antipsicótico. O médico observou que tinham começado a surgir os primeiros sinais de desleixo com a aparência e perda de memória recente. A fala parecia pastosa e o discurso, desorganizado. Em vista de tudo isso o doutor Arantes se rendeu e, no início do ano anterior, receitou olanzapina para Arthur.

No quarto dia de uso do antipsicótico, Arthur apresentou melhoras significativas, a ponto de ter conseguido iniciar um

namoro firme, e parecia bastante empolgado. Cessou de ouvir vozes e não mais visualizava supostas telas com mensagens de texto de celular. *Suspensão das alucinações, um bom sinal*, pensou o psiquiatra. Quanto ao efeito colateral de insônia, combatia-o com ansiolíticos. Arthur surgiu bem disposto e falante na consulta, e foi então que doutor Arantes descobriu que outros sintomas atormentavam seu paciente – sintomas esses que lhe foram relatados, mas que não pareciam importantes. Após ouvir com mais atenção sobre a adolescência e a infância do rapaz, o médico não pôde deixar de se fascinar com tão crônico e exótico caso de urbanofobia. O medo de espaços abertos relatado pelo paciente era bastante seletivo e se restringia a cidades grandes. À noite, no conforto de seu apartamento, doutor Arantes ouviu pela terceira vez a gravação do depoimento de Arthur:

Sinto dores de cabeça tão fortes nas cidades que minha visão fica prejudicada. A luz me incomoda, vejo estrelas, fico tonto. Não consigo enxergar direito, tudo fica meio borrado e vejo o ar como uma teia em que alguns pontos dão choque. Passo a andar me desviando desses pontos, e quem me vê pensa que eu tenho aquelas manias que algumas pessoas têm, por exemplo, de evitar pisar em quadrados pretos na calçada. Como é mesmo o nome? (Pausa) Transtorno obsessivo-compulsivo, acho. Mas não é nada disso, não é mania, é porque não quero sentir o choque, então tento desviar dos pontos mais brilhantes da teia. Se fico mais de duas horas na cidade, passo dois dias com dores de cabeça. Por isso, fico só no campus, onde a teia é tão fraca que mal dá pra se ver. (Pausa longa) Apenas há alguns anos é que me dei conta de que só eu via essa teia. Nunca a imaginei como uma alucinação. Me parece tão real quanto as paredes desta sala.

Uma *teia*, ponderou doutor Arantes, uma rede que não era descrita metaforicamente, mas algo que o paciente dizia visualizar. Uma alucinação visual, sem dúvida, apresentando “pontos perigosos” a serem evitados, e tudo isso considerado como efetivamente real por Arthur. O sintoma, apesar de isolado, consistia em alucinação visual que perdurara por anos a fio. Não havia mais como se esquivar da possibilidade de um diagnóstico de

esquizofrenia, sobretudo após a constatação de que o paciente era responsivo à olanzapina. Arthur relatou também melhoria substancial das alucinações auditivas e visuais, a ponto de chegar a se aventurar pelo grande centro de São Paulo e ficar feliz ao constatar que não via mais teia alguma.

O grande desafio era, então, acertar a dose. Um problema clássico no que tange aos antipsicóticos deriva do fato de a Medicina – sobretudo a psiquiátrica – não ser uma ciência exata, mas uma ciência biológica, ou seja, cada organismo apresenta características únicas e responde aos remédios de modo muito particular. Desse modo, todo paciente é um pouco “cobaia” de seu médico, que segue realizando ajustes até chegar a um resultado aceitável.

Doutor Arantes tinha anos de profissão e não era nada ingênuo. Não acreditava em “cura” para a esquizofrenia, mas em administração dessa pelo resto da vida. À parte as alucinações consistirem um sintoma preocupante, o médico considerava que Arthur poderia ter uma vida bastante produtiva e administrável, pois sua esquizofrenia se encaixava bem no tipo classificado como “sem déficit”. A incapacitação não era grave e não abalava o sentido de finalidade na vida do paciente. Ele tinha objetivos: queria se formar, seguir carreira acadêmica, tornar-se professor e talvez escrever alguns livros. Demonstrava ambição, afetividade em relação aos seus semelhantes, sentimento de alteridade e motivação. Se a olanzapina parecia surtir efeito, o desafio agora era ajustar as doses, a fim de minorar os efeitos colaterais causados pelo uso de um antipsicótico.

As consultas prosseguiram por mais três meses, com doutor Arantes ora diminuindo ora aumentando a dose do neuroléptico, num jogo de tentativa e erro que parecia surtir bons efeitos no paciente. Doutor Arantes percebeu Arthur mais agitado e com a boca constantemente seca, reações comuns em quem faz uso de tais medicamentos. Após oito meses usando olanzapina, Arthur se sentiu seguro o suficiente para se aventurar numa festa fora do campus junto aos seus colegas.

Foi assim que, naquela noite chuvosa e abafada de janeiro de 2019, Arthur resolveu ir à sua primeira festa acompanhado pela atual namorada, Julia. Por ter dado o aval que viabilizou aquela desastrosa noite, o médico não conseguia parar de se culpar. *Psiquiatras não são deuses, meu caro, você não pode impedir seus pacientes de sofrer*, teria lhe dito um de seus melhores professores, Jürgen Mittersteiner. Mas Jürgen não estava mais entre os vivos para poder oferecer apoio moral. Ainda assim, o velho sábio austríaco tinha muito a oferecer. “*Electronically Induced Psychosis*”, de Chandrasekhar, Mittersteiner e Tarasov, era um artigo estranho demais para não prender a atenção. Se um dos autores estava morto, os outros dois não estavam. E pareciam bem receptivos.

Estava na hora de passar um e-mail.

10. SÃO PAULO, BRASIL, 12 DE JANEIRO DE 2019

A despeito de estar decididamente melhor, Arthur não se sentia ainda à vontade com a ideia de contar seus problemas para Julia. Conheciam-se há pouco tempo, e não era nada estratégico contar os próprios “podres” com tanta rapidez. E, se tudo continuasse a correr bem, jamais precisaria contar, considerou, enquanto esperava o trem que o levaria ao encontro dos colegas, na estação de metrô Cerro Corá. De lá, iriam todos no mesmo carro até uma chácara em Parelheiros, na Zona Sul, onde estaria ocorrendo a *rave*. Ele estava muito feliz, por motivos variados: aquele era o ano de sua formatura, tinha começado a namorar Julia e enfim se sentia seguro para poder acompanhar seus amigos, numa balada. Sentia como se finalmente tivesse direito a uma qualidade de vida.

Mal sabia, contudo, que sua alegria tinha horas contadas.

Logo ao chegar em Cerro Corá, encontrou seus amigos que dividiam um mesmo apartamento. Estavam todos animados e já um pouco bêbados, exceto Marco, que era bastante consciencioso e faria o papel de motorista naquela noite. Julia os encontraria na chácara, pois iria com as amigas.

– Seu celular está contigo, Marco? As meninas vão te enviar uma mensagem de texto pra dizer que chegaram – questionou

Arthur.

– Está, não se preocupe. Sintonizei o aparelho com as *googleyes*, então eu não vou deixar de ver o recado quando Julia chegar.

Arthur não usava telefones celulares, eles faziam sua mandíbula doer como se uma mão a estivesse espremendo. Tampouco utilizava as tais *googleyes*, a febre do momento, uma evolução inevitável do *google glass*: lentes de contato de ampliação da realidade, permitindo a completa unificação entre os mundos real e virtual. Arthur detestava especialmente as *googleyes*, afinal, do que adiantaria usar um instrumento que, quando acionado, o fazia ter a sensação de que alguém sapateava sobre seu cérebro? Talvez isso pudesse mudar com o tempo e o uso controlado da olanzapina, e pouco a pouco Arthur se aventurava no contato com instrumentos eletrônicos.

A “Gaiola de Faraday” era uma balada impressionante que costumava ocorrer em lugares distintos da cidade, em geral em chácaras, e era a sensação do verão há mais de dois anos. Apesar de não ser um amante de multidões ou de música eletrônica, Arthur sempre teve curiosidade de ir a uma festa do gênero.

Após 50 minutos dirigindo e encarando um trânsito infernal, os amigos chegaram a Parelheiros. Arthur, que pouco saía do campus, gostou do lugar. Em contraste com o restante da urbanizada São Paulo, aquele longínquo bairro da Zona Sul tinha todo o jeito de uma cidade do interior. Já passava da meia-noite quando entraram na fila, ainda não muito grande.

– A maioria das pessoas chega nas *raves* depois das duas horas da manhã – comentou Marco, parando por um minuto enquanto recebia a mensagem de texto transmitida diretamente para suas lentes de contato, no canto inferior esquerdo de seu campo visual.

– As meninas já chegaram e estão aí dentro, Arthur. Disseram que estão perto da piscina. Sua *chica argentina* deve estar analisando o fenômeno da refração da luz na água.

– Deixa de ser chato! – replicou Arthur, sem conseguir deixar de rir.

Durante as primeiras duas horas, tudo correu na mais perfeita tranquilidade. Não obstante uma leve dor em sua têmpora direita, a olanzapina parecia estar fazendo o efeito esperado, de modo que Arthur não estava nem ouvindo vozes nem vendo coisas. Dançaram, ele e Julia, por muito tempo. Música pop da década passada nunca saía de moda, e ele gostava especialmente das mixagens feitas pelo DJ convidado, um inglês de nome impronunciável.

– Tá curtindo, mano? – perguntou Danilo, um novato da turma de Julia.

– E como! – respondeu Arthur.

– Tem certeza de que não quer uma bala? – insistiu Danilo pela terceira vez, oferecendo um tablete de *ecstasy* em forma de meia-lua.

– Danilo, leia meus lábios: n-ã-o! É uma coisa por vez, cara! Minha primeira vez numa festa do gênero, não estou a fim de chutar o balde, desculpa!

Parecendo adivinhar o que estava acontecendo, Julia chegou de sopetão e catou Arthur pelo braço, repreendendo amistosamente o colega.

– *Quieres*, por favor, parar de oferecer alucinógenos pro meu namorado, Danilo? – disse Julia, sorrindo. – Essas *mierdas* que você toma vão te deixar broxa.

– Vira essa boca pra lá! – rechaçou Danilo. – Não joga praga, porra!

Quando se cansou de tanto dançar, o casal fez uma pausa e se reuniu com amigos num enorme *chill out*, que contava com uma cama imensa cheia de almofadas. Todos se amontoavam ali e conversavam sobre assuntos variados. Como a maioria tinha fumado maconha ou ingerido ácido, a lógica dos assuntos mudava com frequência. Era possível começar falando sobre política e passar rapidamente para o mito da Atlântida, com um pouco de culinária vegetariana entre uma coisa e outra.

Arthur era a sensação da noite e o assunto do momento. A maioria de seus amigos nunca o vira fora do campus universitário ao longo de quase cinco anos de convivência diária. Atribuía a melhoria do “comportamento esquisito” ao fato de ele estar

namorando Julia. Ninguém desconfiava de que a verdadeira razão de sua boa disposição tinha um nome bem diferente: olanzapina. E Arthur não planejava revelar a ninguém a existência de sua “amante secreta”. Tinha perfeita ciência do tipo de preconceito que sofrem as pessoas que apresentam quadros psiquiátricos.

A despeito da insistência de seus amigos para que bebesse “só um pouquinho”, Arthur resistia com bravura. Tinha sido vivamente advertido por doutor Arantes sobre as possíveis complicações de misturar neurolépticos com bebida alcoólica. Julia parecia não se incomodar nem um pouco com sua férrea abstinência, até porque ela mesma não costumava passar de dois *mojitos*, única bebida que parecia apreciar. Eram o casal-careta-porém-não-chato mais divertido do lugar. Talvez fossem os únicos.

Tudo corria muito bem, e o próprio doutor Arantes – após ouvir os detalhes sobre aquela noite, contados por uma consternada Julia – não parecia saber explicar o porquê de as coisas terem dado tão errado. Seu paciente não tinha bebido a noite inteira, tomou a dose correta de antipsicótico e demonstrou melhora substancial, tendo se tornado quase assintomático nos últimos meses.

Mesmo assim, foi às três e trinta e quatro da manhã que o mundo pareceu se desfazer em pedaços para Arthur.

No princípio surgiu um zumbido, ao qual ele não deu a menor importância. Afinal, estavam num lugar cujo som era altíssimo, e seu ouvido parecia estar apenas reagindo aos decibéis exagerados. Apesar de incômodo, o apito não chegava a perturbar. *Ziiiiiiiiii*, fazia ele. O problema mesmo foi quando o zumbido se converteu num chiado estático e, então, as alucinações auditivas ressurgiram, mais fortes do que jamais foram.

Você pode se arrepender neste momento de todos os seus pecados, explodiu a voz como um trovão, tão alta que Arthur chegou a dar um pulo na cama do chill out. Basta que confie e se entregue ao Senhor Jesus! Nova estática, seguida de rigidez mandibular, e mais uma voz se juntou ao homem que gritava em sua mente. Mas este, em vez de redenção, oferecia a oportunidade de seus sonhos: que tal largar tudo e ir para sensacionais praias em Ibiza? Acredite: isso ESTÁ a seu alcance! Pausa. *Minha vida era*

péssima, meus caminhos estavam todos fechados, até que eu... – estática – nenhum, absolutamente nenhum tênis tem tecnologia superior a esta nova linha... – estática – ... passageiro esperando na Rua Augusta 1830, copiou? – estática, chiado – ... digo que não tem preparo para presidir uma nação! As propostas do PSOL simplesmente...

E, então, surgiram as luzes. As luzes feéricas, pulsantes e famintas. O que a princípio parecia ser apenas a iluminação especial da *rave*, revelou-se uma confusa sucessão de esferas luminosas flutuando a esmo no ar do entorno. Subitamente, o terror. Os globos de luz pareceram se organizar, como que coordenados por uma intenção inteligente e hostil, e se puseram a girar em torno do grupo de amigos, que agiam como se nada estivesse acontecendo. *Em torno de MIM*, desesperou-se Arthur, encolhendo o corpo em defesa instintiva.

Assumindo a conformação de uma teia de aranha, as luzes começaram a se fechar ao redor do rapaz, que ao mesmo tempo começava a sentir um formigamento na mão esquerda. A intensidade da sensação aumentou em poucos segundos e passou a percorrer o braço. *Estou tendo um ataque*, pensou Arthur. Descobriu, contudo, que não tinha pensado, mas se expressado em voz alta, uma vez que Julia se virou para ele assustada, olhos arregalados, segurando seu rosto com firmeza e gritando, segundos antes de o mundo mergulhar na mais repleta escuridão. Escuridão generalizada, já que todas as *googleyes* num raio de cinquenta metros simplesmente queimaram, além de toda a aparelhagem de som da festa.

– Ataque? Como *así* um ataque, Arth...

11. VILA MUHIPU, ANO 531 DA FUNDAÇÃO

Correndo por uma longa trilha na floresta, Arthur não entendia por que tudo parecia tão grande. Curiosamente, essa era a única estranheza que o incomodava. De resto, nenhum questionamento sobre onde era aquele lugar ou o que ele fazia ali. Apenas a imensidão das árvores parecia bastante esquisita. Mas, mesmo

assim, Arthur corria e sabia que precisava se apressar. *Estou sonhando*, pensou por um breve segundo e em seguida voltou a esquecer, quando à sua frente surgiu uma moça bem alta (*mãe?*) com fortes traços indígenas. Sorrindo largamente, ela se abaixou para pegá-lo no colo.

– Acho que é melhor assim, a gente já tá atrasado. Você é tão levinho, meu amor!

Deu-se conta, então, que não eram as árvores que estavam grandes demais, e sim ele que havia ficado muito pequeno. Quanto anos deveria ter? 5 ou 6? Não gostou de ser pego no colo, queria mostrar que já era grande o suficiente para poder correr sozinho na trilha principal. Mas, no exato momento em que ia pedir à mãe que o colocasse no chão, ouviu o som de três batidas no Arabá do centro da aldeia. Isso significava que a reunião começaria em três minutos. Arthur ficou um pouco desapontado, pois sabia que seria impossível chegar ao destino com seu pequeno corpo. Por mais rápido que corresse, seus passos seriam por demais curtos. Teria de se contentar – a contragosto – em ser carregado.

A mãe correu a passos largos, rindo alto enquanto saltava algumas pedras maiores. Corria como uma onça, e tinha orgulho disso. Em poucos segundos, a frustração de Arthur foi substituída pela mais genuína alegria infantil. Nos ombros dela, ele sentia como se estivesse voando, e ela era ágil o suficiente para não deixar que nenhum galho resvalasse em seu rosto. Em menos de dois minutos, tinham alcançado o centro da aldeia, onde os outros aguardavam.

Um imenso Arabá de poderosos galhos reinava absoluto ao lado da casa central, que era grande e toda feita de palha firmemente trançada ao redor de madeira de boa qualidade. A árvore era utilizada como sistema de alerta, graças ao distinto e alto som que emitia ao ser golpeada. Como em geral não havia perigo, a aldeia costumava utilizar o Arabá como instrumento de convocação. A quantidade de golpes representava o tempo para início das reuniões. Era uma majestade impressionante, com três séculos de idade. Em momento algum Arthur chegou a se questionar como sabia de tudo aquilo. Ele simplesmente sabia.

Uma vez no chão, voltou a se sentir confuso ao ver tantos índios. Se parte sua não questionava o fato de ter voltado a ser criança, por outro lado não entendia bem a razão de estar em uma aldeia indígena. *Estou sonhando*, voltou a pensar, mas nem teve tempo de dar prosseguimento ao raciocínio. A mãe o puxou pelo bracinho, com um sorriso tão bonito que fazia valer a pena se deixar levar pelo enredo onírico.

No centro da aldeia, todos os aguardavam para dar início à reunião. Jovens e velhos, crianças e adultos, homens e mulheres. Havia algo em torno de cinquenta pessoas no grupo. Arthur foi colocado no meio das outras crianças, dentro da casa principal. Sentia-se como um intruso, e teve um pouco de medo. *O que farão comigo se descobrirem que sou uma farsa?*

Como que adivinhando seus pensamentos, uma menina índia de uns doze anos se dirigiu a Arthur, com ar de curiosidade e sorriso astuto. Aproximou-se de seu ouvido esquerdo, como quem está prestes a contar um segredo, e sussurrou:

– Entrante! Entrante, seu danado, as mães e os pais vão ficar furiosos se te pegarem. Se eu fosse você, saía voando daqui agora!

Piscando um dos olhos em cumplicidade, a pequena índia sorriu e bagunçou os fartos cabelos negros e lisos que Arthur jamais tivera. Ele tinha vontade de chorar, pois sentia que havia feito algo muito errado e não gostaria de ser repreendido. Detestou ser chamado de “entrante”, mesmo sem saber o que aquilo significava. *Deve ser gíria para penetra*, pensou. Ao mesmo tempo, sentia um pouco de raiva por se sentir tão vulnerável. Ele não tinha mais cinco anos de idade. Ou tinha? Tudo estava mais confuso do que ele queria admitir. Era como se ele não fosse exatamente ele mesmo, mas preservasse traços de lembrança e identidade. Não tinha certeza, mas achava que era estudante de História e que tinha uma namorada.

Esforçou-se para lembrar do dia anterior, mas tudo era um oceano de mais repleta confusão. Lembrava-se de uma festa, de muitas pessoas bebendo e dançando, lembrava-se de beijar uma moça morena, esguia e bonita (*Julia? Cadê você?*). Mas também lembrava de uma pescaria e da alegria imensa ao sentir que um

peixe enorme tinha fígado seu anzol. Os pais e as mães ficariam orgulhosos, e ele mostraria que não era mais criança.

Subitamente, um homem alto e velho entrou na cabana. Se cada ruga fosse uma página de experiência, aquele índio seria uma enciclopédia. Sua expressão era serena, porém austera. Franzindo as farras sobranceiras, abaixou-se para encarar Arthur que, por sua vez, encolheu-se de medo. *O que temos aqui?*, falou baixinho o pajé. *Acho que você está bem longe de casa, entrante. Como conseguiu se unir ao pequeno Acauã?*, perguntou o velho.

Arthur tremia, sem entender nada. Queria gritar, dizendo que não sabia quem era Acauã, que não tinha feito nada de errado e só queria voltar para a festa. Abriu a boca para argumentar, mas, em vez de dizer o que queria, horrorizou-se ao perceber que alguém falou em seu lugar.

– Desculpa, pai – declarou a voz fina, infantil. – Eu só queria ajudar o moço, ele estava muito triste, então trouxe ele pra gente, ele é legal, é como a gente, o nome dele é Aaar-Tur, posso ficar com ele?

O pajé arregalou os olhos e ficou alguns segundos sem saber o que dizer. Limitou-se então a abraçar o pequeno índio e pediu ternamente, mas com firmeza:

– Acauã, solta! Deixa o moço ir. Agora. Ele não pertence a este lugar.

E o menino, a contragosto, assim o fez.

12. SÃO PAULO, BRASIL, 19 DE JANEIRO DE 2019

Arthur despertou num leito hospitalar, com a sensação de que tinha levado a surra de sua vida. Se pudesse se olhar num espelho, veria que sua impressão era mais do que mera fantasia, já que seu olho esquerdo estava roxo e ele tinha fraturado a mandíbula. Tentou se mover, mas não conseguiu. Percebeu que havia sido totalmente imobilizado, embora não lembrasse por quê. Recordava-se vagamente de um sonho esquisito, mas pouco a pouco os elementos do dia anterior foram retornando à sua memória: a *rave*, as esferas luminosas, o pânico. Tinha a fugidia lembrança de ter se

envolvido numa briga e de estar numa ambulância com Julia chorando ao seu lado, mas ainda estava muito confuso e alimentando a esperança de ter, quiçá, sonhado. Pôs-se a divagar por cinco minutos e tentou chamar alguém, mas sua mandíbula estava travada, e ele mal conseguia balbuciar. Sentiu então que havia mais alguém no quarto. Achou que poderia ser a namorada, mas se enganou.

Ao seu lado, observando-o com atenção, estava um homem de uns quarenta anos, muito alto, de tez morena, aparência indiana e expressão tranquila. Trajava uma roupa branca, o que dava a entender que seria um médico, e transmitia algo de levemente familiar. O homem checou os sinais vitais de Arthur e, sorrindo, perguntou:

– Sente-se melhor? Você dormiu por uma semana. Tente não se esforçar muito.

Dando-se conta da situação do paciente, o homem riu, balançou a cabeça e se pôs a soltar a camisa de força.

– Me perdoe, sei que você não consegue falar, sua mandíbula foi fraturada na briga. Mas não se preocupe, não foi nada grave, em alguns dias você estará pronto pra outra. E desculpe pelas amarras, mas você estava fora de si e poderia se machucar.

Sem saber identificar de onde era aquele sotaque tão neutro, Arthur imaginou que o médico fosse indiano, mas não tanto por conta de sua aparência. Estavam no Brasil, onde é possível encontrar todos os biótipos do planeta. A verdadeira diferença estava no exótico nome no crachá, e se ele fosse mesmo indiano era o estrangeiro com o português mais perfeito e sem sotaque que Arthur já vira. Percebendo que o rapaz mirava sua identificação, Ravi resolveu se apresentar.

– Eu sou o doutor Chandrasekhar, porém prefiro que me chame de Ravi. Não trabalho neste hospital, mas, dadas as condições curiosas do seu caso, pedi ao seu médico, o doutor Arantes, para fazer alguns exames em você. Não sei do quanto você se lembra, rapaz. Lembra de estar numa festa com sua namorada?

Arthur fez que sim com a cabeça.

– Você teve um... Um surto psicótico pouco antes das quatro horas da manhã e agrediu dois rapazes, atirando-os numa piscina. Não, não se preocupe, não aconteceu nada de mais grave. Em seguida, os seguranças o imobilizaram e chamaram a polícia. Eles negam, mas é evidente que bateram em você, mas como sua crise foi acompanhada por um blecaute, não temos testemunhas além de sua namorada. Ao verificarem que você estava fora de si, os policiais chamaram a SAMU. Uma vez que o telefone de seu médico está em sua carteira, tudo foi resolvido. Ninguém prestou queixa, e está muito claro que a única droga em seu organismo era a olanzapina. Importa-se?

Ravi se inclinou sobre Arthur, abrindo com delicadeza seu olho esquerdo. Em seguida, aproximou um esquisito instrumento hospitalar que era concomitantemente lanterna e máquina fotográfica. Disparou três cliques e recolheu o material.

– Creio que isso seja mais do que suficiente – declarou. – Talvez eu precise coletar algumas células de um de seus globos oculares, mas podemos fazer isto quando você estiver recuperado. Nesse ínterim, sugiro que procure descansar. Em três dias, no máximo quatro, você já conseguirá falar sem problemas. Talvez sinta alguma dor, mas administramos em seu corpo um analgésico de grande eficiência. Se precisar falar comigo ou com o doutor Arantes, chame a enfermeira e escreva nossos nomes. Voltarei amanhã.

Estendendo um papel em branco e uma caneta para Arthur, Ravi propôs:

– Se houver alguém a quem você queira avisar que está no Hospital das Clínicas, é só escrever o nome aqui e eu providencio o contato.

Com alguma dificuldade, Arthur escreveu “Julia” na folha de papel. Ravi leu e acenou em compreensão.

– Sua namorada, a menina argentina? Bonita garota, muito inteligente também. Ela sabe que você está aqui, pois o acompanhou na ambulância.

Arthur se sentiu mais culpado do que triste. De fato, era uma questão de tempo até que Julia descobrisse sobre sua doença, mas

era lamentável que o assunto tivesse transbordado daquela forma. Uma coisa é saber que o namorado sofre de esquizofrenia. Outra bem diferente é presenciar a maluquice, ainda por cima de um modo que nem mesmo Arthur imaginava ser possível.

– Em tempo: deixei umas revistas e jornais para sua distração. Sei que você não gosta de ver TV – declarou o doutor Chandrasekhar, saindo do quarto e batendo a porta em seguida.

Mentira não era. Arthur odiava televisão, sempre odiara. Sempre sentia dores de cabeça horrendas só de passar quinze minutos diante de um aparelho de TV. Só não entendia como aquele cara poderia saber disso. Por mais familiar que o indiano lhe parecesse, nada indicava que Arthur e ele já se conhecessem. *Talvez ele tenha conversado com Julia ou com o doutor Arantes*, pensou, sentindo que o sono o assaltava piedoso, levando consigo todo sentimento de culpa e impotência.

Naquela noite, Arthur teve um sonho vívido com uma experiência de muitos anos antes, quando viajou pela primeira e única vez para a cidade de Manaus, capital da Amazônia.

Ao despertar – que pena – não lembrou do sonho.

13. MANAUS, BRASIL, OUTONO DE 2004

Não que fosse a primeira visita de Ravi à capital amazônica, mas era a primeira vez que ele se dispunha a realizar um passeio em excursão e já estava um pouco arrependido. A intermitente conversa das pessoas e o falatório desenfreado constituíam o exato oposto do que ele considerava como a postura correta para a observação das maravilhas da região, e ele queria aprender o máximo que pudesse. Apesar de o projeto de catalogação já ter sido concluído há décadas, Ravi queria se certificar de que não havia outras espécies-chave a considerar. E salvar.

O garoto está no barco, disse-lhe Helena pelos canais seguros. *Já fiz contato visual*, respondeu Ravi. *Vou me aproximar mais e examinar seus olhos*, disse o doutor. *Tome cuidado*, pediu Helena.

Ravi riu, condescendente, diante dos temores da amiga. Ela não perdia essa mania de ver Lionel em todos os lugares. E mesmo

Lion, no final das contas, não era nenhuma grande ameaça. Não para Ravi. Aquela havia de ser mais uma incursão como qualquer outra: conhecer para prevenir.

A biodiversidade amazônica continuava a ser chocante, mesmo para o mais experiente dos cientistas. Ainda que alguém voltasse lá a cada mês, tudo parecia deveras distinto. Até Ravi, que já havia visto de tudo um pouco, continuava a se espantar. A natureza, ali, parecia ter o fôlego redobrado de um artista em pleno surto criativo, mas o que era criado jamais poderia ser definido como simplesmente “belo”. A concepção humana de “beleza” costuma significar ordem e simetria de produtos finais inalteráveis a serem expostos em salas bem climatizadas. Tudo isso era muito pequeno para ser aplicado à louca fúria verde e à sua persistência incansável, mutante, quente. Ali o homem era apenas tolerado, jamais acolhido. Um passo em falso e a floresta tudo devoraria, sem piedade ou consideração.

Era junho de 2004, período das cheias nos rios amazônicos, e Ravi não pôde deixar de perceber como tudo ficava diferente a ponto de o lugar parecer tão distinto do que ele já havia visitado em outubro do ano anterior, na fase seca. Havia um biólogo presente no barco, um homem alto e corpulento de nome Matias, esforçando-se consideravelmente para se fazer ouvir, mas parecia falar para o vento e o rio. Enquanto falava, os passageiros se ocupavam em tirar desenquadradas e desinteressantes fotos de si mesmos, que depois seriam vistas por ninguém e esquecidas nos obscuros álbuns digitais das redes sociais.

Contrastando com a falta de interesse geral, havia um menino de aparentemente oito ou nove anos e aspecto frágil que parecia maravilhado com o fato de, num determinado ponto do rio, as águas se dividirem em duas colorações bem distintas. De um lado, o rio era negro como a noite. Do outro, esverdeado como o mar. Tais rios, em vez de se misturarem no momento do encontro das águas, mantinham suas colorações, como que divididos por um campo de força invisível. O menino ainda não sabia, mas esse campo de força tinha nome: densidade. Ravi observava o garoto, que observava os rios, os quais – existindo há milhões de anos – já

havam recebido infinitos olhares sobre si, e nem todos nas variadas épocas pareceram se interessar por um fenômeno tão evidente. *Por que as águas não se misturam? Parece que tem uma barreira invisível ali!*, observou o menino, mas o biólogo sequer ouviu sua pergunta e continuou a tentar – aos brados – dar sua aula sobre os peixes da região.

Ravi, contudo, ouviu a criança. Afinal, em parte estava ali por ela. Sorrindo, explicou que havia uma diferença de densidade (*“assim como ocorre entre óleo e água”*, explicou), e também uma diferença de velocidade e composição química. Nesse ponto, Matias o ouviu e pareceu apreciar o fato de que ao menos alguém estava interessado na exposição. Apresentando dois baldes com o conteúdo dos dois rios, o biólogo se aproximou do garoto.

– Qual o seu nome, menino?

– Arthurzinho – respondeu timidamente, baixando o olhar.

– Pois bem, Arthurzinho. Que tal colocar cada mão num balde diferente e contar pra gente o que você percebe?

– A água de um balde é mais fria que a outra! – exclamou o garoto, fascinado, ao constatar mais uma diferença além da cor.

Ravi sorriu, apreciando o encanto infantil, e perguntou a Matias sobre os peixes: passariam eles de um rio para outro? Não que não soubesse a resposta, mas gostava da ideia de oferecer um gancho para o biólogo, e isso pareceu despertar as outras pessoas da hipnose narcísica das fotos intermináveis. Matias gostou da pergunta de Ravi e, sorrindo com franqueza, abriu um isopor de onde retirou dois peixes idênticos.

– Estes peixes parecem iguais e têm o mesmo nome: cascudo. Os índios da tribo tukano o chamam *“yaka”*. Entretanto, pertencem a espécies distintas, e cada um vive em águas diferentes. Há o cascudo do Rio Negro e o cascudo do Rio Amazonas. Eles não são o mesmo tipo de peixe, apenas parecem ser – explicou Matias, enquanto os passageiros irrompiam num novo surto fotográfico descontrolado. – Os peixes de cada rio não vão para o outro rio, nunca passam pela barreira invisível. Não parece estranho que possam existir peixes aparentemente idênticos, mas que na

verdade são de espécies diferentes, oriundos de linhagens genéticas distintas? – perguntou o biólogo.

Ravi Chandrasekhar sorriu. Não, ele não achava nada estranho. Estava acostumado com águas diferentes, barreiras invisíveis e seres que parecem da mesma espécie, mas não são. Diferente dos cascudos, entretanto, Ravi achava divertido nadar de um rio para outro ao seu bel-prazer.



Algumas horas depois, Helena entrou em contato mais uma vez.

– E então, confere? – perguntou.

– Perfeitamente – respondeu Ravi. – O nosso contato no Hospital das Clínicas em São Paulo tinha razão. O menino tem os olhos repletos de criptocromo. Sem dúvida, é... como a Areté gosta de chamar, um Eleito.

– O que fazemos? Recrutamos? – questionou Helena.

– Honestamente, não vejo necessidade. Pelo menos, não ainda – respondeu Ravi. – O garoto tem família, seus surtos são episódicos. Ninguém do círculo íntimo dele sofreu acidentes vasculares cerebrais, ele não parece oferecer ameaça nem para si nem para os outros.

– Não custa ficar de olho... – replicou Helena. – Já vimos casos que começam leves e ficam mais fortes com o passar dos anos.

– Sem dúvida, minha cara, sem dúvida – concordou Ravi. – Acho que vai ser difícil encontrarmos algum com o nível de poder... e ameaça... de Lionel. Mas seguimos buscando, e eu vou monitorar o pequeno Arthur bem de perto, principalmente nos períodos de maior atividade solar. Diante do primeiro sinal de atividade paranormal perigosa, se algum parente dele sofrer um AVC, transferimos o garoto.

14. SÃO PAULO, BRASIL, 25 DE JANEIRO DE 2019

– Serei direto: você não é esquizofrênico.

Ravi abriu sua pasta e dela retirou o que parecia ser um longo relatório encadernado em língua inglesa, em seguida entregando o texto a Arthur. Na capa do material, lia-se *Electromagnetic Hypersensitivity*, um compêndio assinado por cientistas de várias nacionalidades. Pelo que se podia compreender na introdução do extenso documento, um grupo de pesquisadores havia se reunido em Praga no ano de 2004, num congresso específico sobre pessoas com uma doença associada a campos eletromagnéticos. Arthur se pôs a folhear o material com curiosidade, tendo a oportunidade de ver alguns gráficos e detalhamentos. Mas, ainda que se esforçasse, não entendia o que tudo aquilo tinha a ver com ele e com o fato de o doutor Ravi Chandrasekhar ter demonstrado tanto interesse em interferir em sua internação. Antes que pudesse questionar qualquer coisa, o médico disparou:

– Onze anos atrás, após muitos estudos, a Organização Mundial de Saúde classificou e descreveu uma condição chamada “hipersensibilidade eletromagnética”, ou “HEM”. Trata-se de algo extremamente raro que se manifesta como intolerância a várias formas de eletromagnetismo artificial. Os portadores dessa condição, chamados de “HEM-positivos”, passam mal quando se aproximam de aparelhos eletrônicos. Os efeitos podem ser suaves, como numa simples alergia. Ou extremos, como no seu caso, em que ocorrem surtos psiquiátricos como consequência. Mas há uma diferença entre ser estruturalmente esquizofrênico e ter um surto psicótico induzido. Compreende o que digo?

A pergunta foi apenas retórica, pois, sem parecer ter a menor disposição para ser interrompido, Ravi resolveu partir para a exemplificação mais brutal. Apertou um botão num pequeno cubo preto sobre a mesa e, em menos de cinco segundos, Arthur começou a ouvir um zumbido agudo e intermitente, além de sentir náuseas e coceira.

– O que é isso? Como você fez isso? – perguntou Arthur, que até então se sentia muito bem.

– Eu apenas liguei o *wi-fi* da sala – declarou Ravi sorrindo, para em seguida desligar o aparelho, permitindo que Arthur voltasse ao normal. – Nem é preciso dizer que se um pequeno brinquedo faz

isso com você, imagine o quanto viver numa grande cidade lhe pode ser infernal.

Nesse ponto, Ravi fez uma pausa e pareceu se distrair por longos segundos, como se estivesse pensando sobre o que dizer em seguida. Então abriu uma caixa de comprimidos, atirando-os todos ao lixo. *Diga adeus à olanzapina*, anunciou. Olhando fixamente para Arthur com aquela expressão calma de quem tem muita certeza do que diz, o doutor deu prosseguimento à sua tarde de revelações.

– Você não é esquizofrênico, Arthur, você não precisa dessa droga. Você é HEM-positivo desde que nasceu. O fato de nenhum médico ter diagnosticado isso não demonstra irresponsabilidade nem incompetência. Hipersensibilidade eletromagnética é uma condição tão, mas tão rara, que sequer chega a ser mencionada. São poucos que a estudam e muitos ainda a contestam. Eu, por exemplo, faço parte do time dos poucos. Sou especialista em casos como o seu. E, creio, posso ajudá-lo a lidar com isso.

A descrição de Ravi fez soar uma lembrança remota na mente de Arthur. Ele lera, muitos anos atrás, sobre uma figura pública que sofria de algo parecido. Em momento algum, contudo, sequer pensou que aquele poderia ser o seu caso. Comentou sobre isso com Ravi, que aquiesceu e continuou, sorrindo:

– Você deve estar se referindo ao DJ britânico Steve Miller, mais conhecido por seu nome artístico: “Afterlife”. Exato! Ele não foi meu paciente, mas estou familiarizado com o caso. Tenho um artigo com citações de Miller por aqui, vejamos... Aqui está: “*Se eu vou a algum lugar e sinto o wi-fi, preciso sair correndo*”, relatou Miller. E a coisa não para por aí, Arthur. Escute que interessante este outro depoimento dele: “*Eu não posso morar a cinquenta jardas de ninguém. Eu não poderia suportar isso, me sentindo mal em minha própria casa*”.

Nesse ponto, Ravi suspendeu o olhar, encarando um ainda incrédulo Arthur.

– O que Miller relata lhe parece familiar de algum modo? – perguntou.

Arthur respondeu que sim. Sim, fazia algum sentido. E tudo isso explicava o fato de que ele se sentia melhor na Cidade

Universitária, rodeado por um campo verde, e de por que não suportava São Paulo. Explicava o fato de ter qualidade de vida em sua infância na Ilha de Itaparica, com pouquíssimos aparelhos eletrônicos em torno, e justificava seu primeiro surto ao visitar Salvador. A ideia o fez rir. Seria ele de fato alérgico a ondas eletromagnéticas, assim como algumas pessoas quase morrem se comerem amendoim? Ainda assim, algumas coisas não faziam sentido. As ondas eletromagnéticas artificiais estavam em todo canto. Mesmo num lugar verdejante como a Cidade Universitária, havia ondas eletromagnéticas. Quase se perdeu em seus pensamentos, quando foi interrompido por Ravi, que parecia determinado a lhe dar não um simples diagnóstico, mas uma aula inteira.

– A busca pelo sexto sentido magnético é algo que fascina os cientistas há dezenas de anos, Arthur. Sabemos, por exemplo, que um tipo de peixe conhecido pelo nome de “truta arco-íris” carrega em seu corpo uma série de feixes compostos por partículas de magnetita. A magnetita presente nesse peixe é sensível à passagem de íons pela membrana celular e transporta a informação para o cérebro. Desse modo, é comprovado que tais peixes possuem um sexto sentido poderoso e são capazes de se orientar pelo campo magnético da Terra. E não se trata de nada “espiritual”, veja bem. Estamos falando de um sexto sentido de natureza física.

Arthur ouviu tudo fascinado, mas ainda hesitante diante de algo que lhe parecia tão incrível e pseudocientífico. Já tinha ouvido falar do sentido magnético de alguns peixes, aves e mamíferos aquáticos, mas jamais soube que tal coisa poderia ocorrer em seres humanos.

– Você está querendo dizer que meu organismo tem algo dessa truta arco-íris? Tenho ímãs debaixo da pele? – perguntou Arthur, achando graça na ideia.

– Não, na verdade o seu caso é um pouco mais fascinante e complexo, e provavelmente nada tem a ver com magnetita. Citei a truta apenas por ser algo conhecido e divulgado – respondeu Ravi, sorrindo. – O seu caso é muito mais interessante, cientificamente falando. Envolve efeitos quânticos, meu caro.

Diante do olhar cético de Arthur, Ravi ligou um pequeno e sofisticado projetor holográfico. Não chegava a ser um instrumental magnífico como os que ele já vira anunciados custando os olhos da cara. Mas, ainda assim, era um brinquedinho invejável, apesar de ultrapassado em decorrência do advento das lentes de contato de ampliação da realidade, estas sim cada vez mais sofisticadas. Imediatamente, Arthur começou a ouvir um zumbido. Se o que ele estava ouvindo procedia, o incômodo devia estar sendo causado pelo acionar do aparelho. Mas era bem suportável. Diante de ambos, surgiu a representação ampliada de uma molécula em 3D. *Isto se chama criptocromo*, anunciou Ravi. Após uma breve pausa, o doutor passou a falar com indisfarçada excitação.

– Fique à vontade para me interromper se não entender alguma coisa, sim? O criptocromo é uma proteína presente na retina dos olhos de vários animais. Algumas espécies de aves a possuem, e há alguns anos sabemos que os humanos também. Os elétrons de uma molécula estável de criptocromo orbitam sempre como pares, com seus spins alinhados em direções opostas.

– Spins? – perguntou Arthur.

– Sim, spins. Do mesmo modo que um ímã possui um polo norte e um polo sul, os spins são os equivalentes quânticos desses polos numa molécula. A molécula de criptocromo possui vários elétrons, e todos eles se alinham aos pares, em direções opostas. Como ímãs quânticos. Mas, na presença de luz natural, quando um fóton atinge a molécula, tudo muda.

O projetor holográfico mostrou uma pequena partícula luminosa – o fóton – atingindo a representação ampliada do criptocromo. Os elétrons presentes na molécula pareceram sair do alinhamento, assumindo uma conformação caótica. Ravi continuou sua explanação:

– Quando a luz solar atinge seus olhos, os elétrons do criptocromo presente na retina assumem dois estados: paralelo e antiparalelo. Só que, se você olha para o norte, os elétrons ficam mais tempo em antiparalelo e paulatinamente retornam à estabilidade. Em compensação, se você se desvia do norte, os elétrons ficam mais tempo em paralelo e, em decorrência disso, um

dos elétrons pode escapar do criptocromo. Por conta dessa reação química, você detecta as alterações magnéticas do planeta. Entendeu? A luz solar ativa um sexto sentido magnético em você.

Arthur se sentia confuso, mas não podia deixar de pensar que Julia adoraria aquela conversa.

– Um minuto, um minuto, vamos ver se eu entendi, é muito pra minha cabeça – interrompeu. – Você está dizendo que eu consigo saber onde está o norte só de olhar? Sem bússola? Por causa de uma reação química que ocorre quando a luz solar incide nos meus olhos?

– Isso mesmo, meu caro – disse Ravi, sorrindo. – Uma explicação perfeitamente física para o seu sexto sentido, e eu não estou dizendo nada de novo. Um cientista chamado Robin Baker, da Universidade de Manchester, na Inglaterra, insiste nesse ponto desde os anos 1980 do século passado, mas poucos consideram importante esse conhecimento, por não verem aplicação prática para ele. Recentemente, nos Estados Unidos, um grupo de cientistas liderado por Steven Reppert demonstrou que o criptocromo presente nos olhos humanos desempenha a mesma função de sentido eletromagnético da espécie de mosca conhecida como *Drosophila melanogaster*. Há, é claro, muitas coisas que a ciência atual não sabe e ainda investiga. Por exemplo: por que apenas a luz natural ativa esse sexto sentido, mas não a luz artificial? Por que a fraca luz das estrelas parece ter ação mais poderosa do que a solar no caso dos HEM-positivos? E o principal: por que apenas algumas pessoas apresentam essa capacidade tão comum em algumas espécies de aves e insetos? Qual a função dessa capacidade no processo evolutivo humano e por que ela se manifesta agora como exceção?

Arthur, entretanto, não se dava por convencido. Algumas coisas não batiam. Explicou mais uma vez a Ravi que, ao contrário do que estava sendo dito, o que ele sentia era uma aguda desorientação que o fazia se perder até no mais simples dos bairros. Certa feita, tão logo chegara a São Paulo, Arthur se perdeu num trajeto ridículo entre a casa de um amigo e a padaria da esquina. Ao perceber que a desorientação diminuía no campus da USP, resolvera se mudar

para lá e de lá não mais sair. Ainda por cima, era comum que Arthur acidentalmente colidisse com paredes. Ravi ouviu a tudo com atenção, e continuou:

– Você não me deixou terminar. As modificações no spin são sensíveis não apenas a campos geomagnéticos naturais. A sensibilidade ocorre também em relação a campos artificiais, Arthur. Já se sabe que ondas de rádio desorganizam as bússolas internas das aves, assim como explosões solares afetam o senso de orientação de golfinhos e baleias. Ao que tudo indica, a sua hipersensibilidade eletromagnética é muito mais desenvolvida do que a das aves e dos cetáceos, e isso tem efeitos colaterais também. Se por um lado você é muito mais sintonizado com o campo magnético do planeta, por outro você é hipersensível aos campos energéticos artificiais criados no contexto das grandes cidades. E esses campos, como as ondas de rádio ou as transmissões de celulares, tudo isso lhe causa dor, destrói seu senso de orientação e afeta a sua cognição.

A despeito de aquele discurso parecer deveras bizarro, tinha lógica. E era cientificamente referendado, o que fazia tudo parecer mais estranho ainda. Arthur folheava o documento de Praga entre pasmo e eufórico. Cientistas estudavam o caso fazia anos e, ao que tudo indicava, havia outros como ele. Diversas pessoas que pensavam ser loucas ou estar ficando loucas, mas que possuíam esse sentido magnético pronunciado. Ravi pareceu adivinhar seus pensamentos e interrompeu o silêncio:

– Há dezenas de anos que sabemos que os seres humanos possuem um sentido magnético. Só não se sabia que existem pessoas que, como você, possuem esse sentido tão pronunciado. As taxas de criptocromo em seus olhos são altíssimas, muito maiores do que em outras pessoas. O que, convenhamos, não é nada de tão absurdo assim. Algumas pessoas tem audição acurada, outras tem excelente visão. No seu caso, você tem hipersensibilidade eletromagnética, ou “HEM”.

Ao concluir, Ravi retirou de uma caixa acolchoada uns óculos de aspecto exótico, que Arthur considerou bonitos. Lembraram a ele algo que esteve na moda em algum momento do passado, no

século XX. Tinham uma tonalidade cor de café, e pareciam feitos de um vidro resistente. Eram bem leves, apesar do aspecto robusto.

– Nós temos muito a conversar, Arthur. Mas, até lá, quero que você suspenda a olanzapina e passe a usar estes óculos especiais que mandei fazer para pacientes como você – declarou Ravi. – Sei que você não usa *googleyes*. De todo modo, a tecnologia dos óculos bloqueadores ainda não foi ajustada para eles, e eu não confiaria em nada tão pequeno que você pudesse perder e ter dificuldade de encontrar enquanto anda pelas ruas.

Arthur experimentou o presente e constatou que eles atuavam como os antigos óculos escuros, mas o design fazia com que todo o corpo dos óculos se colasse à pele, não deixando brecha alguma. *Para não permitir nenhuma passagem de luz natural*, comentou Ravi. Notou também que as cores das coisas pareciam diferentes quando vistas a partir daquele instrumento.

– Como você pode verificar, não são óculos escuros simples – explicou Ravi. – Eles não apenas protegem seus olhos da luz solar e estelar, como filtram toda a cor azul. O motivo tem a ver com tudo o que expliquei. Acontece que as moléculas de criptocromo em seus olhos são afetadas por uma frequência bem específica do espectro luminoso. Os óculos que você está usando impedem a passagem da cor azul. Como resultado, você descobrirá que fica daltônico quando os usa. Tudo o que for azul será visto como preto. Coisas verdes serão vistas numa tonalidade amarelada. A princípio você vai achar estranho um céu preto e árvores com tons sempre outonais, mas vai gostar do fato de poder ter uma vida normal. A única coisa esquisita é ter de usar os óculos à noite, caso saia de casa. A luz estelar excita o seu sentido eletromagnético com muito mais intensidade do que a solar. Apesar de distantes, as estrelas enviam incontáveis fótons alienígenas em nossa direção. Somados, esses diferentes fótons de tantas origens estelares distintas podem ser mais estimulantes... e perigosos... do que o próprio Sol. Tudo o que tenho para oferecer no momento são esses óculos. Pelo menos são charmosos – brincou Ravi.

– São mesmo, ainda mais agora que ninguém os usa, já que todos podem ter *googleyes* com filtro UV autoajustável. Bem, achei

cult, curti. – comentou Arthur.

O estudante de História se empolgou bastante com a possibilidade de ter uma vida sem surtos e sem dependência de drogas psiquiátricas. Se tudo se resumisse a usar óculos especiais, mal podia acreditar que sofrera tanto por conta de algo que tinha tão simples e charmosa solução. Mais uma vez parecendo adivinhar seus pensamentos, Ravi continuou:

– Mas veja bem, Arthur: esses óculos atuam como um paliativo, o que não pode ser confundido com “cura”. Não há cura, até porque não concordo que você tenha uma “doença”. Sem querer ser eufemístico, eu diria que seu caso é melhor definido como uma “condição”.

– Não compreendo a diferença. O que importa o nome que se dê a este inferno? – rebateu Arthur.

– Você já parou para pensar que o problema não é a sua sensibilidade, mas a sociedade em que vive? Que o erro não está em seu corpo, e sim nas cidades extremamente poluídas em diversos sentidos? São Paulo é poluída não apenas quimicamente, com seu ar carregado de chumbo. E nem preciso citar a poluição sonora. Há também a poluição eletromagnética, Arthur. Ela é subestimada, mas adocece muita gente. A diferença é que você sabe que isso ocorre. Você sente nos ossos. A luz solar e estelar ativa seu sentido magnético e, bem... você não vive num lugar onde é desejável possuir esse sentido, compreende? Poluição demais. Se não temos como “curar” sua condição, é possível mudar de cidade.

Arthur refletiu por alguns segundos, constatando que tudo aquilo fazia muito sentido. Nunca gostara de viver numa cidade grande e, de fato, apreciava a ideia de se transferir para uma zona rural. Havia, contudo, dois problemas. Primeiro: ele gostava de estudar, e não conseguia imaginar que um lugar como a Chapada Diamantina, por exemplo, pudesse satisfazer sua ânsia de pesquisa intelectual. Em segundo lugar, havia também a questão de como se manter num lugar assim. Há tempos que tinha rompido com sua família e vivia na Cidade Universitária como bolsista, tendo diversos compromissos a cumprir no que concernia à produção intelectual. Nesse ponto, Ravi recomeçou a falar e lançou sua isca:

– Caso um dia queira se mudar, há um lugar que, acredito, seria do seu apreço. Trata-se de uma comunidade que existe há um bom tempo e tem se revelado uma experiência funcional e feliz. Não há nada que emita eletromagnetismo nesse lugar, nem em qualquer lugar a muitos quilômetros de distância, e os habitantes precisam reaprender a viver sem muitas das ditas comodidades modernas. Ao contrário do que você pode temer, o lugar é intelectualmente estimulante. Temos vastas bibliotecas, escolas e grupos de estudo. Talvez você possa vir a se tornar a pessoa que está destinado a ser, vivendo nesse lugar. Lá vivem pouco mais de trezentas pessoas. A maioria também sofria de problemas decorrentes da hipersensibilidade eletromagnética.

– O que você quer dizer com eu me tornar quem estou destinado a ser? Você me desculpe a sinceridade, mas já ouvi muito dessa conversa “nova era”, e não gosto nada de comunidades religiosas – replicou Arthur.

– É você quem está supondo que o grupo seja religioso. Eu não disse isso. Nosso grupo é totalmente laico, todos estão livres para crer no que quiserem. E para não crer também. Sobre “tornar-se o que se é”... Bem... Acredito sinceramente que você passou a vida inteira se contendo, passando por restrições desnecessárias em decorrência de seus sofrimentos. Veja o tanto que você conquistou, mesmo com suas dores. Agora imagine o que conseguiria sem a dor.

Ravi entregou a Arthur um envelope pardo repleto de fotos e com um livreto intitulado “Vila Muhipu”.

– De todo modo, não se preocupe com isso agora. Eu não fiz um convite formal, apenas disse que há alternativas, e não quero de forma alguma soar como um vendedor ou como um recrutador mórmon. Prefiro que você veja as fotos do lugar e leia sobre o experimento comunitário. Podemos voltar a esse assunto em outra ocasião, se você quiser.

Arthur agradeceu, um pouco constrangido por ter sido rude com quem estava apenas sendo gentil. Apertou a mão de Ravi e, antes de sair da sala, questionou:

– Qual a sua especialidade médica, afinal? Psiquiatria?

Ravi sorriu e fez que não com a cabeça.

– Sequer sou médico!

Arthur ficou ainda mais confuso.

– Não? Mas você não é um doutor?

– Eu sou doutor porque tenho onze doutorados, meu caro. Um deles, em Astrobiologia.



Dez minutos depois da saída de Arthur, o doutor Ravi Chandrasekhar enviou um e-mail para um professor de Astronomia da *University College London*. Expressou-se sem meandros na mensagem, afinal não era preciso se justificar para ninguém da Areté. Escreveu: *Prezado professor Butterworth, há uma estudante de Astronomia muito promissora na Universidade de São Paulo. Seu nome é Julia Rivera. Solicito uma bolsa de estudos integral para essa jovem. E uma ajuda de custo que torne irrecusável a proposta. Providenciaremos sua transferência para, no máximo, duas semanas, e a passagem será custeada pelos recursos da A. Grato, R.C.*

– Você está recrutando Julia? Por quê? – inquiriu Helena, pelos canais alternativos.

– Não a estou recrutando. A estou removendo da equação e dando a ela a chance profissional que merece. Como vocês dizem? “Dois coelhos com uma só cajadada”. Na verdade, três coelhos. Estou recrutando Arthur. Ele se tornou perigoso. Não matou ninguém, mas queimou todos os aparelhos eletrônicos numa festa, você viu.

– E a família dele? A regra da Areté envolve selecionar órfãos ainda muito jovens. Adultos, só em último caso. Ainda mais adultos com família.

– Arthur se encaixa bem nesse “último caso”. Recrutamos Lionel já bem crescido, não é mesmo? Recrutamos órfãos *ou* adultos perigosos. Arthur não me parece perigoso como Lionel, mas pode causar muito dano involuntário caso seu sistema imunológico comece a reagir contra a tecnologia. Admito que ele causa algumas

perturbações... até em mim. Definitivamente, Arthur precisa vir conosco.

– E ele vai topiar?

Ravi sorriu, com a certeza de quem vislumbrava múltiplos cenários ao mesmo tempo.

– Sim, ele vai.

15. SÃO PAULO, BRASIL, 27 DE JANEIRO DE 2019

Decorridos vários dias desde sua internação no Hospital das Clínicas, Arthur já tinha recebido a visita de alguns de seus melhores amigos. Nenhum deles, entretanto, era Julia. E tampouco sabiam dela. Para Arthur, a ausência servia para constatar que sua namorada havia reagido mal a todo o ocorrido. Ainda que a compreendesse, não podia evitar de se sentir magoado. Se ela o largava de mão diante do primeiro problema, não era a garota que Arthur imaginava.

Deu-se conta de que não tinha como ligar para a namorada mesmo que quisesse, uma vez que nunca fora afeito a celulares nem sabia o número dela. Poderia, evidentemente, pegar o número de Julia com Marco ou Danilo, mas não viu razões para fazê-lo. Sentia mais vergonha que raiva diante de tudo aquilo, já que havia escondido um aspecto importante de sua vida.

Para se distrair naqueles dias que se arrastavam, Arthur se pôs a ler o material fornecido pelo doutor Chandrasekhar sobre a Vila Muhipu. "*Muhipu significa Sol, num idioma indígena*", esclarecia o texto. As fotos do lugar eram muito bonitas, e revelavam uma imensa área verde repleta de casas cujo estilo arquitetônico ele não sabia identificar com precisão. A ele, lembrava algo que já tinha visto por fotos da ilha de Santorini, na Grécia: uma vastidão de lindas casas brancas com cúpulas azuis. Havia, contudo, painéis de captação de energia solar cujos formatos eram, para dizer o mínimo, exóticos. Pareciam ramificações sem simetria aparente, como galhos de árvores. A maioria das casas era térrea, mas algumas chegavam a ter dois ou três andares. O detalhe que mais

Ihe chamava a atenção era a existência de algumas interligações térreas e superiores entre as casas.

Nas fotos, havia pessoas cujo biótipo revelava diferentes origens e, de fato, o descritivo se referia à Vila Muhipu como um santuário para indivíduos de todos os países, sem distinção, embora a maioria fosse oriunda de nações da América do Sul, com alguns poucos europeus e norte-americanos. O único ponto em comum entre todos os residentes consistia no fato de sofrerem, sem exceção, de hipersensibilidade eletromagnética em variados graus. Arthur notou, com alguma estranheza, que havia mais adolescentes do que adultos. Numa das fotos, Ravi Chandrasekhar aparecia rodeado por crianças indígenas, todos sorridentes como num comercial de margarina.

De acordo com o documento, a Vila Muhipu era localizada num local protegido do Hemisfério Sul, mas não revelava onde. Logo no início, a comunidade era descrita como sendo *“uma iniciativa não governamental e suprapartidária, com o objetivo de realizar um experimento social reunindo indivíduos portadores de altas habilidades”*. Havia um descritivo pormenorizado das regras a serem seguidas por quem aceitasse lá viver, e a Arthur parecia tudo bastante esquisito – o que, no final das contas, servia apenas para deixá-lo mais curioso.

O indivíduo que aceita morar na Vila Muhipu compreende a importância da discricção no que tange à comunidade. Ainda que tenha ciência de estar no Hemisfério Sul do planeta, não poderá conceber sua exata localização.

Voltando algumas páginas e olhando as fotografias com mais atenção, tentou identificar alguma pista sobre a região da comunidade a partir de suas árvores. Não era nenhum profundo conhecedor de botânica, mas tinha discernimento suficiente para saber que, de fato, tratava-se de um ambiente tropical. *Deve ser quente por lá*, ponderou.

Continuando a ler, Arthur se deparou com a parte que considerou mais bizarra de todo o material: a descrição de uma tal “regra categórica” que limitava a liberdade de ir e vir

exclusivamente ao período diurno, por nada menos que sete anos. Assim dizia o documento:

O indivíduo que aceita morar na Vila Muhipu está ciente do impreterível toque de recolher soado antes do anoitecer, aceita que esse procedimento faz parte de seu tratamento e concorda com essa condição. Ao soar o toque final, todos os moradores deverão entrar em suas casas e lá permanecer, até a aurora do outro dia. A fim de garantir a obediência a essa regra, membros de uma tribo indígena guardarão toda a Vila Muhipu. Os moradores só poderão sair de suas casas à noite em decorrência de eventuais problemas de saúde e serão escoltados por um representante indígena até o centro tecnológico localizado a 100 quilômetros da cidade – distância suficiente para que as máquinas existentes não agridam os portadores de hipersensibilidade eletromagnética. Gradualmente, cada indivíduo será avaliado e talvez liberado para ir e vir sem restrições de horário.

Arthur buscou, ao longo do texto, alguma explicação minimamente razoável para tão estranha regra, mas não encontrou nada. *Que loucura! Isso só pode ser algum tipo de pegadinha!*, imaginou. Pôs-se a rir ao pensar que alguém em sã consciência toparia viver nessas condições, sem nenhum argumento racional para tão inusitada privação da liberdade. As loucuras do documento serviram, entretanto, para fisgar sua curiosidade. Resolveu que, num momento apropriado, conversaria com Ravi sobre tudo isso.

Ao pesquisar sobre hipersensibilidade eletromagnética na internet – aproveitando que seus novos óculos pareciam, de fato, protegê-lo da dor que sentia ao se aproximar de computadores – Arthur constatou a existência de pelo menos uma comunidade bastante conhecida, localizada nos Estados Unidos. Havia a *United States National Radio Quiet Zone*, uma área de trinta e quatro mil quilômetros quadrados na região da Virginia, assim escolhida em decorrência de sua topografia montanhosa, capaz de bloquear transmissões eletromagnéticas. A Comissão Federal de Comunicações dos Estados Unidos estabeleceu essa zona em 1958, a fim de proteger os radiotelescópios da interferência prejudicial. Em decorrência das peculiaridades da área, a região vinha atraindo

o interesse de supostos portadores de hipersensibilidade eletromagnética, que se transferiam para lá em busca de melhor qualidade de vida.

Entretanto, a comunidade descrita por Ravi não podia ser, de forma nenhuma, nos Estados Unidos. A vegetação simplesmente não batia. Além disso, Ravi havia lhe garantido que Muhipu se localizava no Hemisfério Sul. Arthur não podia ter certeza, mas as fotos lhe lembravam bastante a região amazônica.

O que mais despertava o interesse de Arthur não eram só as regras malucas impostas aos moradores de tal comunidade. O que o fascinava de verdade era a total ausência de referência no que tange a punições contra quem eventualmente quebrasse as regras. O que aconteceria com quem ousasse sair à noite? O mais provável é que a pessoa fosse expulsa da tal Vila Muhipu.

Ou haveria algo mais?

Não foi preciso muito. Naquele exato momento, nasceu em Arthur o projeto inteiro de uma ousada tese de doutorado em Sociologia. Doutorados diretos não eram comuns no curso de Ciências Humanas. Normalmente, seria preciso cursar antes um mestrado. Todavia, com uma tese certa e original, não eram nada impossíveis, e o estudo de utopias sociais estava bem na moda.

Estava na hora de tirar algumas dúvidas com o doutor Chandrasekhar.

16. SÃO PAULO, BRASIL, 10 DE MARÇO DE 2019

– Eu topo.

E foi assim, de forma curta e objetiva, que Arthur declarou a Ravi seu interesse em ser transferido para a tal comunidade esquisita chamada Vila Muhipu. Sem demonstrar nenhum espanto, o cientista se limitou a continuar regando as plantas em seu escritório.

– Você tem certeza? Compreendeu tudo o que está escrito no documento? Não tem pergunta nenhuma para me fazer? Não há nada que o incomode?

– Na verdade, tenho cinco perguntas – respondeu Arthur.

– E o que está esperando? Faça-as!

Arthur não pôde deixar de notar que Ravi parecia estar se divertindo. Provavelmente não era a primeira nem seria a última vez que o tal doutor em Astrobiologia teria aquele tipo de conversa.

– Qual grupo não governamental viabilizou essa comunidade? Com quem eu vou morar? Por que eu não posso sair à noite? O que acontece se eu sair? E se eu quiser voltar para São Paulo?

– Ah, as “clássicas cinco”! – observou Ravi, sorrindo. – Quase todos fazem essas mesmas cinco perguntas.

– Bem, não é problema nenhum pra mim ser encaixado na categoria “previsível” – replicou Arthur, com indisfarçada irritação. – Convenhamos que o próprio documento sobre a tal Vila Muhipu induz qualquer pessoa com um mínimo de inteligência a levantar essas exatas cinco questões. Alguém por acaso já topou ir para lá sem fazê-las?

– Para ser bem sincero, já. Mais do que você imagina... – comentou Ravi, parecendo distraído. – Mas eu não me importo em responder com a mesma objetividade com que você perguntou. Sua primeira questão é sobre quem viabilizou Muhipu. Como eu disse, somos uma organização não governamental. Nosso nome é Areté. Ela é composta por estudiosos das mais diferentes áreas e dos mais distintos países, pessoas generosas o suficiente para garantir não apenas os recursos, como também a logística da comunidade. Não adianta pesquisar sobre nossa organização, pois somos muito discretos, e você não encontrará nada sobre ela na internet. Adianta, todavia, que nosso maior interesse é a preservação ambiental e a viabilização de experimentos sociais capazes de disponibilizar um estilo de vida alternativo. Sua segunda pergunta se refere a com quem você morará. Bem, nós favorecemos um estilo de vida comunitário, de modo que – pelo menos no começo – você morará com mais duas pessoas dispostas a ajudá-lo no processo de adaptação ao lugar. Serão seus tutores. Eles têm pelo menos cinco anos de experiência na Vila Muhipu e ajudarão você em tudo o que for preciso. Em geral, fazemos um revezamento de moradores numa mesma casa, combinações variadas de três em três, até chegarmos ao trio mais funcional.

– São outros rapazes?

– Não necessariamente. Não gostamos de sexismos na comunidade, e não vemos razão alguma para impedir que um de seus tutores, ou ambos, sejam do sexo oposto. Algum problema quanto a isso?

– Nenhum. Se forem meninas bonitas, melhor ainda.

Ravi sorriu, complacente.

– Pois bem, vamos então às suas outras três perguntas. Sobre o interdito no que diz respeito a sair à noite: lembra que eu expliquei sobre o efeito mais intenso dos fótons estelares sobre os sentidos dos HEM-positivos? Pois bem, numa comunidade sem interferência eletromagnética artificial, a intensidade do seu sexto sentido pode ser bastante perigosa. Note que os seus surtos de captação de transmissões eletrônicas são maiores à noite. Não podemos arriscar que nem você nem ninguém sofra uma sobrecarga psíquica decorrente da absorção de luz estelar num contexto tão poderoso quanto Muhipu, onde quase trezentos indivíduos possuem essas mesmas capacidades e seriam afetados psicologicamente. Caso resolva de fato ir para a comunidade, você precisará ter paciência. Pouco a pouco, medicamentos feitos com chás regionais permitirão que você saia à noite.

– E por que simplesmente não usamos os óculos bloqueadores para sair à noite? – inquiriu Arthur.

– Porque isso não é tratamento, é paliativo. A proposta é que você possa viver sem eles – respondeu Ravi. – Após cinco anos, se quiser seguir carreira em Muhipu, você se tornará mais um tutor. Após outros dois anos, você pode ser efetivamente considerado um dos governadores da Vila Muhipu. Até lá, o efeito gradual dos chás terá equilibrado sua hipersensibilidade e você já poderá sair à noite.

– Um dos governadores? – interrompeu Arthur.

– Sim. A estrutura política da comunidade não prevê lideranças únicas, mas um corpo parlamentar em que quase todos os habitantes com mais de sete anos na vila são considerados governadores. Funciona muito bem. Os governadores não apenas gerem Muhipu, como são responsáveis pela criação e administração

de outras comunidades do gênero. Mas vamos à sua quarta questão. Você pergunta o que acontece se você sair à noite. Em todos os casos, quando a pessoa desobedeceu, ela surtou e perturbou a vila inteira. É muita luz estelar e muitos HEM-positivos num só lugar. A sobrecarga psíquica de um só indivíduo é capaz de afetar os demais, e não podemos perder tempo corrigindo danos porque alguém desobedeceu a uma regra tão simples e necessária. Por isso, devo dizer que a tribo indígena que vive na periferia da comunidade leva muito a sério o seu papel de guardião. Além disso, garanto que você não desobedecerá, então não tenho razões para me preocupar com essa possibilidade.

– Como você pode garantir uma coisa dessas? Chega a soar como um desafio.

Ravi riu. Compreendia bem como pôr as coisas naqueles termos podia soar terrivelmente irritante. *Menos, Ravi, menos!*, repreendeu Helena daquele modo que apenas o doutor poderia ouvir.

– Não me entenda mal, Arthur. Não estou desafiando você e, de fato, “garanto” é uma expressão que chega a ser arrogante, peço que me perdoe. Apenas me limito a apostar que você não quererá sair durante a noite, não há razão para querer isso. Você entenderá a importância da regra, com a ajuda de seus tutores. O lugar é um santuário animal também, e não queremos colocar a vida de vocês em risco porque algum animal de hábitos noturnos confundiu você com comida. Apesar dos muros altos que defendem Muhipu, nunca se sabe... Ademais, não há nada de interessante para se fazer à noite no exterior das casas. Sair seria apenas entediante, talvez um pouco perigoso por causa dos animais, *muito* perigoso por causa da sobrecarga sensorial causada pela luz estelar acumulada, e aposto que você não veria nada de significativo. Apenas seria conduzido de volta por um dos rapazes da tribo, se não surtasse primeiro. Você se divertirá muito com os jogos, leituras em grupo e tantas outras coisas que poderá fazer com os outros membros da comunidade no interior das casas.

– Alguém já escapuliu?

– Sim, claro que sim. Isso ocorreu pouquíssimas vezes, logo após a inauguração da Vila Muhipu. Três, para ser bem exato, e a

cada feito aperfeiçoamos as providências que evitam a evasão noturna. Espero que você não providencie uma quarta ocorrência. É muito perturbador e decepcionante quando isso ocorre. Ninguém precisa se comportar assim, já que, com o tempo, todos podem sair à noite. Prometo que valerá a pena esperar.

– Eu não entendo – interrompeu Arthur. – Como alguém pode aceitar o tolhimento de uma liberdade individual tão básica, que é a de ir e vir?

– Ninguém está tolhendo sua liberdade, meu caro. Você é perfeitamente livre para topiar o experimento comunitário ou não. Se topiar, precisa seguir as regras do jogo. E as regras do jogo estão dadas: são essas. Se não topiar... amém! – replicou Ravi.

Arthur se deu por vencido. O doutor tinha razão. Helena, mil e quinhentos quilômetros longe dali – mas atenta a tudo –, suspirou aliviada ao constatar que Ravi havia melhorado muito em seu trato com as pessoas na última década. Ele ainda oscilava um pouco entre a expressão formal clássica de um ser de pura lógica e a comunicação humana mais simples, mas estava se saindo bem.

Parecia até gente como a gente.

– Mas passemos para a sua última pergunta, meu caro. Você quer saber sobre um eventual retorno a este terror urbano chamado São Paulo, poluído até a medula, um lugar caríssimo para se viver e cortado por três rios de merda. Ou melhor, dois, já que o hidroanel realmente mudou o Tietê, mas, ainda assim, a cidade é uma merda. Digamos que eu duvido muito que você gostaria de voltar. É impossível não se apaixonar perdidamente pela Vila Muhipu e sua proposta: uma comunidade sustentável onde os serviços são trocados e não há necessidade de dinheiro. Caso você queira *mesmo* voltar, nós providenciaremos o transporte e todo o auxílio necessário para a sua readaptação a uma nova vida.

– Me parece razoável. Alguém já quis voltar?

– Nunca. Acredite: nem uma única pessoa. Mas, se me permite, eu tenho uma pergunta para você, rapaz: o que o levou a tomar esta decisão? Não que isso mude alguma coisa, apenas confesso que fiquei curioso. As outras pessoas que foram convidadas tinham perdido muito em suas vidas. Algumas perderam tudo. A escolha,

para elas, não era bem uma escolha, era a salvação. Não é o seu caso. Você poderia ter uma qualidade de vida aqui, com seus óculos bloqueadores.

Pergunta complicada, pensou Arthur ao considerar que poderia dar duas respostas: a parcialmente verdadeira ou a completa. Decidiu-se pela primeira opção. Dias depois de começar a usar os óculos bloqueadores, ele se cansou de esperar por um sinal de Julia e resolveu sair à sua procura. Foi uma ótima oportunidade para experimentar sua, por assim dizer, “nova terapia”. Bastante espantado, constatou que conseguia se locomover pela cidade sem problemas. A imensa rede eletromagnética urbana não parecia mais surtir o menor efeito sobre ele. Foi até a casa de Julia, mas deu de cara com a porta. Ela não estava. Frustrado, resolveu fazer uma visita surpresa a Marco, que achou mais esquisito o fato de Arthur usar ultrapassados óculos escuros do que a presença dele fora da Cidade Universitária.

– Mano, nem sei como dizer – iniciou Marco. – Julia me deu este envelope pra te entregar alguns dias atrás, mas eu estava tão zoadado com meus próprios problemas que acabei esquecendo. Desculpa aê, espero não ter fodido as coisas. Sei o quanto você gosta dela. Ela viajou pra Inglaterra, foi selecionada pra um intercâmbio entre a USP e uma Universidade em Londres. A bolsa, pelo que soube, era do caralho...

Arthur não fez a menor questão de prolongar a conversa e se despediu, ansioso para ler a carta, ainda que antevendo um conteúdo ruim. Não era preciso ser nenhum gênio da psicologia para saber que se Julia não o tinha procurado pessoalmente, mas preferido enviar uma carta através de um amigo, coisa boa não havia ali.

Ele não estava nada enganado. No metrô, abriu o envelope e se pôs a ler. Na medida em que lia, não pôde deixar de perceber duas coisas: em primeiro lugar, o português escrito de Julia era perfeito (algo comum em estrangeiros que se dedicam a aprender uma língua). Dois: ele odiou a carta com todas as forças.

Arthurzinho,

Espero que você esteja bem e não me julgue mal por não ter ido te visitar no hospital. Pensei em ir duas vezes, mas não posso deixar de ser sincera comigo. Estou profundamente magoada e creio que não seria legal da minha parte prejudicar sua recuperação com meu baixo astral. Teria te enviado uma mensagem, mas sei que você não usa googleyes, então optei pelo método antigo.

Não consigo deixar de me irritar com o fato de que você escondeu de mim a sua condição médica. Me senti subestimada, diminuída em minha capacidade de compreensão. Não sou uma idiota preconceituosa incapaz de entender um diagnóstico. Não faço ideia das razões de você ter escondido de mim uma parte tão importante de sua vida. Mas uma coisa eu percebi com tudo isso: lido melhor com a ideia de uma traição sexual do que com a constatação de que meu próprio namorado subestima minha inteligência.

O fato é: fiquei ofendida e preciso de um tempo. Você já deve ter descoberto que ganhei uma inesperada bolsa de estudos na Inglaterra, e isso veio bem a calhar, nem pude acreditar, foi como ganhar na loteria! Ficarei um ano fora, talvez mais se eles resolverem renovar o intercâmbio. Admito que estava preocupada, mas conversar com aquele doutor, o tal Chandra-sei-lá-como-se-escreve, me deixou mais tranquila. Ele me garantiu que seu caso tem jeito. Bem, imagino que você esteja em ótimas mãos. Espero que você confie nos médicos, pois está na hora de começar a confiar em alguém. Mais adiante, quando você descobrir que não sou burra nem idiota, poderemos voltar a ver as estrelas juntos. Até lá, se quiser, pegue o meu e-mail com Marco e fique à vontade para entrar em contato.

Beijos,

Julia.

Arthur dobrou a carta sobre seu colo e fitou o vazio por três minutos, sem se dar conta de que o trem já tinha passado da estação desejada. *Mas que garota egoísta!* – pensou – *Egoísta, vaidosa, melindrada! Eu tenho um surto psicótico, vou parar no hospital, fico dias internado e a única coisa que ela pensa é: que chato, subestimaram meu imenso intelecto!*

Logo, essa foi a metade da verdade que Arthur contou para Ravi: Julia era a única coisa que fazia valer a pena morar em São Paulo. Ele estava prestes a se formar, e nada mais o prenderia à Universidade. Não tinha o menor interesse ou afeto que justificasse voltar a ter contato com sua família maluca. Seria duro e cruel admitir para qualquer outra pessoa a falta de amor que sentia pelos próprios pais, mas sentia que o doutor Chandrasekhar não ligava nada para isso. A Vila Muhipu tinha uma grande escola onde ele poderia se sentir útil e lecionar. Por fim, estava curioso para conhecer outras pessoas que, como ele, sofriam de hipersensibilidade eletromagnética. Queria ouvi-las, saber de suas vidas. Queria poder olhar para o céu novamente e vê-lo azul.

Meia verdade, contudo, podia bem ser uma mentira inteira.

O que Arthur hesitava em contar – mesmo para Ravi, por quem sentia incomum confiança – é que havia sido capturado não a partir do que o documento sobre Muhipu revelava, e sim sobre o que *não* era dito. Vislumbrava diante de si a possibilidade de fazer parte de um experimento comunitário curioso, capaz de lhe render uma excelente pesquisa para um doutorado em Sociologia. Se era verdade que ninguém nunca quis voltar, Arthur estava disposto a se testar nesse quesito. Dois anos em Muhipu seriam suficientes, então ele mudaria de ideia e pediria para voltar.

À parte tantas razões, Arthur se limitou a olhar Ravi nos olhos e completou, após relatar seu desapontamento amoroso:

– Apenas resolvi começar uma nova aventura. Convenhamos que nem todo mundo tem a oportunidade de viver no que parece uma comunidade hippie em pleno século XXI.

– Hippie? – riu-se Ravi. – Nunca tinha pensado nesses termos, mas acho que você não deixa de ter razão. Rapaz esperto. Acho que vamos nos dar bem. Quando deseja ir?

– Este é outro ponto que gostaria de conversar. Eu tenho duas condições para ir, se é que posso impô-lo alguma. Eu gostaria de me formar primeiro, pois estou em meu último ano no curso de História. E gostaria de ter um bicho de estimação. Posso levar um gato?

Ravi olhava fascinado para Arthur.

– Senso de responsabilidade, hein? Gosto disso. Sobre o gato, claro que pode levar um. Apesar de termos gatos em Muhipu. Você poderia adotar um por lá.

– Na verdade, eu já alimento um filhote que ronda a residência dos estudantes. Se eu for embora, ele não terá quem cuide dele. Prefiro levá-lo comigo.

– Como queira, Arthur. Sem problemas quanto a isso. Ficamos combinados então de efetuar sua transferência para a comunidade no final deste ano. Seria razoável para você?

– Perfeitamente.

– Antes de terminarmos, permita-me oferecer um conselho: compre um telefone celular. Usando os óculos bloqueadores, nada justifica que você não use um mínimo de tecnologia. Sem isso, fica muito difícil falar com você. Abra uma conta de e-mail, algo como *arthurcoimbra@etc.com*. Se precisar falar comigo, não hesite em me ligar mesmo nas horas que parecerem menos convenientes. Eu viajo bastante, mas estou sempre à disposição. Digamos que eu não durma muito. E, por favor, não deixe nunca de usar os óculos, pelo menos não durante o dia. Não gostaria de te visitar novamente no hospital, ou num lugar pior.

Arthur riu, entre comovido e curioso com tanta preocupação, sentindo-se um pouco traiçoeiro com seus planos de investigação sociológica. Despediu-se de Ravi, ajeitou os óculos e saiu para o mundo que o aguardava em todo seu esplendor. Um mundo onde por enquanto apenas a cor azul – e não mais a vida – lhe seria negada.

17. SÃO PAULO, BRASIL, 28 DE MAIO DE 2019

Era a terceira vez em menos de um mês, e o segurança da Universidade de São Paulo continuava a achar no mínimo esquisito o comportamento daquele rapaz. Ele surgia no meio da madrugada, proveniente das residências estudantis, trajando pijamas, caminhando descalço e usando bizarros óculos escuros. Na primeira vez, pareceu-lhe um caso de sonambulismo, mas o rapaz

simplesmente sorriu quando interpelado e declarou, com um tom de voz infantil:

– Tô sem sono. Vou passear.

Maconheiro, pensou o segurança. O rapaz devia ter enchido o cérebro de drogas e agora zanzava pelas ruas como um abobalhado. Os óculos escuros com certeza eram para esconder os olhos vermelhos de tanta maconha. Só para isso eles serviam mesmo, hoje em dia. Mas o guarda já sabia bem como proceder em circunstâncias do gênero: nada faria. Ele que se fodesse. Primeiro, porque a venda de maconha já estava legalizada, o que ele considerava absurdo, mas nada podia fazer quanto a isso. Segundo, porque não estava nem um pouco a fim de provocar a ira dos estudantes, também conhecidos como “maconheiros unidos”, e virar filme prontamente postado no *youtube* com o título de “segurança nazista da USP”. Com o advento das lentes *googleyes*, qualquer um podia filmar qualquer coisa só olhando, e ele não queria correr o risco. *Que se dane!*, decidiu.

Pelo menos na terceira vez em que apareceu de pijamas, de óculos e descalço, o rapaz se dignou a cumprimentá-lo com mais educação.

– Boa noite. Eu de novo. Vou passear.

– Tudo bem. Bom passeio pra você... – disse o guarda.

– *Ayu!* – respondeu o rapaz.

Ayu?, pensou o guarda. *Pronto, mais um diabo de gíria nova. Nem quero saber o que significa. Gente doida...*

Como nas duas vezes anteriores, o rapaz se limitou a andar até a rua e ficar uns dez minutos admirando os poucos carros que passavam, com a boca aberta como se fosse um completo idiota. Em seguida, caminhou por cem metros em círculo, acenou para dois desconhecidos, oferecendo um sorriso meio bobo e voltou para a portaria principal.

– Dormir agora. Boa noite! *Ayu!*

– Sei. *Ayu* pra você também – grunhiu o segurança.

O rapaz caminhou por toda a extensão da avenida principal até chegar à residência estudantil. Sentou-se na calçada e, por dez minutos, permaneceu a mirar o céu na direção da Constelação do

Escorpião. Era 28 de maio, data perfeita para observar a chuva dos meteoros *lambda escorpídeos*. Os tinha visto ano passado através dos olhos daquele senhor engraçado, o tal Frankdrake, na comemoração de seu aniversário de 87 anos. O rapaz então pensou com alguma tristeza que não teria mais tantas oportunidades para ver através do amigo Frankdrake. Ele já era bem velho, e neste lugar feio as pessoas não costumam viver muito. Ficam cheias de doença. Invadir o velho não tinha sido nada agradável, pois embora ele fosse muito inteligente e capaz de fornecer informações bem interessantes, seu corpo estava todo estragado. Ao sair de Frankdrake, foram necessários pelo menos três dias para se livrar de tanto peso e dor.

Dando um último olhar para a Constelação do Escorpião, o rapaz mirou uma estrela quase invisível de tão pequena, riu e comentou em voz baixinha:

– Ninguém me pega!

Levantou-se, ainda um tanto desajeitado com sua nova estatura e entrou na residência estudantil. Mesmo com todo cuidado para não acordar ninguém, terminou esbarrando num copo de alumínio que caiu ao chão e fez um ruído agudo. Um dos rapazes que dormia no sofá acordou de súbito e reclamou:

– Porra, Arthur, vê se dorme! Fica zanzando pela casa a uma hora dessas, parece um zumbi...

Sentado na cama, o corpo de Arthur se pôs a rabiscar uma folha em branco. O garoto tinha medo de não conseguir se unir novamente tão cedo e queria deixar um recado.

No outro dia, ao se levantar ainda com a sensação de que não tinha dormido direito, Arthur deu de cara com um insólito bilhete deixado em cima de seu criado-mudo, cuja autoria ele não conseguia sequer desconfiar. Nele, era possível vislumbrar um garrancho infantil em português sofrível, que pedia:

Vem logo, pai. E traz o gatinho. Tô esperando. Bejo, Acauã.

18. SALVADOR, BRASIL, 31 DE DEZEMBRO DE 2019

Voltar à terra natal para visitar alguns de seus familiares tinha sido, no final das contas, menos desagradável do que Arthur imaginara. Pelo menos no início. Cada um ao seu modo, incluindo a maluca da tia Andressa, demonstrou alegria ao constatar que ele se encontrava mais saudável do que jamais esteve. De fato, estava mais corado do que nunca, e havia ficado fisicamente mais forte. Ainda assim, Arthur não quis entrar em detalhes e sequer tocou no assunto da hipersensibilidade eletromagnética. Guardava, é bem verdade, uma magoazinha secreta pelo fato de que poderia ter sido poupado de anos e anos de sofrimento se sua família tivesse tido o bom senso de insistir em investigações médicas. Sobreposto a esse rancor, contudo, imperava a compreensão de que mesmo os diagnósticos dos mais experientes médicos dificilmente dariam conta da possibilidade de sua rara doença (ou “condição”, como preferia Ravi).

Em seu último jantar em família, Arthur explicou a todos que iria embarcar numa expedição investigativa cujo resultado seria um livro e, talvez, até uma tese de doutorado. Planejava ficar dois anos fora, no máximo três, mas estaria incomunicável por telefone. Escreveria, contudo, sempre que possível. As reações foram todas conforme o esperado: a tia Andressa suspeitou que Arthur tivesse se envolvido num culto satânico e a mãe era tão cabeça de vento que não pareceu se incomodar com tão longa ausência do próprio filho. Quanto ao pai, fazia meses que nem aparecia. Desde que pedira o divórcio, o pai de Arthur mais parecia um adolescente abobalhado atrás de sua nova namoradinha.

– Isso foi macumba – afirmou Andressa. – Quem não tem Cristo no coração está sujeito a tudo! A tudo!

Arthur estava decididamente farto de tudo aquilo. Interagir com a família só serviu para aumentar a vontade de se mandar para outra cidade, outro país, outro planeta.

O fato é que o encontro com o doutor Chandrasekhar havia sido uma feliz coincidência. Arthur só não sabia explicar por que até o acaso parecia ser um equívoco. Não conseguia deixar de achar o cientista um tanto familiar, alguém que ele já havia conhecido, porém não se dispunha muito a pensar sobre isso.

Arthur nunca mais falou com Julia, embora não tivesse faltado vontade. Ainda gostava da garota, mas uma mescla de vergonha e orgulho o impediam de mandar um e-mail.

Melhor assim, pensou com resignação.

Seus primos acharam seus óculos “descolados”. É bem verdade que davam a Arthur um ar de astro do rock da década passada. Naquela altura do campeonato, graças às quase onipresentes lentes *googleyes*, óculos escuros só eram vistos em antigas filmagens de shows. Nem Bono Vox os usava mais. Em Salvador, onde o céu era bem mais azul do que o paulistano, o filtro bloqueador alterava as cores e lhe concedia uma fulgurante visão sombria cortada pelo Sol amarelo. O mar também era visto em tons de sombra cintilante, como cristais mutantes de turmalina negra, mas a tudo isso Arthur já tinha se acostumado, e a inversão cromática não chegava a ser incômoda. Se tudo corresse bem, seria questão de pouco tempo até que ele pudesse se livrar dos óculos e transitar à luz do dia sem maiores preocupações, reconciliando-se com a cor azul.

O doutor Ravi Chandrasekhar havia combinado um encontro numa clínica afastada do centro, nas imediações da praia de Itapuã. Uma vez que Arthur não podia saber a localização exata de Muhipu, tanto fazia se o transporte se desse a partir de São Paulo, Salvador ou de qualquer outro lugar. Tudo o que Arthur precisava fazer era comparecer à clínica mantendo um jejum absoluto de oito horas. Seria então anestesiado e, quando despertasse, já estaria na tão falada comunidade. *Nem deve ser tão longe daqui*, pensou enquanto se dirigia de táxi ao lugar acordado. *Considerando que o lugar fica numa floresta tropical do Hemisfério Sul e há índios da etnia tukano, tenho certeza de que a comunidade fica em algum ponto da Floresta Amazônica*. Havia emitido essa opinião a Ravi alguns dias antes. O cientista, em contrapartida, limitou-se a sorrir e nada respondeu.

Ao chegar na clínica, Arthur foi recebido por uma simpática secretária que lhe pediu que aguardasse. Dez minutos depois, Ravi surgiu calmo como sempre.

– Estamos na hora. Vamos lá? Espero que tenha mantido o jejum completo. Vomitar anestesiado pode ser perigoso.

Arthur foi deixado sozinho num quarto, onde tirou toda a roupa e vestiu um sobretudo feito do que parecia ser um tecido bem suave e descartável. Deitou-se na maca e aguardou.

Em menos de três minutos, Ravi ressurgiu ao lado de uma anestesista munida de uma injeção. A mulher aplicou o anestésico em Arthur, sorriu e afagou sua testa.

– Meu caro, quero que você faça uma contagem regressiva junto comigo. Você sentirá um sono incontrolável e dormirá. Quando despertar, estará em seu novo lar. Ano novo, vida nova! – brincou Ravi.

– E o gato? – preocupou-se Arthur.

– Não se incomode com isso. Quando você acordar, garanto que ele estará ao seu lado. Pronto?

– Pronto.

Ravi Chandrasekhar segurou a mão do garoto e sorriu, transmitindo tranquilidade. Juntos, puseram-se a contar:

– Dez... nove... oito... sete... seis... cinco...

Enquanto contava, Arthur não pôde deixar de evitar a ideia de como tudo aquilo o fazia se sentir na contagem regressiva do lançamento de um foguete.

Sequer chegou ao “dois”, pois foi aí que a escuridão, tão doce quanto poderia ser, deu em Arthur o seu longo beijo de despedida. Uma escuridão profunda e vasta, muito mais vasta do que ele jamais poderia ter imaginado.

E, pela primeira vez em muitos e muitos anos, Arthur Coimbra dormiu um merecido e longo sono sem sonhos, sem vozes e sem medo.

PARTE 2

TERRA PROMETIDA, NOITE PROIBIDA

**ONDE O PARAÍSO SE APRESENTA, DESENHANDO NO CÉU
UM LINDO SOL AMARELO**

Segunda Lei de Clarke:

**A ÚNICA MANEIRA DE DESCOBRIR OS LIMITES DO POSSÍVEL É SE AVENTURAR UM POUCO
ADIANTE DO IMPOSSÍVEL.**

19. CAIRO, EGITO, 12 DE AGOSTO DE 1929

Irritado como poucas vezes tinha estado em toda a sua vida, Abubakar insistia em tomar como pessoal toda aquela maré de infortúnio dos últimos dias. A ele parecia, de fato, que os espíritos da má sorte estavam a testar a sua paciência. Ele não conseguia conceber pior forma de começar uma semana. Havia sido designado para chafurdar no sistema de esgotos da cidade em plena segunda-feira, a fim de inspecionar o que poderia estar acontecendo e tentar descobrir a causa de toda aquela absurda corrosão. Seus superiores, empenhados em buscar alguém em quem pôr a culpa, tinham escolhido Abubakar como a bola da vez.

É certo que ele tinha participado pessoalmente do revestimento de concreto dos canos de esgoto dois anos antes e, como responsável pela fiscalização de tudo, tinha atestado a eficiência da obra e dado a sua palavra de administrador: estava tudo bem feito. Apenas não achava que era justo ser tratado como um imbecil. Se havia algo ou alguém responsável pela destruição de parte do sistema de drenagem da cidade do Cairo, isso deveria ser

averiguado com mais zelo antes de eleger qualquer um que fosse como bode expiatório.

Era difícil, contudo, deixar de compreender a animosidade generalizada que imperava naquele insuportável verão. As pessoas já estavam meio loucas por conta das altas temperaturas e, ainda por cima, tinham de lidar com o colapso quase total do sistema de esgotos da cidade.

A coisa não começara suave, como se espera num processo corrosivo. Ao contrário: da noite para o dia, foi constatada uma degradação tão acelerada do concreto que, se algo não fosse feito, em questão de dias a cidade do Cairo entraria em pane.

A grande massa popular sempre subestimara os esgotos, bem sabia Abubakar, mas a verdade dura e incontestável é que a diferença entre uma cidade civilizada e a total barbárie se funda na existência de um bom sistema de esgotamento sanitário. Destrua os canais de escoamento de dejetos de qualquer lugar, e será possível testemunhar o surgimento de doenças as mais diversas. Abubakar se orgulhava de ser o zelador do bom funcionamento desse poder subterrâneo, e a hipótese de não ter realizado um bom trabalho corroía sua alma tanto quanto aquela coisa desconhecida destruía o concreto.

Cauteloso, o inspetor desceu as escadas, valendo-se de seu capacete com lanterna a fim de iluminar os túneis escuros. Ainda assim, esquecera-se de apertar corretamente o elástico do capacete, que terminou por rolar para o vazio malcheiroso fazendo um baque contínuo, molhado – *ploft ploft* – e desaparecendo na escuridão.

– Merda! – praguejou Abubakar. – Merda! Merda! Jamil! Ei, Jamil! Me passa sua lanterna! Meu capacete rolou e caiu no esgoto!

Rápido como sempre fora, o jovem assistente atendeu de pronto ao pedido do chefe. Ainda assim, a lanterna não ligava. *Muito azar pra um dia só!* pensou, raivoso, Abubakar. E então, como se algum gênio maligno estivesse a fim de destruir seus nervos, subitamente a luz se fez. A lanterna ligou com toda a intensidade, justo no momento em que o inspetor olhava diretamente para a lâmpada do aparelho. A claridade o cegou, ferindo seus olhos.

– Merda! Merda!

Devagar, a visão de Abubakar foi retornando. Segundo a segundo, foi possível distinguir melhor o ambiente no qual ele se encontrava. O que mais chamava a atenção era aquele estranho e sulfuroso cheiro de ovo podre. Havia, provavelmente, algum cadáver de animal por perto. Cairo era repleta de ratos. Mas não havia nada que o olfato pudesse revelar que a visão não pudesse esclarecer melhor.

Foi quando Abubakar conseguiu enxergar de novo e, assim, olhar com atenção para a tubulação ao seu redor que o pavor tomou conta de sua alma. Ficou dez segundos sem acreditar no que via, queixo pendendo numa expressão aparvalhada.

– Chefe? – chamou Jamil, preocupado. – Chefe, o senhor está bem?

– *Allah... Allah akbar...!* – sussurrou o inspetor, ao olhar ao seu redor e ver todo o revestimento de concreto transformado, como numa diabólica alquimia, em algo que parecia ser areia molhada exalando um terrível fedor de enxofre.

Naquele derradeiro instante, Abubakar passou a acreditar na existência do demônio.



Enquanto o caos no sistema de esgotos se limitou à cidade do Cairo, ninguém além dos habitantes locais se preocupou muito. A humanidade vivia uma época na qual as distâncias ainda eram reais, e demorava para uma notícia se espalhar. Apenas uma semana depois da desintegração quase absoluta de todo o sistema de drenagem da capital egípcia é que as notícias puderam ser lidas em outros países. E, ainda por cima, tratavam-se de relatos restritos a pequenas notas em cantos obscuros dos jornais.

As estranhezas do Cairo não causaram muito espanto nos Estados Unidos, cuja preocupação maior se concentrava na espantosa quebra da bolsa de valores. O recém-eleito presidente Hoover havia tentado de tudo, mas a grande depressão tinha vindo para durar. Quem se interessaria, a esta altura dos acontecimentos,

pelas bizarrices do esgoto egípcio? O mundo não constituía ainda uma realidade na qual se podia perceber o quanto estávamos todos entrelaçados. Nem a mais esotérica das mentes seria capaz de imaginar o que poderia haver em comum entre explosões solares, a queda da bolsa da principal economia mundial e a corrosão dos esgotos de uma cidade egípcia. A humanidade de então se iludia com os conceitos de “longe” e “separado”.

A falta de interesse cobrou seu preço. Em poucos meses, os engenheiros da Cidade do Cabo, na África do Sul, tiveram de lidar com a degradação alucinante de todos os seus canos de concreto. Em Orange County, na Califórnia, quase quarenta e dois quilômetros de canos de descarga ficaram carcomidos. Nem Los Angeles escapou: a descarga norte de quase cem quilômetros da cidade só não entrou em colapso porque alguém teve a brilhante ideia de implementar um sistema de ventilação, reduzindo os danos locais. Se aquele fenômeno não fosse contido, o sistema de esgotamento sanitário entraria em colapso, o que seria muito perigoso. Esgotos contêm dejetos. Sem o devido tratamento, o meio ambiente é totalmente contaminado, prejudicando a saúde pública. Ninguém sabia dizer o que estava acontecendo, mas era preciso descobrir, e depressa. Em todos os casos, apenas uma pista se fazia onipresente: o inexplicável – e, para alguns, diabólico – cheiro de enxofre.

**20. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO
TRÊS DIAS ANTES DO DESPERTAR DE ARTHUR**

Ravi Chandrasekhar havia falado muito sério quando descreveu os efeitos desencadeados pela retirada dos HEM-positivos da influência eletromagnética urbana. Cada um dos asilados na Vila Muhipu havia passado por significativas e benéficas mudanças após chegar à comunidade, mas era Laura Boccoardo uma das que mais teria histórias para contar. Quem porventura tivesse a oportunidade de conhecer aquela bela mulher, jamais daria crédito à sua antiga persona. A tímida e insegura Laurinha havia dado lugar a uma pessoa não apenas confiante, mas também de vontade imperiosa,

alguém cujos anseios eram difíceis de negar. Resistir aos quereres de Laura Boccardo era como tentar refrear uma correnteza, de modo que foi sem o menor espanto que Ravi constatou a poderosa influência exercida por sua tutorada nos outros membros da comunidade. Fora do alcance da interferência eletromagnética artificial das cidades e uma vez exposta à fonte interminável de energia solar, Laura se via livre para usufruir de seus singulares talentos. Desde sua chegada em Muhipu há poucos anos, Laura se dera conta de um considerável incremento envolvendo o que o bom doutor Ravi havia chamado de “hipersensibilidade eletromagnética”. Se anos atrás a garota porto-alegrense conseguia ver auras nas pessoas e captar resquícios de pensamentos e emoções alheias, em Muhipu tudo havia se tornado muito, muito maior. O próprio ar transbordava de cor, luz e vibrações. Estar ali era como desvelar o coração da vida.

Tudo começara com uma percepção tênue de linhas luminosas cortando o céu. *São as linhas de força naturais do planeta, ensinara-lhe Ravi, e com o tempo você aprenderá a interpretá-las, segui-las... Talvez até mesmo consiga manipulá-las um pouco.* Paulatinamente, a mera visão das correntes energéticas foi dando lugar a outras formas de sensibilidade. Em diversos momentos, ainda que sem querer, Laura podia sentir os pensamentos alheios se derramando em sua direção, e não tardou a perceber que não era a única a – mesmo que involuntariamente – invadir o que num contexto normal seria privado. Cada cidadão de Muhipu a seu modo tinha as mesmas capacidades, embora qualquer avaliação parapsicológica faria Laura despontar como o mais fascinante exemplar de hipersensibilidade em toda a vila. Ela podia sentir na própria pele uma série de descargas e vibrações cujos significados completos ainda não conseguia compreender. Martin, com quem Laura havia se envolvido imediatamente, era uma das pessoas que a fazia se eriçar, fio a fio de seus fartos cabelos loiros eletrizados diante da presença daquele magnífico exemplar de beleza negra. Ela se percebia energizada na presença de Martin, e apreciava sobremaneira o fato de ele ser o mais “telepaticamente aberto”

para ela. Adorava o fato de estar diante de alguém para quem os segredos seriam impossíveis.

Martin não era o único a causar impacto especial em Laura. Havia outro morador de Muhipu, um americano de nome Lionel, de biótipo bem similar ao dela: loiro, branco, alto, olhos azuis brilhantes. A despeito de toda a crônica misantropia de Lionel, ele também exercia influência benéfica sobre a disposição energética de Laura. Ela se sentia radiante quando o tímido americano estava por perto. A mente dele, todavia, era – conforme considerações da própria Laura – *bizarríssima*. Passear pelos pensamentos de Lionel era como assistir a um filme sem nexo algum, um palco no qual se dava um desfile de diferentes personagens com as mais diversificadas histórias de vida. A Laura parecia que Lionel era, em si mesmo, um mundo inteiro.

Os exotismos mentais do americano, como não poderia deixar de ser, enchiam Laura de curiosidade. Havia tantas memórias de infância, completamente desconstruídas! Lionel realizando uma travessia a barco, onde parecia ser a Ásia, dizendo *mamãe, estou com medo*. Mas como poderia a mãe de um homem loiro, branco e dos olhos azuis ser tão tipicamente... *asiática*? Lionel lutando boxe em sua adolescência, machucando o pulso esquerdo, retirando a luva, dando de cara com uma luxação e massageando delicadamente sua pele... *negra*?! Lionel sendo repreendido por uma mulher alta e gorda que também dizia ser sua mãe e o chamava de... *Anthony*? Navegar por Lionel era divertido, apesar de Laura não entender nada do que via diante de tamanho derramamento de histórias alheias. Havia pensado por mais de uma vez em comentar tudo isso com o doutor Ravi, mas sempre se esquecia. De tão energizada que estava, Laura era facilmente distraída.

Eu me sinto vazio, lamentara Lionel certa feita em sua mente enquanto dormia. *Eu me sinto vazio, eu me sinto vazio*, e Laura não pôde deixar de perceber uma convocação nesse apelo atormentado. Após despertar, pôs-se a atravessar cada um dos corredores das casas interligadas da vila, até se deparar com uma das governadoras que a interrompeu, inquirindo: *o que você faz de pé*

tão tarde, querida? Laura gostava da governadora Lorena, muito. *Estou ouvindo Lionel chamar, ele se sente vazio e eu quero ajudar,* respondera. A tutora, por sua vez, pareceu ficar mais assustada, embora não emitisse o mais vago sinal telepático. *Por que não consigo ler você, Lorena?*, pensara Laura na ocasião. Tanto Lorena quanto Ravi eram “indecifráveis”, o que os tornava deveras enigmáticos. A governadora manteve sua postura impeditiva, coisa rara quando o assunto eram os desejos de Laura Boccoardo. *Eu sei, eu sei minha querida, eu mesma vou cuidar dele, pode deixar comi...*

VAZIO!

O urro mental de Lionel ecoava intensamente, a ponto de acordar os cidadãos de Muhipu um a um. *Volte para a cama, sim?*, ordenara-lhe Lorena na ocasião, levemente exasperada. *Volte para a cama, por favor, e deixe que eu cuido disso.*

E, por dias a fio, Lionel não fora mais visto em Muhipu. Ao retornar, estava ainda mais silente, arredio. Fechado em si. Laura teria adorado ajudar o americano a se organizar por dentro. Ela mesma sabia o quanto isso era difícil. O arrombamento telepático proporcionado pela vida comunitária se revelava, por vezes, difícil de administrar. Eram tantas vozes, tantas personalidades, tantas histórias... Os mistérios envolvendo as múltiplas e desconhecidas memórias enterradas nos recônditos mais profundos de Lionel teriam sem dúvida merecido mais atenção por parte de Laura, se ela não tivesse de lidar com suas próprias questões.

Até para Laura era difícil concatenar tudo e se manter ela mesma. Às vezes não sabia o quanto ela ainda era ela e o quanto havia se tornado um pouco de todos os outros. Para se manter coesa, Laura precisava de *mais* energia, muito mais do que o próprio Sol oferecia. A proteção do campo magnético terrestre não permitia a ela – nem a qualquer outro cidadão de Muhipu – usufruir da totalidade do cálido abraço solar. Desse modo, Laura sorvia Martin até a última gota do rapaz, assim como absorvia a energia de quantas pessoas mais fossem necessárias, independentemente de seus sexos biológicos, através da comunhão carnal. Transar – e transar *muito* – era uma eficiente forma de recarga de baterias para

Laura Boccardo. Nessas ocasiões, seus centros áuricos se tornavam intensos a ponto de ser necessário descarregar em alguma coisa. O excesso de energia podia destruir ou criar, e Laura bem lembrava do episódio envolvendo seu tio. Destruir era sempre uma opção, mas criar... criar era lindo.

Às vezes, escondida, ressuscitava animaizinhos.

O último a ser revivido, naquela manhã, foi um tangará dançarino, um pequeno pássaro típico da Amazônia. Ainda filhote, havia caído de seu ninho e morrera. Não devia estar morto há mais de dez minutos. *Tempo suficiente*, pensou Laura, enquanto acariciava a ave e sentia o minúsculo cérebro do animal se acender, canalizando uma ínfima parcela da energia solar.

Nosso pequeno segredo, sussurrou ela para a ave enquanto gentilmente a aninhava de volta no galho da árvore.

Às vezes, Laura sonhava com o Sol, o Sol imenso, amarelo e generoso diante de si. Ela sabia que, para obter tudo o que o astro-rei tinha a oferecer, era necessário mais proximidade, era preciso escapar do abraço defensivo da malha magnética da mãe--Terra. *Ah, se eu fosse astronauta*, costumava lamentar Laura em seus sonhos, *voaria direto para o coração do Sol*. Em seus sonhos, o astro-rei eventualmente tomava a forma de um dragão, e ela o cavalgava como uma princesa guerreira. Às vezes, o Sol era os olhos do doutor Ravi Chandrasekhar, quando então evidentemente se tornava *dois* sóis, dois astros irmãos cuja separação só pareceria grande para a limitada percepção humana.

Quando se tornavam os olhos de Ravi, os sóis não pareciam gostar muito. *Existe uma maneira adequada de se aproximar deles, doutor*, Laura tentava explicar, em vão, enquanto sonhava. *Você os estuda, analisa, esmiúça, cava fundo. Você quer possuí-*

-los, transformá-los em seus olhos. Não é com sua inteligência que você irá alcançá-los, mas com seu amor. Mas você não sabe o que é amor, não é mesmo, meu pobre e bom doutor? Você compreende o conceito, eu sei, só que isso é pouco para o Sol. Eu poderia ensinar, se você permitisse. Você quer ou não quer ser um menino de verdade?

Até o Homem de Lata de O Mágico de Oz descobriu que tinha coração, doutor Chandrasekhar.

Eventualmente, Laura Boccardo percebia que Ravi a achava assustadora.

Às vezes, muito às vezes, Laura Boccardo retornava em seus sonhos ao cenário desértico para onde costumava se transportar quando ainda vivia em Porto Alegre. Nesse ambiente paralelo, ela era a rainha de uma vasta cidade escondida em cavernas, num magnífico mundo rodeado por cinco sóis coloridos. Era muito fácil perder a noção de si quando se via transportada para essa realidade. Se por alguns segundos Laura perguntava a si mesma *onde estou?*, logo em seguida os questionamentos eram substituídos por um êxtase desencadeado pelo golpe sucessivo de cinco estrelas a cobri-la de energia. *Acho que aqui Lionel não seria tão vazio*, pensara Laura certa feita. Porém ela sabia que, por uma razão tanto de espaço quanto de tempo, o deserto dos cinco sóis estava fora de alcance para o pobre Lionel. Mas não fora do alcance *dela*. Nem o tecido do espaço nem o do tempo pareciam resistir muito à vontade imperiosa de Laura Boccardo. *Lembre-se de mim, querida*, dissera uma vez a si mesma, enquanto mirava as cinco estrelas no exótico céu daquele (Futuro? Passado? Alternativo?) deserto. *Lembre-se de mim e, quando a chance lhe for dada, não hesite: abrace o Sol. Torne-se o que você é. Depois venha me--se encontrar.*

Os dias de Laura assim se sucediam, entre sexo profuso com os habitantes da vila e viagens oníricas nas quais ela se aproximava do Sol. Ou entre sonhos nos quais ela se percebia no deserto de um mundo estranho, porém mais belo do que qualquer lugar imaginável.

Até que ela *viu*. Viu em sua mente, naquela manhã, após ressuscitar o tangará dançarino. Ela subitamente *soube*, três dias antes de Ravi Chandrasekhar aparecer diante dela e de Martin, trazendo consigo aquele rapaz em sono profundo.

Era Arthur. Ele estava chegando.

Finalmente, pensou Laura sem saber por que pensava aquilo. Na confusa não linearidade de sua alma, era difícil explicar a

sensação de conhecer alguém que ela jamais vira em toda a sua vida. A peça que faltava estava, enfim, sendo inserida no jogo. Laura não identificava exatamente o que, mas em seu âmago podia sentir que muita coisa seria diferente nos próximos dias. Abraçar a mudança não seria difícil, mudar era bom.

Você demorou. Bem-vindo ao lar, Arthurzinho.

21. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

O DESPERTAR DE ARTHUR

Ao contrário do que Arthur havia imaginado, o mais desconfortável não era abrir os olhos num local totalmente desconhecido, e sim o gosto horrível em sua boca. Seus lábios pareciam colados por saliva seca, e ele nem precisava averiguar para saber que estava com um hálito péssimo. Não conseguia conceber por quanto tempo havia dormido, mas desconfiava que tinha sido por mais do que apenas as usuais oito horas. Olhou ao seu redor e viu que estava num quarto bonito, cuja decoração era rústica, com tons avermelhados. A cama, confortável, tinha um suave odor vegetal que ele não sabia distinguir, mas lhe era familiar. Tentou se levantar e se sentiu um pouco fraco. Deu um tempo, experimentou mover as pernas e os braços e, então, tentou se erguer novamente. Ensaiou um passo. Pausa, dois passos. Agiu com cautela, até se sentir seguro para andar sem se amparar na parede. Sentia-se leve, mas não tonto. Notou que alguém tivera o cuidado de vesti-lo com uma camiseta e shorts de algodão puro, ambos da mesma cor. Pareciam pijamas.

Viu uma janela do outro lado do quarto e caminhou na direção dela. Ouvia o som de crianças brincando do outro lado, mas não conseguiu ver nenhuma ao olhar para o exterior. De onde se encontrava, tudo o que podia ver era um jardim muito bem cuidado e uma frondosa árvore com uma casa de madeira num de seus galhos. Podia sentir o calor agradável que fazia lá fora, além de um odor de terra molhada, sinal de que havia chovido não muito tempo atrás.

Dirigiu-se, então, para a porta. Não sabia o que fazer, uma vez que não se encontrava num hospital e não havia telefone, campainha, nem mesmo um simples sino para chamar alguém. O mais lógico lhe pareceu andar até encontrar quem pudesse informar qualquer coisa. Sentiu-se um pouco irritado com o que lhe pareceu um desleixo do doutor Chandrasekhar. Arthur não esperava despertar daquele jeito, sem ninguém para ampará-lo minimamente. Isso sem considerar o fato de que estava morrendo de fome.

Ao abrir a porta, ficou alguns segundos segurando o riso com a banalidade da cena. Diante dele, uma garota alta, bonita e tão loira a ponto de os cabelos serem quase brancos, com algo em torno de vinte anos, cantava baixinho enquanto se balançava numa rede, com um livro nas mãos. Era uma edição em português de *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse. *Bom gosto literário*, pensou Arthur, constatando o quanto a moça era de fato linda.

Como que sabendo o tempo todo que ele havia acordado, a garota apenas disse, sem tirar os olhos do livro:

– Prefiro *Damien*, mas até que gostei desse! Ei, novato, que bom que você acordou, achei que fosse dormir pelo menos mais algumas horas e já estava ficando entediada. Tudo bem? Está se sentindo forte para andar?

Arthur não sabia o que dizer. Ficou parado como um bobo. A garota atirou o livro num canto, saiu da rede e foi na direção dele, abraçando-o calorosamente e abrindo um largo sorriso que ia de uma orelha até a outra. Então, pôs-se a falar como se tivesse sido ligada numa tomada.

– Ei, amiguinho, o gato comeu sua língua? Falando em gato, o seu está aqui, mas se enfiou em algum buraco. Sabe como gatos são com adaptação a lugares novos. Adoro gatos! A-do-ro! Não se preocupe, ele está por perto, só precisa de um tempinho.

– Imagino... – respondeu Arthur, meio tonto com a fala acelerada da garota.

– Está com fome? Os novatos sempre acordam mortos de fome! Sempre! Eu já almocei, mas não me importo de te acompanhar. A gente tem tempo antes da primeira reunião de tutoria. E Martin,

seu outro tutor, nem chegou ainda. Você é meu primeiro novato, sabia? Não me contaram que seria um tão bonitinho! Que lindo você é!

– Desculpe, mas você não me disse seu nome...

– Ah, o nome! É verdade, desculpe! Eu sou Laura Boccardo, venho de Porto Alegre. Eu sei que seu nome é Arthur Coimbra, nascido na Bahia, bacharel em História, *blá blá blá*, essas coisas. Recebi sua ficha, já li tudo, eu leio rápido, rápido mesmo! Você deve ser importante, hein?

– Por que diz isso? – perguntou, curioso, Arthur.

– Bem, o próprio Ravi te trouxe e ficou aqui por um tempo. Os índios ficaram pirados! Eles respeitam muito o doutor, acho até que têm um medinho dele. Os novatos são geralmente trazidos pelos governadores, você sabe, a turma que está em Muhipu há mais de dez anos. Mas Ravi decidiu trazer você pessoalmente. Que chique! Chiquíssimo!

– Há muitos estrangeiros por aqui?

Laura riu.

– Lindinho, todos nós somos estrangeiros por aqui! Acho que os únicos nativos são os índios. Mas entendi sua pergunta. Bem, em Muhipu quase todos são da América do Sul e você não vai ter nenhuma dificuldade em se comunicar. A maioria é brasileira, então você vai ouvir muito português. Os falantes de espanhol constituem quase a metade da população da comunidade, e há pelo menos três norte-americanos, mas eles falam português. Um português meio ruinzinho, mas falam. Só acho que você não vai querer muito papo com eles, são esquisitíssimos. Todo mundo por aqui fala portunhol, e a cada dia mais. Não me espantaria se, no futuro, o portunhol se tornasse o idioma oficial de Muhipu. Ah, e os índios entendem bem o português e o espanhol, mas em geral falam tukano ou guarani, e alguns dos não-nativos já aprenderam a língua deles. Você vai notar que é muito comum por aqui dizer “*ayu*” em vez de “obrigado” ou “*gracias*”.

Sem muito esforço, Arthur lembrou-se do tal idioma tukano. Poucos sabiam, mas era uma das línguas oficiais do Brasil, falada por quase todas as etnias indígenas. Cada tribo tinha sua

identidade cultural e linguística, mas tinham também o tukano como ponte de comunicação. Fazia sentido, portanto, que o nome da comunidade fosse Muhipu. Significava “Sol”, em tukano. Um nome bastante adequado para um lugar onde as pessoas só podiam passear durante a vigência da luz diurna.

Laura continuou falando, sem perceber que o rapaz não estava mais prestando atenção. Ela parecia legal, a despeito de matraquear tanto, e Arthur chegou a pensar que a garota tinha cheirado cocaína, só achava difícil que esse tipo de coisa pudesse ser encontrado numa comunidade tão rígida. Ele se sentia também um pouco constrangido pela maneira agressiva como ela se insinuava, fitando-o com um brilho lupino no olhar. Não que ela não fosse uma mulher bonita. Era bonita até demais, tinha pele, rosto e dentes lindos, seus seios grandes e firmes chamariam a atenção de qualquer um. E havia também o cheiro, aquele cheiro delicioso e quase irresistível que dela exalava. Mas Arthur ainda se sentia muito ligado a Julia, e sempre tivera disposição monogâmica. Levaria tempo até se desapegar.

Laura pareceu perceber o desconforto de Arthur, pois mudou bruscamente de atitude, assumindo uma disposição moderada. A mudança de canal de personalidade foi tão intensa que constrangeu Arthur mais do que o falatório ansioso da garota. Do nada, viu-se diante de uma muito compenetrada dama cujo português era de fazer inveja aos doutos.

– Você parece estar cansado, mas estou certa de que, com o tempo, vai se sentir cheio de energia vital. Precisa apenas tomar um pouco de Sol e experimentar a maravilhosa comida de Muhipu. Por aqui, cada um de nós é estimulado a praticar o que realmente gosta de fazer. Desse modo, quem cozinha, o faz porque adora. Nossos cozinheiros têm mãos mágicas! Aproveito para oferecer a sua primeira lição sobre o funcionamento da vila: nós não somos vegetarianos, mas o único alimento preparado e oferecido é de origem estritamente vegetal. Ninguém é proibido de comer carne, mas se você quiser comer isso vai ter de caçar e pescar por conta própria.

Arthur ficou curioso e sorriu.

– Bem, eu não tenho nenhum problema em seguir um regime vegetariano, confesso que até prefiro e não sou nenhum viciado em carne, mas... Por que isso?

– Olha, para ser sincera o porquê eu realmente não sei, mas é meio que um lance dos índios, sabe? Eles são contra a produção em massa de carne para consumo, acham um absurdo. E acreditam de verdade que, quando você mata um animal, ele passa a se integrar espiritualmente ao matador. Claro, se você caçar um porco selvagem não precisa comê-lo todo, mas ele só será comido por você e seus parceiros de caça. Então, nada de caçar algo tão grande sozinho, ok?

– Eu não pretendo caçar, não faço a menor questão. Talvez pescar. Você pesca?

Do nada, sem a menor explicação, a personalidade calorosa de Laura voltou, falando como uma adolescente.

– Ah, gato, quando eu sinto muuuita vontade de comer carne, saio pra pescar com o Martin, seu outro tutor. Mas não tem muita graça, sabe? Martin só faz enfiar a mão no rio, pega o bicho e o divide comigo. Ele usa seu sentido eletromagnético para antecipar o movimento dos peixes e, assim, agarrá-los. Martin é um gostoso!

– O quê?

Laura parecia se divertir com ele. Arthur chegou a pensar que aquilo seria alguma espécie de trote aplicado aos novatos. Pensar nisso o fez rir.

– Por que você está tão surpreso, gato? Ora, você veio pra cá porque tem hipersensibilidade eletromagnética. HEM. H-E-M – cantou Laura, fazendo uma dancinha como que imitando uma líder de torcida americana. – Todos nós temos, ou acha que eu vim pra cá porque sentia falta de uma colônia de férias? Com o passar dos dias, o clima, a ausência de eletromagnetismo artificial ou sei lá mais o que irão ampliar sua sensibilidade especial, você vai começar a ver e a sentir uns lances bem estranhos. Estranhos e muito legais! Bah! Vai se acostumar rapidinho! Mas vou te contar: todo mundo aqui tem habilidades eletromagnéticas, mas o Martin é bizarro. Ele treina todo santo dia. É um *espertano*.

– EsPARTano... – corrigiu Arthur, meio pensativo.

– Ah, que seja – disse Laura, agitando as mãos com afetação. – Você me entendeu. Martin é o mais forte de todos nós, o que só confirma o quanto você deve ser especial para o doutor Chandrasekhar. Martin está aqui há cinco anos, assim como eu, mas você é nosso primeiro novato. Tenho a impressão de que o doutor estava guardando nós dois para um novato especial. Vocês vão se gostar, ele é bem *nerd* e, pelo que li em sua ficha, você faz a linha intelectual. Só não virem namorados, vou ficar com ciúmes! Ha ha ha! – brincou Laura.

– Eu não sou gay... – comentou Arthur, não porque estivesse ofendido, mas porque não tinha entendido a intenção da brincadeira.

– Gay, hétero, bi, quantos rótulos... Essas coisas fazem parte do velho mundo, gato. Bem-vindo a um mundo novo, onde você não precisa se preocupar com moralismos. E você é um gato, viu? Vai fazer o maior sucesso em Muhipu. Carne nova!

– Não estou preocupado, eu só não sinto atração por homens. Mas olha, falando em gato, cadê o meu? Gostaria de vê-lo. E, se possível, gostaria de comer alguma coisa. Parece que não como há anos!

– Seu desejo é uma ordem, meu amo! – brincou Laura, fazendo uma ensaiada e pomposa pose serviçal antes de deixar a sala em busca do pequeno felino. Voltou dois minutos depois, com um gatinho cinzento nas mãos, de olhos arregalados.

– Ele está apavorado, tadinho, mas já já fica melhor. Como ele se chama? – perguntou Laura.

– Erwin. Minha ex-namorada o batizou, homenageando alguém. Não sei bem quem – respondeu Arthur, meio triste por ter se lembrado mais uma vez de Julia. *É, vai demorar pra parar de doer*, pensou.

– Erwin, que gracinha... – comentou Laura. – Você vai ficar bem, Erwin!



Na verdade, demorou bastante para Erwin ficar bem e, durante dias seguidos, ele foi a grande preocupação de seu dono. A Vila Muhipu era cercada por muros muito altos, e seria impossível para o animal se aproximar do rio que, pensava Arthur, estaria infestado de jacarés. Ele também não seria vítima de cobras. Por isso, diante da total ausência de perigos naturais, Arthur não conseguia compreender o porquê do bizarro comportamento de Erwin. O animal caminhava com o ventre quase colado ao solo, como se estivesse constantemente espreitando algo. Seus olhos permaneciam arregalados, e ele recusou alimentação por dois dias, levando Arthur a socar comida na garganta do animal. Urinava e defecava em todos os cantos da casa, algo bem atípico para um felino. Era evidente que algo o perturbava, mas o quê?

Além de tudo, contrariando seus próprios instintos, o gato se recusava a pular. Parecia apavorado diante da perspectiva de saltar. Arthur o estimulava, colocando-o em lugares não tão altos, mas o pânico do felino apenas piorou. Mantendo-se firmemente agarrado ao solo, Erwin mal se movia e, quando se deslocava, parecia confuso e desorientado.

Após uma semana, o gatinho apresentou melhoras. Não andava mais com a barriga colada ao chão. Passou a comer direito e a fazer suas necessidades na vasta área verde de Muhipu. Ainda não miava e mantinha aqueles estranhos olhos vidrados, mas Arthur ficou feliz só de ver o animal comer.

Havia outros animais domésticos na vila, e todos pareciam bem normais. Eram uns cães e gatos bem interessantes. Pareciam lindos e bem cuidados. Seus pescoços e patas eram mais longos que o usual e, por isso, davam a impressão de serem de raças exóticas.

No oitavo dia, Arthur testemunhou Erwin tentando dar um salto. Animado, sentou-se para assistir ao pulo felino. O animal se preparou, como se fosse dar um bote, e, então, saltou na direção do parapeito da janela. Entretanto, em vez de aterrissar suavemente, como seria natural, pareceu ter errado o cálculo. Pulou mais alto que a janela e bateu com força na parede da casa. Erwin não se machucou muito, mas demorou uns dois dias até que se arriscasse novamente.

Fosse qual fosse a gravidade do problema, Arthur demorou para descobrir que não era tão alta.

22. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 12 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Se o gatinho Erwin não gostava daquele lugar, com seu melhor amigo humano se deu o exato oposto. Com o passar dos dias, Arthur pôde constatar que o doutor Chandrasekhar não estava brincando ao propagandear os benefícios que a Vila Muhipu gerava na saúde. Ainda que a primeira semana tivesse sido um tanto estranha no que tange ao ajuste do sono – pois Arthur tinha a sensação de estar sofrendo de alguma espécie de *jet lag* – era evidente o bem-estar geral. Não apenas ele, como todos os moradores de Muhipu, demonstrou excelente disposição e muita energia para realizar seus afazeres. Acordar com o nascer do Sol estava se revelando uma experiência mais do que apenas agradável, de modo que a obrigação de recolhimento ao crepúsculo não parecia incomodar ninguém.

Nos primeiros dias, Arthur sentira não só o aumento da vitalidade, como também um substancial incremento de sua própria força física e velocidade. Tendo passado a maior parte da vida num estado debilitado, Arthur nunca fora um tipo especialmente atlético nem amante dos esportes. Assim, foi com alguma surpresa que ele mesmo pôde verificar o quanto estava vigoroso. Apesar de não se sentir mais magro, a balança era categórica: de 77 quilos, ele havia passado para 70,8 desde que chegara em Muhipu. Estava, de fato, comendo menos e melhor, em horários muito bem regrados, no excelente refeitório central da comunidade. E, a despeito de tamanha perda de peso em apenas vinte dias parecer patológica, Arthur se sentia melhor do que nunca.

Era possível constatar a boa saúde dos habitantes de Muhipu. A maioria era magra, e todos eram bastante fortes. Alguns – em particular seu outro tutor, Martin – eram especialmente musculosos. Em seus primeiros dias na comunidade, Arthur ficou estupefato ao

ver uma garota de uns dezessete anos carregando pedras grandes apenas por exibicionismo.

Entretanto, essa força e velocidade pareciam ser maiores nos novatos e tinham curva decrescente, a não ser que o indivíduo se esforçasse para manter a súbita dádiva. Laura e Martin disseram ter sentido a mesma estranha disposição quando despertaram na vila, anos antes. Mesmo já naturalmente fortes (Laura era muito alta e intimidava qualquer pessoa), sentiram-se mais vigorosos ainda em Muhipu. Martin disse a Arthur que havia um centro de treinamento esportivo para os que queriam se manter fortes, e que o doutor Chandrasekhar havia sido bastante explícito quanto a isto: no primeiro ano, todos os novatos ficariam mais fortes, como um efeito colateral da vida em Muhipu. Mas esse acréscimo de força se esvairia se as pessoas não fizessem por merecer. Deveriam, então, treinar.

O centro de treinamento desportivo ficava numa casa bem impressionante, uma das únicas de três andares em toda a vila. Tinha a capacidade de abrigar cerca de cem pessoas ao mesmo tempo e jamais ficava lotada, considerando a pequena população de Muhipu, limitada a aproximadamente trezentos indivíduos. Martin fazia bem o tipo desportista e treinava bastante tudo o que podia: musculação, corrida, capoeira. Para Arthur, esse tipo de atividade não interessava muito, a despeito da insistência de seu tutor. A boa disposição de saúde já lhe bastava.

Dentre todos os habitantes da comunidade, quatro em especial despertavam a curiosidade de Arthur. Dois deles eram seus tutores, Martin e Laura. O terceiro era um dos poucos americanos da comunidade, Lionel. Quanto ao quarto alvo de interesse, o doutor Chandrasekhar, Arthur não o vira desde que chegara a Muhipu. Disseram-lhe que o cientista se ausentava da vila por dias a fio, mas que os governadores estavam sempre disponíveis em caso de raras emergências e poderiam ser chamados de um modo muito curioso: doze longas pancadas dadas num Arabá, árvore imensa que produzia um som característico e poderoso, quando golpeada. A reverberação era tão alta que poderia ser ouvida num raio de dez quilômetros por uma pessoa de audição normal.

– Vinte minutos. Esse é o tempo máximo prometido para alguém aparecer, se rolar alguma emergência. O doutor Chandrasekhar costuma levar menos de vinte minutos para chegar aqui, a casa dele deve ficar nas redondezas. Os outros governadores levam menos tempo. Mas acredite: quase nada acontece de emergencial em Muhipu. Desde que eu cheguei, houve apenas poucos episódios: uma criança quebrou o braço brincando... uma moça mal tinha chegado e teve um surto psicótico... ou algo do tipo. Em minutos, o próprio doutor Chandrasekhar apareceu e resolveu tudo – contou Martin a Arthur.

– “Resolveu” como?

– A criança foi conduzida ao centro hospitalar mais próximo, a cem quilômetros da vila. Quanto à moça, não sei dizer. Acho que voltou pra casa. Não tinha como mantê-la aqui. Ela estava muito louca.

Martin Luther King dos Santos havia nascido em São Paulo e era um típico “negão impressionante”, com aquela clássica musculatura de sua etnia. Parecia estar especialmente interessado em desenvolver ao máximo seu sentido magnético. Laura não havia exagerado ao descrever os hábitos disciplinados de seu parceiro. O rapaz passava uma hora por dia sentado em posição de lótus, com os olhos abertos mirando o céu azul, absorvendo fóton a fóton com paciência e dedicação. Não olhava diretamente para o Sol, é claro, mas se dedicava a captar o máximo de luz que lhe fosse possível, ativando assim a complexa química do criptocromo em seus olhos.

Com tempo e contando com a orientação atenciosa do doutor Chandrasekhar, Martin havia se tornado a mais poderosa antena humana da comunidade. Era capaz de antecipar o início de tempestades com ao menos dois dias de antecedência das eclosões. Como se possuísse uma bússola implantada em sua mente, sabia identificar os pontos cardeais apenas se deixando guiar por uma espécie de “puxão magnético” que o acometia todas as vezes em que se virava para o norte. Todos os membros da comunidade tinham as mesmas habilidades de Martin, mas ele era indubitavelmente o melhor e mais bem treinado. A essas habilidades, associavam-se sua incrível força e velocidade,

aperfeiçoadas com dedicação no centro desportivo da vila. A vantagem secreta de Martin – inibição de miostatina – só era conhecida pelos médicos e cientistas da comunidade. A hipersensibilidade eletromagnética não estava necessariamente associada à supressão do gene miostatina, o que tornava Martin um espécime por demais curioso para pesquisas: duas mutações favoráveis num só indivíduo.

No segundo dia em que fora apresentado a Arthur, Martin procedera como gostava de fazer sempre que chegava algum novato: levava-o para pescar. Ainda que nenhum tipo de carne fosse servida no refeitório de Muhipu, os cidadãos eram livres para caçar e pescar, contanto que coletassem apenas o que eles próprios seriam capazes de ingerir e dessem uma morte rápida e limpa às suas presas. A pesca era menos pelo gosto de Martin por peixes e mais pelo apreço por exhibir suas invulgares habilidades.

A cena presenciada por Arthur merecia ser filmada, pois ninguém acreditaria se ele contasse.

Ao entrar no rio, mantendo a água no nível da cintura, Martin permaneceu imobilizado, com os olhos fechados e as mãos dispostas sobre a superfície, como que aguardando alguma coisa. Em menos de um minuto, moveu-se como um raio e pegou um peixe. Sorriu, exibindo o troféu para Arthur, e então devolveu o animal ao rio. Em questão de dez segundos, pegou outro. E outro. Em menos de dois minutos, havia agarrado e libertado algo em torno de nove peixes. Os índios no outro lado da margem, geralmente sérios, apenas riam e gritavam termos desconhecidos num idioma próprio. Após se cansar da brincadeira, Martin por fim coletou uma enorme truta, deu-lhe um beijo estalado e declarou:

– Todos os outros eram muito novos para serem comidos. Vamos pra casa, Laura está doida pra comer um peixe *a la mode* indígena: puro, com limão e um pouquinho de sal.

Arthur, na qualidade de novato, podia apenas ter um vislumbre do que lhe aguardava com o passar dos dias. Sem as interferências de ondas eletromagnéticas artificiais, parara de sofrer de dores e sentia sua mente mais clara e calma do que nunca. Ao olhar para o céu, conseguia ver algo como uma grade luminosa inicialmente

tênue e que se tornou mais e mais forte ao longo dos dias. Volta e meia, em momentos de silêncio total, conseguia ouvir um som, que lhe parecia uma vibração ao mesmo tempo grave e sutil. *É o norte,* comentara Martin. *O norte está sempre chamando, sempre vibrando. Mas nas cidades a gente não consegue ouvir.*

Laura Boccardo, por sua vez, era um incômodo enigma. Arthur não fazia ideia de por que aquela garota amalucada havia sido selecionada para orientá-lo. A gaúcha não parecia muito interessada em desenvolver nenhuma nova habilidade, nem se preocupava em treinar seu corpo. Sequer relava o pé no centro desportivo. Mesmo assim, era forte como um touro. E mal comia direito. Tudo para Laura girava em torno de relacionamentos, sexo, livros de ficção, sexo, arte e... sexo. Martin dizia que ela era "sexualmente hiperativa", e tal denominação fazia Arthur sorrir. Em qualquer lugar do Brasil, o termo a ela atribuído seria bem menos elogioso. Mas eles estavam em Muhipu, onde nenhum dos habitantes parecia ter qualquer inclinação moralista a respeito de sexo. No máximo, riam-se da erotização de Laura, que já havia se deitado (e sentado, e ficado de pé, e todas as outras posições imagináveis) com dezenas de homens e mesmo algumas mulheres da vila. Laura ficava constantemente com Martin que, por sua vez, não demonstrava nem o mais vago sentimento de posse em relação a ela. *Você deveria transar com ela, ia adorar,* recomendou Martin a um pasmo Arthur.

Era evidente que havia um profundo laço entre Martin e Laura mas, fosse o que fosse, não era exatamente paixão. Laura parecia precisar de Martin não emocionalmente, mas fisiologicamente, do mesmo modo que alguém precisa de água. Transava com ele e saía elétrica, como se tivesse tomado drogas ou uma xícara de café superforte. Nesses momentos, Arthur – com resquícios do pudor de sua antiga vida – queria apenas desaparecer, pois Laura não parecia estar nem um pouco preocupada em ser discreta.

– Mais... mais, me dê mais! Me dê tudo! – berrava e gemia Laura no quarto de Martin, pelo menos a cada duas noites. No outro dia, Martin ficava duas horas meditando ao Sol, em vez de apenas uma. E Laura, que já era agitada, ficava impossível.

Quando não transava com Martin, Laura saía à caça de outro parceiro ou parceira. Dera em cima de Arthur por diversas vezes, mas ele ainda pensava muito em Julia. Ademais, a ele parecia que sua tutora era irritante, ninfomaniaca, e talvez tivesse problemas psiquiátricos não inteiramente sanados por Muhipu, já que alternava entre um temperamento agitado e uma personalidade mais madura de uma hora para outra, sem justificativa. Era fato que ela irradiava uma espécie de aura magnética muito atrativa, mas Arthur parecia ser estranhamente imune aos encantos da garota. Algo dentro dele se agitava quando ela chegava perto, algo muito difícil de identificar ou definir.

O que Arthur não sabia é que cada um treina como pode e conforme suas próprias habilidades. E Laura, igualmente sem sabê-lo, ainda que parecesse pouco afeita às atividades comunitárias básicas, como ajudar na reciclagem do lixo ou no cultivo da horta, treinava o que tinha de treinar com tanta dedicação quanto Martin. Muhipu oferecia o fundamental a cada um, conforme sua natureza.

Os outros habitantes da comunidade pareciam felizes e receptivos. Cada um deles tinha sua própria história e, por mais diferentes que fossem, um elo comum e silencioso de dor os unia. A dor de uma vida insuportável nas cidades grandes. Raros eram os que apreciavam falar de seu passado, agindo como se sua vida tivesse começado no momento em que puseram os pés na comunidade. A larga maioria tinha perdido o pai ou a mãe em decorrência de derrames cerebrais. Arthur descobriu, em poucos dias, que sua pesquisa lhe daria muito trabalho. E um material tão vasto quanto esquisito.

A despeito da simpatia geral pelos habitantes da vila, havia outro além de Laura que não deixava Arthur confortável e, até por isso, lhe chamava a atenção: um homem norte-americano com algo entre cinquenta e sessenta anos chamado Lionel. Diferente dos demais, Lion – como os mais jovens o chamavam – não era nada sociável e parecia sempre triste. Comia pouco, não se empolgava com nenhuma atividade de caça ou pesca, limitando-se à alimentação vegetariana padrão de Muhipu. Nutria verdadeiro

horror à carne animal e recusava qualquer eventual oferta dessa, e nunca participava das festividades.

Mas eram na verdade duas as coisas que deixavam Arthur curioso sobre Lionel. Primeiro: se Muhipu era uma comunidade sul-americana e, conforme lhe explicara Ravi, havia outras vilas do gênero que reuniam falantes da língua inglesa, por que Lionel havia sido inserido entre os falantes de português e espanhol? Mais: se os membros da comunidade podem se tornar governadores após alguns anos, por que Lionel – que já havia ultrapassado largamente esse limite – não havia sido “promovido”? O que justificaria sua reprovação?

Foi conversando com Martin, rapidamente convertido em seu melhor amigo, que Arthur passou a sentir compaixão pelo americano esquisito. Segundo seu tutor, Lionel sofria de amnésia. Seu sofrimento, fosse qual fosse, havia sido tão imenso durante sua vida fora da vila que ele de alguma forma bloqueara toda e qualquer recordação de sua existência pregressa. Lembrava-se apenas de seu nome e sabia que nascera numa cidade grande chamada Milwaukee, a maior do Estado do Wisconsin, nos Estados Unidos. Habilidoso em Química e Física, Lionel se ocupava no laboratório de pesquisa de ervas medicinais e no desenvolvimento dos captadores solares da comunidade.

O restante da história daquele homem apenas Ravi Chandrasekhar poderia saber. Mas por que o doutor não contaria essa história ao próprio americano? Talvez quisesse poupar Lionel do sofrimento causado pela lembrança de sua vida pregressa. Ademais, o próprio Chandrasekhar provavelmente não teria tido contato pessoal com a história de Lionel, uma vez que o americano chegara vinte anos antes e, nessa época, o simpático doutor não seria muito mais que um pós-adolescente. Foi pensando nisso que Arthur se apercebeu de outra curiosidade: quem teria sido o antecessor de Ravi Chandrasekhar na coordenação da vila?

Um dia no refeitório, com toda a gentileza que lhe era peculiar, Arthur se aproximou de Lionel e perguntou, como quem não queria nada, quem o havia conduzido até Muhipu vinte anos atrás.

– Não lembro – foi a resposta concisa, curta e ríspida dada pelo americano, sem sequer tirar os olhos do copo de leite de amapá, uma deliciosa iguaria amazonense típica que só reforçava as teorias de Arthur acerca da localização de Muhipu. Não havia leite de vaca na vila porque não havia vacas, e a proposta comunitária envolvia o máximo de sustentabilidade a partir de recursos locais. Bebiã, portanto, o leite extraído de uma árvore chamada Amapazeiro.

Não foi difícil, contudo, obter algumas respostas. Após alguma pesquisa, Arthur terminou descobrindo que o doutor Chandrasekhar passara a se envolver diretamente no processo de seleção da vila em 1990. Antes disso, tudo era mistério que apenas um eventual governador poderia elucidar. Isso serviu para deixar Arthur apenas mais espantado. Pensava que o cientista tivesse algo em torno de quarenta anos, mas não podia ser, pois isso implicaria num juvenil Chandrasekhar coordenando tudo com apenas dez anos de idade. Era isso ou admitir que se enganara muito com relação à idade de Ravi.

A mais velha moradora de Muhipu era uma senhora uruguaia de setenta anos de vida e cinco décadas de comunidade. Uma mulher miúda e saudável, chamada Lorena. Ela era uma mulher apaixonada por Muhipu e tratada carinhosamente como “mãe” por praticamente todos os moradores, inclusive pelo arredio Lionel. Lorena parecia ter grande carinho pelo americano, o que parecia natural, uma vez que fora sua tutora. Arthur chegou a presenciar algumas cenas muito carinhosas entre Lionel e Lorena, com ela a afagar os cabelos do americano como quem acaricia uma criança. Na qualidade de governadora de Muhipu, Lorena não residia na vila, mas ia e voltava e ninguém sabia para ou de onde. Ela, comedida, evitava o assunto com delicada firmeza, e foi com a mesma polidez que se evadiu das perguntas de Arthur a respeito de Ravi e Lionel.

Segundo o pouco que Lorena revelou, seu convite para Muhipu havia partido de uma índia charrua. Os charruas haviam sido uma poderosa tribo indígena na região do Uruguai, mas foram praticamente dizimados entre os séculos XIX e XX. A fundação daquele país se confundia com a história de um genocídio. Os poucos charruas que sobreviveram – mulheres, em geral – só

conseguiram isso por desposarem o homem branco. Essa índia “civilizada”, tornada enfermeira, havia socorrido Lorena num dos muitos episódios de violência sexual perpetrados pelo pai da então jovem uruguaia. Os anos 1960 do século XX chegavam ao fim, e o conhecimento da hipersensibilidade eletromagnética era ainda uma realidade distante da medicina oficial. Lorena tinha todos os sintomas, mas nem fazia ideia deles. A dor causada pela constante violência doméstica se confundia com as dores desencadeadas pela hipersensibilidade eletromagnética.

Por alguma razão, aquela índia charrua sabia muito bem o que se passava com Lorena. Num rápido telefonema, a índia conversou com alguém e, poucos dias depois, apareceu uma moça muito compreensiva de nome Helena. Helena sugeriu à garota que procurasse asilo em Muhipu. Com medo de morrer e sendo vítima de abuso sexual constante, Lorena não pensou duas vezes e se deixou anestésiar por uma espécie de chá alucinógeno dos charrua, despertando então no que ela passou a considerar um “paraíso na Terra”: Muhipu. Mais do que isso, Lorena não contava. Ela era extremamente fechada como, aliás, pareciam ser todos os demais governadores.

A comunidade era repleta de etnias indígenas. Arredios, eles quase não interagem com os forasteiros, com exceção das crianças. Não havia um conceito claro de “paternidade” na vila, e todas as crianças – em geral indígenas – chamavam a todos os adultos de “pai” ou “mãe”. No início, Arthur achou tudo aquilo muito estranho, pois subitamente havia ganhado dezenas de “filhos”.

Tentando se aproveitar da simpatia dos pequenos, Arthur perguntou sem pestanejar se havia algo de estranho à noite, do lado de fora das casas, já que qualquer criança, fosse ou não indígena, tinha autorização para sair no período noturno. O toque de recolher valia apenas para adultos não indígenas.

– Nada – respondeu a menina abordada. – Nada além da Lua e das estrelas.

E, ao contrário do que desconfiava Arthur, não havia mentira alguma naquelas palavras.

23. MELBOURNE, AUSTRÁLIA, 12 DE NOVEMBRO DE 1929

Quando o fenômeno corrosivo nas tubulações dos esgotos enfim se manifestou em várias cidades australianas, o Conselho de Obras de Melbourne se reuniu e decidiu criar um projeto de pesquisas coordenado por um químico chamado Charles D. Parker. Não demorou muito até que o cientista descobrisse o que estava ocorrendo não apenas no contexto local, mas ao redor do mundo. Era evidente que o concreto estava se transformando, de forma acelerada, numa substância parecida com massa de vidraceiro. Considerando que o tempo médio de decomposição do concreto é de algo em torno de setenta e cinco anos, havia de existir algum agente químico que estava adiantando o prazo de validade para menos de dois meses.

O que Parker temia, mas não ousava dizer em voz alta, era a possibilidade de um atabalhoado ataque terrorista. Não pôde deixar de reparar na coincidência: a bolsa de valores de uma das mais poderosas economias do planeta entra em colapso e, concomitantemente, o concreto de algumas cidades importantes começa a se desintegrar a olhos vistos. Temia que alguma nação hostil estivesse se aproveitando da vulnerabilidade americana para perpetrar um ataque biológico irresponsável. A hipótese era algo que ele, como químico, já havia considerado anos antes, e tinha certeza de que era questão de tempo até que alguém se valesse da ciência – e, mais especificamente, de armas bacteriológicas – para atacar algum inimigo. Ninguém levava a sério os temores de Parker. *Paranoia de quem sobreviveu à primeira guerra*, diziam seus colegas, e, de fato, ele sentia cheiro de coisa podre vindo por aí.

Parker desconhecia, dado o retardo de comunicação entre os países naquelas primeiras décadas do século XX, que o problema havia se iniciado no Egito. O químico ouvira falar de acontecimentos similares nos Estados Unidos e, por isso, a situação dava a ele uma sensação ruim de ataque orquestrado. Se soubesse do problema enfrentado no Cairo, teria ficado menos paranoico. Afinal, por que alguém atacaria a capital do Egito? E por que usaria um

instrumento biológico tão difícil de controlar, capaz de iniciar sua ação na África e em questão de meses alcançar a Austrália?

A neurose de sobrevivente de guerra, porém, teve sua serventia. Movido por grande sentimento de urgência, Parker trabalhou dobrado até descobrir a causa do problema: uma criatura com dois micrômetros de comprimento e forma de bastonete. Uma bactéria. Ao contrário dos microrganismos usuais, que consumiam matéria orgânica, aquela criatura tinha o enxofre como elemento principal em sua exótica dieta. Os esgotos, liberando continuamente sulfeto de hidrogênio, constituíam um ambiente promissor para aquele monstinho.

Ao realizar diversos testes em seu laboratório, Parker descobriu que aquela colônia de bactérias produzia ácido sulfúrico. Essa substância, reagindo com o concreto, corroía tudo, inclusive tiras de metal. O químico não podia acreditar no que via e, durante um bom tempo, chegou a considerar a possibilidade de aquele pequeno ente ter sido, de fato, fabricado por algum cientista maluco com intenções espúrias. A materialização dos piores pesadelos de Parker. Batizado de *Thiobacillus concretivorus*, do latim "bastonete de enxofre comedor de concreto", o pequeno monstro seria capaz de destruir todos os esgotos do planeta em questão de meses, se não fosse contido.

Por alguns dias, chegou a correr o boato histórico de uma devastadora arma biológica capaz de reduzir a Austrália a pó. Parker teve considerável trabalho para informar a população de que o *Thiobacillus concretivorus* só era "super" por prosperar no extremo calor e no ácido sulfúrico, mas que, de resto, era vulnerável às formas usuais de extermínio. Muitos, tomados por fantasiosa hipocondria, chegaram a temer por si mesmos. O raciocínio, simples em sua formulação, era o seguinte: se tal micróbio, seja lá qual fosse sua origem, tinha o poder de corroer concreto, o que seria capaz de fazer nos corpos humanos?

A resposta a esta pergunta, contudo, era igualmente simples: nada. Parker precisou de todo seu poder de persuasão para explicar ao povo de Melbourne que uma criatura daquelas, capaz de devorar concreto, interpreta nossa biologia como algo sem graça e inútil.

Seria como disponibilizar um prato de alface para um leão. Noite após noite, Parker mergulhou em diversos testes, a fim de tentar descobrir uma forma de neutralizar o monstinho devorador de concreto. Não se sabia de onde ele tinha vindo, mas essa se tornou uma questão menor. Suas investigações duraram quatorze meses, e ele já estava beirando o desespero quando, subitamente, a bactéria desapareceu não apenas de Melbourne, mas parou de atacar em todas as demais cidades do mundo.

O que Charles D. Parker não podia imaginar é que suas teorias sobre possíveis armas biológicas eram muito bem fundamentadas, e que ele – como o bom futurologista que era – havia se enganado apenas por cento e dez anos. Se uma inteligência avançada quisesse destruir uma civilização e preservar a natureza ao mesmo tempo, o melhor instrumento seria a utilização de uma bactéria daquele tipo. O termo “bactéria extremófila” ainda não havia sido cunhado, mas Parker já compreendia bem esse conceito. Ele não era o único. Pairando a sete mil metros de altura, dentro de uma bolha transparente, uma mulher chamada Helena estava satisfeita com a rápida reação das bactérias devoradoras de enxofre ao seu comando de “desligar”.

– Perfeito – comunicou Helena aos demais membros da Areté. – Funciona muito bem. Se precisarmos, já temos ideia do que usar contra eles.

Parker foi mesmo um homem bem à frente de seu tempo, no final das contas.

24. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 37 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Se um cientista social pudesse estudar o comportamento dos moradores da comunidade, não se espantaria (muito) com a subtração do espírito inquiridor da maioria. Além da obediência garantida em decorrência do medo da dor, havia também os até então desconhecidos inibidores de curiosidade inseridos na água potável pelo doutor Chandrasekhar. E, convenhamos, poucos lugares eram mais divertidos do que o interior das casas da vila

quando o Sol se despedia. As noites eram tão alegres, com tantos jogos, música, recitais e festas praticamente diárias, que o mundo exterior soava apenas entediante e eventualmente ameaçador, por conta dos rugidos que podiam ser ouvidos durante toda a madrugada. Ademais, não havia iluminação fora das casas além de alguns lampiões a gás, e ninguém queria se aventurar a andar no mato na mais repleta escuridão. Por mais que a vila fosse cercada, os moradores tinham verdadeiro horror à ideia de encontrar uma cobra ou algum outro animal que reinasse à noite e fosse capaz de passar pelas muralhas. Para completar o quadro, ainda havia aqueles índios altos e sérios na guarda, e todos davam arrepios. Decididamente, permanecer no interior do complexo residencial era bem mais interessante. Assim, a proibição dos passeios noturnos causava pouco ou nenhum incômodo na maior parte dos indivíduos.

As residências em Muhipu possuíam interligações dos mais variados tipos. Túneis que ligavam um ambiente ao outro, em todos os níveis. Algumas casas eram conectadas por corredores subterrâneos. Outras, por passarelas suspensas cobertas. E algumas poucas, por vínculos no nível do solo. Se alguém tivesse paciência de andar por todas essas passarelas, seria capaz de ir a todas as casas de Muhipu, chegando até a maloca central, onde se realizavam os encontros e festas indígenas.

Tamanha conexão terminava por gerar um novo conceito de privacidade, pois os corredores sempre ligavam as casas a partir da sala principal. Não era incomum que, durante o período noturno, um completo estranho adentrasse a sala principal da casa de Arthur, Laura e Martin e desse um sorridente "olá" antes de prosseguir para onde desejava ir. Por mais de uma ocasião, Arthur precisou ir à casa de alguém durante a noite e, para isso, passou por pelo menos quatro outras casas. A situação inicialmente lhe causou algum constrangimento. Pedia licença para entrar, e os habitantes o olhavam como se ele fosse alguma espécie de alienígena por conta daquele gesto.

Em Muhipu não havia "com licença". Arthur demorou, mas terminou entendendo que apenas os quartos eram privados. As salas, por sua vez, eram comunitárias. As paredes, em com-

pensação, eram espessas o suficiente para impedir a intrusão de sons excessivos nos quartos de dormir.

As casas da vila eram, de fato, extraordinárias em sua arquitetura. Ao mesmo tempo simples e funcionais, sem dúvida haviam sido imaginadas de modo a estimular a interação entre as pessoas. A cada seis residências, havia uma maior que funcionava como ponto de encontro noturno, com capacidade para até trinta indivíduos. Eram casas arejadas, com amplas janelas por onde circulava um vento agradável e ameno, um bálsamo contra a temperatura de constantes 29 graus. Tais janelas, contudo, eram cerradas à noite. *Para evitar os fótons estelares*, comentara Lorena em mais de uma ocasião. Ventiladores acionados por potentes baterias solares repletas de energia acumulada durante o dia garantiam o frescor do interior das casas. *Pelo visto, um claustrofóbico não poderia nunca morar aqui*, pensara Arthur por vezes diversas.

Apesar de não haver sistema de esgotamento sanitário, todas as casas tinham pelo menos um banheiro com chuveiro e um sistema de bombeamento que trazia e purificava a água do rio. Havia também fossas sépticas. O uso inteligente de bactérias anaeróbias garantia ao mesmo tempo a decomposição de excrementos e a produção de gás natural, utilizado em alguns fogões e lampiões. Muhipu era um supremo exemplo de comunidade eco-sustentável. Um sofisticado sistema de captação solar, construído em exóticos padrões que faziam lembrar galhos de árvore, garantia energia para o sistema de bombeamento da água do rio para a vila. Arthur nunca havia visto instrumentos de captação de energia solar com aquelas formas e potência, de modo que procurou desenhá-los em seu bloco de notas, a fim de incluir observações em sua futura tese de doutorado. Lionel era um dos que se ocupavam dos captadores solares, e Arthur o questionou acerca daquelas formas esdrúxulas.

– As formas permitem maior captação de energia solar. Otimização por sequência de Fibonacci, difícil de explicar pra quem não é do mundo das Exatas. *Em biblioteca você achar muita informação sobre isso* – respondeu o americano em seu português

arranhado, evadindo-se das tentativas de abordagem por parte do novato. Mas a resposta, mesmo que vaga, já era alguma coisa. *Pesquisar sequência de Fibonacci*, anotou Arthur em seus rascunhos.

As pessoas se agrupavam de acordo com seus interesses em comum: havia os que gostavam de poesia, os que se reuniam para compor e tocar instrumentos, os que passavam o dia treinando no centro desportivo, os que davam aulas, além de tantas outras atividades, como agricultura ou mesmo a limpeza da vila. Em Muhipu, havia tempo de sobra para que todos se dedicassem bastante aos seus lazeres favoritos. E todos faziam apenas o que lhes interessava. Essa liberdade, longe de desencadear a vadiagem, parecia instigar a alta produção. As pessoas estavam sempre fazendo alguma coisa com invulgar alegria, e se voluntariavam sempre que podiam para tarefas menos agradáveis, como lavar a louça ou participar das oficinas de reciclagem de materiais.

Arthur se sentia feliz. Mas seu contentamento estava bem longe de causar, em seu espírito, resignação.

Muhipu não era de forma alguma um lugar estanque. A vila se expandia, ainda que com vagar. Dentre os que se tornavam governadores e adquiriam plena liberdade de ir e vir, a larga maioria se mudava para um local não informado e, assim, sempre havia vagas nas residências. Muito eventualmente, uma nova casa era construída para atender às necessidades comunitárias. O impressionante era a velocidade de construção do aposento: da noite para o dia, durante a madrugada, *abracadabra*, lá estava a casa. Arthur viu isso acontecer duas vezes em apenas um mês. Martin teorizava que um mutirão indígena levantaria uma casa pré-fabricada em apenas doze horas. Arthur não achava impossível, mas considerava esquisito que uma casa fosse erguida no calar da noite. Mais esquisita do que a ideia de uma casa instantânea, era a falta de curiosidade dos habitantes em relação a isso. Aceitavam o "brotamento" arquitetônico como se vissem o desabrochar de uma flor.

Outro dos grandes prédios da vila era o Centro de Multidisciplinas, o mais próximo que alguém poderia encontrar de

uma “universidade”. Mas não havia aulas formais, e sim grupos de estudos coordenados por voluntários.

Desde seu quinto dia em Muhipu, Arthur assumiu o comando de um grupo de discussão em História. A ementa – organizada por anônimos completos, que Arthur imaginava serem os governadores – propunha o estudo de utopias sociais, considerando autores tais quais Campanella, Marx, Platão, Rousseau. Arthur não era lá muito fã de platonismos ou comunismos, achava Campanella um fascista e Rousseau um tolo, mas percebeu que poderia fazer uma abordagem crítica, sem ter de se portar como um panfletário de ideias sobre as quais não concordava. A ementa contemplava posteriormente estudos sobre Hobbes, Freud, Nietzsche e Spinoza, deixando Arthur mais confortável. Ele também lecionava História para um grupo de adolescentes duas vezes por semana, a partir de uma proposta realmente estranha: não havia provas nem lista de frequência. Comparecia quem queria, e cada qual deveria ser estimulado a realizar uma autoavaliação considerando os seguintes pontos: o que aprendi? Necessito de reforço em algum assunto? Não havia notas formais.

À parte tanto investimento nas Ciências Humanas, Muhipu não estimulava a pesquisa científica. Tudo o que as pessoas faziam era viver num estado que oscilava entre o divertimento e as atividades nos universos da História, da Filosofia e da Literatura. Além de arte, muita arte. Não foi preciso um olhar mais apurado para perceber que havia poucos engenheiros na vila. Os trabalhos mais técnicos realizados em Muhipu eram desempenhados por Lionel, alguns índios e duas moças formadas em Engenharia, e tudo se limitava ao estudo das ervas, ao aperfeiçoamento dos captadores solares e dos biodigestores.

Soava tudo muito simples, libertário e estranho ao mesmo tempo. As pessoas pareciam felizes, sem manifestar saudade alguma de suas vidas progressas.

Segundo Arthur ouviu dizer, os pouquíssimos indivíduos que atuavam em áreas técnicas – médicos, engenheiros e cientistas em geral – eram em sua maioria persuadidos a se envolver em outras atividades e retornar às pesquisas usuais após cinco anos de

experiência, sob supervisão de algum governador. Arthur fez uma anotação mental sobre isso: algumas profissões favoreceriam o escalamento de governadores comunitários em detrimento de outras? A seleção para a comunidade restringia intencionalmente profissionais de Ciências Exatas?

Movido pela sugestão de Lionel, Arthur decidiu conhecer melhor a biblioteca de Muhipu e constatou que ela era um verdadeiro tesouro. Ocupava dois edifícios de três andares e tinha quase tudo o que alguém poderia querer. Como não havia sistema informatizado na biblioteca, encontrar alguns livros dava mais trabalho e, por isso, havia muitos voluntários operando em conjunto. Os dois prédios constituíam os lugares mais silenciosos, serenos e relaxantes que Arthur já havia conhecido em toda sua vida. Passava horas a fio na biblioteca, lendo quase sem cessar. Podia, se quisesse, levar livros para casa. Mas apreciava estar ali, considerando que não teria de aguentar os súbitos falatórios desenfreados de uma das personalidades de Laura.

Subitamente, Arthur se deu conta de uma coisa bem esquisita: não havia livros de Geografia na biblioteca. Nada. Nem mesmo um mísero atlas. Também não encontrou nenhum livro de Astronomia e identificou sinais de vandalismo em algumas publicações. Uma página arrancada num livro, três em outro, um capítulo inteiro em outro. Tentou, mas não identificou nenhuma coerência lógica entre as páginas extirpadas nas publicações.

Fuçando o setor de livros didáticos atrás de algo que explicasse o que vinha a ser a tal “sequência de Fibonacci” citada por Lion, Arthur esbarrou num dos livros mais vandalizados de toda a biblioteca: “Física 1”, de Resnick, Halliday e Krane. Nele, o problema era maior do que apenas páginas arrancadas. Havia rasuras esquisitíssimas em algumas páginas, como se alguém tivesse corrigido tudo manualmente. Logo na contracapa, ele podia ler algumas coisas sem rasura:

ALGUMAS CONSTANTES FÍSICAS:

Velocidade da luz no vácuo – c – $3,00 \times 10^8$ m/s

Constante gravitacional – $G = 6,67 \times 10^{-11} \text{ N} \cdot \text{m}^2/\text{kg}^2$

Constante de Avogrado – $N(A) = 6,02 \times 10^{23} \text{ mol}^{-1}$

Constante universal dos gases – $R = 8,31 \text{ J/mol} \cdot \text{K}$

Relação massa-energia – $c^2 = 8,99 \times 10^{16} \text{ J/Kg}$

E assim por diante, com quase tudo aparentemente inalterado, exceto em alguns lugares onde a rasura era evidente. Em "ALGUNS FATORES DE CONVERSÃO", havia correção manual feita em:

Tempo

1 ano = 377,43 dias

Alguém mexeu no livro para prejudicar o entendimento mesmo. Qualquer um sabe que um ano tem 365 dias e uns quebrados, pensou Arthur. Continuando a leitura, ele chegou a "ALGUMAS PROPRIEDADES FÍSICAS" e notou várias rasuras e rabiscos em:

Terra

"Massa – $4,66 \times 10^{24} \text{ kg}$ " – Ao lado, com letra feminina, estava escrito "*incerto, só se a densidade for a mesma, mas faz sentido*".

"Raio médio – $5,73 \times 10^6 \text{ m}$ " – Ao lado, com a mesma letra feminina, lia-se "*Método de Eratóstenes*".

Algumas partes tinham, além de rasuras, formulações matemáticas em letra bem miúda, no canto. Era o caso de:

"Aceleração de queda livre na superfície da Terra – Entre 9 e $9,5 \text{ m/s}^2$ " – Ao lado, Arthur conseguia distinguir uma conta: $A = Gm/r^2$; em seguida, vários números e contas que faziam sua cabeça doer.

"Velocidade de escape – Entre 10,15 e 10,43 km/s" – Ao lado, mais uma equação e uma conta que fazia a cabeça de Arthur doer. Sempre odiara Física, de modo que " $v_e = \sqrt{2gr}$ " não fazia o menor sentido para ele.

Outros dados continuavam inalterados, mas com vários pontos de interrogação desenhados ao lado. Era o caso de "Atmosfera padrão", "Período de satélite a 100 km de altitude", "Raio de órbita geossíncrona", "Momento de dipolo magnético" e "Campo elétrico médio na superfície".

Arthur lia as alterações, porém elas nada lhe diziam. Com seus poucos conhecimentos sobre Física, conseguia apenas identificar o erro no valor atribuído ao ano. Imaginava que as outras coisas estivessem igualmente erradas, em decorrência das rasuras. Por fim, passando os olhos ao longo da página, Arthur se deparou com muitos pontos de interrogação desenhados em:

Distância média do centro da Terra à/ao:

Lua – $3,82 \times 10^8$ m ????????

Sol – $1,50 \times 10^{11}$ m ????????

Estrela mais próxima – $4,04 \times 10^{16}$ m ????????

Centro de galáxia – $2,2 \times 10^{20}$ m ????????

Galáxia de Andrômeda – $2,1 \times 10^{22}$ m ????????

Borda do universo observável – $\sim 10^{26}$ m ????????

Intrigado, Arthur achou que seria melhor levar o livro consigo. Curioso, dirigiu-se à bibliotecária responsável pelo setor e perguntou:

– Posso ficar com este livro por quanto tempo?

– Duas semanas. Se precisar renovar, é só passar aqui. Não é um livro muito usado, a maioria dos moradores não se interessa muito por Física.

– Só por curiosidade, você saberia dizer quem foi a última pessoa que pegou este livro?

– Claro, por que não? Pode ser uma boa forma de localizar dentro da comunidade alguém que, assim como você, goste do assunto.

A bibliotecária, uma moça oriental muito alta e bonita e com sotaque distintamente paulistano, começou a remexer em arquivos de papel, buscando fichas. Sorriu, ao encontrar o que buscava.

– Aqui está, achei – e seu sorriso murchou. – Oh, lamentoso... Esta ficha é da Paula. Paula Carvalho, uma mineira... Professora de Física. Ela não vive mais em Muhipu.

– Pra onde ela foi? Virou governadora ou foi pra casa?

– Não sei, acho que voltou para Minas Gerais. Ela não estava bem. Uma moça tão bonita, tão inteligente... Depois de um ano feliz em Muhipu, ela mudou o comportamento. Começou a agir feito uma maluca, sabe?

– Como assim?

– Bem... Eu só sei de coisas por alto. Ela primeiro ficou obcecada com o próprio peso, insistia que as balanças estavam erradas. Rolaram fofocas de que era anoréxica, mas não faz sentido. Ela não achava que estava gorda, achava que estava pesando menos, algo assim.

Notando que estava diante de uma pessoa falante e ansi-osa por conversar, Arthur resolveu dar mais corda ao assunto. Era bem interessante saber mais a respeito de alguém que foi embora da comunidade tão logo chegou.

– Entendo. E aí?

– Aí ela começou a andar demais com Lionel, sabe? Aquele americano esquisito. Ele fazia tudo o que ela queria. Ela fez com que ele pegasse madeira para fazer uma haste. Disse que queria fazer uma bandeira indígena para fincar em frente à casa. Só que, no final das contas, não era bandeira nenhuma.

– O que era?

– Sei lá! Ela ficou medindo a sombra daquele troço por vários dias, sempre ao meio-dia. Um dia ela caiu de uma árvore, torceu o tornozelo e quebrou o nariz e, sabe, vou te dizer, eu tenho quase certeza de que a doida fez de propósito.

Arthur ficou especialmente intrigado.

– Por que você acha que ela fez de propósito?

– Muita coincidência! Ela primeiro me infernizou porque não tinha livros de Geografia aqui. Mas o que é que eu posso fazer? Eu sou apenas uma voluntária da biblioteca, não sou uma governadora! Até escrevi uma queixa formal para Lorena, requisitando livros de Geografia, mas fui ignorada. Então, Paula perguntou qual a distância entre a vila e o centro médico, e eu disse: cem quilômetros. Ela ficou escrevendo umas coisas, e disse *acho que é suficiente, vai ter de servir*.

– Servir pra quê?

– Não faço ideia. Só sei que no outro dia ela caiu da árvore. Muita coincidência, né? Ela foi levada pelos índios de barco a motor para o centro médico, que era para onde eu acho que ela planejou ir, por alguma razão. E levou o tal mastro com ela! Não queria largar dele de jeito nenhum! Deixaram que ela levasse.

– E quando ela voltou, o que aconteceu?

– Foi mais ou menos quando veio aqui e pediu este livro. Deve tê-lo rabiscado enquanto estava com ele, eu não notei. Ficou apenas alguns minutos com ele, fazendo cálculos e anotações num papel. Acredita que ela conseguia multiplicar números de grandes dígitos usando apenas a própria cabeça? Meia hora depois, estava aos prantos. Tentei ajudá-la, mas ela só quis ir pra casa. Na mesma noite, tentou fugir da casa, gritava como louca!

– Gritava o quê?

– Que precisava sair para a noite! Vê só que maluca? Do nada, queria de qualquer jeito sair à noite, mesmo sabendo que isso faz mal! Agrediu os próprios tutores, conseguiu derrubar o índio guardião no chão e fugiu para a área aberta. Parecia uma onça! Só sei que, antes de ser detida, Paula ficou por uns dois minutos no pátio de Muhipu, à noite. Ela gritava *eu sabia! Eu sabia!* Gritava mais alto que os rugidos das onças. Apavorou todo mundo. Tá na cara que pirou com a sobrecarga da luz estelar.

– E o que aconteceu, então?

– O doutor Ravi chegou em uns vinte minutos. Eu soube que ela cuspiu na cara dele, um índio me contou... Ela disse que doutor Ravi era mentiroso, imagine! Um homem tão bom, Deus o abençoe! Se não fosse por ele eu ainda estaria presa por agressão, depois de surtar. Jesus guarde o doutor Ravi, ele é um santo! O doutor a levou daqui, e nunca mais a vimos. Lorena reuniu a comunidade, disse que Paula não tinha se adaptado, que estava sofrendo muito e, por isso, voltou pra casa. Ficou doente mesmo, surtou total. Quem mandou sair à noite? É cada uma...



Arthur tinha achado o relato da bibliotecária muito curioso. Ao que tudo indicava, a tal Paula havia descoberto (ou pensado ter descoberto) alguma mentira cabeluda envolvendo Muhipu. Arthur não sabia o que pensar, mas acreditava piamente que a resposta estaria nas rasuras e cálculos feitos pela moça no livro de Física. Passou a ter mais certeza depois que encontrou um papel solto entre as páginas 118 e 119, em que era possível ler numa escrita tão intensa que quase furava o papel: *EU USEI O MÉTODO DE ERATÓSTENES, MEDI TUDO, DESCOBRI TUDO, VOCÊ NÃO ESTÁ ONDE PENSA QUE ESTÁ. É TUDO FALSO.*

Arthur não entendeu nada e percebeu que ganhara mais perguntas do que respostas. Método de Eratóstenes? Medir? Falso? O que Paula queria dizer? Imaginava que poderia encontrar, dentre os moradores da vila, alguém bem-versado em Física. Queria tentar compreender o que havia naquele livro e nas anotações que teriam abalado tanto Paula. E, folheando aquele calhamaço de Ciências Exatas, a cada página conseguia apenas se lembrar de um nome para quem todo aquele mistério seria fichinha:

Julia.

Ela fazia falta.

25. VALINHOS, BRASIL, 9 DE NOVEMBRO DE 2039

Sentada na antessala do Observatório Abrahão de Moraes, a doutora Julia Rivera mal disfarçava sua ansiedade. Sua perna direita chacoalhava sem parar, uma mania que ela jamais perdera desde que voltara da Inglaterra, cinco anos atrás. Eram 20h45m e a conexão com Filippo, seu namorado italiano, estava cinco minutos atrasada. Pensou em lhe enviar uma mensagem, mas não queria parecer uma daquelas mulheres obcecadas que têm ataques de loucura quando o namorado atrasa. A verdade é que Julia temia não conseguir falar com ele, pois faltavam apenas quinze minutos para o início da sessão mensal de Astronomia intitulada “noite com as estrelas”, na qual guiaria estudantes de diversos cursos da Universidade de São Paulo.

As sessões observacionais abertas ao grande público aconteciam sempre no quarto crescente lunar, mas em novembro eles tinham excepcionalmente optado por um encontro extra no quarto minguante, reservado com exclusividade para os alunos. O céu se encontrava bastante estrelado, com nenhum planeta visível além de Netuno, inalcançável a olho nu. Mas quem tinha olhos nus em 2039? As condições meteorológicas estavam perfeitas, e a noite prometia uma excelente sessão observacional.

Julia sentia saudade de Filippo. Muita.

De repente, o alívio: uma luz vermelha de chamada prioritária começou a piscar no canto inferior esquerdo do campo visual da professora. Era o namorado. Ela acionou a aura virtual cúbico-avermelhada significando “não perturbe” e, sentada na antessala, viu tudo desaparecer e dar lugar à imagem de Filippo sentado num restaurante perto do mar.

– Deixa eu adivinhar – sorriu Julia. – Você está em Positano?

– Quase! – gargalhou Filippo. – Ou você está usando algum novo software de localização nas lentes de contato ou sua intuição é mesmo boa, hein? Estou em Sorrento, em frente ao Golfo, num agradável bar-restaurante, degustando um *limoncello*. Pena que esteja tão frio!

Filippo Strati falava em italiano, e Julia, inglês. Entretanto, o sistema Ubiq fornecia a tradução em tempo real, na forma de legendas nas lentes *googleyes*, de modo que nem eles nem ninguém tinham mais problemas decorrentes da diferença idiomática. Apenas os cursos de inglês passaram a ter reais problemas, considerando a debandada dos alunos. O mecanismo de tradução simultânea não era – ainda – infalível. Algumas palavras, de fato, se perdiam e eram intraduzíveis. “*Limoncello*” era uma delas, mas Julia sabia muito bem o que significava: um delicioso licor feito à base de limões, bebida típica do sul italiano.

– Que inveja! – admitiu Julia. – Bem queria eu poder tomar um pouco pra relaxar. Hoje é a noite com os pequenos demônios – disse, sorrindo apenas com o canto da boca e girando os olhos, num jeito levemente irônico que tanto atraía Filippo.

– Relaxe, querida! Não sinta inveja de mim, aqui está um frio horróroso. Mal posso esperar para ir ao Brasil e tomar um pouco de Sol – replicou o engenheiro que, mesmo usando um caríssimo terno inteligente com compensação térmica, de fato parecia sentir frio. – Tenho um presente pra você! – continuou, com um brilho provocativo no olhar.

– Outro? Pare de gastar dinheiro comigo, seu bobo!

– Não foram caros, juro! Quer ver?

– Quero, claro!

Formando a letra “L” com os dedos polegar e indicador de cada mão, Filippo uniu as duas mãos, criando um quadrado capaz de acionar a função fotográfica das *googleyes*. Focalizou o quadrado num pequeno objeto sobre a mesa, piscou o olho de um jeito característico e disse “foto”. A imagem do minúsculo presente foi registrada e enviada para Julia, numa ampliação de excelente nitidez. Com a mão direita, Julia pegou a imagem (que apenas ela podia ver) flutuando no ar à sua frente, e a arrastou para o canto direito inferior de seu campo visual, de modo que pudesse – ao mesmo tempo – vislumbrar a foto e o namorado. A imagem revelava um par de brincos ricamente trabalhados mesclando prata com uma pedra de um preto fosco.

– Filippo, são lindos! Obrigada, você é um amor! Isto é magma?

– Isso mesmo! Achei a sua cara. É magma da recente erupção do Vesúvio, moldado por um artesão local e incrustado em prata polonesa de ótima qualidade. Mas eu os revesti com átomos claytrônicos, e eles mudam quando você diz uma senha e a cor desejada em RGB decimal. Veja só: *Hefesto. Zero. 127. 255.*

Ao dizer o nome do deus grego da tecnologia e declarar pausadamente o código RGB, o negro dos brincos se tornou azul-ardósia. Parecia mágica. Julia deu uma gargalhada.

– Não posso crer! Me mostra a mudança de cor de novo?

– Claro, amor! – riu Filippo. – Que cor você quer?

– Deixa eu pensar... Púrpura!

– *Hefesto. 135. 31. 120.*

– Fala sério! Brincos de matéria programável? Vocês já estão tão avançados na manipulação de átomos claytrônicos?

– Nada tão elaborado, apenas o revestimento é de matéria programável. O resto é como eu disse: magma e prata comum. Falta muito ainda para chegarmos a objetos inteiramente feitos de *catoms*. Mas estamos avançando. Quando esse dia chegar, vou te dar um vestido que servirá para qualquer ocasião, mudando não apenas a cor como a forma, dependendo do estilo que você solicitar.

– Adorei, querido. Vou matar de inveja as minhas amigas do curso de Ciências Moleculares. Agora fico no aguardo do meu melhor presente, e isso pode parecer clichê, mas não é: quero você.

– Eu também, meu amor, eu também. Bem, vou voltar para o hotel, aqui já é quase uma hora da manhã e os monitores em meu terno já estão me enviando sinais de bronca por causa dos níveis de álcool em meu sangue.

– Ah, a tirania Ubiq! Querem que a gente viva pra sempre!

– Não reclame, já salvou a vida de sua mãe uma vez.

– É verdade, é verdade. Querido, durma bem. Vou enfrentar as pestes. Até amanhã!

Com um aceno característico, Julia desativou a aura cúbico-avermelhada de “não perturbe” e reconverteu sua visão e atenção para a sala de espera do observatório. Lucas, um de seus orientandos de doutorado, um rapaz negro alto e magro, ao ver que ela não estava mais ocupada, aproximou-se.

– Professora, os estudantes já estão aí. Podemos começar? Já preparei o upgrade do Stellarium e o disponibilizei na intranet do observatório.

– Excelente, Lucas. Acho que vou começar com as constelações dos tupis-guaranis, o que acha?

– Acho ótimo. A Constelação do Touro já está ascendendo e podemos mostrar a Constelação do Homem Velho para eles. Sugiro que, em seguida, mostremos as constelações de acordo com os tupinambás. Já estamos na época da ascensão anti-helíaca das Plêiades, e o aglomerado Seichu já se encontra alto no céu.

– Você é ótimo, Lucas. Eu seria uma mulher louca sem você! Transmita o upgrade para os alunos, eu já estou indo.

A noite no município de Valinhos estava quente, mas nada tão insuportável quanto na grande São Paulo. Os termômetros haviam registrado 39 graus, com sensação térmica de 45 graus, horas antes. Em decorrência do calor, Julia vestia um delicado longo de seda azul celeste e branco, e se sentia especialmente bonita.

De longe, pôde vislumbrar algo em torno de quarenta e cinco estudantes. A Julia pareceu um trote: um estudante para cada grau de temperatura. Irritou-se um pouco, pois lhe haviam prometido apenas trinta, e agora teria de se desdobrar. Mesmo de longe, o sistema de identificação Ubiq enviou informações sobre os alunos através das *googleyes*. Bastava olhar para qualquer um dos jovens e um relatório biográfico resumido surgia como legenda diante da professora. Identificou vários estudantes dos cursos de Astronomia, Meteorologia e Geofísica, tantos outros do curso de Ciências Moleculares e mais alguns do curso de Física. Havia pelo menos seis garotos e garotas do curso de Humanas. O fato de um dos garotos se chamar Arthur e cursar História fez brotar em Julia resquícios de lembrança de um passado há muito enterrado. *Provavelmente interessado no conteúdo étnico de minha aula*, pensou a professora.

Aproximou-se do grupo de adolescentes, ajeitando os cabelos como sempre fazia quando estava um pouco nervosa. Podia ter mais de quinze anos de experiência de ensino, mas o friozinho na barriga nunca a abandonara. Bem sabia o quanto jovens superinteligentes podem ser intimidadores. Ela mesma havia sido um.

– Antes de tudo, eu gostaria de pedir a vocês que saiam da Auranet. Se viemos aqui para admirar as luzes do céu estrelado, não faz sentido que o brilho de suas auras virtuais funcione como elemento de distração. Espero que não me interpretem mal.

– Ah, professora, confessa que você não gosta mesmo da Auranet. Você nunca acessa! – comentou, aos risos, um rapaz alto cuja aura virtual emitia padrões geométricos mutáveis num vivo azul elétrico. Ubiq informava que seu nome era Rodrigo, tinha dezessete anos, sangue “A” positivo e estudava Física. Informava também o tamanho de seu pênis, o que Julia considerou de imenso mau gosto.

– Não curto mesmo, sou antiquada neste ponto. Sou do tempo em que mantínhamos nossos estados emocionais... além de determinadas informações... em privado. Ou, pelo menos, tentávamos. Já havia muita exposição por causa dos “dinossáuricos” Twitter e Facebook. Gente postando o que estava sentindo, o que tinha comido, essas coisas. Além disso, há a parte técnica. As cores do Auranet, mesmo que tênues, são muito distrativas. Mas não desativem as lentes, apenas saiam da Auranet.

– Só me faltava essa, ter de desativar as *googleyes*... – resmungou Catarina, a garota com a aura virtual mais sofisticada do grupo.

Era evidente para Julia o quanto a menina havia dedicado tempo para o aperfeiçoamento e detalhes de sua matriz áurica virtual. Catarina emitia um elaborado padrão geométrico anguloso, mais comum ao gosto dos rapazes, mas em diversos tons de lilás, favoritos das meninas. A garota transbordava estilo e contemporaneidade em sua maquiagem virtual. Estava tão bem produzida que parecia ter saído diretamente de um daqueles programas do *Discovery Home & Health*, em que estilistas competem para o juízes decidirem quem produz a melhor matriz áurica virtual. A combinação de formas masculinas com cores femininas parecia querer dizer “sou agressiva e suave ao mesmo tempo, me aguentem”. Os elos abertos em seu perfil Auranet sinalizavam “estou solteira e disponível”. Do jeito que veio, totalmente *overdressing*, virtualmente “vestida para matar” com uma aura eletrônica mais adequada para uma festa do que para uma aula, parecia a Julia que Catarina tinha mais do que objetivos acadêmicos. Seus colegas homens eram muito bonitos, embora os três mais atraentes expusessem os exóticos padrões fractais que os homossexuais usavam para se identificar como tais. Sem chance para Catarina.

– Muito pelo contrário, iremos precisar das *googleyes*. Digam-me: o que vocês veem quando olham para o céu? – questionou Julia.

– O de sempre – respondeu Igor, a quem Ubiq identificou com tendo dezoito anos, estudante de Antropologia e sangue “B”

positivo. – As constelações, todas elas, desenhadas pelo Stellarium e visíveis pelas *googleyes*.

De fato, qualquer pessoa que usasse as *googleyes* seria capaz de, mirando o céu, identificar todas as constelações tradicionais da história ocidental. Atualmente, as crianças usavam as lentes cada vez mais cedo, em geral desde os seis anos de idade (o que a Julia soava como absurdo). Programas tais quais o Stellarium, disponibilizados gratuitamente pelo Ubiq, ligavam as estrelas automaticamente, de acordo com os padrões predefinidos. Alunos de Astronomia e Física costumavam solicitar um upgrade mais sofisticado, capaz de identificar o nome de cada estrela, suas magnitudes absoluta e aparente, sua distância em anos-luz da Terra, a respectiva metalicidade, além de muitas outras informações adicionais em geral desinteressantes ao público leigo. Mas o que Julia tinha a oferecer naquela noite era algo bem mais inusitado.

– Bem, em primeiro lugar, vamos a um pequeno choque de realidade. Vamos desativar o Stellarium por apenas um minuto. Prontos? Ao mesmo tempo, vamos lá: 3... 2... 1... desativem!

Por cinco segundos, enquanto miravam o céu, nenhum dos adolescentes disse nada. Então, ouviu-se um *ooooh!* coletivo que fez Julia sorrir satisfeita.

– Aposto que nenhum de vocês jamais tinha visto o céu desse jeito, né? – provocou a professora, referindo-se à abóbada celeste subitamente convertida em um tecido negro com pontos luminosos, sem nenhuma linha virtual formando padrões ou desenhos artificiais.

– Nunca, nunca imaginei que pudesse ser tão bonito sem os desenhos do Stellarium! – comentou Catarina, fascinada.

– Eu já tinha visto, mas acho que era muito criança... tinha esquecido como era bonito! – declarou Rodrigo.

– O mundo pode ser lindo também sem artifícios... – alfinetou Julia, dando uma piscadinha com o olho esquerdo. – Como alguns de vocês já sabem, as constelações não são “verdadeiras”, e sim padrões criados por culturas específicas. As estrelas de um mesmo agrupamento, o que chamamos de “constelação”, não são

realmente relacionadas. Vejamos o exemplo das Três Marias, logo ali. Lucas, quer ter o prazer?

Stellarium, ativar Órion, ordenou Lucas, e instantaneamente apenas essa constelação apareceu desenhada na abóbada celeste.

– Alnitak, Alnilam e Mintaka – apresentou Julia e, a cada nome, uma das muitas estrelas daquele agrupamento específico ampliou sua definição em todas as *googleyes* dos alunos. – Essas são as estrelas que chamamos de “Três Marias” no Hemisfério Sul. Elas fazem parte da Constelação de Órion, porém não têm relação real umas com as outras. Mintaka dista 900 anos-luz da Terra. Alnilam está bem mais distante: 1340 anos-luz. Alnitak está a 800 anos-luz de nós. Elas apenas parecem fazer parte de um mesmo “grupo”. As linhas que ligam as estrelas numa constelação são tão “reais” quanto suas auras virtuais eletronicamente programadas.

– Isso significa que outras culturas desenhavam constelações de modo diferente? – perguntou Arthur, o jovem estudante de História que fazia Julia ter contínuas sensações de *dejà vu*.

– Bingo, garoto! – disparou a professora, satisfeita. – Bingo! Você chegou aonde eu queria. Lucas, por favor? Esta é a nossa deixa.

Stellarium, modo tupi-guarani, comandou o assistente. E as estrelas no céu se ligaram de um modo que nenhum dos jovens jamais havia visto antes.

– Este é o céu de acordo com a visão dos índios tupi-guaranis. – declarou Lucas, satisfeito. – Observem que algumas das estrelas do agrupamento de Órion formam um novo padrão, um novo desenho. Esta é a Constelação do Homem Velho, conforme os índios a conceberam.

– Então a gente pode desenhar as constelações do jeito que a gente quiser? – perguntou, curiosa, Claudia, a quem Ubiq identificava como tendo dezoito anos, sangue “AB” negativo e aluna do curso de Ciências Moleculares.

– Sim, podem, claro que sim – respondeu Julia, entusiasmada. – Este é o ponto! Constelações não são “reais”, são tão virtuais quanto suas maquiagens áuricas! Vamos agora descobrir como os índios tupinambás veem o céu noturno?

– Professora, só uma dúvida... Não tem muito a ver com o assunto, mas gostaria de saber sua opinião sobre uma coisa – interrompeu Diogo, um estudante de Astronomia especialmente interessado em Astrobiologia.

– Pode falar, Diogo.

– A senhora provavelmente conhece um artigo do professor Gustavo Porto de Mello intitulado “*HR 6060 – The Closest Ever Solar Twin?*”.

– Sem dúvida, Diogo. Conheço sim. Um dos primeiros e melhores artigos sobre uma das mais perfeitas gêmeas do nosso Sol. – respondeu Julia.

– Logo ali, a oeste, azimute 264, altitude 7 e meio, temos a estrela especial do professor Gustavo: HR 6060, também conhecida como Gl616 ou 18 Scorpii. Graças ao professor Mello, sabemos que ela é muito relevante por ser uma gêmea perfeita do Sol. Poucos anos atrás, a senhora mesma descobriu que HR 6060 tem um planeta proporcional à Terra, orbitando a zona de habitabilidade. A senhora acredita, diante dos dados recentes, que esse planeta abrigue alguma forma de vida?

– Eu não duvido nada, Diogo. Provavelmente tem vida microbiológica, estamos de olho nesse planeta. Considerando o que sabemos hoje em dia sobre Marte e as fortes suspeitas sobre Enceladus, Europa, Io e Titã, não me espanta se houver bactérias por lá.

– Ela é a minha aposta favorita. Gosto dela mais ainda do que de Tau Ceti. – continuou Diogo. – A senhora sabe, todo mundo fala de Tau Ceti, pois ela está a apenas 12 anos-luz e tem vários planetas, mas, nossa, tipo assim, a HR 6060 é igualzinha ao nosso Sol e tem um planeta do mesmo tamanho do nosso em órbita! Eu fico horas olhando pra ela.

– Engraçado você comentar isso – admitiu Julia. – Eu às vezes também me pego olhando para ela e me bate... hmm... como dizer? Uma coisa boa. Pois é. Me bate uma coisa boa.

26. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 43 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Encontrar Lionel nunca era tarefa difícil, já que ele quase não saía do laboratório de ervas medicinais. O americano trabalhava muito mais do que qualquer um em Muhipu. *Você, mais do que ninguém, precisa ocupar sua mente, querido*, costumava dizer Lorena, a quem Lionel acatava com imensa satisfação. A uruguaia era a mãe que ele não lembrava de um dia ter tido.

Arthur localizou o americano junto a dois índios e duas moças, todos muito concentrados na análise de uma das incontáveis plantas da floresta. Lionel, geralmente nada acessível, parecia mais bem disposto à conversação. Diversos fatores colaboravam para seu bom humor, mas o principal era o fato de ele estar em seu terreno, pesquisando plantas e lidando com química, sua atividade favorita.

– Onde madeireiros veem lenha, eu vejo uma imensa farmácia a céu aberto – comentou Lionel, enquanto macerava uma combinação de folhas.

Eram raras as vezes nas quais Arthur via o americano tão simpático e falante. Pela primeira vez, Arthur pôde perceber o quanto ele era um homem bonito: alto, loiro, rosto agradável de se olhar, sorriso cativante e dentes perfeitos. Não lhe seria difícil conseguir uma mulher em Muhipu, se assim desejasse, mas por alguma razão parecia preferir continuar sozinho. Em apenas vinte minutos, Lionel havia descrito – com invulgar entusiasmo – as propriedades medicinais de pelo menos oito plantas comuns. Empolgado, mostrava tudo a Arthur que, por sua vez, vislumbrando uma janela de oportunidade naquele súbito rompante de extroversão, disparou:

– Eu gostaria de tirar umas dúvidas contigo, Lion... se não for atrapalhar seu trabalho, é claro.

– *No se preocupe, acho que vai ser bem fazer uma pausa* – respondeu o americano. – Mas em que *podó* ajudar você?

Arthur sacou da mochila o livro de Física retirado da biblioteca, mostrando-o a Lionel.

– Fiquei curioso com essas anotações. Sei que foi uma amiga sua, Paula, quem as fez – comentou Arthur, sem deixar de pensar *tenho de ser muito cuidadoso, esse cara é bem desconfiado*.

O americano ficou reflexivo por alguns segundos e se pôs a folhear o livro. A expressão entusiasmada pareceu abandonar seu semblante, e ele respondeu num português muito bom apesar do forte sotaque:

– Sim, letra é da Paula. Uma menina encantadora, genial. Ela *ajudou eu* muito no laboratório, *you see?* Ela *no* se identificava muito com as atividades artísticas de Muhipu, *entón* via *em* laboratório o lugar mais próximo de atividade científica que ela *encontrava*. Uma pena tudo que aconteceu, *very sad...* Mas qual problema com *anotações*?

– É justamente isso que eu gostaria que você me dissesse. Sei que seu forte é Química, mas me disseram que o mais versado em Física por aqui é você. Eu achei estranho que Paula tenha feito tantas rasuras no livro. E tem essas anotações malucas, esses cálculos... O que tudo isso quer dizer?

Lionel riu, enquanto folheava tudo.

– Por que você achou que *anotações* eram estranhas? – perguntou o americano.

– Bem... Achei muito estranho que Paula tivesse rasurado vários dados referentes à Terra. E estes cálculos, aqui... Eu pesquisei um pouco... Se referem ao método usado por um grego da antiguidade chamado Eratóstenes para medir o raio da Terra. Ele mediu a sombra deixada pelo Sol ao meio-dia em dois lugares diferentes e, a partir de trigonometria simples, calculou com boa precisão a circunferência do planeta. Pelo que entendi, Paula se esforçou muito para repetir o procedimento de Eratóstenes, medindo a sombra de uma haste aqui na vila e lá no centro médico, a 100 quilômetros de Muhipu.

– *E que parece a você, considerando anotações?* – inquiriu Lionel, com um brilho agressivo no olhar.

– Ela corrigiu tudo, como se os dados do livro estivessem errados. Ou ela calculou mal ou o livro está errado.

– *Let me see...* hmm... *Yeah, anotações mostrar raio minor, massa minor, aceleração gravitacional minor...* Tudo em *anotações* da Paula *mostrar* dados um pouco *menores* que dados terrestres.

– Então, as anotações dela estão erradas – concluiu Arthur.

– E se ela calculou certo e livro também *estar* certo? *Tem* terceira alternativa para isto?

– Não consigo pensar em nenhuma.

– E nem *podó* dar pra você, você ter que concluir sozinho – advertiu Lionel, num misto de seriedade e preocupação. – Sabe, garoto, gosto *de aqui*. Gosto mesmo. *I don't remember* como era a minha vida fora de Muhipu, e *desistiu* de tentar lembrar. Sempre que faço esforço, dói. Você gosta *de aqui*?

– Gosto. Mas não consigo deixar de questionar várias coisas.

– As duas coisas *no combinar*, menino. Em Muhipu, “gostar *de aqui*” e “questionar” *són* dois verbos muito diferentes. Decida qual é *maior* importante para você.

A Arthur parecia evidente que Lionel sabia de algo, mas não iria dizer. Ainda assim, dados suficientes foram levantados para dar ao garoto a certeza maior de que, sim, havia alguma coisa não contada a respeito de Muhipu. E entre o “gostar *daqui*” e o “questionar”, se fosse mesmo preciso escolher, Arthur sabia muito bem por qual estrada trilharía.



A noite foi especialmente ruim para Arthur. Ele foi dormir pensando em Julia, no quanto sentia sua falta e no quanto precisava de sua argúcia e conhecimentos naquele momento. O que Julia faría? Quais as perguntas certas? O que Julia pesquisaria? De tanto tentar se colocar no lugar da ex-

-namorada, Arthur demorou a cair no sono (em parte por conta dos altíssimos gemidos sexuais de Laura no quarto ao lado) e, quando conseguiu, teve a noite mais assustadora de sua existência.

Arthur acordou no meio da noite, sem conseguir se mexer. Abriu os olhos e apenas eles funcionavam, enquanto o resto do corpo não lhe obedecia. Foi o suficiente para perceber que não estava em seu quarto de forma alguma. A cama parecia maior e mais confortável, e o pouco da mobília que ele era capaz de discernir em seu entorno nada tinha do design rupestre de Muhipu. Eram móveis modernos, de desenho arrojado. O mais estranho era o teto diante de si, a

única coisa que Arthur conseguia ver por completo. O teto parecia vivo, com imagens de flores luminosas, desabrochando lentamente, como um protetor de tela gigantesco. Arthur tinha a certeza de estar acordado e jurava conseguir sentir um cheiro bastante suave de perfume feminino no recinto.

De repente, o pavor. Vislumbrou outra presença no quarto e se deu conta de que não estava só. Uma silhueta se desenhava no teto a partir das flores, assumindo forma humana. Estava muito escuro, e ele não conseguia discernir de quem era aquela imagem.

Você está bem?, perguntou uma voz masculina muito familiar e bonita. Arthur não conseguia mexer os lábios, mas sentiu que suava frio.

Detectei alterações em seu sono R.E.M. Você teve um pesadelo?

Arthur não conseguia dizer nada, mantendo-se paralisado num medo cada vez mais intenso.

Seu ritmo cardíaco está alterado. Devo acionar o suporte médico?

Arthur ficou profundamente incomodado com aquela voz. Ele tinha certeza de que a conhecia, mas não era capaz de discerni-la. E por que tudo parecia tão real, apesar de ele saber que estava sonhando?

(Estava mesmo? Sonhando agora ou antes?)

Você me ouve? Julia, sou eu, Ricky! Me diga do que você precisa!

Antes que pudesse elaborar as razões de alguém chamá-lo pelo nome de sua ex-namorada, Arthur se viu diante da mais bizarra cena de toda a sua vida.

O fantasma no teto tremulou, e as flores projetadas se dispersaram. A luz ambiente gradualmente clareou, e a silhueta pouco a pouco se tornou mais nítida. Se Arthur pudesse gritar, daria um urro de pavor. Apesar da familiaridade da voz, o que ele tinha diante de si era a imagem absurda de uma criatura com três olhos e um sorriso anormal, sinistro, que ia de um lado ao outro de um rosto sem orelhas. A luz do quarto se tornou cada vez mais forte, até que – com uma nauseante sensação de deslocamento –

Arthur se viu de volta ao seu quarto em Muhipu. Laura estava de pé à beira de sua cama, com uma expressão que era um misto de curiosidade e preocupação. Sentou-se e acariciou o tornozelo esquerdo do amigo e demorou quase dez segundos antes de perguntar:

– Mas para onde você foi, Arthur?



– Eu não sei o que dizer, diante desses dados – Disparou Clarice, a psicóloga responsável pelo monitoramento 24 horas dos habitantes de Muhipu. Ela estava pasma diante das leituras extraídas dos sonhos de Arthur pelo Sistema Oneiros. Cada detalhe da atividade psíquica inconsciente dos habitantes de Muhipu era registrado pelo avançado maquinário da Organização Areté. Fosse quem fosse, o sonho de ninguém escapava ao dedicado escrutínio do Sistema Oneiros.

Ninguém, excetuando-se Laura. Todas as tentativas de invadir seus sonhos resultaram na destruição do maquinário. A Clarice, Laura soava mais do que um imenso mistério: soava apavorante.

Ravi Chandrasekhar dificilmente era pego de surpresa, mas Clarice podia jurar que via traços de surpresa no semblante do doutor em decorrência das leituras obtidas dos sonhos de Arthur. Ravi sempre procurara emular o comportamento humano em circunstâncias informais, mas não era nada comum que continuasse a fazê-lo no contexto laboratorial, de modo que Clarice considerou a possibilidade de ele estar realmente impressionado. Repassando as imagens oníricas de Arthur, mais para que Clarice as visse de novo do que por sua própria necessidade, Ravi falou:

– Você entende a dimensão desse problema? Se um episódio desse tipo se repetir, o garoto pode terminar descobrindo onde está antes do tempo – declarou o doutor.

– Temos de tentar entender o que foi isso... Há a possib...

– Não, não há outra explicação – interrompeu Ravi. – Isso foi um entrelaçamento. Emaranhamento telepático clássico. As ondas

cerebrais indicam isso, assim como as imagens mostradas pelo Sistema Oneiros.

Clarice ainda não havia se dado por vencida.

– Ravi, eu não sou física, mas sei o suficiente para dizer que é impossível que tenha sido um entrelaçamento. Os entrelaçamentos telepáticos, como qualquer outra coisa, obedecem às leis físicas. A comunicação não pode ser mais rápida do que a luz. Quanto tempo você leva para receber informes do Gêmeo? Quanto tempo para o outro Ravi te responder? Cinquenta anos?

– 45,285 anos de intervalo entre as comunicações – respondeu o doutor, impávido.

– Pois então! Como esse menino faria um contato instantâneo? Sem chance! – vaticinou Clarice. – Impossível!

– Impossível? Eu não teria tanta certeza – ponderou Ravi. – É justamente o que a Areté vinha buscando há pelo menos trezentos anos. Se Arthur é capaz de realizar entrelaçamentos mentais de modo instantâneo, ele não contraria uma lei física. Trata-se de algo que desconhecemos, só isso. E ele se torna ao mesmo tempo a maior ameaça e o maior instrumento da Areté.

Clarice não havia ainda se dado por vencida, mas considerava a possibilidade de o doutor estar certo. Vira muita “coisa impossível” nos últimos dezessete anos de sua vida. Mais que isso: ela mesma se tornara um exemplo de “coisa impossível”. Todos os dias, via no espelho a própria imagem imune ao envelhecimento, assim como a perda da necessidade de alimento comum e de sono. Nada disso era mais “impossível” do que a capacidade de levitar, atravessar paredes e muitas outras coisas de que ela jamais sonhara ser capaz. Para ser aprimorada, havia esperado por sete anos, tanto quanto qualquer outro governador. No caso específico de Arthur, considerando as evidências, Clarice não via razões para impor-lhe tal espera.

– Ravi, escute: eu li atentamente a ficha desse garoto. O monitoro há dias. Ele é inteligente, razoável. Por que não o tiramos desta situação e contamos tudo? Se ele tem essas habilidades naturais, imagine como ficará depois do aprimoramento na Areté? Se você estiver certo e ele for bem treinado, Arthur poderia

proporcionar contato instantâneo com a delegação do Gêmeo, sem esses imensos intervalos.

O doutor parecia distraído, como se estivesse em outro mundo. Clarice conhecia bem aquele olhar. O olhar de quem vê as coisas a partir de múltiplas perspectivas ao mesmo tempo.

– Acha que não considerarei isso, Clarice? – respondeu Ravi. – Esta é, de fato, uma possibilidade. Não acho que Arthur irá se chocar quando descobrir a verdade total sobre Muhipu. Pelo menos não irá se chocar muito, não mais do que Paula. O problema é que não estamos investigando apenas *o indivíduo* Arthur, mas o conjunto de interações desencadeadas pelo trio Arthur-Laura- - Martin. Lembre-se de que Laura, em seus transe, via claramente o rosto de Arthur antes mesmo de conhecê-lo. Por isso os pusemos juntos. Você viu os arquivos sobre as precognições de Laura. Antes de elevar o garoto, precisamos compreender as implicações dessa interação para também, talvez, elevar Laura e Martin.

– O quadro psiquiátrico de Laura me preocupa, Ravi – interrompeu Clarice, arregalando os olhos e alterando a voz. – Ela não é estável. É perigosa, e me dá arrepios. As coisas que ela poderia fazer... Eu nunca vi leituras como aquelas em nenhum dos Eleitos.

Ravi aquiesceu, com serenidade.

– Eu sei, eu sei, mas sou perfeitamente capaz de lidar com ela, não se preocupe tanto. Ademais, estou diante de alguns dados matemáticos, digamos... exóticos. Para que você os compreenda, preciso da presença de Hideo. Creio que está na hora de marcarmos uma reunião com todos na Base Lua Nova.

Clarice detestava encontros físicos, preferindo sempre a segurança de seu laboratório e a conveniência das projeções virtuais, como naquele momento com Ravi. Mas os outros governadores pareciam curtir se deslocar fisicamente de um lado para o outro, como crianças se divertindo com seus novos brinquedos. A psicóloga pensou em comparecer virtualmente, mas mudou de ideia tão logo ponderou que seria deselegante não comparecer em carne, osso e nanocircuitos. Apesar de toda a

tecnologia disponível, contato físico ainda era considerado de bom tom.

Por fim, encerrada a conversação, Clarice deslocou sua consciência de volta para a estação médica a cem quilômetros de Muhipu. Tinha muito trabalho a fazer, sobretudo tarefas que estava evitando e detestava. Precisava analisar mais uma vez o arquivo Oneiros dos sonhos de Lionel e preparar um relatório.

Mesmo sabendo que, assim, teria ela mesma os mais atrozes pesadelos.

27. ROMA, ITÁLIA, 10 DE NOVEMBRO DE 2039

Sentado na parte interior da tradicional sorveteria Giolitti, Ravi Chandrasekhar se distraía brincando com um baralho de cartas de tarô. Montava com esmero e paciência um castelo, usando cada um dos setenta e oito arcanos ricamente ilustrados. Enquanto erigia o modelo, via nele uma espécie de metáfora da estrutura complexa e emaranhada na qual o mundo havia se convertido desde meados do século XX.

Um pequeno sopro em seu castelo de cartas, e toda aquela beleza desabaria. Tanto no castelo do tarô como no mundo. Era o preço a pagar pelos sistemas entrelaçados, em que uma coisa se apoia na outra, num parco equilíbrio. Qual o próximo vento que derrubaria este castelo? E quem deseja viver num castelo de cartas?

Havia – e Ravi, mais do que ninguém, sabia disso – um sem-fim de (e)ventos possíveis. Queda mundial da internet, um novo vírus, colapso econômico. Vulcões do porte de Yellowstone. De meteoros e asteroides a Areté cuidaria, tanto que haviam discretamente desviado Apophis três anos atrás e evitado uma catastrófica colisão. Mas “muito poderoso” não é sinônimo de “onipotente”. Em algum momento, alguma coisa aconteceria, e a Areté teria de limpar a sujeira daquele mundo caótico, mal planejado e complicado de administrar.

Ás de Copas sobre 3 de Ouros. Rei de Espadas amparado com delicadeza pelo Cavaleiro de Paus, ambos sustentados pelo Arcano

XVII, chamado "A Estrela". A Morte, O Sol, O Mago. 10 de Espadas. E, no topo de tudo, o 9 de Espadas e o 8 de Copas mutuamente apoiados.

Há situações em que nada se pode fazer além de reduzir os danos. Esse papel a Areté cumpria bem, pondo sob férreo monitoramento todos os Eleitos que pudesse. Era um ótimo negócio para todos: o mundo se livrava de um sério perigo imediato, os Eleitos passavam a ter melhor qualidade de vida, e a Areté se expandia em membros e domínios.

Uma lufada de vento frio entrou quando a porta se abriu, e o castelo desabou. Ravi, sem pestanejar, pôs-se a montá-lo mais uma vez. Gostava de brincar com aquele baralho colorido.

Se os filósofos estavam certos e o acaso era mesmo uma força do Universo, tornando as mutações casuais a base da adaptação evolutiva, cabia à Areté domar essa força do mesmo modo que domara todas as outras. O acaso, todavia, era uma fera bem mais indomável do que a gravidade ou a força nuclear fraca. O magnetismo era um cordeiro, se comparado ao acaso. E quanto menos acaso, maior a capacidade preditiva da Areté. Seria possível coordenar mundos inteiros, se o caos fosse domado. Ravi bem sabia que era tudo uma questão de tempo até encontrar os instrumentos capazes de viabilizar tal ambição.

Uma garota de nove anos espirrou forte, perto da mesa onde o doutor se encontrava, e seu sopro fez o castelo cair uma vez mais. Assim eram os elementos inesperados: surgiam de repente, sem aviso prévio. Destruíam tudo. Mas e se o caos tivesse uma inteligência, conforme Ravi suspeitava, domá-lo seria muito mais trabalhoso e perigoso. O acaso lutaria com todas as suas forças, tornando a existência da Areté muito difícil.

Fazia parte da história da humanidade a tentativa dedicada de prever o futuro. De oráculos em forma de baralhos a sofisticados computadores programados para considerar probabilidades e estatísticas, o futuro surgia sempre como uma ansiedade que mesclava medo e desejo. Nenhum desses instrumentos, contudo, chegava vagamente próximo à capacidade de Ravi Chandrasekhar de (quase) saber quando o raro e o improvável se convertem em

fato surpreendente. Enquanto desfazia e remontava o castelo de cartas pela septuagésima vez em meia hora (já ciente de que estava chamando uma indevida atenção), a mais poderosa mente do mundo conhecido vislumbrava oitenta e cinco mil possibilidades paralelas, considerando diferentes e mínimos caprichos e seus prováveis resultados. Cada uma dessas realidades poderia gerar outras incontáveis consequências, mas Ravi calculava a única coisa que realmente importava: quais as chances de os problemas da Terra atingirem Muhipu e as outras vilas?

– Eu sei o que você está fazendo e já deveria estar acostumado, mas confesso que isso nunca deixou de me assustar.

De pé, em frente à mesa de Ravi, estava Filippo em seu impecável terno risca de giz, portando consigo uma generosa casquinha de sorvete com três bolas de *liquirizia*.

– Quer sorvete? – ofereceu o engenheiro italiano.

– Eu não ingiro... sorvetes – respondeu o doutor.

– Pois deveria, nem que apenas como simulação. Você já foi mais preocupado em manter as aparências, Ravi. Noto que nem está preocupado em parecer mais velho. Cansou de fingir humanidade? Acha mesmo que alguém em algum momento não irá notar?

– As coisas mudam, há outras prioridades muito sérias ocupando minha atenção. Tenho recebido os dados enviados por todos os membros da Areté ao redor da Terra, e não paro de processar cenários múltiplos para este mundo. Eles não são nada bons, Filippo. Nada bons.

Em outros tempos, Filippo não entenderia o porquê de tanta ansiedade. Não era frívolo nem dado a subestimar perigos. Desde que entrara na Areté, conhecia muito bem o poder de fogo da organização. Todavia, diante das últimas evidências, não se impressionava com receios vindos até mesmo do todo-poderoso Ravi Chandrasekhar.

– Por favor, me explique – pediu Filippo, saboreando o sorvete.

– Não consigo imaginar o que pode ser tão ameaçador a ponto de preocupar até você. Três anos atrás, a Areté desviou o curso daquele asteroide, o Apophis. Fomos muito discretos, ninguém

notou. E fomos bem mais eficientes do que naquele patético episódio de 1908, em que fomos pegos de surpresa por aquele asteroide, fazendo-o desviar de Londres para Tunguska, mal conseguindo desintegrá-lo.

– A ação da Areté foi atrapalhada em 1908, mas mesmo assim Londres foi salva. Além disso, naquela época eu ainda não havia... “nascido” – argumentou Ravi.

– Nem me fale! – exclamou Filippo. – Não sei o que teria sido daquela cidade russa sem você! Como era mesmo o nome dela? A que quase foi atingida por um meteoro em 2012... ou seria 2013? Xeniabinsk?

– Cheliabinsk – corrigiu Ravi. – Mas, para resolver aquilo, a Areté nem precisaria de mim.

– Escute: eu sei o quanto pode ser cansativo ficar bancando a babá de um planeta inteiro... – comentou Filippo, num clássico tom de quem quer envolver os outros com empatia.

Ravi riu.

– Você acha que é isso? Que proteger a Terra é um fardo para mim? Filippo, o problema não é o planeta, o planeta existe muito bem sem nós, obrigado. O problema é a complexidade altíssima dessa civilização. Uma coisa é impedir ameaças extraterrestres. Outra é administrar este... este caos humano. Tanta imprevisibilidade. A estrutura civilizacional terrestre não foi projetada, nem orientada. Os ancestrais da Areté foram fiéis à ridícula premissa da não interferência. Deu nisso. A democracia é um valor superestimado e vai levar toda esta gente ao fim. Uma complexidade desse nível é incontável e terrível a longo prazo.

Dessa vez, coube a Filippo sorrir.

– Achei que nada fosse incontável para Ravi Chan-drasekhar.

– Você se ilude! – disse Ravi. – Se ilude como eu mesmo já me iludi décadas atrás! A humanidade é surpreendente até para computadores quânticos. Você leu os arquivos da Areté sobre a diferença tecnológica entre nós e eles?

– Sim, e sempre concordei com Helena neste ponto, Ravi. Você subestimava os cientistas terrestres. Vi que houve um decréscimo nessa diferença. Na virada do século XIX para o XX, um abismo de

dois mil anos de tecnologia separava a Areté da humanidade. Mas, na virada do século XX para o XXI, a diferença já havia encolhido para mil anos.

– Também está correto – assentiu Ravi. - Esperávamos esse “salto”, ele estava em nossas projeções. Os cientistas não são nada burros, e o século XX forneceu à sociedade ocidental um palco de abertura propício ao avanço da ciência. Os pequenos conflitos entre países capitalistas também ajudaram no desenvolvimento técnico.

Filippo pediu outro sorvete de *liquirizia*. Poderia passar o dia tomando aquilo, para desespero do sistema médico Ubiq, que detectaria uma notável elevação da taxa de açúcar no sangue do italiano ao longo do dia. O sistema Ubiq era um brinquedo de corda perto da tecnologia da Areté, mas ainda assim conseguia ser chatíssimo em sua eficiência. *Foda-se*, pensou o engenheiro. Deu uma boa lambida no sorvete e disparou:

– Sem falar no fato de que eles estão quase criando matéria inteligente. E constatando o que não deveriam no que diz respeito a nossa querida estrelinha.

– Estão? – interpelou Ravi, enquanto captava uma série de imagens difusas, formadas pelo cérebro do amigo engenheiro. Sempre fazia isso quando não tinha paciência para esperar que as palavras traduzissem assuntos urgentes.

Filippo lançou dois pequenos brincos na mesa da sorveteria. Ravi os olhou, indiferente. Antes que o doutor pudesse analisar a estrutura molecular dos objetos, Filippo fez sua pequena mágica.

– *Hefestos. 255. 255. Zero.*

E os brincos, sem a menor cerimônia, passaram do negro para o amarelo.

- Gostou? Tem mais. *Hefestos. 153. 50. 205.*

Abandonando a cor amarela, os brincos se tornaram arroxeados.

– Orquídea escuro! – riu Filippo. – O universo masculino das cores é tão limitado, não é mesmo? Antes de trabalhar nesse projeto, para mim o mundo era vermelho, verde, azul, amarelo... E agora eu conheço nomes bizarros para cores. “Orquídea escuro”.

“Rosa temperado”. “Vermelho indiano”. Você acredita que existe um código RGB decimal para “vermelho indiano”?

– Isso é mais um vazamento de tecnologia da Areté? Mas quem... – perguntou, entre sério e desconfiado, Ravi.

– Helena está certa, você ainda subestima a humanidade – criticou Filippo. – Trata-se de legítima tecnologia terrestre, meu caro. Por enquanto, a coisa é bem limitada. O departamento conseguiu desenvolver películas com a espessura de moléculas e dá pra fazer uns truques tolos, como este. Eles estão bem longe ainda de conseguir compor objetos inteiramente com átomos claytrônicos. Mas estimo que em dez ou vinte anos conseguirão fazer os primeiros modelos de objetos totalmente compostos por matéria programável. Vamos encarar os fatos, Ravi. Se as coisas continuarem do jeito que estão indo em progressão geométrica, na virada do século XXI para o XXII, a distância tecnológica entre a ciência oficial e a ciência da Areté será qual? 800 anos? 500 anos? Você ainda acha que a humanidade não oferece risco para nossa preciosa utopia? Por quanto tempo acha que será capaz de esconder Muhipu e as outras vilas dos olhos da humanidade? Está tudo na cara deles. A Areté deveria ativar os protocolos de ocultação o quanto antes. Para ontem, Ravi!

– Você falou sobre a estrela. As imagens não estão claras em sua mente. Há algo que você tenha descoberto? – perguntou Ravi.

– Sim, descobri que seu tiro saiu pela culatra. Lembra de Julia Rivera, a astrônoma que você tirou do caminho daquele rapaz, Arthur, para facilitar a decisão dele de ir para Muhipu? A moça que a Areté me fez namorar, para acompanhar bem de perto? A que me deu um trabalho dos diabos e fez tanto cu doce a pontos de vocês me fazerem tomar aquelas drogas horrorosas de ampliação da inteligência só para seduzi-la? Tive enxaquecas do caralho por causa desses trecos. A primeira vez que me senti burro foi perto dessa mulher. Você devia casar com ela, Ravi. É a sua cara.

Não que tenha sido um grande esforço namorar com ela, pensou Filippo com tanta força que foi inevitável para Ravi absorver a imagem mental. O italiano continuou:

– Bem... a garota é mesmo muito boa. Andei lendo os e-mails dela. A equipe dela identificou clorofila num dos planetas de HR 6060. *Clorofila*, Ravi. E ela fez isso com uma mão nas costas. Você criou uma cobra, meu caro.

Ravi não precisou de sequer um segundo para processar as informações e aquiesceu:

– Sim, Filippo, concordo com você. Ainda assim, lembre--se: mesmo que eu sancione os protocolos de ocultação agora, eles só serão ativados daqui a 45,285 anos. A não ser que o outro Ravi tenha a mesma ideia antes, mas eu duvido.

– Antes tarde do que nunca! – aliviou-se Filippo.

Ravi parecia divagar, mas Filippo sabia muito bem o que ele estava fazendo. *Processando mais alguns milhões de malditos cenários*, pensou. Em mais alguns segundos, dispararia um vaticínio probabilístico. Mas o que saiu da boca do doutor foi totalmente inesperado.

– Diga-me uma coisa. Sobre a doutora Julia Rivera... Há algo mais que você queira me contar?

– Além de que o trabalho se converteu no mais puro prazer? Nada. O que você esperava? Ela é HEM-negativa, não é uma Eleita. As sondagens genéticas nunca indicaram nada. Ela é apenas superdotada, nível Alpha-0, o tipo de inteligência superior até mesmo à do povo daquela associação de cabeções, qual é mesmo o nome... MENSA? Pois é, Julia faz os membros da MENSA se sentirem debiloides. Seria uma boa contribuição para a Areté, você deveria pensar em recrutá-la.

– Sim, sim, cogito isso – disse Ravi. – A moça é mesmo muito boa. Às vezes penso que ao retirá-la do jogo eu na verdade a coloquei mais ainda dentro do esquema. Não é irônico? Só que não tem graça.

– E quanto ao ex-namorado, o tal Arthur Coimbra? Algum sinal do rapaz? – perguntou Filippo.

– Como assim? – riu Ravi. – Filippo, estamos em 2039, o rapaz está dormindo desde o réveillon de 2020. Faltam trinta anos, cinco meses, quinze dias e quatorze horas para que ele desperte.

– Ele sonha? – perguntou Filippo, curioso.

Ravi sorriu.

- Claro que sim. Garanti que fossem bons sonhos.
- Antes ele do que eu – disse Filippo.



O engenheiro italiano não sabia, mas Ravi nunca precisou ficar em silêncio enquanto rodava cenários. Na verdade, Ravi estava sempre rodando cenários, tendo diante de si uma multiplicidade de futuros possíveis que se descortinavam sem o menor pudor. Ele precisava de dados externos para alimentar as análises, é claro. Havia coletado ao longo do mês de novembro muitas informações novas. A maioria dessas informações, tinha de admitir, escapavam ao que ele considerara como “mais provável” no passado. A Terra havia progredido além das projeções feitas vinte anos antes, graças a muita gente com *insights* criativos e um esquisitíssimo espírito de cooperação entre as pessoas. Em outros tempos, Ravi teria adorado presenciar essa evolução científica e social.

Mas as coisas haviam ficado perigosas. A primeira viagem a Marte estava para ocorrer, mesmo que aos trancos. A Astronomia metendo o nariz onde não devia, conseguindo enxergar agulhas em palheiros e clorofila em planetas. Os primeiros transumanos haviam despontado, brotando de onde menos se esperaria: do grupo dos deficientes físicos e mentais. A acessibilidade da informação permitia que um terrorista construísse uma bomba nuclear, se desejasse. Ou pior: bioterrorismo. Tudo se sustentava tendo como base um patético aperfeiçoamento da internet ao qual foi dado o nome de “Ubiq”. Um aperfeiçoamento repleto de erros e pontos frágeis capaz de devastar a ordem social em apenas três dias se o lugar certo fosse golpeado. E agora, ainda por cima, moléculas programáveis. Todo esse aumento de descontrolada complexidade colocava Ravi diante de três problemas urgentes:

Em primeiro lugar, havia o sério risco de os cientistas descobrirem a localização de Muhipu e das outras comunidades. E isso ele não poderia permitir. Estava na hora de ativar os protocolos

de ocultação e, talvez, criar um problema científico sério o suficiente para distrair os cientistas.

Em segundo lugar, ele sabia que era questão de tempo até os paranormais fora de contextos controlados desencadearem outra quase-catástrofe global como a de 1993, na Antártida. E isso poderia destruir o planeta. A Areté precisava retirar todos os Eleitos dos contextos suscetíveis ao acaso e movê-los para situações de alto controle e monitoramento. O Brasil era a região mais digna de preocupação para Ravi. Conforme ele, o professor Tarasov e um astrofísico brasileiro chamado doutor Baars haviam concluído muitos anos atrás, a falha do campo magnético terrestre sobre aquele país da América do Sul tornava os Eleitos de lá muito mais suscetíveis aos episódios de explosões solares do que em qualquer outro lugar do planeta. *Justo no Brasil, o lugar com mais místicos por metro quadrado além da Índia*, suspirou Ravi. Junte comunidades alternativas, grupos esotéricos, magia, meditação e uma boa dose de Eleitos num mesmo lugar. Acrescente uma dose adequada de explosões solares num país onde o campo magnético terrestre apresentava um buraco imenso, a chamada “anomalia magnética do Atlântico Sul”, amplamente estudada pela Areté nos últimos duzentos e cinquenta anos. O resultado Ravi bem conhecia, ele não podia relaxar com o Brasil. O relatório Baars-Tarasov era claro: no contexto brasileiro, dada a vulnerabilidade do campo magnético protetor terrestre, explosões solares equivaliam não apenas a surtos esquizofrênicos, como também desencadeavam eclosões paranormais perigosíssimas. Mes-mo Ravi tinha dificuldade em lidar com elas.

Em terceiro lugar – e este era o pior dos problemas – ele teria que romper mais uma vez os protocolos de não interferência. Não tinha grandes dilemas éticos quanto a isso. Desviar o asteroide Apophis havia sido uma interferência, afinal. Salvar Londres da destruição completa em 1908 era interferência, não era? Proteger a cidade russa de Cheliabinsk de um meteoro em 2013, idem. Nas três circunstâncias, agindo como “babá da humanidade”, a Areté havia preservado o bem-estar da civilização. O momento atual

pedia, contudo, outro tipo de procedimento. A babá teria de dar uma surra na criança.

Havia chegado a hora de causar um vento forte o suficiente que derrubasse parte do castelo de cartas, mas que não o destruísse por completo. Retardar o progresso seria uma forma de controlar perigos tanto para a civilização terrestre quanto para a integridade das comunidades da Areté.

Era preciso golpear duramente a ciência humana, fazendo o movimento que ele mesmo evitara por tanto tempo. Eram avanços tecnológicos demais feitos sem centralização, experiências com físicas de partículas mais perigosas do que se podia aventar. Sem falar nos grupos esotéricos, cheios de Eleitos se reunindo para brincar de “canalizações mediúnicas” e desencadeando forças difíceis de controlar. Místicos intuitivamente corretos quanto aos objetos de estudo, mas tão fracos na capacidade de compreendê-los.

O problema era: o que usar, para causar algum dano mas não destruir tudo? Como causar um mínimo de dor com o máximo de eficiência?

A nova bactéria extremófila devoradora de plástico, criada pelos engenheiros genéticos da Areté em 1970, era bem mais poderosa do que sua prima mais velha, a “devoradora de concreto de 1929” que inspirou seu desenho. A nova criação já havia sido espalhada por todo o planeta como recurso de segurança, mas estava inativa. Bastava um comando de Ravi para que fosse colocada em atividade, garantindo um leve retrocesso tecnológico. Helena se opunha à ideia, pois temia que houvesse mortes. Claro que haveria mortes! Mas o doutor sabia como fazer com que a atividade da máquina microbiológica fosse lenta, evitando rápidas degradações de material em aviões em trânsito ou em usinas nucleares, por exemplo. Após desencadear dano suficiente para causar um retrocesso global – e ele estimava algo em torno de cinco dias como suficientes –, ele poderia simplesmente desligar as bactérias. Aquele micróbio era um brinquedo simples. Indestrutível pela tecnologia terrestre, mas sob controle da Areté.

Assim sendo, a primeira coisa que Ravi fez foi mapear hospital por hospital ao redor do mundo, a fim de estabelecer velocidades mais lentas de corrosão para a devoradora de plástico nestes locais. Fez o mesmo em todas as usinas nucleares. Os navios poderiam ficar à deriva, mas seria difícil alguém morrer por isso. Os sistemas bancários entrariam em pane, sem sombra de dúvida. Que alguém morreria por conta de suas ações, isso ele sabia. O cenário mais otimista apontava para mil mortes. O pior cenário, considerando suicídios, assassinatos e acidentes, apontava para um bilhão, oitocentos milhões, quatrocentos e trinta mil, duzentos e quatorze pessoas mortas, com uma incerteza de duas mil baixas para mais ou para menos. Ambos os cenários careciam de absoluta exatidão em decorrência da imprevisível força do acaso, ou seja, tais números seriam reais se e apenas se todos os modelos estudados por Ravi se comportassem de modo usual.

Havia outro efeito colateral bastante esperado: as pessoas suporiam que o ataque biotecnológico teria sido realizado por algum grupo terrorista religioso. Nesse caso, a maior probabilidade era a de que os muçulmanos levassem a culpa.

Fazer o quê?

Era aceitável. Seu trabalho envolvia redução de danos e era o máximo que ele poderia realizar enquanto não domasse a força do acaso. A ele parecia que o pior de tudo seria nada fazer e se sentir responsável depois, flutuando no espaço, enquanto a superfície terrestre virava uma sopa fumegante ou uma esfera cinza e fria. Vinte e nove por cento de seus cenários apontavam para isso, um percentual muito acima do aceitável, principalmente com tantos grupos terroristas brincando de bomba nuclear, ameaçando o planeta com um pulso eletromagnético mundial ou com biotecnologias incontroláveis. E havia algo pior que isso: três por cento de chance de a tecnologia terrestre sofrer saltos notáveis nos próximos cem anos, tornando a ciência humana equivalente à da Areté em conhecimento e poder, mas não em sabedoria. Ravi temia por Muhipu e pelas outras vilas.

Uma brisa soprou, proveniente da Via Degli Uffici del Vicario, quando Filippo abriu a porta e se foi. Pela última vez, o castelo do

tarô desabou. Todas as cartas, feitas de átomos inteligentes da Areté e ligadas à mente de Ravi, se converteram no Arcano XVI, “A Torre Fulminada”.

Desse modo e sem muito alarde, numa tarde fria de novembro, na tradicional sorveteria Giolitti, a sabotagem começou. *Então é assim*, pensou Ravi enquanto seguia o conselho de Filippo e experimentava um sorvete. *Destruir o mundo tem sabor de chocolate com amêndoas*.

28. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 60 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Ravi, analisando tudo numa distância apropriada, achava fenomenal: a curiosidade sobre o toque de recolher noturno não abandonava Arthur de jeito nenhum. No primeiro mês foi possível constatar, de fato, uma satisfatória retração no espírito inquiridor do jovem baiano. Algo como se houvesse uma voz estranha dentro dele, dizendo *esquece isso, deixa pra lá*. Mas Arthur resistiu e, dia após dia, a voz se tornava um pálido sussurro. Laura parecia bastante convencida de que a proibição de sair à noite se devia às onças ou a alguma outra espécie de perigo animal. Era bem verdade que eles podiam ouvir rugidos altíssimos durante a madrugada. Rugidos daqueles de gelar a espinha. Mas não fazia sentido temer as feras, afinal, a vila era cercada por muros altos de pedra. Ademais, havia a explicação de Ravi sobre os mal-estares decorrentes da absorção dos fótons estelares e, de fato, Laura tivera a oportunidade de sair à noite, convidada por Lorena. *Quero que você constate por si e conte aos outros. Olhe bem ao seu redor e depois me conte como se sente*, dissera-lhe a governadora na ocasião. Laura perscrutou o ambiente noturno, e não viu nada de significativo. Todavia, a enxaqueca que dela se apoderou após meros dez minutos de exposição às estrelas era tão intensa que a garota mais do que se deixou persuadir e passou a relatar a sensação de sair à noite.

– Não tem nada lá fora à noite. Só estrelas, a Lua e uma dor de cabeça dos diabos – repetia.

Não sabia onde estavam exatamente, mas tudo – desde o clima até as árvores regionais, a presença indígena e vários outros pequenos detalhes – indicava que se tratava de algum lugar na Amazônia. Havia uma combinação de indícios capaz de oferecer poderosa pista: o rio e o fato de não haver muitos insetos, ao contrário do que se poderia esperar numa floresta. Martin era um autodidata muito bem fornido em Biologia, e apostava que aquele rio era o Negro. As águas do Negro eram ácidas demais, dificultando a proliferação de insetos.

Entretanto, mesmo que eles estivessem certos quanto à identidade do rio, isso apenas restringia a área florestal de “incomensurável” para “grande pra caralho”, como Laura gostava de definir. Eles poderiam nem estar no Brasil, e sim na Colômbia, perto da bacia do Orinoco, onde nasce o Negro. Eram mais de mil e quinhentos quilômetros de extensão, segundo Martin, e tentar adivinhar em qual ponto exato eles estavam não passaria de mera suposição. De uma forma ou de outra, era um alívio para Arthur encontrar no tutor um eco para sua curiosidade. A despeito de ser muito esperto, o biólogo era obediente e jamais tentara forçar a barra para descobrir onde estavam. Para Martin, as coisas eram simples: topara a proposta, e deveria cumprir sua parte. Em apenas dois anos ele provavelmente se tornaria um dos governadores, e a Areté confiaria nele o suficiente para revelar seu paradeiro.

Duas coisas, contudo, eram ainda muito estranhas e incompatíveis com a região. A primeira – e mais óbvia de todas – dizia respeito ao fato de que, por maior que fosse a região amazônica, seria inviável manter um lugar com as dimensões de Muhipu oculto do governo, fosse o brasileiro ou o colombiano, principalmente se Martin estivesse certo e aquele fosse, de fato, o rio Negro. Desse modo, soava como mentira que todo aquele experimento social não tivesse o dedo de alguma entidade governamental, fosse ela qual fosse. Mas por que Chandrasekhar mentiria?

A segunda coisa passava despercebida para a maioria das pessoas, mas alguns dos habitantes de Muhipu com formação científica além de Martin já tinham se tocado disso: ainda que as

águas do Negro não colaborassem para a proliferação dos insetos, estes não eram de todo ausentes e o risco de contrair malária deveria ser menor, porém jamais nulo. A Martin sempre causara enorme estranheza a total despreocupação do doutor Chandrasekhar para com a possibilidade de alguém ser picado pelo mosquito transmissor da malária. Este mosquito, que constituía o vetor de transmissão da doença, ficava ativo apenas durante o nascer e o pôr do sol, dois momentos nos quais as pessoas transitavam – ainda que brevemente – nos espaços abertos. Questionada, a governadora Lorena se limitara a responder que *medidas eficientes haviam sido tomadas contra a malária*, mas não dizia quais medidas teriam sido essas. Era claro, todavia, que a uruguaia estava dizendo a verdade, já que ninguém tinha contraído tal doença em Muhipu. Mais que isso: ninguém parecia contrair doença alguma na vila. Os eventuais mal-estares eram todos de ordem mecânica: eventuais ossos quebrados e torções. A resposta dada por Lorena, contudo, servia para confirmar o fato de que fazia sentido pensar em malária e, sendo assim, eles estavam realmente na região amazônica.

A confirmação maior surgiu no trigésimo sétimo dia desde a chegada de Arthur à comunidade. Ele estava saindo do centro de treinamento desportivo bem cedo pela manhã, quando avistou um grande e lindo tucano pousado numa das imensas árvores mais próximas. A ave ficou quieta por menos de um minuto, permitindo-se ser admirada e, então, decolou e voou para longe. A Arthur pareceu por um segundo que era a ave quem o observava, e não o contrário. *Um tucano!*, pensou o rapaz. *Amazônia, sem dúvida.*

A proibição dos passeios noturnos era um incômodo persistente na mente de Arthur, ainda que as justificativas médicas fossem bem razoáveis. Mas “evitar sair” era uma coisa, enquanto “nunca sair” parecia excessivo, sobretudo considerando que qualquer HEM-positivo poderia usar os óculos bloqueadores. A guarda indígena soava como uma afronta a Arthur. Ninguém, entretanto, parecia se importar muito com tal questão, o que era ainda mais incômodo para ele. Se tivesse a oportunidade de aprender mais sobre a vida pregressa de cada um dos habitantes de Muhipu, Arthur entenderia

que tal obediência cega tinha uma razão bastante simples: todos eram tão, mas tão sofridos, que não queriam dar nenhuma razão para voltar a sentir aquelas dores horríveis. Eles viviam no paraíso, e não faziam nenhuma questão de deixá-lo ou de se submeterem ao padecimento desnecessário. Se a proibição fosse outra, como, por exemplo, "não vistam azul", os habitantes da vila a teriam seguido sem pestanejar, contanto que pudessem permanecer ali, sãos e salvos.

Os indígenas levavam a lei tão a sério que, se qualquer pessoa estivesse muito longe dos limites da muralha e, assim, afastada do imenso complexo de casas da vila pouco antes do crepúsculo, um índio muito alto e forte aparecia, convidando a pessoa a voltar. Se considerarmos que ninguém usava relógios, a precisão do cálculo do tempo era espantosa, chegando a parecer obsessiva.

Uma ocorrência deu a Arthur maior certeza dessa específica e estranha precisão referente ao tempo: naquela tarde, ele conseguiu convencer Martin e Laura a fazer um passeio mais prolongado numa trilha autorizada da floresta, de modo que demoraria para retornarem à vila. Caso não conseguissem retornar antes do crepúsculo, teriam boas desculpas: perderam--se e a trilha de volta era longa. Nada disso foi comunicado aos tutores, pois Arthur sabia como eles eram obedientes, sobretudo Martin. Ele simplesmente os enrolou com muita conversa fiada, até que ambos perdessem a noção do tempo. Entretanto, não foi com total surpresa que, lá pelas dezesseis horas e trinta minutos, um nativo imenso (*a qual etnia ele pertence?* – pensou Arthur ao vê-lo) surgiu do nada e anunciou, num tom de voz que não admitia “não” como resposta:

– Hora de voltar.

Aquilo pareceu bizarro a Arthur, que não viu nem traço do índio enquanto os três amigos passeavam. Estaria o nativo seguindo o grupo? O trabalho deles como babás era tão dedicado assim? Voltaram sem pressa, deixando Arthur bem feliz. *Não vai dar tempo de entrar na casa antes do pôr do sol*, chegou a pensar, esfuziante. A empolgação deu lugar ao desapontamento quando todos puderam ver a muralha, na hora exata do pôr do sol. A partir dali, o trio usaria os extensos túneis internos para se mover de uma casa para outra até chegar à deles.

– Curioso... – comentou Martin, sempre atento aos mínimos detalhes.

– O quê? – perguntou Arthur.

– Estou aqui há cinco anos, e em torno de cinco vezes fui convidado a entrar nas casas ao pôr do sol, mas só agora me dei conta de uma coisa: o tipo de crepúsculo é sempre o mesmo – esclareceu Martin.

Laura, que costumava não prestar muita atenção às conversas investigativas de seus dois companheiros, ficou repentinamente ligada. Estava, para felicidade de Arthur, em seu “modo sóbrio de personalidade”.

– Tipo de crepúsculo? Do que você está falando? Há mais de um? – perguntou a garota.

– É verdade, eu aprendi isso com minha ex-namorada! – comentou Arthur, sorrindo. – Existe o crepúsculo civil, o crepúsculo náutico e o crepúsculo astronômico. Os últimos dois representam momentos em que é possível ver algumas estrelas e constelações. No crepúsculo vespertino civil, quando o Sol está apenas seis graus abaixo da linha do horizonte, o máximo que conseguimos ver são alguns planetas e estrelas de primeira magnitude. Para ver todas as estrelas do céu, seria preciso esperar pelo momento do crepúsculo astronômico, que vem sempre um pouco depois. Vejam ali, por exemplo, vocês veem aquele brilho na direção do poente? Deve ser o planeta Vênus. Daqui a alguns minutos começa o crepúsculo náutico, quando poderemos já ver algumas constelações. Essa turma deve ter sido treinada por ingleses, eles são uns filhos da puta bem pontuais! O gigantão ali nos pegou no momento exato que permitiria que a gente voltasse sem pressa pela trilha e, assim, chegássemos à vila na hora do crepúsculo civil. Que loucura! Uma verdadeira obsessão em nos impedir de passear à noite!

– Bem, gatinho, eu já disse que tenho certeza de que o problema não é só a dor de cabeça estelar-apocalíptica. São as onças. Vocês já ouviram o barulho que elas fazem à noite... – comentou Laura.

Laura não exagerava. Praticamente todas as noites era possível ouvir os rugidos de grandes felinos e, dada a nitidez do som, ninguém duvidava de que eles estivessem muito próximos à muralha. Nenhum índio parecia temer os animais, e o consenso entre os habitantes de Muhipu era que a interdição noturna se devia, de fato, à suscetibilidade dos HEM-positivos à luz estelar e à presença de onças. Alguns poucos, como Martin e Arthur, costumavam não se dar por satisfeitos com aquela teoria. E a verdade é que a grande maioria apenas não se importava. Martin ficou um pouco irritado quando Laura discorreu mais uma vez sobre o que ele chamava de “aquela burrice sobre as onças” e replicou:

– Tudo bem, eu até considero que sair à noite deve ser bem perigoso por conta das onças, mas ainda assim não entendo essa pontualidade obsessiva maluca. As onças são animais que gostam de caçar à noite, mas não possuem relógio, não saem das tocas na

hora exata do crepúsculo civil. E elas caçam durante o dia também! E tem mais: morrem de medo de humanos, odeiam o nosso cheiro! Desculpe, Laura, mas essa teoria de que a gente não sai à noite por causa das onças não cola. E eu não consigo entender porque elas rugem tanto! Tudo bem ouvir um rugido ou outro, mas é rugido demais a noite toda! A onça é um animal em vias de extinção, mas considerando a barulheira que elas fazem, fica parecendo que todas as onças do planeta estão ao nosso redor. E quanto às crianças? Elas podem sair à noite se quiserem, né? Por que uma onça não atacaria uma criança? E quanto à muralha que protege Muhipu? Onças por acaso têm asas para sobrevoar essa muralha enorme?

Laura não respondeu, preferindo girar os olhos como quem diz “e quem se importa?”.

– E se for outro animal? – perguntou Laura.

– É, vai ver é o monstro do lago Ness. Ou um pterodáctilo – resmungou Martin.

Arthur não conseguia deixar de dar razão a Martin, ficando secretamente feliz ao constatar que contaminara o amigo com o vírus da curiosidade. Martin parecia ter saído de seu torpor e passou a conjecturar sobre a proibição noturna. O incômodo de ambos, no final das contas, se devia menos à proibição dos passeios noturnos e mais à resignação do povo de Muhipu. As pessoas, assim como Laura, pareciam ansiosas por aceitar qualquer explicação, por mais mequetrefe que fosse, para o imperativo categórico de “nossa localização é um segredo”, mesmo sendo tão evidente que aquele lugar era a Floresta Amazônica.

– Martin, e o mosquito da malária? Pelo que lembro de alguns artigos que já li, eles costumam atacar exatamente quando o Sol nasce ou se põe – perguntou Arthur, por um momento tomado pelo encanto coletivo da aldeia. Queria, ele mesmo, encontrar uma justificativa para a proibição de sair à noite que fosse além do perigo do mal-estar desencadeado pela luz estelar. Martin não hesitou em responder:

– Ok, faz sentido que não nos queiram fora das casas quando o Sol está se levantando ou descendo no horizonte, por conta do mosquito da malária. Mesmo assim, isso não responde nada. O

mosquito da malária não ataca a noite toda. E, mesmo com sua atividade maior no crepúsculo, isso não implica ausência total de atividade em outros horários. Mano, habitantes de vilas ribeirinhas da Amazônia costumam contrair malária de quatro a cinco vezes na vida. Não parece esquisito que ninguém em Muhipu jamais tenha pego esta doença? Nem os índios! Se liga, mano: as tribos amazônicas costumam se foder muito com esta merda de malária, a mortalidade infantil é alta pra cacete e não rola vacina ou tratamento rápido pra doença em pleno século XXI. Mas a malária definitivamente não é um problema por aqui, e isso é muito, muito bizarro. Se o doutor Ravi e a organização que subsidia tudo isso descobriu alguma forma eficiente de conter esta merda, por que isso não é disponibilizado mundialmente? Se não tem malária, aqui não pode ser a Amazônia. Essa é a única coisa que não bate de jeito nenhum! Mas a pergunta que não quer calar, é: por que as crianças, ao contrário da gente, podem sair à noite?

– Não tem malária, e vocês reclamam? Aqui é o paraíso, aceitem, gatinhos – disse Laura, girando os olhos antes de entrar em casa imitando um passarinho. – Estamos no cééééu!

Nada além da Lua e das estrelas, dissera a indiazinha a Arthur. E ele queria pagar para ver.

29. BASE LUA NOVA, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 62 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Reunida com outros quatorze governadores num grande cômodo transparente, sem portas ou janelas identificáveis, Lorena era a única que demonstrava alguma irritação em relação a Ravi Chandrasekhar. E esse mal-estar era tão transparente para Ravi quanto as paredes da sala onde se encontravam. O doutor conseguia identificar pelo menos trinta e dois sinais corporais de desconforto na uruguaia, mas ela disfarçava muito bem, praticamente um poço de elegância. Empertigada em seu assento, Lorena aguardava impassível o fim da apresentação dos novos projetos de exóticos organismos multicelulares.

Os outros governadores formavam um grupo bastante plural. Havia, dentre eles, desde simples monitores de comunidades – tal qual Lorena, que era a responsável direta por Muhipu – a alguns poucos monitores de colonização. As pessoas falavam em suas próprias línguas natais, mas a tecnologia Areté permitia que tudo fosse entendido dentro dos cérebros, sem necessidade de tradução simultânea.

– Creio que o nosso próximo assunto diz respeito ao novato. Lorena, há algo que lhe incomode em particular? É impossível deixar de notar o seu incômodo.

Ravi flutuava como uma borboleta ao redor da sala, em vez de caminhar. Lorena detestava com todas as fibras de seu ser quando ele fazia isso. A ela o gesto parecia ter uma tradução bem definida: “estou acima de vocês”. Captando a imagem irônica da borboleta no cérebro da governadora, Ravi sorriu e desceu suavemente até o chão. Não via a menor necessidade de caminhar ou flexionar músculos, mas bem sabia que o conforto geral seria maior se ele reproduzisse em cada detalhe o comportamento humano.

– A sua atitude, Ravi, é ela que me incomoda. Você nada faz para apaziguar a curiosidade do garoto. Até agora não se dispôs a visitá-lo na aldeia. Na verdade, você nunca mais foi até Muhipu, e eu sei que você visitou outras comunidades. Até os outros moradores estão começando a falar. São mais de dois meses de ausência!

– Bem, as pessoas sabem o quanto eu sou ocupado. Você, mais do que ninguém, sabe o quanto minha atenção agora é fundamental na avaliação da quimiossíntese estelar. Minha visita a outras comunidades foi breve, e quero ter tempo para encontrar Arthur – defendeu-se Ravi.

– Eu sei, eu sei – interrompeu Lorena, agitando impaciente a mão esquerda. – Mas compreenda que o Gêmeo... o outro Ravi... Ele tinha, com este menino, uma relação de afetuosidade. Eles eram amigos, meu caro. Você acha que ele não vai estranhar essa mudança de comportamento? O Ravi que ele conhece é atencioso e acessível, o seu exato oposto. Não é possível que você não tenha atentado para isso em seus quase infinitos cenários planejados.

Você acha que isso não irá instigar ainda mais a curiosidade do garoto? Os medicamentos na água não exercem efeito de condicionamento algum sobre ele. Ele continua curioso. Até Martin está manifestando resistência aos inibidores de curiosidade e se deixando levar pelos questionamentos de Arthur. E estou vendo a hora de Laura também se contaminar, o que, convenhamos, seria *extremamente* perigoso. Se Laura quiser sair das situações controladas de Muhipu, quem em toda a Areté conseguirá impedi-la?

– E o que você sugere que façamos? – questionou Ravi, impassível, como se já não tivesse antevisto aquele exato cenário e suas respostas.

– Eu poderia dizer apenas que quero que você visite o menino. O que eu gostaria de verdade que a gente fizesse, você bem sabe, é acabar com essa palhaçada e abrir o jogo. Não seria mais prático dizer a verdade a todos?

Ravi ficou por cinco segundos olhando as estrelas do lado de fora. Sempre que Lorena voltava a esse assunto, os demais governadores se dividiam, alguns poucos concordando com ela. O problema é que, a cada vez, mais alguém lhe dava razão.

– Você sabe bem as diretrizes da Areté, Lorena. Não se trata de uma questão de votação. As cláusulas pétreas dizem que... – replicou Amanda, a governadora responsável pela outra comunidade latina localizada numa ilha também no Hemisfério Sul.

– E nem eu estou falando em votação ou das malditas cláusulas pétreas! Estou dando uma sugestão! Ainda podemos debater as coisas, não podemos? – respondeu uma já visivelmente irritada Lorena.

– Amigas, calma! – pediu Ravi, com seriedade. – Lorena, é claro que podemos debater o que quisermos com toda liberdade, mas já conversamos sobre isso tantas vezes e não compreendo por quê você continua a insistir nesse discurso equivocado sobre “dizer a verdade”. Nenhuma mentira foi contada, foi? Eles estão no Hemisfério Sul e não podem sair à noite, pois correm risco de passar mal.

– Não seja cínico – repreendeu Lorena, com indisfarçado desprezo.

– Não estou sendo, pelo menos não intencionalmente – justificou-se Ravi. – E sempre que voltamos a esse assunto, deixamos de discutir outros pontos urgentes, Lorena. Lembre-se das prerrogativas da Areté: “*Os debates entre governadores...*”

– “*...Devem ser focados em questões objetivas*” – interrompeu Lorena, impaciente. – Eu sei de cor, Ravi! Passei dias decorando a carta-compromisso de filiação à Areté! Tenho de dizer: eu e você discordamos quanto ao que seja “verdade”, pois, para mim, omitir é uma forma bem safada de mentir. É isso que soa cínico. Mas tudo bem, não vamos perder nosso precioso tempo, nosso *larguíssimo* tempo de vida com questões banais. Estou apresentando uma questão objetiva: quando você irá visitar Arthur Coimbra? Acredite, eu entendo a necessidade da omissão da informação, mas você ajudaria muito o meu trabalho se desse o ar da sua graça ao garoto.

Foi então que Cloe, uma grega alta e morena cujas sobrancelhas espessas se uniam no alto do nariz, pediu a palavra. Com um gesto, acionou a visão remota de todos, dirigindo-as para o interior do quarto de Arthur. A intrusão não revelava nada de especial: uma cama, um criado mudo, uma mesa, uma cadeira, um armário, um vaso de planta com uma muda que o próprio Arthur havia cultivado. Erwin, o gato, dormia ao lado do vaso, demonstrando estar já adaptado ao seu novo estranho ambiente.

– Ravi, perdão, mas creio que Lorena compreenderia melhor os problemas envolvidos se mostrássemos o que está acontecendo – declarou Cloe.

A governadora já havia chegado ao nível máximo de irritação.

– Como assim? Até de mim vocês estão omitindo coisas?

– Acalme-se, Lorena – interrompeu Ravi. – Tanto não estamos omitindo que vamos mostrar. Não faz sentido omitir nada dos governadores. Estávamos, eu e Cloe, apenas investigando mais até termos certeza. Vê a cadeira no quarto de Arthur?

Lorena olhou, como que procurando algo de especial, e nada viu além de uma cadeira simples, simulando madeira, numa

tonalidade creme bem clara.

– Sim, e daí? – perguntou.

– Daí que quando os designers projetaram e programaram esta cadeira, a intenção era fazê-la igual a todas as outras da comunidade. Durante alguns dias, antes da construção de Muhipu, debateu-se a forma e cor que todas as cadeiras, mesas e outros móveis deveriam ter. Quando chegamos a uma conclusão, todos os objetos foram programados de acordo com as especificações – declarou Cloe, calmamente.

– E onde entra Arthur nisso tudo, em nome de Cronos? – questionou Lorena.

– Lorena, olhe bem para a cadeira – pediu Ravi.

Lorena olhou, olhou e, num átimo de segundo, deu-se conta. E gelou.

– Esta cadeira não é de Muhipu! – disse.

– É, sim – replicou Cloe. – Material clássico de Muhipu, de última geração. Eu as idealizei e cada átomo deste objeto tem a minha assinatura.

– Mas a forma é um pouco diferente. Além disso, ela é creme clara, e as cadeiras da comunidade são escuras... simulam madeira avermelhada daquela árvore amazônica... – observou Lorena.

– Sim, e esse é o problema. Dentre as possibilidades de desenho, cor e textura, esta cadeira que você vê no quarto de Arthur é do jeito que eu havia idealizado, antes de mudar de ideia para os padrões atuais. Dentre vinte e três desenhos aventados, optei por um em específico: o modelo vinte e um. Pois bem, a cadeira de Arthur se converteu espontaneamente no modelo de número nove – explicou Cloe. – Isso aconteceu às 5h33 da madrugada de anteontem para ontem, enquanto o garoto dormia.

A sala inteira estava espantada. Os governadores cochi-chavam entre si. Lorena, atônita, tentava compreender as implicações disso.

– Você está insinuando que a presença de Arthur alterou a programação da matéria inteligente que constitui a cadeira? Você não havia travado a configuração molecular de todos os objetos de

Muhipu, das paredes das casas até os pentes de cabelo? Isto não é uma simples falha no sistema?

– Em tese, esse deveria ser um sistema infalível, Lorena – continuou Cloe. – Mas o problema é que essa é a terceira vez desde que este rapaz chegou que a cadeira muda sutilmente de forma e cor. E as coisas não param por aí. Todos os objetos no quarto de Arthur já se alteraram um pouco. Sorte que ele ainda não se deu conta disso.

– Será coincidência? – interrompeu Gerd, o mais novo governador de uma comunidade de golfinhos superdotados, no Hemisfério Norte.

– Uma coincidência que só ocorre com os objetos de Arthur? Duvido muito – replicou Cloe. – Acontece também com as roupas dele. Uma camisa mudou de cor ontem, indo do vermelho escuro para o vermelho claro enquanto ele a usava, e eu quase tive um troço. Ainda bem que ele estava sozinho, ninguém viu e ele mesmo não notou. Vocês sabem que damos roupas novas a todos os novatos, e elas também são feitas de matéria inteligente, dispondo de todos os detectores necessários a nossas pesquisas. Nada do que usamos afeta a hipersensibilidade eletromagnética dos moradores. Pois bem, já faz mais de uma semana que eu tive de abandonar todos os meus afazeres e tenho de monitorar Arthur o tempo inteiro, para corrigir discretamente qualquer alteração que ocorra em seus objetos.

– Vocês estão falando sério? – questionou Lorena.

– Parecemos estar brincando? – interpelou Cloe. – E a coisa piora: lembra que Paula Carvalho havia escrito um monte de coisas num livro de Física? Como os livros são compostos por matéria programável, eliminamos as rasuras. Qual não foi minha surpresa ao constatar que o livro se reprogramou para a versão anterior assim que Arthur tocou nele, revelando tudo o que Paula escreveu. E eu não consegui reprogramar o livro, por mais que tentasse.

– Ao que parece, algo ou alguém quer que esse tal Arthur descubra umas coisinhas – resmungou Gerd. – Não faz nenhum sentido que um livro feito de matéria programada se rebele contra os comandos impetrados e entregue de bandeja tanta coisa para o

rapaz. Alguém deve estar tramando isso. Acho que deveríamos consultar os golfinhos.

Lorena olhou para Ravi, com pânico no olhar, e disparou:

– É por isso que você hesita em chegar perto dele?

– Sim. É justamente por isso, Lorena – respondeu o doutor.

Lorena se levantou de chofre e começou a andar inquieta pela sala. Atônitos, os governadores não conseguiam se mover, olhando para a cadeira mutante de Muhipu. Para Lorena, muitas pontas continuavam soltas.

– Não faz sentido. O Gêmeo não relatou nenhum problema nos contatos contínuos com Arthur. Se o garoto afetasse os sistemas compostos por moléculas programadas, o outro Ravi seria o primeiro a ser afetado.

– Não creio que o problema seja apenas Arthur, apesar de ele ser o foco catalizador de tudo isso – teorizou Ravi. – O Gêmeo não relatou nada parecido quando nos mandou o garoto. Creio que o problema seja a interação Arthur-Laura-Martin. Conforme, aliás, os golfinhos de Gerd já haviam aventado: energia grupal focalizada. E de energia grupal os golfinhos entendem melhor do que nós. Quanto às suspeitas de que alguém está agindo para Arthur descobrir algumas coisas, eu tenho outra teoria: é a curiosidade dele que reordena as programações, possibilitando que ele tenha o que deseja. Há outra coisa que eu gostaria de mostrar a vocês. Hideo, por favor, você poderia mostrar os resultados com os geradores de números aleatórios?

Agradecendo pela deixa, um japonês jovem e entusiasmado, com algo em torno de 25 anos aparentes, fez um gesto e mostrou os gráficos flutuando no ar. E então começou a falar:

– Me perdoem se eu for muito técnico e fiquem à vontade para me interromper. Vamos falar de telecinésia. Interações entre mente e matéria podem ser detectadas por meio do comportamento de *Randomic Number Generators*, ou RNGs. São tecnologia primitiva, bem simples, não tem nada da Areté aqui. Um de nossos delegados, o psicólogo Roger Nelson, infiltrado na Universidade de Princeton, iniciou experimentos com RNGs em meados dos anos 1990 do século XX, procurando detectar atividade paranormal em

grupos de supostos médiuns verdadeiros, os indivíduos conhecidos como “Eleitos” ou “HEM--positivos”. Os resultados enviados por Nelson foram fracos, mas interessantes. Ao que parece, diante destas pessoas, os sorteios de números obedecem a padrões organizados, seguem uma lógica matemática precisa.

– Poderia dar um exemplo, Hideo? – pediu Amanda.

– Claro. Inicialmente, a Areté seguiu a pista de uma senhora norte-americana, uma mulher muito gorda e de meia-idade que havia repetidamente ganhado na loteria nos primeiros anos do século XXI. Seu nome era Audrey, e ela acertou os números milionários *quatro* vezes em *dois* anos. Ela era cristã de uma daquelas congregações texanas amalucadas, aquela gente que vê o rosto de Jesus até na torrada com manteiga do café da manhã. Pois bem, Audrey tinha certeza de que sua sorte era uma bênção de Deus. Pensamos que se tratasse de um caso de precognição. Nada de muito esquisito em se tratando de Eleitos. Eles costumam ter surtos onde veem o futuro, em alguns casos até mesmo se perdem no tempo, suas mentes vagando mais no amanhã do que no agora.

– É verdade – interrompeu Clarice, que até então tinha ficado muda, observando tudo. – Vejam o caso de Laura, mal sabemos até onde ela consegue avançar em seus sonhos. Ainda não entendemos o que é aquele deserto com sóis coloridos com o qual ela continuamente sonha.

– E era o caso dessa senhora? – indagou Gerd. – Ela adivinhava os números da loteria?

– Eis o ponto: não era! – declarou Hideo, entusiasmado. – A Areté verificou que Audrey, apesar de suas altas taxas de criptocromo, não apresentava visão antecipada do futuro. Pelo menos não de um modo diferente do de outro Eleito qualquer. Ao que parece, compreendemos mal as habilidades dos Eleitos. Não se trata de adivinhação do futuro, mas de manipulação de probabilidades! Eu não acho que eles vejam o futuro. Acho que eles *criam* o futuro. Torcem e retorcem o tecido da realidade, até que tudo se encaixe em suas expectativas... até nas inconscientes.

– Então não entendi. Se ela não adivinhava mesmo o futuro, como conseguiu acertar na loteria quatro vezes? – perguntou

Amanda.

– Eu acabei de dizer, Amanda. Ela não adivinhava os números da loteria. Ela os produzia – respondeu Hideo.

A sala ficou em silêncio por cinco segundos, até Gerd romper o clima após um breve contato telepático com sua comunidade.

– Os golfinhos manifestam preocupação com sua hipótese, Hideo. Poderia explicar melhor, por favor?

Hideo prosseguiu com sua explicação:

– Adivinhação do futuro? Isso não é grande coisa! Ora, até humanos comuns veem flashes do futuro de vez em quando! Mas reordenar a realidade? Essa é uma habilidade que a Areté nunca havia cogitado para um Eleito. Mas a tal Audrey foi avaliada. Por alguma razão, sempre que ela rezava com muito fervor, os números da loteria assumiam conformações ajustadas a elementos da vida pessoal desta mulher. Data de seu casamento, data de nascimento do primeiro filho... Era como se a loteria reagisse ao mundo pessoal de Audrey. E ela foi testada com sofreguidão! Instalamos RNGs debaixo da casa da mulher. Todas as noites, enquanto ela rezava, os números sorteados apresentavam relação direta com a vida dela.

Diante de todos, uma gigantesca tabela se materializou no ar. Uma a uma, as sequências numéricas de Audrey desfilavam diante dos olhos dos governadores. Todas, sem exceção, eram réplicas perfeitas de datas significativas da vida da mulher. Clarice se sentiu um pouco ofendida, por nunca ter sabido nada a respeito de Audrey. Ofendida, mas não espantada. Já desconfiava há tempos que Ravi só revelava o que lhe interessava, e manter os governadores numa espécie de “quase bruma” repleta de meias verdades era a maneira que ele encontrava de manter o controle sobre tudo. Resolveu, então, fazer a pergunta principal:

– E que fim levou essa mulher? Audrey foi recrutada? Está em alguma das vilas? Nas americanas, talvez?

Hideo ficou visivelmente sem graça e olhou para Ravi como quem pede socorro. O doutor, por sua vez, se adiantou e disse:

– Audrey está morta. O Gêmeo tentou recrutá-la, valendo--se de abordagem direta. Não havia como seduzir Audrey para vir até

nós. Ela tinha marido, filhos e uma posição de destaque em sua congregação religiosa. Por que largaria tudo para vir até nós?

– O que você quer dizer com “abordagem direta”? – indagou Clarice.

– Quero dizer que o outro Ravi decidiu contar tudo sobre a natureza dela, sobre a Areté... e sobre ele mesmo. A mulher, Audrey, era uma fanática religiosa e sua reação não foi, digamos... muito boa. A única coisa que explica a falha estratégica do Gêmeo foi o fato de que Audrey interferia nele. Ele não “pensou” direito.

– Interferia como? – perguntou Lorena, preocupada. – De que forma esta senhora poderia afetar alguém como um dos Ravis?

– Afetava seu processamento de dados – interrompeu Hideo, assumindo as explicações. – O Gêmeo deixou passar um cenário muito óbvio: *como um fanático religioso e superparanormal reage diante de alguém como um Ravi?* Audrey, como vocês dizem, “pirou”. Começou a rezar com o máximo de fervor, acreditando que o outro Ravi era um tipo de demônio, a fim de exorcizá-lo. Enquanto orava, ela afetou o processamento quântico do Gêmeo. Alterou sua realidade. Ele entrou em mutação contínua diante dela. Tentando detê-la, o outro Ravi errou na dose e a matou. Foi sem querer.

Um pesado silêncio se abateu sobre a sala. *Ops, escolha errada de palavras*, pensou Hideo. Afinal, se um dos Ravis fora capaz de matar alguém “sem querer”, como confiar nele? Ravi percebeu o mal-estar em seu campo telepático, mas não pareceu se importar nem um pouco com isso. Não era *ele* quem falhava. O problema não era ele, tampouco seu Gêmeo. O problema era o caos, o imprevisto, e ele iria domá-lo.

Hideo se deteve por pouco tempo e retornou as explicações:

– Anos atrás, quando cheguei em Muhipu, resolvi eu mesmo trabalhar com RNGs. Como vocês sabem, não podemos transmitir nada para Muhipu, pois os moradores sentiriam. Mas isso não nos impede de receber dados de lá. Introduzi, com a ajuda de Cloe, alguns computadores primitivos ocultos em cada casa das comunidades, suficientemente alterados para não afetar a hipersensibilidade eletromagnética deles. Estes computadores não

são feitos de matéria inteligente. Então, seja lá qual for o efeito bizarro que esteja ocorrendo em Muhipu, não afetará o corpo da máquina.

– Aham... – pigarreou Clarice. – Acho que eu, como psicóloga-monitora da vila, deveria ter sido informada a respeito de qualquer experimento desenvolvido por lá, não é mesmo?

Ninguém respondeu, nem Ravi. Ele parecia ter razões maiores para se preocupar do que com as queixas de uns e outros. Hideo continuou:

– Cada um dos RNGs obedece à aleatoriedade pura, também conhecida como “acaso”, e pode ser detectada em simples procedimentos estatísticos. Não pretendo chateá-los com detalhes. Basta saber que esses computadores são capazes de gerar uma sequência aleatória de números entre 00 e 99. É, em síntese, uma máquina que sorteia números inteiros a esmo.

– E pra que serve este bingo? – perguntou Clarice, irônica.

– A proposta é estudar se as comunidades causam alterações involuntárias nos números sorteados, fazendo aparecer uma sequência ordenada. Ou seja: domando o acaso. Quero ver se aparece alguma ordem nas sequências numéricas que inicialmente deveriam ser apenas desordenadas – explicou Hideo.

– Você quer saber se os habitantes das vilas conseguem criar ordem a partir do caos? É isso? – interpelou Lorena.

– Exato – respondeu Hideo, empolgado como uma criança. – E, até alguns dias atrás, eu não havia encontrado nada de muito significativo nem em Muhipu nem em vila alguma. Nada além de alguns “picos de ordem” ocorridos em situações de meditação coletiva, em sessões de pajelança indígena ou mesmo em festas. Mas nada, absolutamente nada, se compara a este trecho da sequência de números gerada no preciso momento em que Laura, Martin e Arthur ficaram juntos no mesmo lugar pela primeira vez.

Com outro gesto simples, uma sequência numérica pas-sou a desfilar na frente de todos os governadores:

04 02 09 02 00 16 18 03 39 88 75 00 23 39 42

– Ok, estou perdida – admitiu Clarice.

– Eu, mais ainda – reclamou Amanda.

– Eu me considero boa em matemática, mas não vis-lumbro ordem nenhuma nessa sequência maluca – disse Lorena.

Os golfinhos de Gerd, por outro lado, entenderam tudo e explicaram para seu governador. Ele ficou todo arrepiado.

– Olhem melhor – convidou Ravi. – Nem Hideo havia se dado conta, mas nenhuma sequência ordenada pode me passar despercebida, vocês sabem. Ali no meio, com o número “00” aparecendo duas vezes, como que marcando o início e o fim, temos os seguintes valores: 16 18 03 39 88 75. São os primeiros doze números que compõem a constante irracional algébrica também conhecida como *phi*. O Número de Ouro: 1,61803398875. A natureza usa essa proporção espontaneamente, e mesmo nós ainda estamos tentando descobrir o porquê. Os golfinhos reconhecem isso, mas nem eles têm certeza do que está por trás disso.

Enquanto falava, Ravi enviava comandos mentais que evocavam incontáveis formas geométricas presentes na natureza: furacões, galáxias, favos de mel, uma imagem se seguindo à outra, numa profusão de exemplos que iam do micro ao macro. Mesmo o mais cético dos governadores se inclinava a crer numa espécie de “ordem cósmica”, ao vislumbrar que um floco de neve tinha algo em comum com a Galáxia de Andrômeda. E esse algo em comum era um número, o Número de Ouro. *Phi*. Ravi continuou sua explanação:

– Essa razão numérica se faz presente na forma espiralada das galáxias, nas colmeias das abelhas, nas árvores e em muito mais do que vocês poderiam conceber. Ela foi utilizada em nossos captadores solares, a fim de aumentar-lhes a eficiência. E essa específica sequência numérica se manifestou agora num aparelho de RNG, pela primeira vez desde que Hideo implementou o sistema em todas as vilas, anos atrás.

– Bem, se eu já não tivesse visto certas coisas desde que entrei na Areté, declararia ser isso uma mera coincidência – disse, rindo, Cloe.

– E quanta coincidência é “coincidência demais”? – declarou Gerd, preocupado. – Matéria inteligente sendo reprogramada apenas nos objetos de Arthur é coincidência? Ok. Acredite em

defeito de fabricação, se quiser. Números aleatórios chegando a padrões organizados quando Arthur está presente? Desculpe, é "coincidência" demais pro meu gosto.

– Espere aí – interrompeu Lorena. – Vocês estão falando de *uma* sequência esquisita. Há indícios de que Arthur, ou o trio Arthur-Laura-Martin, continue a organizar inconscientemente números que deveriam ser aleatórios?

– Posso mostrar dezenas de gráficos – anunciou Hideo, com brilho no olhar. – O número *phi* não se repetiu, mas eu tenho aqui um relatório de várias sequências ordenadas muito relevantes para serem ignoradas. A maioria delas, padrões óbvios e banais. Números primos em sequência, por exemplo. Mas algumas sequências assustam. Ontem mesmo, na hora do jantar, num momento em que eu percebi que rolava um "clima" entre os três... (*acho que eles vão acabar transando*, pensou Hideo, e a imagem do trio formada na mente do japonês foi vislumbrada por Ravi, que não conseguia evitar a recepção de imagens muito carregadas). Bem, vejam vocês mesmos. A seguinte sequência apareceu:

11 11 07 13 13 41 – brilharam os números flutuando no ar.

– Não vejo como a repetição dos números 11 e 13 poderia... oh!

Lorena havia iniciado a falar, mas interrompeu a si mesma no exato momento em que a sala inteira emudecia.

– Este é o padrão genético do nosso vírus?! Estou ficando louca ou esses números representam aquele vírus que a Areté criou, o $\phi X174$? – indagou, espantada, Amanda.

– Sim, é a assinatura genética do vírus $\phi X174$. Os três pares de genes sobrepostos, com o número exato de letras propositalmente primos: 11X11, 7X13, 13X41 – declarou Ravi, com uma indiferença que espantava até Lorena.

– Mas o que isso quer dizer? – exasperou-se Lorena.

– Significa que talvez Deus exista – comentou distraidamente Ravi, com a suavidade de quem declara o óbvio. – Embora não seja, nem de longe, o que pessoas como Audrey acreditam que ele é. Uma inteligência extraterrena parece tentar se comunicar com

Arthur, Laura e Martin usando matemática. Não sei até que ponto esse “Deus” tem consciência dos três. Talvez ele apenas suspeite. E se ele for quem eu penso que é, faz sentido que use sequências numéricas especiais.

Hideo pareceu surpreso com tal declaração vinda do doutor Chandrasekhar. *Deve ser algum tipo de ironia*, pensou o matemático.

Não era.

– Deus, Ravi? Deus? Faça-me o favor! – contestou Clarice.

– É apenas uma força de expressão, minha cara – replicou Ravi.

– Chame como quiser. Refiro-me a uma inteligência alienígena avançadíssima. Exatamente o que a Areté procura sem encontrar há mais de dois mil anos, mesmo estando na nossa cara. E se é o que penso ser e está onde penso estar... Eu bem que desconfiava.

– E quando você irá nos conceder a graça de suas teorias, Ravi?

– interpelou Clarice, irritada com aquela mania de meias-verdades do doutor.

– Antes de fazer afirmações sobre as quais não tenho certeza, prefiro juntar mais alguns dados. E consultar os golfinhos da Vila Tétis. Poderia marcar uma reunião com eles, Gerd?

– Claro, Ravi – assentiu o alemão.

– Não é possível, eles devem estar brincando conosco de alguma forma – continuou Lorena, farta daquele assunto sobre deuses e convicta de que Ravi tentava enrolá-los com hipóteses exóticas. – Ele ou eles devem saber sobre o vírus com a assinatura codificada. Hideo, sabemos que seu tio e Carl Sagan quase mataram a charada nos anos 1970 do século XX! Esse Arthur foi devidamente investigado pelo Gêmeo? E se ele for mais do que aparenta? E se ele for um agente de outra organização que sabe sobre a Areté?

Ravi já esperava por tal desconfiança, e respondeu:

– O Gêmeo acompanha Arthur desde 2004, Lorena. Identificou o garoto como HEM-positivo e foi ao seu encontro numa viagem a Manaus. Não interferiu antes porque Arthur não reunia os requisitos para a inserção em Muhipu. O menino tinha família, não sofria violência. À parte sua doença, era relativamente bem inserido no

contexto social. Estudava, namorava, tinha amigos. E você conhece as regras: trazemos para as vilas apenas quem está em perigo ou oferece perigo, como Laura, Martin e Lionel. Ou quem pode ser muito vantajoso para a Areté, como no caso de Gerd e sua específica vinculação com a inteligência cetácea. Foi assim com todos vocês, não foi? Trouxemos Arthur quando ele começou a se tornar uma ameaça social. Se ele não quisesse vir, teríamos que incapacitá-lo. Mas, acalmando a todos, a resposta é um veemente sim, ele foi averiguado. O outro Ravi monitorou Arthur pessoalmente por quinze anos antes de enviá-lo para nós. Ele é apenas um bacharel em História, sem relação com grupo científico nenhum. Não oferece perigo para nós.

– Não oferece perigo? *Não oferece perigo?* – zangou-se Clarice.
– Esses garotos são uma ameaça! Toda essa gente que vocês põem em Muhipu! Essa gente complicada! Aquela garota louca e perigosa capaz de matar com a mente, aquela Laura! Ela me dá calafrios! E aquele Lionel? Ele deveria ser exterminado! É indecente que ele esteja entre nós, Ravi! Esse... esse *monstro!*

– Não fale de Lionel! Ele não tem culpa! Justo você, Clarice? Uma psicóloga! – zangou-se Lorena, que não conseguia deixar de sentir um impulso protetor em relação ao americano.

– Tendo ou não culpa, os golfinhos não querem contato com ninguém de Muhipu – advertiu Gerd. – Principalmente se esse “alguém” for Lionel. Afinal, o que ele fez? Nem os golfinhos sabem, só não gostam dele.

Irritada, Clarice gesticulou como quem afasta uma mosca e continuou seu irritadiço desabafo:

– Fazem muito bem, os golfinhos. É sempre de Muhipu que vem essa gente que causa problemas para a Areté, lembram do trabalho que a tal Paula Carvalho nos deu? As outras comunidades são ótimas, apenas Muhipu é um problema! Vocês não entendem o que eles estão fazendo? Eles causam alterações quânticas involuntárias, voluntárias, sei lá. Vocês sabem do que as comunidades são feitas. Os objetos das vilas foram elaborados com matéria programável. Eles podem destruir tudo! Tudo!

Ravi fez um gesto de quem pede silêncio, e assim todos ficaram por longos dez segundos. Os governadores sabiam o que estava acontecendo. O doutor estava avaliando uma imensa multiplicidade de cenários. Não que ele precisasse, de fato, que os outros ficassem em silêncio, mas apreciava o efeito psicológico que seu pedido causava. Após um curto tempo, Ravi falou:

– Projetei alguns milhares de cenários possíveis, e eles me parecem suficientes. Se enviarmos Arthur Coimbra de volta, apagando suas memórias e criando uma nova identidade para ele como fizemos com Paula Carvalho, ele pode encontrar mais indivíduos com quem fazer uma conexão involuntária, e... bem, vocês lembram do que nos relataram sobre a quase-catástrofe de 1993, na Antártida e nas Ilhas Pitcairn, no Pacífico Sul. Há indícios de que tenha sido culpa dos HEM-positivos em exercícios paranormais confusos. É justamente um fenômeno desse tipo que queremos evitar, retirando todos esses indivíduos de condições caóticas e os inserindo em contextos controlados. Se o deixarmos aqui, ele pode de fato interferir nos objetos compostos por matéria inteligente. Duvido que seja capaz de interferir em condições que não sejam estritamente locais, ou seja, se algum lugar corre perigo de desestabilização física, é apenas Muhipu. Podemos lidar com isso. Além do mais, Cloe o está monitorando pessoalmente, e compensa-rá qualquer alteração que Arthur possa desencadear na programação dos objetos. Se algum mudar, Cloe o reprogramará para que re-torne à forma anterior com rapidez. Quem vir o processo achará que se enganou.

– Aham... – pigarreou Clarice. – Sem querer estragar seus planos perfeitos, mas lembre que Cloe não conseguiu reprogramar o tal livro de Física depois que Arthur o alterou.

– Pensei nisso – respondeu Ravi. – Em último caso, substituiremos discretamente os objetos da casa deles por objetos comuns, nada de moléculas programadas que possam ser afetadas pela interferência involuntária causada por Arthur. Teremos de encontrar outra forma de monitorar a vila que não dependa da matéria programável.

– Por que simplesmente não os separamos? – inquiriu Gerd.

– E perder a oportunidade de estudar esse fenômeno? – riu Ravi. – Jamais! Se tivéssemos os temores comuns do restante da humanidade, ainda estaríamos chapinhando em tecnologia banal. Temos a obrigação de descobrir mais sobre esse rapaz e sobre a interação desses três indivíduos.

– E quanto à sua interação com ele? – preocupou-se Lorena. – A sua condição torna o contato direto muito perigoso, Ravi. Seja lá o que tenha passado a funcionar em Arthur, aconteceu quando ele chegou em Muhipu. O Gêmeo jamais relatou problemas em relação a ele, mas agora fiquei preocupada com você. E se ele agir sobre você como Audrey agiu sobre o Gêmeo?

– Ora, minha cara, não se preocupe tanto, eu não sou uma cadeira nem um livro – disse, sorrindo, Ravi. – Por isso, pedi e peço paciência. Eu, Hideo e Cloe estamos trabalhando em alternativas para que Arthur não constitua ameaça alguma a mim. Estarei com ele bem antes do que você imagina. Deixarei agora que Clarice explique a vocês as outras implicações das habilidades eletromagnéticas de Arthur: entrelaçamento telepático sem tecnologia Areté envolvida. Um contato capaz de superar a velocidade da luz.

– O quê? – exasperou-se Lorena. – Impossível!

Ravi não pôde deixar de rir.

– Lorena, eu disse o mesmo a Ravi, mas acontece que *nós* somos impossíveis – interrompeu, áspera, Clarice.

Por fim, mais calmo do que nunca, Ravi Chandrasekhar flutuou diante de todos, despedindo-se e atravessando o teto da Base Lua Nova, rumo ao coração incandescente e solitário de seu lar.

30. SÃO PAULO, BRASIL, 11 DE NOVEMBRO DE 2039

Foi ao chegar em seu apartamento que a doutora Julia Rivera se deu conta do quanto estava esgotada. Seu sistema de checagem individual não acusava nenhuma carência vitamínica, e as doses de nutrientes estavam adequadas mas, mesmo assim, ela se sentia psicologicamente exausta. As doses de MP10 (material particulado poluente presente no ar) em seu organismo estavam duas vezes

acima do limite ideal, mas isso era comum em qualquer pessoa que vivesse em São Paulo. Com todos os avanços, a cidade continuava péssima para a saúde. Precisava marcar uma sessão de desintoxicação num *spa*.

Tinha sido uma sexta-feira muito intensa, e os alunos do curso de mecânica celeste a haviam esgotado mais do que ela preferia admitir. E ela ainda tinha a festa de aniversário da chatíssima Alice Russo para ir. Julia estava decididamente atrasada, além de não se sentir lá muito disposta. Ainda assim, resolveu dar uma olhada no ambiente.

– Ricky, me dê imagens do Terraço Itália.

Ao seu comando de voz, uma das paredes da sala se converteu numa imensa tela, a partir da qual Julia podia ver as pessoas na festa. Reconheceu algumas, mas não todas. Achou tudo muito cafona, muito pasteurizado. As mulheres tinham os mesmos penteados, os mesmos desenhos corporais, nenhuma variedade. A ela pareciam clones com sabor de nada.

– Espelho, espelho meu, existe nessa droga de festa alguém mais bela do que eu? – brincou Julia.

Instantaneamente, alvos múltiplos se desenharam em torno dos rostos e corpos das mulheres que transitavam no Terraço Itália. Era Ricky, iniciando a sondagem da beleza. Dez segundos depois, veio a resposta:

– Considerando que são todas quase idênticas em decorrência de intervenções estéticas da moda, creio que você chamaria bastante atenção, Julia. Das cinquenta e seis mulheres presentes, a única que parece ser diferente a ponto de despertar a atenção dos homens é uma transexual ruiva. Mas nem todos apreciam uma mulher com pênis.

– Ah, sim... Cassandra Herrmann. Ela é realmente linda. – comentou Julia, meio que pensando em voz alta.

– Você vai à festa dela? Posso inserir sais estimulantes em seu banho ou sugerir uma dose extra de cafeína – questionou Ricky.

– Não, não vou. Chega de gente por hoje.

Julia decidiu, então, enviar uma mensagem coletiva para Alice e outras amigas, alegando que desejava descansar após um dia tão

extenuante. Não causaria nenhum desapontamento, bem sabia. As amigas de Julia já estavam mais do que acostumadas com seu característico desejo de isolamento. Julia pediu a Ricky para comprar um presente para Alice na Amazon e enviar para a casa dela mais tarde. Impaciente para escolher alguma coisa, ainda solicitou ao seu assistente virtual que investigasse algo de interessante de acordo com o perfil de Alice no Auranet.

O verão havia chegado antes do tempo, e Julia tinha prometido a si mesma pegar o trem bala para o Rio de Janeiro naquele feriado prolongado, desligando-se do mundo por quatro dias. Após passar a mensagem, desligou o celular, retirou as *googleyes* e desabilitou o serviço de chamadas de emergência. Estava farta de contato humano por aquele dia e resolveu entrar em “isolamento tecnológico”.

Fez tudo isso antes de dar atenção a Galáxia, sua recém-adotada vira-lata de estimação. A cadela era ainda um filhote e tinha sido resgatada do lixo por um grupo de ativistas dos direitos animais chamado “Projeto SalvaCão”. Conforme lhe havia orientado a veterinária do grupo, não convinha mimar demais o filhote, e fazia parte do processo educacional do animal que Julia, ao chegar em casa, executasse primeiro coisas básicas, tais quais ir ao banheiro, guardar a bolsa, beber um copo d’água e, só então, fazer festinha para Galáxia. Ainda que partisse o coração de Julia não dar atenção imediata ao animal, já tinha visto cães mal educados o suficiente para decidir que a sua filha-bicho não seria como os outros.

Saindo do banheiro, procedeu como sempre: pediu a Ricky que abrisse a porta da outra sala, gritou *Galáxia!* com alegria, e a cadelinha veio correndo, numa explosão da mais genuína felicidade, atirando-se ao colo de Julia. Enquanto fazia festa no animal, a professora de Astronomia olhou chateada para sua estante novinha.

– Galáxia! Você roeu a base da estante toda! Que coisa feia!

Não conseguiu, contudo, zangar-se muito. Afinal, o animal era ainda um filhote que demandava disciplina e devia ter ficado nervoso com a ausência de sua tutora. Apesar de não ser versada em comportamento canino, Julia lera o suficiente para saber que

aquele hábito era bastante comum em cães filhotes. Decidiu, então, comprar um daqueles ossos artificiais num *pet shop*, para que Galáxia pudesse se distrair. E, talvez, existisse algum tipo de repelente que ela poderia borrifar na estante, gerando repulsa no animal. Pensou também em programar Ricky para entretê-la. Ele poderia assumir a forma virtual de outro cachorro, por que não?

Julia tirou as roupas e entrou na banheira. Ricky, de-tectando sua presença, passou a liberar água na temperatura adequada para compensar o calor de novembro. A parede à sua frente se converteu automaticamente no modo tela, transmitindo as principais notícias do dia. Julia se irritou um pouco e teve vontade de desligar o monitor, mas sabia que aquela era sua única oportunidade de ouvir um resumo dos últimos acontecimentos.

Membros da Bancada Evangélica protestaram em frente ao Palácio da Alvorada contra a participação do Brasil nas Segundas Olimpíadas Transumanas em Montreal. O repórter deu lugar a uma mulher miúda, de cabelos em coque, inacreditavelmente usando óculos e com maneirismos que a Julia pareceram grotescos. *Isto é uma abominação, é querer brincar de Deus, pervertendo a natureza de nossos jovens!*, argumentou a senhora, enquanto o Ubiq informava seu nome e função: Maira Rios, vereadora de São Paulo pelo “novíssimo” Partido da Tradição Cristã. A imagem da mulher cedeu lugar novamente à do repórter. *Apesar dos protestos, a delegação paraolímpica brasileira enviará dois rapazes e duas mulheres para competir. A expectativa é de que os aperfeiçoamentos disponibilizados pelo Instituto Internacional de Neurociências de Natal, em parceria com a DNAmerica, superem a tecnologia dos favoritos japoneses. Veja a seguir o depoimento de Miguel Nicoletis e da ministra dos desp...*

– Próximo.

Após diversos atrasos, o engenheiro Bas Lansdorp anunciou o lançamento da primeira missão tripulada do reality show científico “Marte 1”. Segundo Lansdorp, a viagem rumo ao planeta vermelho ocorrerá impreterivelmente no próximo periélio, em janeiro de 2040. A viagem durará seis meses e pretende construir a primeira colônia humana em Marte. Os tripulantes participarão de seu último

réveillon terrestre numa badalada festa no Rio de Janeiro. A expectativa em torno do projeto é altíssima, apesar das contundentes críticas da NA...

– Malucos. Próximo!

Sobe para 2300 os casos de processo por danos morais decorrentes de filmagens não-autorizadas de relações sexuais entre jovens, através das lentes googleyes. No mais recente e ultrajante caso, a intimidade de uma garota de 13 anos foi enviada por seu amante de 15 para mais de vinte amigos do Ensino Médio. Em apenas meia hora, o vídeo rodou o mundo e já contava com vinte milhões de visualizações no Ubiq. Os pais do adolescente foram responsabilizados e responderão a processo. A empresa Google, igualmente processada, emitiu comunicado oficial lembrando que não tem poder de polícia e, portanto, não pode controlar tudo o que as pessoas compartilham nem se responsabilizar pelo mau uso que algumas pessoas fazem das ferramentas disponibilizadas.

– É como eu sempre digo, *cariña*: põe a camisinha e tira as lentes de contato. Vacilou, dançou. Admirável mundo novo. Próximo, Ricky.

Ano novo, vida nova? Em 2040, vence o contrato de casamento de sete anos entre a atriz romena Adrienne Basarab, 42, e o pianista brasileiro Jordan Alexander, 38. Há grande expectativa dos fãs em torno do casal mais querido do momento. E você, o que acha? O contrato será renovado? Será que Basarab está feliz? Levante a mão esquerda se acredita que o contrato será renovado, a direita se acredita que será rompido. Levante ambas, se acredita que eles abrirão a parceria para casamentos múltiplos.

– Eu não posso acreditar que você realmente achou que inserir fofoca de celebridade em minha matriz de interesses me faria feliz, Ricky – declarou Julia, entre pasma e fascinada.

– Considerando sua predileção pela música de Jordan Alexander e suas mensagens para suas amigas afirmando que ele é um gato, imaginei que haveria interesse em acompanhar sua vida amorosa. Lamento.

– Eu estou namorando! Na-mo-ran-do! E sou antiquada, monogâmica, diabos! Pare de querer me envolver em relações a

três!

– Entendido, Julia. Não se repetirá.

– Ótimo. Próxima notícia.

Três adolescentes flagraram objetos voadores não identificados emergindo das águas do Rio Negro na Floresta Amazônica, nas imediações de Manaus. Veja a seguir as imagens registradas pelas lentes googleyes dos garotos. Seriam estes globos luminosos naves extraterrestres? Pesquisas militares secretas? Há alguma verdade nas estranhas atividades relatadas na selva amazônica?

– Me poupe!!! Só loucura! Só *trash*! Música! Música pop suave, anos 20!

– Século XX ou XXI? – questionou Ricky.

– Aff... XXI, né? Quem escuta música dos anos 1920 do século XX? Exclua Madonna. Sem cliques, apenas imagens frac-tais. Quero relaxar.

A tela de notícias deu lugar à sequência caleidoscópica favorita de Julia: flores desabrochando em padrões infinitos sem nenhuma repetição. A voz aveludada de Zahara Jolie-Pitt emergiu, entoando a romântica *Stars are magic, life is tragic*. Julia não pôde deixar de admitir – com certa irritação – o quanto seu sistema de assistência pessoal Ubiq (o qual ela chamava de Ricky, mais com ironia do que com carinho) a conhecia. Música certa, perfeita. Encontrava-se porém tão cansada que mal chegou a cantarolar dois minutos da canção. Estava quase adormecendo na banheira (o que não ofereceria perigo algum, já que o sistema Ubiq detectaria o sono, gelando a água até que ela acordasse ou esvaziando a banheira antes que ela se afogasse), quando então a voz masculina emulando Ricky Martin tomou conta do banheiro e um mar de um azul fantástico invadiu o monitor-parede, interrompendo Zahara. Caminhando na praia da transmissão, surgiu a última forma que Julia havia programado para a voz de Ricky: um Teletubbie.

– Julia, nota-se que você está cansada, você estava quase adormecendo na banheira. Suas férias de verão estão batendo na porta, mas você ainda não programou nada! Os arquivos mostram que você ainda não conheceu Zakhyntos, a noroeste da Grécia. Como você gosta de mergulhar, achei que seria uma boa opção

para você. Zakhyntos é um dos melhores lugares do Mar Mediterrâneo para a prática do mergulho. Setenta e dois dos seus contatos Auranet estiveram em Zakhyntos nos últimos três anos e deram cinco estrelas à ilha! Você gostaria de ter acesso às principais opções de pacotes para essa incrível ilha jônica? Sabia que Zakhyntos é citada na Ilíada e na Odiss...

– Cala a boca, *mierda*. Agora é *inverno* por lá – resmungou Julia, interrompendo o sistema. – Quem é o analfabeto que programa o Ubiq pra me enviar spam publicitário de viagem pra Grécia sem saber que verão aqui é inverno lá? Ricky, mantenha a água a 23 graus. Desligue todo o sistema Ubiq.

– Tem certeza, Julia? Isso não é recomendado. Gostaria de lembrar que, desligando o sistema, suas roupas de dormir não serão capazes de monitorar seu organismo durante o sono. Sugiro que desligue apenas os monitores de recepção, mas mantenha habilitados os de transmissão. Sabia que ano passado mais de quatro milhões de pessoas foram salvas graças aos transmissores de dados biológicos Ubiq em suas roup...

– Silêncio, porra. Está certo, desligue apenas os monitores de recepção. Mantenha todas as paredes do apartamento em cor azul, tonalidade: preferência “d”. Me acorde fora do sono R.E.M., entre 7 e 7 e meia da manhã. Use vibração na cama, começando no moderado, e som de chuva fina para me despertar. E não fale comigo até amanhã. Estou cheia de você. Ah, e a partir de amanhã assumo a forma do Pato Donald. Cansei dessa cara de Teletubbie. Obrigada.

Sem pestanejar, a cópia vocal de Ricky Martin se calou e o Teletubbie se dissolveu em bilhões de pixels (*E pensar que paguei 600 dólares por essa voz que já me irrita*, pensou Julia).

Enquanto relaxava na banheira, Julia se deu conta do quanto precisava de fato ser mais cuidadosa, agora que tinha uma “filha”. Foi com preocupação que notou o quanto o pote de sais de banho estava igualmente roído. Sentiu-se culpada, diante da ideia de que Galáxia poderia ter ingerido hidratantes, caso roesse mais aquele pote.

Julia se recolheu para a cama junto com Galáxia, mesmo sabendo que não era muito adequado permitir que o cão dormisse com ela. Afinal, cedo ou tarde Filippo chegaria, e a cachorrinha poderia não gostar muito da ideia de ter seus hábitos trocados. Julia pensou, com alguma condescendência, que mal não faria se elas dormissem juntas uma noite ou outra. Ademais, gostava da companhia do animal.

Sem dificuldade, dormiu profundamente. Julia era uma campeã do sono. Tinha esse estranho e invejável poder de se desligar, dormindo como uma pedra.

Mas nem tanto.

Foi por volta das quatro horas da manhã que tanto Julia quanto Galáxia acordaram sobressaltadas, com um estrondo. Alguma coisa havia caído, ou alguém havia derrubado algo na sala. Preocupada, Julia acionou a tranca da porta do quarto por comando de voz. *Ricky, cerrar!*, disse ela, e ouviu um clique em menos de dois segundos. O episódio serviu para fazê-la voltar às boas com Ricky e sua alta eficiência. As atualizações do sistema tinham se revelado excelentes, com bom tempo de reação. Ainda assim, Julia apostava na possibilidade futura de uma reação ao comando verbal inferior a um segundo.

Pensou em pedir a Ricky que chamasse a polícia, mas foi o medo de dar um vexame que a fez primeiro converter uma das paredes do quarto em monitor e, através dele, checar as câmeras de infravermelho na sala, no banheiro e na cozinha. Instalara o upgrade de vigilância no Ubiq secretamente, mais porque podia fazer aquilo do que por medo. Afinal, morava num apartamento, e para um ladrão chegar até lá teria de passar pela portaria – o que era difícil, mas de forma nenhuma impossível.

Checando as câmeras, não encontrou nada, mas viu que as prateleiras da estante haviam desabado. Todas. Os livros estavam espalhados pelo chão, às dezenas. Maldizendo a si mesma, Julia se levantou, pensando que deveria ter aceito a oferta de instalação quando a estante lhe foi entregue. Preferiu montá-la sozinha na época e, pelo visto, não tinha feito um bom trabalho.

Julia se levantou, destrancou a porta, mandou que as luzes se acendessem e foi para a sala. Ficou em torno de meio minuto parada, olhando para as prateleiras degradadas, tentando processar o que estava vendo. Galáxia permanecia muda ao seu lado, repentinamente absolvida de seus supostos pecados. Ignorando os livros espalhados pelo chão, Julia se dirigiu ao banheiro e pegou o pote de hidratante, que de imediato se desfez em pedaços na sua mão, espalhando o conteúdo sobre a sua camisola.

– *Diós, que mierda...* – praguejou Julia, baixinho.

Ainda apreensiva e repassando em sua mente todas as possibilidades que poderiam explicar tamanha bizarrice, Julia foi para a cozinha e abriu o armário. Entre pasma e fascinada, constatou que eram poucos os itens que permaneciam intactos. Quase todos os pacotes estavam degradados ou pelo menos um pouco corroídos. Nem o que se encontrava dentro da geladeira escapara. Um pote de sorvete havia rachado no congelador, e uma garrafa de plástico apresentava mais buracos que um queijo suíço, sendo que o conteúdo havia se derramado.

Como que possuía, Julia passou a reunir todos os itens corroídos em cima da mesa de vidro da sala. Sua mente trabalhava sem cessar, analisando detalhes e fazendo conjecturas. Julia pensava como se fosse um computador com várias janelas abertas ao mesmo tempo, processando múltiplas informações e confrontando hipóteses. Ela era boa para pensar rápido em situações de emergência, tão boa que por mais de uma vez chegara a ouvir que deveria ter sido médica, só para trabalhar em casos urgentes. Após juntar o máximo de objetos subitamente degradados de seu apartamento e compará-los, buscando alguns valores de densidade do plástico nos arquivos Ubiq, Julia ligou para um de seus colegas, um especialista em microbiologia chamado Douglas Galante. A ligação caiu na caixa-postal.

Julia sabia que quase ninguém ouvia recados deixados na secretária eletrônica, então enviou uma mensagem com qualificação de emergência. Pelo que ela sabia de Douglas e de sua obsessão por sistemas tecnológicos novos, o sinal de emergência

enviado pelo celular faria com que todas as luzes da casa dele se acendessem, uma música começasse a tocar bem alto, suas roupas vibrassem e mesmo as lentes *googleyes* acionariam luzes, até que ele acordasse (sim, ele cometia a imprudência de dormir com elas). Quase ninguém habilitava a autorização de emergência, em decorrência das brincadeiras de mau gosto de eventuais amigos bêbados, mas Douglas era dos que levava a sério a proposta desse tipo de instrumental. A mensagem, ditada por Julia ao Ubiq, dizia:

Doug, ligue pra mim imediatamente. Suspeito de uma infestação na cidade. Bactéria extremófila capaz de corroer qualquer tipo de material plástico cuja densidade está entre 0.7 e 2.5 gramas por centímetro cúbico. Parece psicrofílica, pois corroeu potes em meu congelador, mas se alastra também em ambientes de altas temperaturas. Nunca vi algo assim. Possibilidade de vazamento laboratorial ou de ataque terrorista.

O que Julia não imaginou naquele momento é que era ela a atrasada. Enquanto dormia com os contatos desabilitados, uma reunião de última hora já ocorria no laboratório de microbiologia da Universidade de São Paulo, reunindo Douglas Galante e todos os cientistas das mais diversas áreas.

– Ricky, me informe o momento exato em que Douglas receber essa mensagem. Habilite meus sistemas de emergência para receber mensagens prioritárias de Douglas Galante, Melissa Nakamura, Leticia Alabi, Valéria Card...

Subitamente, todas as paredes da casa passaram do turquesa, cor originalmente estabelecida por Julia, para diversas cores aleatórias. A parede atrás dela se converteu em monitor e passou a transmitir mais uma vez a beleza estonteante do Mediterrâneo. O Pato Donald surgiu na tela, levemente distorcido.

– Zakhyntos! – Declarou, empolgada, a voz de Ricky Martin no Ubiq. – Num pacote totalmente (pausa) personaaaalizado. Férias, descanso, veeeeerão. Setenta e dois dos seus cont (pausa) Auranet (pausa) Zakhyntos! Mensagem recebi-da de (pausa) Leticia Alabzzzzz. *Julia, onde você está? Preciso falar com você urgenzzzzz...* Os melhores pacotes para Zakhyntos! (pausa) Odisseia (pausa) Ilíada (pausa).

Foi então que Julia se deu conta, com algum horror, que os fios elétricos eram encapados com plástico. Assim como as embalagens de produtos nos supermercados. Tudo. O Planeta Plástico.

Abrindo a janela de seu prédio na Vila Madalena, Julia pôde, enfim, ouvir as explosões.

E os gritos.

31. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 68 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Arthur soube da existência de outras casas na periferia de Muhipu, habitadas pela população indígena, mas jamais se aventurara até lá. Ele gostava dos índios, mas não se sentia muito à vontade com eles, talvez pelo choque cultural. Evitava, assim, forçar sua presença mais do que o necessário. Já se sentia um pouco culpado por ter índios-babás a noite inteira velando todas as residências da vila. Podia bem ser apenas paranoia, mas Arthur sentia certa indisposição de alguns índios para com ele, uma barreira que ora parecia ser excessivo respeito, ora parecia ser até mesmo temor.

As crianças constituíam exceção. Quase todas eram indígenas, o que parecia razoável, pois seria improvável que algum pai ou mãe autorizasse o recrutamento de seus próprios filhos. O mais jovem não indígena em Muhipu tinha catorze anos e era um divertido garoto paraibano chamado Pedro, tão novato quanto Arthur. No quinquagésimo segundo dia desde o despertar, os dois se encontraram e conversaram um pouco. A história de Pedro envolvia não apenas a hipersensibilidade eletromagnética. Ele era filho de um homem cuja vida havia sido devastada pelo crack. Não tinha mãe, pois – horrível ponto em comum entre quase todos os habitantes de Muhipu – ela morrera de acidente vascular cerebral no momento do parto. Após ter o pai assassinado numa briga, Pedro se viu vagando pelas ruas por três meses, até que foi parar num abrigo e conheceu uma voluntária que distribuía comida. Ela o apresentou ao doutor Ravi que, por sua vez, o conduziu a Muhipu. O menino disse estar adorando morar na vila.

– Vai na festa hoje? – perguntou Pedro.

– Festa? Outra? Anteontem mesmo rolou uma – comentou Arthur, já ciente da profusão de eventos noturnos que ocorriam em Muhipu.

– Não, cara, não estou falando das festinhas normais da vila. Vai rolar um ritual dos índios na maloca central, qualquer pessoa pode ir, tá ligado? Fui na última, dois meses atrás. São muito legais, a comida é boa, e a gente vara a madrugada dançando e cantando!

A Arthur parecia estranha a ideia de interagir com os nativos. Eles não pareciam hospitaleiros. Quem sabe se surpreenderia?



Ao cair da noite, Arthur, Martin e Laura já estavam prontos para o início das festividades tribais. Tanto Martin quanto Laura já haviam ido a outras, e as consideravam divertidas. Disseram a Arthur que havia um índio mais velho, com algo em torno de sessenta anos, uma espécie de pajé, cuja voz graciosa se destacava nos cânticos e no ato de contar histórias bonitas sobre os mitos tukanos da criação e da vida.

Uma hora após o pôr do sol, a porta da sala se abriu e Pedro entrou pelo corredor conectivo, com seus respectivos tutores: dois homens que pareciam ser argentinos. Cumprimentaram-se e entraram em outro corredor conectivo, este subterrâneo, que conduzia à maloca central.

Arthur já havia estado naquela construção, mas jamais num dia como aquele. O lugar estava lotado com o máximo de índios que ele julgava possível, e “alvorço” era uma palavra tímida para descrever o evento. Indígenas e habitantes de Muhipu atuavam juntos numa sofisticada dança circular, enquanto alguns mandavam ver em instrumentos de percussão feitos de madeira. Martin e Laura já tinham participado de eventos do tipo, mas Arthur não tinha ideia de onde poderia se encaixar. Não sabia tocar instrumento algum e não conseguia se ver dançando sem antes entornar meio litro de alguma substância alcoólica inexistente em Muhipu.

Vislumbrando um grupo de pessoas mais velhas sentadas num dos bancos da construção circular, Arthur resolveu se juntar a elas. Um deles era um senhor indígena em torno de sessenta anos que não parava de olhar com ar irônico e um sorrisinho de canto de boca para Arthur. Mais tarde, descobriu que se tratava exatamente do tão falado pajé.

Enquanto vários índios realizavam a sofisticada dança e alguns outros tocavam flautas imensas, feitas de madeira, o pajé se levantou e se pôs a falar no idioma tukano, contando uma história. Cauré, filho do velho índio, traduzia a fala do pai:

No princípio, antes do tempo, havia um vão chamado a Casa do Vento.

*Não havia nada. Nem forma, nem som, nem luz.
E assim era chamado o Primeiro Mundo. Tudo era espaço,
escuridão.*

*Tudo era silêncio, num mundo triste e sem ideias.
Dentro de um redemoinho, no vão, apareceu o Primeiro Ser, Ye'pá.
E ela era um misto de música misteriosa e movimento no ar.
O corpo de Ye'pá emergiu do redemoinho, e de dentro soou o som
do Mi-i:*

*Um passarinho que era o começo dos sons da gente Juruparí.
O Juruparí, cujo nome significa "grade na boca", era um juiz sábio
que guardava bem os segredos.*

*Ye'pá, a criadora, vivia sozinha, invisível, nova e bonita,
porém sem nome e sem fazer nada.*

*Ye'pá chamou o Sol, por meio das cerimônias, para ser seu marido
e tiveram filhos de diversas maneiras.*

Arthur ouvia o discurso com atenção, fascinado com o mito tukano da criação do mundo. A dança continuava, e os índios – um tanto reticentes – foram pouco a pouco convidando os moradores de Muhipu para entrar no rito. Uma linda índia adolescente sorriu para Arthur e o convidou, mas ele preferiu continuar sentado, assistindo a tudo e experimentando o açaí com farinha de

mandioca. A bebida era salgada, muito diferente do açaí na tigela com xarope de guaraná e granola, tão famoso nas cidades grandes.

Subitamente, todos os índios estancaram, como se ti-vessem levado um susto. Com os olhos arregalados, alguns chegaram a dar um passo para trás. Índios altos e fortes, que não temeriam animais selvagens, empalideceram. Após breves segundos de silêncio, alguém sussurrou, mas o eco era tão forte que a voz soou alta e clara:

– *Ñohkoa mahsã!*

Arthur e seus amigos se voltaram ao mesmo tempo na direção da porta, vendo uma silhueta alta e estanque ladeada por três outros vultos menores, como que esperando um convite para entrar.

– *Koamaken... Ñohkoa mahsã...* – murmuravam, respeitosamente, os nativos.

Dentre os índios, apenas o pajé pareceu não se afetar com a presença do homem alto. Dando um passo adiante, abriu os braços e, com seu melhor sorriso, convidou o estranho a entrar, falando num português com forte sotaque:

– Ravi, muita honra receber visita sua.

– Olá, Acauã. Perdão por interromper a festa. Podemos entrar?

– indagou Ravi, parado na porta.

– Maloca de tribo sempre aberta para *Koamaken* Ravi e todos os *Ñohkoa mahsã*.

Desde sua chegada em Muhipu, era a primeira vez que Arthur via o doutor Chandrasekhar. Ficou feliz em vê-lo novamente. Ravi, identificando o amigo, a ele se dirigiu e o cumprimentou.

– Arthur, meu caro. Eu gostaria de me desculpar por não ter falado com você antes. Obrigações diversas me impediram de voltar a Muhipu desde que trouxemos você para cá. Como está sendo a sua experiência aqui? Você me parece muito bem! – observou Ravi.

– Ah, estou gostando muito! – respondeu Arthur. – Tenho sido muito bem tratado, Laura e Martin são ótimos tutores.

Ravi sorriu e em seguida fez um gesto para que as outras três pessoas se aproximassem.

– Você já conhece Lorena, governadora de Muhipu. Gostaria de apresentar a você mais dois governadores: Hideo e Clarice. Hideo é matemático, japonês e trabalha diretamente comigo num de nossos laboratórios de pesquisa. Clarice é psicóloga, brasileira e está à sua disposição caso precise conversar.

Todos se cumprimentaram e voltaram a se sentar. Arthur achou Hideo muito gente boa e animado com tudo, mas não pôde deixar de reparar num certo desconforto por parte da tal Clarice. Ela parecia muito irritada por estar ali, e não tirava os olhos de Laura, acompanhando cada movimento da gaúcha como quem analisa um animal exótico.

A música foi retomada, assim como a dança, e o pajé voltou a recitar seu conto. Não obstante tudo parecesse normal, Arthur não podia deixar de evitar uma sensação de estranheza em relação a Ravi. Ele parecia diferente, era como se estivessem se encontrando pela primeira vez. Arthur só não sabia precisar exatamente por que tinha tal sensação.

A festa se prolongou por toda a madrugada e não dava mostras de terminar, quando então Arthur decidiu voltar para casa. Laura, por sua vez, parecia muito ocupada seduzindo um jovem índio. Martin não parecia ligar nem um pouco, e demonstrava estar entretido numa animada conversa com outros índios adultos. Ao perceber que Arthur se retirava sozinho, Ravi voltou a se aproximar.

– Arthur, espero que você não leve mesmo a mal a minha ausência. Você sabe que se precisar falar comigo pode sempre pedir a Lorena para me chamar. Nem sempre poderei vir, mas farei o possível.

– Não se preocupe, Ravi. Estou bem, sério mesmo! Apareça mais vezes! – sorriu o rapaz, despedindo-se.

Arthur estava para sair, quando notou uma coisa que lhe pareceu inusitada. Inclinou-se para frente e, achando graça, comentou:

– Que engraçado, Ravi! Nunca tinha reparado que seus olhos são verdes.

Ravi estremeceu, mas disfarçou. Não, seus olhos não eram verdes. Não até alguns minutos atrás.



Ao atravessar todos os corredores e chegar em casa, foi a vez de Arthur quase cair para trás com um susto. Lá estava o tal pajé, o índio chamado Acauã, de pé e sorrindo na sala comunal, como se o esperasse.

– Hã... olá? – acenou Arthur, timidamente.

– Olá, menino. Bom ver você de novo. Tempo é coisa engraçada.

Arthur não entendeu, apesar de admitir certa familiaridade com o pajé.

– Perdão, mas... a gente já tinha se visto antes?

O índio sorriu, com um brilho sardônico no olhar.

– Acauã já viu por seus olhos muitas vezes e esperava sua vinda. Tem coisa pra te mostrar, menino. E, depois do que Acauã tem para te mostrar, temos treinamento para começar. Porque menino ser também pajé e precisa aprender encantamento da união.

Arthur achou graça do que lhe parecia uma cena protagonizada por um índio velho e meio maluco. Ficou uns dez segundos se segurando para não rir, até que o sorriso abandonou seu rosto como se uma ducha de água fria lhe fosse atirada na cara.

Foi com indisfarçado terror que Arthur se descobriu vendo seu próprio corpo de pé, como se sua consciência tivesse sido deslocada para a posição do velho índio. Via a si mesmo através dos olhos do pajé. Primeiro pensou *me drogaram*. Em seguida, sentiu a força abandonar suas (suas?) pernas e quase gritou, quando então viu o seu próprio rosto à sua frente esboçar um sorriso, e o que deveria ser sua própria boca declarar:

– Amanhã menino vem na maloca de Acauã começar treinamento. Chega de ilusão de separação. Amanhã menino vem aprender a olhar através de todos os olhos do mundo. Amanhã menino vai aprender a controlar encantamento da união.

Sem aguentar, Arthur-em-Acauã quase berrou o mais alto que pôde, no que foi interrompido por Acauã-em-Arthur, que lhe disse:

– Não grite. Casa ter olhos. Mas nós ter mais, muito mais. Acauã mostra. Vê?

Através de milhões de olhos, a realidade a Arthur se descortinou como sempre fora: vasta. Mais vasta e linda do que ele um dia imaginara.

32. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 75 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

O plano era de uma simplicidade magnífica. Quanto mais pensava sobre ele, maturando-o com o passar dos dias, mais excitado Arthur ficava. E isso não era bom, já que, para sua ideia funcionar, ele precisaria estar o oposto de excitado. Relaxar a ponto de chegar ao estado mental adequado seria, para ele, um grande desafio. *Desaliviar-se da ânsia de resultado*, insistira Acauã, após treinar Arthur por sete dias.

De fato, o tal “encantamento da união” se revelara estranhamente fácil ao longo do treinamento com Acauã, embora ele ainda duvidasse um pouco da experiência, atribuindo tudo às propriedades alucinógenas daqueles chás indígenas. O que Acauã chamava de “encantamento da união” era ao mesmo tempo a coisa mais bizarra e simples que Arthur vira em toda sua existência: um processo psíquico capaz de permitir o acesso ao mundo através do olhar alheio. Por um momento, ainda que breve, Arthur podia ser outros. Ele já havia conseguido se emaranhar discretamente a Martin e a um ou outro índio por alguns minutos. Não ousou invadir Laura, por conta de um medo instintivo e indefinido. Considerou tentar um contato com Julia, porém queria descobrir mais coisas sobre Muhipu antes de tentar se emaranhar psiquicamente com a ex-namorada. Chegou a pensar em invadir Ravi e extrair as respostas direto da fonte, mas tinha certeza de que aquelas capacidades não eram desconhecidas ao doutor e temia ser detectado. O problema agora, considerou, estava no rompimento de seu ceticismo. A partir do momento em que se tornou (quase) convicto de sua capacidade especial, querer utilizá-la implicava no exato oposto da ausência de expectativa.

Não seria nada fácil para Arthur possuir telepaticamente o índio guardião de sua própria casa.

Se conseguisse, seria perfeito. Nem ele, nem Laura e nem Martin poderiam sair dos ambientes internos à noite. Qualquer tentativa seria impedida pela poderosa guarda tribal. Mesmo que lograssem êxito em fugir, isso poderia desencadear um surto de sobrecarga psíquica por conta da luz estelar, coisa que Arthur não queria. Mantinha-se fiel ao seu plano original: ficar dois anos na vila, acumular experiência suficiente para escrever sua tese e, então, pe-dir para voltar ou provocar seu próprio banimento da comunidade. Todavia, olhar o mundo exterior à noite através dos olhos do seu índio guardião seria um golpe de mestre. Satisfaria sua curiosidade acerca do que havia de tão proibido na noite, saberia onde estava, não sofreria as consequências da hipersensibilidade eletromagnética, manteria o segredo para si e ninguém, nem mesmo Ravi, Martin ou Laura, precisaria saber. Acauã provavelmente saberia

de seus planos, já que o pajé era ciente das estranhas capacidades de Arthur e as havia aprimorado. Mas esse era o menor dos problemas, já que o velho índio parecia não apenas estar ao seu lado, como tê-lo induzido a tomar ciência do que lhe era possível realizar.

Arthur tinha, portanto, dois desafios: o primeiro seria relaxar a ponto de entrar no estado mental adequado, sem ansiedade por resultado. O segundo envolvia se convencer de que ele era o índio guardião da casa, a tal ponto que – como lhe ensinara Acauã – a realidade se alterasse, rompendo a ilusão de separação e, assim, Arthur e Andirá (o índio guardião da casa) fossem efetivamente um só ser. O ponto fundamental do “encantamento” era não imaginar o processo como uma transmissão, já que a ideia de “transmitir” ainda implica na ilusão da separação. O ponto fundamental era se convencer de que ele era, de fato, Andirá.

Sentado em seu quarto, após tomar uma boa dose do chá especial que Acauã lhe concedera, Arthur iniciou sua cantilena interior:

Eu sou Andirá. Sou o guardião da casa de Arthur, Martin e Laura.

Eu sou Andirá. Meu nome significa "morcego" em tupi.

Eu sou Andirá. Sou do povo que anda à noite.

Eu sou Andirá, filho de Ibiajara.

Eu sou Andirá. Sou um guardião fiel, responsável, forte.

Isto é ridículo, não vai funcionar..., pensou Arthur, com um longo suspiro.

Eu sou Andirá. Minha mulher é Irani. Eu a amo.

Eu sou And...



O mais difícil era manter a coesão da consciência naquele sonho onde as separações eram desfeitas. Tudo em Andirá era extremamente forte: suas convicções, seu senso de responsabilidade, o amor pelo papel que desempenhava na ordem da comunidade. Todas essas coisas eram muito maiores do que a mera curiosidade. Sua noção de "felicidade" não era, de forma alguma, a partilhada pelo homem branco. Para Arthur, Laura, Martin e qualquer outro, "ser feliz" implicava num tipo bem conhecido de realização individual. Em Andirá, a felicidade assumia um significado tribal, coletivo, no qual cumprir bem seu papel na ordem da comunidade permitia o bom funcionamento de um todo maior.

Não foi fácil para Andirá deixar seu posto. Mas ele se sentiu compelido a andar um pouco, olhar ao redor, tentar entender o que a noite escondia em seu bojo soturno. Repreendeu a si mesmo, por aparentemente ter cochilado por um minuto. Um cochilo tão curto, com um sonho tão estranho, no qual ele amava outra mulher, uma moça morena chamada Julia. Sentiu-se constrangido, ao perceber quanta falta sentia de uma pessoa que ele jamais conhecera.

– *Oro-epiak-a'ub, xe r-embiasub-i* – pôs-se a cantarolar¹, enquanto caminhava mais para o centro da vila, olhando ao redor.

Mirou as árvores, as plantas. Nada de errado, tudo aparentemente banal. Outros guardiões o olharam, curiosos, mas sem estranhar muito. Era natural que, de vez em quando, um deles

quisesse esticar as pernas e caminhar um pouco. Não havia nada de errado nisso, contanto que as casas sob suas responsabilidades não lhes saíssem da vista.

Andirá olhou para o céu e pôde divisar a Lua em quarto minguante ao lado de duas estrelas muito brilhantes. *Não são estrelas, são planetas, a luz não pisca*, pensou o índio. Riu-se do próprio pensamento. Que diferença fazia, afinal, se as luzes eram estrelas ou planetas? E quem havia lhe ensinado isso? Não conseguia lembrar. Incomodou-se um pouco ao novamente se ver assediado pela imagem de uma linda mulher com fartos cabelos negros. A tal Julia, do sonho. Estremeceu, considerando a possibilidade de a mulher ser um espírito da floresta que o estivesse seduzindo, enfeitando-o.

Procuraria Acauã bem cedo, no outro dia. Tinha medo de maus espíritos.

Onde estamos?, perguntou o aspecto-Arthur na mente de Andirá. *Na selva*, respondeu o aspecto-Andirá na mente de Arthur. Nada de novo. Frustrante.

Sem saber que estava sendo instigado, Andirá buscava algo, mas não sabia o quê nem por quê. De todo modo, nada encontrou. Frustrado, acomodou-se novamente diante da porta da casa sob sua responsabilidade e retomou a canção: *Oro-epiak-a'ub, xe r-embiasub-i...*

33. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 76 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

O fato de nada ter visto através de Andirá não desen-corajou Arthur, afinal “não ver” não significava muito.

Talvez ele precisasse, isso sim, aprender a olhar.

Fosse o que fosse a coisa que justificava a interdição dos passeios noturnos, descobri-la era questão de tempo. Apenas um ponto o fazia hesitar: a advertência de Acauã sobre os constantes entrelaçamentos com uma mesma pessoa. Sem a devida experiência, isso poderia representar perigo para Arthur. Temia perder sua identidade, vendo-se dissolvido no sonho de ser Andirá.

Cogitou a possibilidade de intercalar o emaranhamento, experimentando o guardião de outra casa. Ele poderia sonhar que era muitos outros índios. Havia Ibiajara, protetor da casa imediatamente vizinha. Havia Piatã e Cauré. Mas havia também o seu dilema ético. Quando se emaranhava com outro ser, “sonhando” esta outra pessoa, Arthur tinha acesso a trechos de lembranças e pedaços dos conhecimentos alheios. Já estava suficientemente constrangido por ter descoberto uns desejinhos homossexuais secretos em Martin.

Driblando a presença de Martin e Laura, alegando sentir--se um pouco mal, Arthur foi em busca de Acauã e o encontrou agachado, perto da Casa da Medicina, macerando ervas num pote. De longe, podia-se ver que o velho índio estava sozinho, o que não era de estranhar. A maioria das pessoas evitava interrompê-lo, em respeitosa consideração, mas Arthur, por sua vez, não partilhava desses pudores. Sentia uma curiosa intimidade com Acauã. Aproximou-se e, ao chegar mais perto, quase caiu de costas.

Uma boa dúzia de serpentes se enroscava nas pernas e nos braços do velho índio como se fossem gatinhos se esfregando.

– Não ter medo, menino – riu Acauã, ainda de costas, como que adivinhando a chegada da Arthur. – Não vamos pegar menino. Mesmo que a gente quisesse, não somos ibibocas² perigosas, a gente parecemos ser. A gente não temos veneno.

– O que? Mas essas aí são cobras-corais, pelo amor de Deus! – quase gritou Arthur, entre assustado e fascinado.

– Não, não somos, eu já disse. A gente apenas parecemos ser – Ao dizê-lo, Acauã se levantou, com as diversas cobras de coloração vermelho-viva enroscadas nele, como se o velho índio fosse uma agradável árvore.

Com um gesto suave e afetuoso, o pajé tomou uma das cobras – a maior, para angústia de Arthur – e mostrou alguns detalhes.

– Veja eu – sugeriu Acauã. – O vermelho em eu é ligado ao negro. Tem um dizer muito velho que um dos pais ensinou pra eu quando eu era índio pequeno: *vermelho com amarelo perto, ficar esperto. Vermelho com preto ligado, ficar sossegado.* Ibiboca

venenosa tem amarelo com vermelho, e anéis são menores. Essa é ibiboca sem perigo para homem índio, nem para homem branco.

– Por que você está falando como se fosse elas? Vai dizer que...

– Sim, tô sonhando que sou elas. Elas ajudam velho Acauã a conhecer ervas medicinais – declarou o pajé, tranquilamente.

– Como assim? Você está sonhando que é todas elas? Não há limite para isso?

Acauã sorriu e as cobras pareceram acompanhá-lo no humor, pois ficaram agitadas, fazendo Arthur hesitar ainda mais e dar dois passos para trás.

– Menino, por que limite? Essa ideia errada vem de ilusão de separação. Por que tem que ter limite pro sonhar? A gente sonhamos todos os dias que somos pessoas sozinhas, e a gente se acostumamos com isso. O menino ainda não entendeu: não é Acauã que sonha que é todas as cobras. Não foi menino Arthur que sonhou que era Andirá, ontem à noite – e, dizendo-o, Acauã piscou o olho em cumplicidade antes de continuar: – É ao contrário. A gente sonhamos que somos pessoas sozinhas, mas a gente estamos todos ligados. Então Acauã sonha dentro do sonho e pode ser o que quiser.

– Então eu poderia sonhar que sou mais do que uma pessoa ao mesmo tempo? – inquiriu Arthur, já tecendo novos planos.

Acauã não pôde deixar de evitar uma gargalhada.

– Acauã vê que menino andou sonhando que era morcego³. Mas morcego é bicho meio cego, escuta melhor do que enxerga. Menino olhou, olhou, mas não viu.

– Não entendi nada.

– Menino, você pode sonhar com o que quiser. É só se livrar de ilusão de separação. Menino quer ser Arabá no centro de aldeia? Menino é Arabá. Menino quer ser Acauã? Menino já foi Acauã, e Acauã já foi Arthur quando Arthur era mais grande que Acauã. Menino quer ser mulher amada? Menino é. E, agora, menino quer ser todos guardião da aldeia, assim como Acauã é todas as ibiboca amiga de anel vermelho-preto. Menino pode ser, é só sonhar.

– Não sei se entendi metade do que você me disse, mas gostaria de discutir os perigos do procedimento.

– Menino, aprende, menino: tudo ser perigoso. A gente passamos a correr perigo desde quando a gente nascemos. A vida inteira ser sonho e a vida inteira a gente fazemos escolha entre perigos.

Arthur riu, ao identificar na frase do velho índio traços indelévels da filosofia foucaultiana.

– Isso que você diz me lembra muito o pensamento de um homem sábio do mundo do homem branco. Você teria gostado dele, seu nome era Michel Foucault.

– Menino, você fala “era” como se homem sábio não existisse mais. Isso é ilusão de separação. Tudo existe pra sempre. Quando menino sonha que é sábio M’Chelfucô, menino se torna.

– Vai ver, é isso o que os ditos médiuns fazem. Eles sonham que são pessoas que não estão mais entre nós, mas continuam a existir em outro tempo... – ponderou Arthur, em voz baixa. – Mas você tinha me dito antes dos perigos do sonhar.

– Se menino Arthur quer continuar a ser menino Arthur, precisa não demorar muito no sonho. Senão, sonho coletivo se torna mais real que o sonho em que menino Arthur sonha que é apenas menino Arthur.

– Pode acontecer de eu não conseguir voltar, é isso?

– Não tem “voltar” porque não tem “ir”. Ilusão de separação. Quando a gente sonhamos que somos outros seres, é como se tudo sempre tivesse sido assim. Desde começo da vida. Quando Acauã era menino, Acauã sonhou que era árvore velha. Acauã-Árvore viu o Sol nascer dez vezes e sentiu maior felicidade do mundo, antes que irmã de Acauã fizesse sonho antigo voltar e Acauã ser Acauã e árvore ser árvore.

– Alguma dica de como eu posso evitar isso?

– Menino Arthur pode pedir pra alguém dizer nome dele várias vezes depois de um pouco de tempo.

– Acauã, tenho mais algumas perguntas. Talvez você não queira responder, mas irei perguntar mesmo assim: onde estamos? E por que não podemos sair à noite?

– Estamos na selva, não sei o que é seu “onde”. Acauã nasceu aqui, não conhece outros “ondes”. E vocês não podem sair à noite porque Ravi não quer. Ravi pensa ser *Koamaken*, índios pensam Ravi ser *Koamaken*, mas Ravi não ser *Koamaken*. Ravi ser homem bom, com boa intenção, ele querer proteger vocês da verdade. Talvez Ravi estar certo, nem todos vocês deveria sair na noite. Nem todos vocês suportaria a dor grande – respondeu o velho índio.

– É verdade, então, que podemos sofrer se sairmos à noite?

– Sim, é verdade. Tem a dor pequena e a dor mais grande.

– E o que é um *Koamaken*?

– *Koamaken* é Deus.

– E qual é esta verdade tão insuportável que Ravi deseja esconder de nós, Acauã?

– Ah Arthur, Arthur, menino... *Guaraci*, que homem branco chama de Sol, é tão lindo e brilhante, com tanto calor generoso. Luz de *Guaraci* mostra tudo, afasta toda falsidade. Mas *Guaraci* ser usado por Ravi para manter falsidade. Acauã acha isso errado, só que Acauã não poder trair juramento. Mas Acauã acha que Arthur vai descobrir tudo logo, logo. Acauã reza para que Arthur consiga lidar com verdade. E, quando verdade surgir e Arthur se desesperar, Arthur tem que lembrar que desespero é ilusão de separação. Distância de verdade não existe. Então, estar lá ou estar aqui não faz diferença, pois tudo fazer parte de tudo. Acauã não pode te contar, menino. Faz parte do seu caminho descobrir. O mapa foi dado. Use mapa.



Diante do alto grau de expectativa, muito mais intenso do que o da noite anterior e, diante do esgotamento físico decorrente da conexão prévia com Andirá, Arthur decidiu deixar tudo para o dia seguinte. Aguardar um pouco não faria diferença, e ele poderia descansar o suficiente para sonhar o mais louco sonho de sua vida: o dia em que ele seria todos os índios guardiões da Vila Muhipu.

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Sentado na rede da varanda de sua casa, Arthur admirava o Sol poente retirar de cena toda a luz que ocultava o mistério de Muhipu. A ironia da situação não lhe escapava. Tudo aquilo constituía o avesso do mito da caverna de Platão. Na alegoria platônica, os homens se encontravam iludidos com as sombras numa caverna, julgando conhecer o mundo real. Apenas a luz da verdade concedida pelo Sol poderia desfazer a ilusão. A situação de Arthur traduzia o exato oposto: era por conta da luz que um segredo se escondia. O esclarecimento adviria com o escurecimento. As trevas concederiam a verdade, fosse ela qual fosse.

Após passar o dia inteiro em profunda contemplação meditativa, Arthur se considerava pronto para o bote. Não deixava de sentir um pouco de receio, diante dos possíveis efeitos colaterais inerentes a seu plano. Ainda sentia em si resquícios de Andirá, o que demonstrava muito bem o quanto sair se emaranhando telepaticamente aos outros não era um procedimento tão inocente assim. Por sua vez, Andirá o havia olhado estranho durante os últimos dois dias, manifestando uma expressão algo incomodada. Desconfiaria de algo? Arthur achava que não. Esperava que não. Mas sabia que era questão de tempo até que algum índio mais experiente identificasse sua intrusão, afinal aquela habilidade fazia parte da mitologia deles. Arthur sabia que poderia ter apenas mais uma chance.

Foram duas as situações específicas que o fizeram se acautelar. A primeira foi quando encontrou Martin um tanto acabrunhado, naquela manhã. Resolveu perguntar o que havia de errado com o amigo e tutor, e o que saiu de sua boca foi:

– *Martin i aruru? Mba'ê r-esé-pe?*^A

Martin riu.

– Está aprendendo tupi agora, mano? Bem, a gente tem mesmo muito tempo livre em Muhipu... Imagino que depois você vai estudar tukano.

A segunda situação foi ter encontrado Irani, mulher de Andirá. A despeito de já tê-la visto mais vezes do que seria capaz de lembrar, pegou-se desejando-a ao vê-la naquele dia. Desejando-a intensamente. Tanto a frase em tupi que brotou de sua boca quanto a súbita paixão por Irani pareciam a Arthur claros efeitos colaterais decorrentes do emaranhamento telepático com Andirá. Se assim era, quais efeitos Andirá, por sua vez, teria experimentado após o emaranhamento? Como estaria lidando com isso?

Pior: como Arthur se sentiria ao se emaranhar com cinco índios ao mesmo tempo?

Pagaria para ver.

Entrou em casa antes que Andirá o mandasse obedecer ao toque de recolher. Retirou-se para seu quarto privado, argumentando que se sentia cansado. Martin não estranhou e continuou a limpar o grande peixe que havia capturado. Laura resmungou um olá, mas continuou a ler o que parecia ser uma edição bem antiga de *Zanoni*, de Edward Lytton. Ciente da necessidade de precaução diante de tão inusitada experiência, Arthur pediu:

– Vocês poderiam me acordar exatamente daqui a uma hora? Tenho de tomar de novo um remédio que Acauã me pas-sou, mas estou muito cansado para poder esperar.

– Você está doente? Deveríamos chamar um dos governadores para te levar para exames. A Casa da Medicina dos índios, você sabe, é basicamente um lugar para relaxamento e passes espirituais. Não é um hospital de verdade – argumentou Martin, com seriedade.

– Não é nada, não se preocupe. Apenas uma leve dor de cabeça, já tomei um chá e daqui a uma hora tenho que tomá-lo novamente. Só me acordem, tudo bem?

– Pode deixar – respondeu Martin e continuou a limpar o peixe.

– Quer uma massagem, gato? – ofereceu Laura, insinuando-se.

– Não, Laura. Obrigado, de verdade. Só preciso dormir – recusou Arthur.

Ela o olhou com um sorriso sardônico e piscou como se partilhasse um segredinho.

– Tá certo. Boa noite, então.

Uma vez sozinho no quarto, Arthur iniciou os procedimentos. Tomou o chá especial, deitou-se apenas de cuecas na cama e se pôs a lembrar de cada um dos cinco índios guardiões daquele pedaço específico de Muhipu que envolvia seu “quarteirão”. Arthur pensou em Andirá, o responsável Andirá, com quem já havia se emaranhado e recebido de troco a avassaladora paixão por Irani. Pensou no quão rara era a intensidade desse sentimento, e no quanto o próprio Andirá se continha, temendo parecer frágil diante dos outros. *Sou Andirá, amante de Irani*, recitou Arthur para si mesmo.

Arthur pensou em Ibiajara e no quanto ele lhe parecia nobre e orgulhoso. Todos os homens da tribo pareciam orgulhosos, mas Ibiajara tinha algo de ainda mais altivo. Diziam que ele tinha matado um enorme porco-do-mato com as próprias mãos, sem utilizar veneno algum, apenas para mostrar do que era capaz. *Sou Ibiajara, o corajoso*, rezou Arthur.

Lembrou-se de Piatã, o mais forte e silencioso de todos. Sob diversos aspectos, aquele índio parecia uma rocha. Mal falava, raramente sorria, e era quase tão musculoso quanto Martin. Curiosamente, a despeito de sua personalidade fechada, Piatã era o que mais se derretia com as crianças da tribo, passando horas a brincar com elas, e explodindo numa gargalhada luminosa quando alguma fazia gracinhas. *Sou Piatã, corpo de pedra, o mais forte da tribo, mas também o mais terno*, evocou Arthur.

Voltou com cautela sua mente para Cauré, o índio veloz, filho biológico de Acauã. Cauré era quem Arthur mais temia. Apesar de saber que a tribo não tratava diferenciadamente os filhos biológicos, a proximidade hereditária com o feiticeiro fazia Arthur pensar no quanto as coisas poderiam dar errado se Cauré tivesse ciência do emaranhamento. Ao lembrar disso, Arthur quase desistiu, mas se manteve firme. *Sou Cauré, sou filho do pajé*, recitou Arthur várias vezes, quase em voz alta.

Por fim, restava o sedutor Rudá. Dentre todos, o mais vulnerável aos encantos femininos. O belo guardião vivia em torno dos prazeres da carne, amando mais o amor do que as pessoas. No

mundo civilizado, seria um Don Juan. Talvez fosse criticado por isso, chamado de “volúvel”. Mas em Muhipu os códigos morais eram outros, e a disposição sexual de Rudá, assim como a de Laura, não gerava nada além de algum riso sem maldade. *Sou Rudá, o melhor amante desta tribo, vivo para amar e ser amado*, mentalizou Arthur.

Sou Andirá. Sou Ibiajara. Sou Piatã. Sou Cauré. Sou Rudá.

Sou Andirá. Sou Ibiajara. Sou Piatã. Sou Cauré. Sou Rudá.

Sou Andirá. Sou Ibiajara. Sou Piatã. Sou Cauré. Sou Rudá.

Souandirássouibiajara. Soupiatãssoucauréssourudá.

Souandirássouibiajarassoupiatãssoucauréssourudá.

Souand...



Se olhar o mundo através de outra pessoa já era uma experiência extraordinária, vislumbrar as coisas a partir de cinco pares de olhos ao mesmo tempo beirava o absurdo. A sensação inicial não era nada boa, em decorrência da perspectiva anormal. Aquela nova entidade de cinco corpos (e um sexto deitado) realizou seus primeiros movimentos, como uma dançarina ensaia seus primeiros passos de balé. Cada um desses movimentos, em seus milimétricos detalhes, foi executado em uníssono. Tudo perfeitamente sincronizado. A um espectador externo, a cena faria lembrar uma performance mais do que ensaiada.

Caminhando devagar para o centro da comunidade, na área próxima ao Arabá, os cinco índios guardiões se encaravam mutuamente. Tudo parecia um grande palácio dos espelhos, onde é possível ver a si mesmo em todos os ângulos e perspectivas ao mesmo tempo. A multiplicidade de memórias e temperamentos, ao contrário do que Arthur imaginou a princípio, se revelou mais fácil de lidar do que o emaranhamento com apenas um único ser. Eram tantas características, com tantas singularidades, que nenhuma delas se tornou dominante, e Arthur comandava tudo a contento. O perigo, ali, era se perder no oceano de diferentes egos.

A dissolução da identidade era tentadora. Talvez fosse assim que uma colmeia, um cardume ou um formigueiro se sentiam: sem

a angústia da individualidade, sem o sofrimento da ilusão de separação. Uma consciência coletiva afogando as supostas vantagens da diversidade. Ser tantos para sempre não parecia ruim, pelo contrário. Arthur (a entidade coletiva lembrava vagamente deste nome) poderia, pouco a pouco, incorporar outros seres ao sonho. Era tentador. Não apenas Laura e Martin, mas cada um dos homens e mulheres de Muhipu. E os animais, por que não? Até mesmo as plantas.

Uma onda/partícula de emaranhamento se expandiu, incorporando o Arabá no processo, reinos animal e vegetal fundidos na entidade coletiva. A sensação envolvida só poderia ser compreendida por uma pessoa em vias de morrer. Compreendida, mas jamais comunicada, em decorrência da extinção da consciência. Esta era, então, a derradeira revelação que cada um conduziria para o leito de morte: deixar de ser um para ser todos era o maior dos prazeres que alguém poderia experimentar.

Então é assim? - pensou a entidade coletiva - *quando a gente morre, se espalha... vai pra todos os lugares...*

A próxima a ser incorporada à entidade coletiva foi Irani, em decorrência da paixão sentida por Andirá. No momento em que foi engolfada, Irani fazia vasos de cerâmica. Deixou-os de lado e, diante de várias crianças assustadas, dirigiu-se ao centro da aldeia como um zumbi, onde o restante da criatura múltíplice a aguardava.

A incorporação de Irani ao processo fez disparar perigosamente o efeito dominó pois, poucos segundos antes de ter sua identidade anexada à entidade, Irani pensou em suas crianças. A vida de Irani era as crianças de Muhipu, logo foi inevitável que esse pensamento lhe escapasse. E, assim, todas as dezenas de meninos e meninas foram incorporados ao sonho. Separados, mas, mesmo assim, unificados. Algo que desafiava a lógica, tão mágico quanto um sonho, impossível, mas real.

Aquele irrisório pedaço de consciência que ainda se entendia como Arthur se pegou questionando o que a tão racional e científica Julia diria daquela experiência mística. Bastou pensar em Julia e a cientista argentina foi prontamente incorporada ao processo, a

despeito da imensa distância que a separava do grupo. Isso confirmava as teorias de Ravi a respeito do emaranhamento telepático: por algum motivo desconhecido, ele era de fato mais rápido que a luz. Era instantâneo.

Ao contrário dos demais, a identidade de Julia era muitíssimo forte e, assim, um aspecto analítico terminou contaminando a entidade coletiva, perturbando a integralidade da tessitura. *Eu sei, eu sei, tudo isso é inconsistente com os princípios intuitivos do realismo local*, raciocinou o aspecto-Julia-supernerd. *As entidades estão espacialmente separadas, porém a ação numa entidade reverbera sobre a outra por entrelaçamento quântico, vide pesquisas de Ka Chung Lee, ano de referência: 2011.*

Julia parecia mais inteligente, mais experiente. Mais velha.

No quarto minuto desde o princípio da conexão, perturbado pelo aspecto superinteligente da consciência da ex- -namorada, o corpo de Arthur abriu os olhos.

– Julia, é você?

Quando o Sol se punha, Ravi Chandrasekhar não podia mais observar Muhipu e seus habitantes diretamente. Valia-se, então, das lentes de espessura nanométrica presentes nos olhos não apenas dos índios guardiões, como de diversos seres da vila: algumas aves, gatos, cães, macacos, porcos, onças. Lentes-espiãs nos olhos dos tucanos. Valia-se também dos nanochips presentes nas roupas de cada habitante da vila, cujos tecidos haviam sido elaborados com matéria programável. As lentes e nanochips lhe transmitiam tudo, sem exceção, fazendo o “Grande Irmão” de Orwell⁵ parecer uma mera vizinha fofqueira. Perto dos instrumentos de Ravi, as lentes de contato da civilização humana nada mais eram que brinquedos de criança. Todo aquele movimento incomum estava sendo emitido para o doutor. O problema é que, ao contrário do emaranhamento telepático, aquela informação eletrônica comum levaria quase nove minutos para alcançá-lo, já que nenhuma transmissão poderia ser superior à velocidade luminal. E, quando ele se apercebesse das ocorrências, levaria outros nove minutos para conseguir interferir. Arthur

ignorava tudo isso, mas, mesmo assim, tinha quase dezoito minutos de lambuja para descobrir o que quer que houvesse para ser descoberto antes de ser interrompido.

No quinto minuto desde seu surgimento, a entidade múltíplice se viu formada por vinte e duas pessoas, uma árvore, sete cachorros, nove gatos, incluindo Erwin... e aumentando, como numa onda/partícula de choque quântico sem perspectiva de cessar. O aspecto-gato-Erwin da entidade, ainda que não se comunicasse como um ser humano, transmitia a veemente certeza: *aqui não é o meu aqui*. Nesse exato quinto minuto, impulsionadas pela curiosidade e interesses do aspecto-Julia, todas as pessoas e animais reunidos em torno do Arabá no centro da vila voltaram suas dezenas de olhos para o alto. E o céu se revelou em toda sua fulgurante grandeza de milhares de estrelas.

Só que, desta vez, graças ao aspecto-Julia, havia olhos não apenas capazes de ver, mas também de *entender o que viam*. Capazes de entender os desenhos, as configurações anormais do brilho noturno das estrelas. As pinturas e os escritos na caverna escura que era o céu de Muhipu.

Num súbito estalo, Arthur entendeu onde estava. Ao olhar ao redor através de mais de quarenta olhos, sentiu um súbito peso nos intestinos. Passou por um breve momento de negação que não durou muito. A evidência era incontestável, fazendo todas as peças soltas se encaixarem: a ausência de livros de Geografia. As páginas com referências astronômicas arrancadas em diversos livros da biblioteca de Muhipu. As rasuras feitas por Paula Carvalho no livro de Física, referentes aos dados da Terra. O ir e vir restrito ao período diurno, a luz do Sol ocultando a verdade, em vez de revelá-la.

O pânico de Arthur ao desvelar o mistério tomou conta da entidade múltíplice, rompendo o emaranhamento. O choque quântico ecoou com tamanha violência que afetou a estrutura da realidade num raio de dois quilômetros. Várias possibilidades alternativas se encavallaram, afetando todos os objetos compostos por matéria programada: desde as casas de Muhipu até as roupas de seus moradores. Cada tijolo das casas e cada peça de tecido

havia sido elaborados de uma forma tal que cada molécula era um sofisticado computador quântico. Assim, tal qual manteiga no verão ou como objetos de uma obra de Salvador Dalí, as casas começaram a derreter a olhos vistos. Algumas imediatamente se reconfiguravam, assumindo novas formas. Cores se alteravam, portas se abriam onde antes havia apenas paredes, corredores se rearranjavam. Todas as possibilidades arquitetônicas aventadas tornadas reais ao mesmo tempo e a cidade, que sempre estivera discretamente viva, convulsionou. Com as vestimentas, não foi diferente. Mudavam de cor e textura e pareciam assombradas, para horror dos moradores da vila, que as arrancaram do corpo sem pestanejar.

E, então, começaram os gritos. Os habitantes de Muhipu berravam, tomados pelo pânico. Mesmo assim, fiéis ao condicionamento, a maioria se manteve dentro de suas casas mutantes, temendo a dor da sobrecarga energética das milhares de estrelas do céu noturno. Novas casas brotavam do nada, como se um feiticeiro as evocasse. Os demais índios guardiões ainda despertos, interpretando a cena como a perigosa manifestação de um mau espírito, abandonaram suas responsabilidades e correram em busca da ajuda de Acauã.

Ninguém notou quando um impassível e estranhamente calmo Lionel saiu de casa e se escondeu atrás de uma árvore. A cabeça de Lionel começou imediatamente a doer, ele sentia bem os efeitos da sobrecarga energética noturna, mas não pareceu se incomodar muito. *Dói tanto que eu talvez lembre de tudo*, pensou o americano. Mesmo incomodado, Lion assistiu a tudo com um sorriso cujo significado nem ele próprio conseguia definir.



Entretido em seu laboratório em órbita geossíncrona, Hideo teve a sua atenção chamada pelo súbito aumento da ocorrência do número 00 no RNG da casa de Arthur, Laura e Martin. Já havia presenciado esse surto antes, e ele normalmente antecedia

manifestações de ordenação. Ficou atento para ver qual sequência surgiria e registrou o seguinte:

00 00 00 00 00 00 00
00 06 32 03 34 35 01
00 07 11 27 28 08 30
00 19 14 16 15 23 24
00 18 20 22 21 17 13
00 25 29 10 09 26 12
00 36 05 33 04 02 31
00 00 00 00 00 00 00

Quando o surto aparentemente terminou, Hideo o analisou algumas vezes, em busca de padrões reconhecíveis, mas não encontrou nada. Aplicou a matriz a um programa capaz de vasculhar toda a biblioteca virtual matemática da Areté em busca de alguma sequência que ele pessoalmente desconhecesse, mas o programa não retornou identificação alguma. A única coisa aparentemente "especial" naquela matriz 6X6 era a presença do número zero como uma "moldura" numérica. Ainda assim, por via das dúvidas, Hideo resolveu enviar o relatório para o núcleo computacional do doutor Chandrasekhar.



Arthur se levantou em seu quarto, rompendo o contato. Muito, muito longe dali, na cidade de São Paulo, o ricochete psíquico da súbita ruptura fez Julia convulsionar e ela só foi salva graças às suas vestes-monitoras e ao leal Ricky. Julia nunca abandonara o apego à voz de Ricky Martin, mas agora a forma usada pela inteligência artificial era a de um alienígena de desenho animado da década de 1960, com três olhos e um sorriso congelado. Ricky identificou a atividade cerebral incomum de sua humana, acionando a ambulância mais próxima. Julia era uma mulher de resistência notável, mas setenta anos não são cinquenta, mesmo com todos os avanços médicos disponíveis em 2070.

Cada um dos índios foi nocauteado pelo ricochete psíquico, desmaiando no ato. Irani foi a mais prejudicada, pois, num instinto de defesa pelas crianças, defendeu-as do ricochete psíquico com um resquício mínimo do poder de pajelança que possuía (e ignorava). Num dos infinitos mundos possíveis, Irani havia sofrido um ataque cardíaco durante o parto três anos atrás. Com a reconfiguração aleatória da realidade desencadeada por Arthur, aquele mundo possível e passado se tornou o mundo real e atual. Irani sofreu, então, um enfarte.

No sétimo minuto, Arthur se viu de pé, dentro de uma casa cuja arquitetura havia enlouquecido e se reconfigurava sem cessar. A matéria programada presente em todos os objetos da vila não conseguia compensar o ricochete telecinético gerado por Arthur. Diante dele, um pasmo Martin e uma fascinada Laura estavam abraçados, vendo as paredes e móveis se redesenharem ao seu redor numa velocidade estonteante.

– Tudo falso! – gritou Arthur. – Ele mentiu pra gente! Mentiu!

Chutou com violência uma cadeira da sala cujo formato não parava de se reorganizar em diversas possibilidades de design. Foi a cadeira de cor creme que voou longe, mas o que caiu no chão foi uma mesinha azul. O chute fez um estrondo que retirou Martin e Laura do estado de choque.

– Que diabo é isso? – perguntou Martin, assustado. – Estamos sonhando? É um sonho, não é?

– Venham comigo – ordenou Arthur, agarrando ambos pelos braços e os arrastando pela porta da frente.

– Mas o guardião... A proibição... – argumentou Martin.

– Andirá está dormindo, porra! Todos desmaiaram! Venham comigo! Agora!

– Mano, o que você fez? – quis saber Martin. – Por que a casa está assim?

Ignorando as interpelações de seu tutor, Arthur saiu da casa mutante e arrastou os dois consigo. Viram-se diante de uma pilha de corpos desmaiados. Laura correu para acudir as crianças, ignorando o fato de que foi a primeira a ser assolada pela dor da sobrecarga estelar.

– O que vocês veem? – perguntou Arthur, tão suado que parecia ter levado um banho, sua cueca mudando de cor como um bizarro camaleão saído de algum pesadelo.

– Arthur, as crianças! Elas precisam de ajuda! – gritou Laura, apertando a cabeça com as duas mãos, por conta da dor crescente.

– O que vocês veem, porra? – berrou Arthur, ignorando os apelos da amiga e já começando a sentir os primeiros sinais de enxaqueca.

Martin olhou ao redor, meio zozzo.

– Você quer dizer além dessa coisa bizarra acontecendo com as casas e as roupas? Como isso é possível? Fora isso, temos as árvores, o céu, a Lua, as estrelas...

– Martin, olhe direito! Tá tudo errado!

– Mano, que porra é essa? Isto é algum tipo de pegadinha? Um enigma? Por que você não é mais direto e diz logo qual é o problema? A gente tem uns cinco minutos até os sintomas de sobrecarga começarem a rolar. A luz das estrelas, mano. A gente tem de se proteger da luz das estrelas. Não tô a fim de surtar.

– Martin, acho que Irani não está respirando! – gritou Laura, chorando. – Eu não posso tocar neles! Não posso tocar neles! Não consigo controlar o fluxo, tenho medo de matar todo mundo.

Indiferente aos apelos de Laura, Martin abriu os braços, como se captasse eflúvios eletromagnéticos ambientais.

– Não use seu maldito sentido magnético, diabos! Use a visão! A visão! – gritou Arthur.

– Não tô brincando, cacete! Ajudem aqui! Não posso tocar ninguém, são... são estrelas demais... A noite... Muitas vozes... As estrelas falando... Calem a boca... – queixava-se Laura, já tomada por forte confusão mental, e mexendo as mãos como se espantasse dezenas de insetos invisíveis.

Vasculhando mais uma vez ao redor com seus olhos facilmente adaptados à noite, Martin perscrutou, perscrutou, com certa impaciência.

– Arthur, você está com algum problema. Não há nada de errado aqui além das casas, mano! E eu estou começando a sentir dor de cabeça.

– Martin, pouco tempo atrás eu tive uma namorada astrônoma. Uma argentina. Ela me ensinou muitas coisas. Vara-mos noites a fio fazendo sessões de observação, admirando as constelações.

– E daí?

– Elas estão cantando, são tão lindas... Lindas! Vocês ou-vem elas chamarem? – perguntou Laura, olhos voltados para o alto. Olhos que começavam a se acender.

Perdendo a paciência, Arthur agarrou Martin pela nuca, sem nenhuma delicadeza, empurrando sua cabeça para o alto.

– As estrelas! As estrelas, porra! Estão todas erradas! As constelações não batem! *Nós não estamos na porra do planeta Terra!*

Os três olharam para o céu estrelado, convertido em terrível abismo.

E Ravi no céu, ciente de tudo no nono minuto, os olhou de volta, ardendo em fúria.

PARTE 3

LIMITE DE CHANDRASEKHAR

Onde deuses COLAPSAM
E A FOME A TUDO DEVORA

Terceira Lei de Clarke:

QUALQUER TECNOLOGIA SUFICIENTEMENTE AVANÇADA É INDISTINGUÍVEL DA MAGIA.

35. Milwaukee, EUA, 27 de maio de 1991

Foi por volta das duas horas da manhã que a Central Policial de Milwaukee recebeu a chamada de duas adolescentes muito nervosas, requerendo ajuda. A atendente declarou aos policiais requisitados – Joseph Gabrish e John Balcerzak – que as duas garotas pareciam estar envolvidas numa discussão com um homem mais velho cuja identidade era desconhecida. A disputa, de acordo com o relatado, envolvia um rapaz asiático aparentemente bêbado ou drogado. A semana mal havia começado, e John Balcerzak já intuía que seria um dia daqueles.

Sob diversos aspectos, os policiais Balcerzak e Gabrish formavam uma típica “dupla dinâmica”, e seus colegas já tinham o hábito de se referir a ambos como “Jay & Jay”. Mas, em oposição aos seriados policiais clássicos, o que chamava a atenção nos parceiros não era o contraste de personalidade ou as distinções de aparência capazes de prender a atenção do espectador. Não havia o policial gordo e o policial magro, o policial negro e o policial branco,

o policial sério e o policial piadista. Nada de “tira bom” e “tira malvado”. O que marcava a parceria de Balcerzak e Gabrish era o fato de eles parecerem ter saído do mesmo molde. Como eram ambos brancos, altos e com pouca diferença de idade, esta conjunção de características os fazia ser confundidos corriqueiramente como irmãos. Não que fossem tão parecidos no sentido físico, mas o eram bastante em termos de temperamento e traços de personalidade. Bem-humorados, extrovertidos e simpáticos na maioria das vezes, “Jay & Jay” eram a alegria da Associação Policial de Milwaukee, a maior cidade do Estado do Wisconsin. Para a infelicidade de ambos, eram parecidos demais para colocar juízo na cabeça um do outro, e não eram raras as situações nas quais perdiam o amigo, mas não perdiam a oportunidade de fazer uma piada. Eram, em geral, bons policiais. Teriam sido melhores se discordassem um pouco mais entre si.

Quando aquelas duas adolescentes ligaram para o 911 pedindo socorro e apresentaram aos policiais o tal garoto de aspecto asiático trajando apenas cuecas, nem Gabrish nem Balcerzak consideraram levar a sério o que estavam vendo. Tiveram que segurar o riso quando o outro homem presente, um americano típico com algo em torno de trinta anos, bonito e bem apessoado, declarou com a maior calma do mundo ser o namorado do asiático seminu. Os policiais pediram às garotas e ao homem que aguardassem do outro lado da rua, e foram obedecidos – não sem contragosto e reclamações. As meninas pareciam sinceramente preocupadas com o rapaz. O homem, por sua vez, estava muito calmo e algo entediado. O trio ficou do outro lado da rua, e uma das meninas usou o telefone público para ligar para alguém.

O rapaz asiático era adolescente e estava bêbado, com os olhos girando, trajando nada além de cuecas brancas. Nada do que saía de sua boca era minimamente inteligível, estava na cara que era um estrangeiro. Parecia, contudo, entender o que lhe era perguntado. Apenas não conseguia responder. Questionado várias vezes sobre seu nome, o garoto repetia *Konerak*.

– Que diabo de nome é Konerak? Parece nome de personagem alienígena de “Jornada nas Estrelas” – comentou Balcerzak. – Ei,

garoto! Ei! De onde você é? Você é indiano? Você fala inglês?

– *Karuna suany khaphachao... Khaphachaotong pai heun...* – repetia o garoto.

– John, desista, é evidente que ele não fala inglês. Deve ser imigrante, e está drogado até o último fio dos cabelos. Aposto que é mais um daqueles viadinhos do Walker's Point, e deve ter bebido todas com o namorado naquela boate, a tal *La Cage*. Certeza que o loiro ali falou a verdade. A bichinha aqui é namoradinho dele.

– Como você tem tanta certeza disso?

– Saca só – com um gesto abrupto, Joseph encostou o garoto na parede, de costas, revelando o que parecia ser uma grande mancha de sangue na cueca.

– Ora, ora, ora... – riu Balcerzak. – Alguém acabou de perder a virgindade!

– Direto da Índia pra dar o cu na América. Pra um povo acostumado a ser fodido pelos ingleses, o moleque não deveria estar tão traumatizado – filosofou Gabrish.

– *Kaluna...* – balbuciou Konerak, enquanto tentava agarrar o braço esquerdo de Gabrish.

– Cala a boca, sua bichinha! E agora, John, o que a gente faz com isso? Nem identidade ele tem. Se depender de mim, a gente devolve o moleque pro macho dele. Temos mais o que fazer, ora porra!

Parecendo adivinhar que havia chegado a sua deixa, o homem loiro espontaneamente atravessou a rua. Era alto, bem vestido e usava óculos de muito bom gosto. Diferente do rapaz asiático, o homem estava sóbrio, demonstrando calma e serenidade. Abriu a carteira, retirou de dentro dela o documento de identidade, estendeu-o a Balcerzak e começou a falar. Sua voz era muito pausada e agradável:

– Bom dia, policiais. Eu sinto muito por causarmos tamanha perturbação. Permitam-me que me apresente, meu nome é Jeffrey Dahmer. Este rapaz se chama Konerak, ele tem dezenove anos, não fala inglês, acabou de chegar de Laos e perdeu os documentos. Ele é meu namorado e está hospedado em minha casa. Ele bebeu além

da conta, brigamos, e então ele saiu correndo de casa. Espero que não tenha causado nenhum grande problema.

Os policiais olharam desconcertados para Jeffrey, sem saber o que dizer. Este, por sua vez, decidiu que estava na hora de dar um empurrãozinho mental enquanto falava, valendo-se da inflexão correta em sua voz.

– *Gostaria, com a sua permissão, de levá-lo de volta e cuidar dele. Garanto que não voltará a causar problemas.*

– Ei! – gritou uma das garotas. – Ei! Vocês vão deixar esse cara levar o menino? Ele é só uma criança, pelo amor de Deus!

– Senhorita, entendo sua preocupação e lhe agradeço, mas *garanto que meu namorado é maior de idade* – replicou Dahmer, sem sequer se virar, tentando usar sua força manipuladora nas garotas, mesmo sabendo que elas, mulheres que eram, seriam talvez imunes aos seus encantos. Então, resolveu se repetir. Repetir era algo que sempre funcionava. Se a cabeça das pessoas eventualmente era “pedra dura”, sua voz era “água mole”: bate até que fura.

– *Ele tem dezenove anos. Dezenove. Anos.* Infelizmente, perdeu sua identidade, caso contrário eu teria prazer em mostrá-la. Mas estou mostrando a minha, e não tenho por quê esconder nada. Se os oficiais quiserem, podem nos acompanhar até meu apartamento. Eu até agradeço, pois está difícil lidar com Konerak do jeito que ele se encontra agora.

– Qual é, vocês vão acreditar nele? – contestou a outra garota. – Olhem pra cara do menino! Ele não tem dezenove anos de jeito nenhum! Eu tenho 17, e estou dizendo que ele é mais novo do que eu!

– Ele é asiático, moça. Eles parecem sempre mais novos do que realmente são – contestou Jeffrey, com tolerância. Sem pestanejar, encarou fixamente os dois policiais e continuou a falar, sorriso estampado no rosto. – *Policiais, Konerak tem dezenove anos. Ele tem dezenove anos. Eu sou namorado dele. Os senhores não precisam se preocupar. As meninas estão bêbadas. Eu irei levá-lo para casa. Os senhores vão me ajudar.*

Nem Gabrish e nem Balcerzak tinham a menor razão para duvidar dele. E, mesmo que quisessem, não teriam condições psicológicas para isso. Enquanto falava, uma série de impulsos elétricos disparava ritmicamente no cérebro de Jeffrey, fazendo sua voz ter a declinação e entonação certas para convencer qualquer homem de inteligência mediana. Se ele pedisse aos policiais para dançarem rumba, eles talvez não o fizessem naquele momento, mas sentiriam vontade e o fariam escondido quando chegassem em casa. Isso sem contar no sutil odor emitido pelas glândulas de Jeffrey, estruturado na medida certa para seduzir a maioria dos homens. O policial Gabrish se masturbaria mais tarde, e com muita vergonha perceberia que a imagem de Jeffrey não o abandonava.

– Senhoritas, senhoritas, vamos com calma, ok? – inter-feriu Gabrish, já perdendo a paciência e entusiasmado com a ideia de agradar Jeffrey. - Vão pra casa, já está muito tarde. Agradecemos por terem nos chamado, mas agora iremos fazer nosso trabalho e conduzir o senhor Dahmer e seu amigo até o apartamento deles. Não há nada a fazer aqui, isso é uma briga de namorados. Por favor, vão pra casa.

– Nicole, vamos pra casa! – sugeriu, indignada, a outra adolescente. – Mas os senhores tenham certeza de que vamos ligar pra central e contar o que está acontecendo. Isso é um absurdo! Entregar um garoto drogado, sem identidade, estrangeiro, pra qualquer um!

– Façam como quiserem, senhoritas. Tenham um bom dia – respondeu Gabrish, cortando a conversa. Em seguida, dirigiu--se ao que ele mesmo descreveu posteriormente como “o loiro homossexual polido”. – Vamos, senhor. Daremos uma carona a vocês dois.

Quarenta minutos depois e já no apartamento 213 da North 25th Street, os policiais terminaram de escoltar Konerak, que só conseguia caminhar amparado. Depositaram o garoto no sofá. Balcerzak chamou a atenção de Gabrish para duas fotos em retratos sobre o criado mudo ao lado do sofá. Nelas, era possível ver Konerak vestindo uma minúscula sunga preta. Estava sorrindo, parecia bem feliz.

Gabrish notou que o apartamento não cheirava bem. Provavelmente, comida estragada. A sala era uma bagunça, com roupas jogadas por todos os cantos. *Este é um dos maiores problemas dessas bichas - pensou Balcerzak. - Sem mulheres para cuidar deles, terminam sendo todos uns porcos.* Jeffrey, com sua habilidade natural para ler pensamentos muito fortes, adiantou-se:

– Os senhores me desculpem pelo mau cheiro e pela bagunça. Tínhamos viajado, e esquecemos comida fora da geladeira. Com esse calor de primavera, apodreceu tudo. *Se perceberem bem, o cheiro até já passou* – disse Jeffrey naquele exato tom de voz que não possibilitava a contradição. E, como que num passe de mágica, o cheiro ruim se converteu em lembrança distante. O efeito de Jeffrey sobre Gabrish era tão avassalador que o policial chegou a sentir o odor de flores do campo.

Jeffrey continuou falando daquela forma pausada e gentil, não dando oportunidade para qualquer pensamento desconfiado da parte dos policiais. Enquanto falava, inclinava a cabeça levemente para o lado e coçava a nuca com a mão esquerda, num tão ensaiado gesto de constrangimento, que funcionou muito bem.

– *Está tudo bem e os senhores podem ir agora, certos de que fizeram um excelente trabalho* – sugeriu Jeffrey.

– Bem, é evidente que está tudo bem. Estamos indo agora, certos de que fizemos um excelente trabalho. Procure dar uma xícara de café forte para o rapaz, ele está precisando – aconselhou Balcerzak.

– Obrigado, oficiais – respondeu Jeffrey, oferecendo seu melhor sorriso luminoso. – Ainda estou um tanto constrangido com o acontecimento, *mas estejam certos de que não voltará a se repetir.* Konerak não está acostumado a beber álcool, acho que eles não fazem muito isso lá em Laos.

– Ele é o que, indiano? – questionou Gabrish, não muito esperto para nada que dissesse respeito à realidade fora dos Estados Unidos.

Dahmer sorriu, condescendente.

– Não, ele é de um pequeno país chamado Laos, que faz fronteira com a Tailândia. Ele veio para os Estados Unidos

escapando do regime comunista. Mas a situação dele é regular, ele foi inserido na comunidade pela Arquidiocese. A Igreja está fazendo um belo trabalho, salvando pessoas em Laos. O coitado estaria morto, se não saísse de lá. O homossexualismo não é tolerado nesse país horroroso.

– Comunas, hein? – resmungou Balcerzak. – Pois ele fez muito bem em se mandar de lá. Cuide para que se adapte bem à verdadeira democracia e segurança de nosso país.

– *O senhor pode apostar, farei isso* – declarou Dahmer, sorrindo. Gabrish nunca, em toda a sua longa vida heterossexual, havia visto um sorriso tão lindo de tão perfeitos e brancos dentes.

36. VILA MUHIPU, ANO 581 DA FUNDAÇÃO

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Martin jamais fora um grande conhecedor de Astronomia. No máximo – e com algum esforço – seria capaz de localizar o Cruzeiro do Sul. Em decorrência de tal limitação, não conseguia divisar nada de significativo no que Arthur tentava lhe mostrar. Para Martin, digno de nota era, isso sim, a bizarra e contínua metamorfose de todos os objetos presentes em Muhipu. Todas as coisas não cessavam de se transformar, desde as roupas até as próprias casas, o que era decididamente assustador. No que concernia à mudança das constelações, restava a Martin acreditar nas palavras de Arthur ou, melhor dizendo, acreditar na convicção do amigo sobre o que este lhe dizia.

A Lua, porém, se impunha em sua fase minguante, como uma contradição da teoria, e Martin não pôde deixar de perceber isso.

– Mano, como você tem certeza do que diz? O Sol é o mesmo, a Lua é a mesma. O céu é mais estrelado do que o normal, mas e daí? Não é assim em lugares afastados das luzes das cidades? E, pelo que sei, se estivermos no Hemisfério Norte, as constelações são diferentes. Ravi pode ter mentido e nós não estamos no Sul.

– Não, não, NÃO! – interrompeu Arthur, quase histérico. – Eu sei o suficiente pra afirmar que este céu não é do Sul, nem do Norte. E

eu... eu entrei em contato telepático com minha ex-namorada astrônoma. Ela viu o céu através dos meus olhos.

– Você o quê?! – interpelou Martin, assustado com o que se configurava como bizarrice demais para um só dia.

Ao redor dos dois, a cena dantesca das casas mutantes prosseguia com fôlego redobrado em sua marcha de contínua reconfiguração. Aquilo sim parecia mais digno de nota para Martin do que supostos erros no céu e os delírios paranormais de Arthur. Havia, além de tudo, a preocupação em relação à hipersensibilidade eletromagnética afetada pela luz das estrelas. Havia os índios e as crianças desmaiadas. E Laura parecia cada vez mais fora de si: tinha começado a babar.

– Laura, entre em casa agora! – ordenou Martin.

Mas onde a mente de Laura se encontrava, Martin não podia ser ouvido.

Arthur se manteve a olhar o céu, observando o min-guante lunar em sua aparente vulgaridade. Tentou mais uma vez estabelecer contato com Julia, mas não obteve eco algum como resposta. Tão concentrado estava que sequer percebeu a aproximação de Lorena e Clarice, surgindo do nada. As duas governadoras se aproximaram de Irani, caída ao chão. Clarice impôs a mão esquerda sobre o peito da índia e ordenou:

– Volte.

Instantaneamente, o coração da índia foi reiniciado e voltou a bater. Irani abriu os olhos e tossiu um pouco, muito assustada, mas relaxou ao sentir Lorena acariciar seus longos cabelos e falar baixinho:

– Desculpe por isso, querida. Iremos levar você ao centro médico. Vai ficar tudo bem.

– As crianças... – murmurou Irani, preocupada.

– Não se preocupe, estão dormindo. Não há nada de errado com elas, eu já chequei os sinais vitais de todas – reconfortou Clarice.

Martin permanecia emudecido diante da dupla de governadoras, sem conseguir evitar a sensação de que havia feito algo de bastante errado. Arthur, por sua vez, tinha certeza de seu mau

comportamento. Não sentia, contudo, culpa nenhuma. Ao contrário: estava contente por ter feito o que fez. Quanto a Laura, ela parecia prestes a desmaiar após ter vomitado o seu jantar anterior.

Lorena se adiantou, exibindo um ar cansado, e colocou óculos bloqueadores em Laura, cortando a influência das estrelas sobre o criptocromo em seus olhos. A garota começou a melhorar imediatamente e procurou apoio em Clarice que, por sua vez, pareceu estremecer como se sentisse um pouco de dor. Laura estava sobrecarregada de energia, e levaria tempo até voltar ao normal. Mais alguns minutos, e poderia acontecer uma desgraça. Lorena tentou pegar na mão de Arthur, mas este se evadiu com rispidez. Clarice se intrometeu, com delicadeza:

– Arthur... Laura... Martin... Precisamos pedir que ve-nham conosco.

– Eu quero ver Ravi. Agora. AGORA! – gritou Arthur.

– E você o verá. Iremos até ele – aquiesceu Lorena. – Martin, por favor, carregue Irani. Vamos deixá-la no centro médico antes de irmos ao encontro de Ravi. Clarice vai ficar aqui para ajudar os índios e moradores a lidar com este... distúrbio. E vocês dois, ponham estes óculos antes que comecem a passar mal.

– Vamos como? De barco a motor? – perguntou Laura, recompondo-se.

– Para onde vamos, não há barco que chegue... – disse Lorena, fazendo um gesto que ativava as moléculas inteligentes de sua nave pessoal para deslocamentos de longa distância. Em resposta, incontáveis nanocomputadores espalhados no ar do entorno se reuniram e se alinharam, tomando a forma de uma esfera ao redor do grupo, excetuando-se Clarice. Embora devesse ser invisível, a dita esfera tremulava entre cores variadas, não se fixando a nenhuma. Lorena olhou a flutuação cromática com receio.

– Bem, isso é um pouco preocupante, mas contornável – disse a governadora. – Teremos de ir mais lentamente. Não quero que a nave se desintegre no vácuo do espaço. Em baixa velocidade, chegaremos até Ravi quarenta minutos após deixarmos Irani no centro médico.

– Espere aí! – exclamou Martin. – No vácuo do quê? Do que você está fal...

Antes que Martin pudesse completar sua frase, o quinteto se viu alçado aos céus por aquele elevador globular colorido, numa velocidade inicial de cem metros por segundo. Sem solavancos, sem barulho, como se eles estivessem parados e fosse o planeta, isso sim, a se afastar. Dentre todos, a pessoa menos espantada era Laura. Tudo aquilo, afinal, lhe era bastante familiar, como uma de suas muitas lembranças do futuro. Um calor estranho surgiu em seu peito, numa alegria crescente de expectativa sobre algo que nem ela sabia direito o que viria a ser.

Mas estava certa de que seria bom.



Permanecendo em Muhipu, Clarice se pôs a despertar os índios, entre adultos e crianças, desmaiados próximos ao Arabá. Tão logo Arthur, Martin e Laura se afastaram da vila, os objetos voltaram a se estabilizar em suas formas originais, um ou outro se firmando em alguma aparência alternativa. Concentrada ao máximo, a psicóloga sequer se apercebeu quando Lionel, saindo das sombras, se aproximou oferecendo ajuda, mesmo sentindo muita dor de cabeça.

– Olá, Clarice. Sei que *non devia* estar fora de casa. Mas, diante de últimos acontecimentos, *achar melhor* oferecer ajuda. *Podo* ajudar?

Instintivamente, a psicóloga deu um passo para trás e sorriu sem graça.

– Oh... Olá, Lion. Bem, acho que não faz mesmo mais sentido algum proteger vocês da verdade inteira. Você está bem com tudo isso? Como está se sentindo? Alguma dor de cabeça?

Lion sorriu.

– Ah, eu *gostar* deste céu. Quando eu era menino, gostava de olhar *pra* céu e pensar: estamos sós no Universo? Acho que tive minha resposta agora.

Clarice, por sua vez, não pôde deixar de sentir um arrepio correr de alto a baixo em sua espinha. Discretamente, preparou-se para disparar um choque incapacitante no americano.

– Ah, então você recuperou sua memória? – perguntou, cautelosa.

O americano sorriu, num esgar que revelava seus dentes perfeitos, alinhados e brancos, enchendo Clarice com o mais puro horror. E o que ele disse fez a governadora apelar em silêncio a qualquer deus ou deuses que porventura existissem.

– Pouca coisa, depois de ver o céu. Pouca coisa, de infância. Mas sei que vou lembrar, mais cedo ou mais tarde. Sei que vou.

**37. PLANETA TERRA, SISTEMA ESTELAR SOL,
15 DE NOVEMBRO DE 2039**

Algumas histórias demandam livros inteiros para serem contadas. Mesmo assim, é possível adiantá-las um pouco.

O “bug do milênio” chegara atrasado em quarenta anos. Ao contrário do que poderia ter imaginado o hacker mais sofisticado, destruir a internet não demandava um procedimento digital. Para cada terrorista cibernético dedicado a acabar com tudo se valendo de programas virais, havia um técnico em segurança digital elaborando procedimentos de defesa. Mas enquanto tantos tratavam a internet como se ela fosse incorpórea e se vangloriavam de suas lentes de contato *googleyes*, de suas conexões sem fio, do onipresente sistema Ubiq e da sofisticada rede social Auranet, poucos se tocavam do quanto tudo isso tinha um mesmo corpo físico. Um corpo imenso, resistente, composto por cabos submarinos metálicos ou de fibra ótica – sabotados em alguns pontos significativos no dia 12 de novembro de 2039, por delegados da Areté espalhados pelo planeta. Havia no mundo também muitos, muitos fios e componentes de plástico para alimentar a superbactéria de Ravi. Um colapso civilizacional era inevitável diante do ataque biológico.

A internet resistira, é verdade. Como uma máquina monstruosa abraçando o mundo inteiro, a hidra das teleco-municações tinha

tantas cabeças que nem mesmo a sabotagem perpetrada pela Areté conseguira desencadear um estrago muito rápido. À medida que alguns cabos eram destruídos, as funções eram desviadas para outros. Este era o procedimento-padrão, afinal cabos – mesmo os submarinos – dão defeito e podem ser alvos de vandalismo. Mas ninguém estava preparado para uma corrosão quase simultânea das partes plásticas das máquinas ou para a degradação dos polímeros das *googleyes*. Ninguém. Em pouco tempo, os Estados Unidos foram afetados e, em menos de dez dias, ninguém conseguia mais se conectar à internet ou usar nenhum aparelho eletrônico.

A verdade é que os poderes dos países estavam mais preocupados com o impacto da corrosão acelerada sobre a tecnologia e as finanças globais. Havia, porém, pequenos detalhes igualmente delicados. A maior parte dos produtos num mercado é embalada por plástico, e o desperdício que se seguiu ao longo dos dias era de partir o coração (e o bolso) de qualquer um. Era como se os objetos fossem feitos de areia seca, e um vento forte tivesse soprado. Mesmo quando o alimento era embalado por vidro ou papelão, em muitos casos havia um mínimo componente plástico, como lacres, mantendo a integridade do conjunto. Resultado: potes de requeijão abertos em todas as prateleiras, fatias de pão espalhadas pelo chão, iogurtes e sucos em suas embalagens estouradas por todos os corredores dos supermercados.

Havia, também, os problemas e perigos imediatos decorrentes de milhões de quilômetros de fios desencapados. Incêndios ocorriam por todos os cantos e o sistema elétrico pifou em várias cidades em menos de quatro dias. Leis marciais foram implementadas na maioria das grandes cidades, o que de fato minorava os danos, mas não impedia o vandalismo de oportunistas, tampouco a histeria geral.

Ninguém poderia viajar, mesmo se quisesse. Mais de cinquenta por cento dos componentes dos automóveis e aviões eram compostos por plástico. Em questão de dias, todos os meios de transporte para longas distâncias estavam incapacitados. Por longos dois anos, as pessoas ficaram restritas aos seus contextos locais.

Nenhum microbiologista jamais havia se deparado com algo como aquilo. Ao mesmo tempo resistente a altas e baixas temperaturas e faminta por polímeros das mais diversas densidades, a bactéria parecia indestrutível. Era uma bactéria extremófila como nunca vista antes. Para os especialistas em microbiologia da Universidade de São Paulo, era evidente que aquele minúsculo organismo havia sido intencionalmente desenhado para fins de bioterrorismo. Seu código genético – avaliado antes da falência das máquinas do laboratório - era baseado em padrões matemáticos e parecia conter a assinatura provocativa de uma inteligência. Todos os pares de genes sobrepostos continham números de adenina, guanina, timina e citosina numa quantidade equivalente a produtos de números primos muito bem ordenados. Se aquilo não era sinal de intencionalidade, só podia ser uma coincidência muito bizarra.

A doutora Julia Rivera era cética, mas até mesmo ela se perguntava: quanta coincidência é coincidência demais? Se pudesse, ligaria para David Grinspoon, um de seus amigos consultores da NASA, pois ele tinha experiência com um microrganismo envolvido num mistério similar. A coincidência matemática nos genes daquela bactéria lembrava demais algo que ela tinha lido numa publicação dos anos 1970, revisada por David. Todavia, nenhum sistema eletrônico de comunicação funcionava e Julia teria de aguardar o restabelecimento dos correios para poder enviar uma carta a David. Filippo também poderia ajudá-la, mas em decorrência de tudo ele estava tão inalcançável quanto David.

Outra evidência de inteligência por detrás da bactéria era a sua ação instantânea e onipresente. Ao contrário das con-taminações bacteriológicas usuais, o evento de degradação dos polímeros não havia começado num ponto do mundo e gradualmente se alastrado ao redor do planeta, como ocorrera em 1929, no Egito. Aquela bactéria devoradora de plástico havia se manifestado ao mesmo tempo em todos os cantos da Terra como se sempre tivesse estado lá, porém dormindo e aguardando algo ou alguém que a acionasse.

Surgiram, então, os boatos. Ninguém nunca soube se eram reais ou se não passavam de mero oportunismo, uma vez que a boa

vontade em relação aos muçulmanos já não era nada boa. Diziam que a superbactéria havia sido fabricada por um fundamentalista islâmico conhecedor de engenharia genética, com o objetivo de ser o instrumento da derrocada da civilização ocidental. O que não fazia o menor sentido pois, se pudessem entrar em contato com os países islâmicos, os ocidentais saberiam que eles tinham sido afetados tanto quanto qualquer outra nação. Privada por dois anos de formas eficientes e rápidas de comunicação à distância, a humanidade rapidamente regressara ao uso da fofoca como instrumento de notícias, o que representara um crescente aumento da intolerância religiosa ao redor da Terra.

E havia, é claro, o mistério que evidenciava ainda mais uma intencionalidade em tudo aquilo: por que hospitais e usinas nucleares não foram atacados pela superbactéria? Por que os componentes plásticos das estruturas hospitalares e das usinas permaneceram imunes? Era como se algo ou alguém estivesse controlando a catástrofe, intencionalmente apaziguando o que poderia ser horrendo. Houve mortes – milhares apenas, o que era impressionante em termos de redução de danos – por conta mais das trapalhadas e desespero das pessoas do que em decorrência da ação devastadora da superbactéria sobre a tecnologia humana.

Muitos festejaram a catástrofe. Em várias cidades do Brasil, grupos diversos de fanáticos religiosos comemoravam o que era compreendido como uma “interferência divina”. Até mesmo alguns ecologistas laicos, porém empedernidos, glorificaram o que diziam ser uma “revolta da mãe natureza” contra os abusos da tecnologia humana. Festejavam um mundo sem plástico, ignorantes de que isso não seria necessariamente mais benéfico para o planeta em termos ecológicos. Havia, como em tudo, desvantagens inevitáveis.

É claro, os ecologistas estavam certos ao comemorar o fato de que a natureza estaria livre de quase todo aquele lixo que levava quase meio milênio para se decompor. Sem muito plástico disponível, contudo, as civilizações se voltaram gradualmente para um maior uso de papel, vidro e madeira. A taxa de devastação da Amazônia havia diminuído para notáveis dois por cento ao ano em 2039, graças à política linha-dura da Bancada Verde alçada ao

poder em 2022. Com o colapso plástico, a demanda por madeira fez com que em apenas meia década o desmatamento avançasse para doze por cento ao ano.

Foram necessários menos de dez anos para a humanidade se recuperar do duro golpe tecnológico sofrido. Os computadores, celulares e *gadgets* em geral voltaram à baila, feitos de uma mescla de metal com madeira, sem dúvida mais bonitos, mas também muito mais pesados. O maior problema dos anos 40 do século XXI, contudo, foram os automóveis. Retornando às ruas numa nova composição de quase puro aço, pesavam o dobro, e isso gerava a lamentável necessidade de trinta e sete por cento a mais de combustível fóssil, além do aumento de maior poluição ambiental, para tristeza dos que tanto comemoram a ação da superbactéria.

O que se viu ao longo dos anos que se sucederam ao que ficou conhecido como “o colapso plástico de 2039” não foi nenhum fim do mundo, e sim uma reestruturação dele. Ficou claro para os analistas que, seja lá quem tenha sido o autor do ataque bioterrorista, a intenção não era a destruição das civilizações. O uso do plástico em larga escala, afinal, tinha pouco mais de um século e a humanidade tinha existido a maior parte do tempo sem depender dele.

Um dos impactos mais evidentes foi a migração massiva das pessoas para as áreas campestres e cidades do interior. Sem o plástico, responsável por grandes facilidades à agricultura, havia a clara necessidade de mais trabalho duro nas zonas rurais. A densidade demográfica diminuiu, à medida que as pessoas se espalharam mais ao redor do planeta, ao invés de se concentrarem em grandes megalópoles.

Os efeitos colaterais negativos decorrentes da diminuição forçada do uso do plástico na Terra conduziram a uma corrida de pesquisa por alternativas interessantes: investimento em massa na melhoria do transporte público, a fim de desafogar as cidades daqueles carros pesadíssimos; atenção dedicada em relação a novas formas de combustível; desenvolvimento de um bioplástico feito de amido, bem mais barato do que nas décadas anteriores. Tanto foco em coisas emergenciais retirou a atenção da ciência

humana em relação ao espaço. Até mesmo a iniciativa privada de colonização do planeta Marte havia sido mais uma vez postergada. Desse modo, Ravi Chandrasekhar atingiu outro de seus principais objetivos: com tantos problemas terrestres, ninguém ligava mais para HR 6060. O emparelhamento da ciência humana com a ciência da Areté havia sofrido implacável retardo.

Tudo isso Arthur Coimbra perdeu, enquanto dormia em sua longa viagem espacial de cinquenta anos rumo ao planeta Neokosmos e à Vila Muhipu.

Que houve vantagens para a Terra, isso era indiscutível. A “Grande Ilha de Lixo do Pacífico”, um imundo aglomerado de polímeros a boiar numa área oceânica que já havia superado o tamanho dos Estados Unidos, todo aquele lixo desapareceu em questão de dias, como se fosse uma Atlântida de Plástico.

Ninguém em todo o planeta derramou por ela uma mísera lágrima.

38. MILWAUKEE, EUA, 27 DE MAIO DE 1991

Assim que a porta se fechou às quatro horas da manhã e Jeffrey checou que os policiais haviam saído do prédio, seu próximo passo foi abraçar o quase inerte Konerak, cobrindo-o de beijos.

– Ah Konerak, Konerak, meu amor, meu bebê... Nós estávamos indo tão bem...

– *Karuna yud, Jeff... Karuna yud... Khaphachao yankua nan...*

– Eu sei que você está com um pouco de medo, querido, mas falta pouco. Não é maravilhoso que eu possa te entender, mesmo sem nunca ter estudado laosiano? Isso é um bom sinal, meu amor. A fusão está quase completa. Você pode me sentir em sua mente? Eu sinto você dentro da minha. Nunca mais vamos ser sozinhos, nem eu nem você.

Enquanto entoava sua cantilena sedutora, Jeffrey aca-riciava os fartos cabelos negros de Konerak, demorando-se avidamente nas têmporas. O menino, por sua vez, mal conseguia esboçar alguma reação além dos lamentos em seu pouco conhecido idioma natal. Sabia falar inglês com fluência, mas depois das injeções que Jeffrey

Ihe aplicou e das coisas que ele lhe disse com aquela voz (*você é um bebê, Konerak*), as palavras pareciam se recusar a sair. O garoto havia iniciado um processo de regressão tão intenso que, sob diversos aspectos, era como se tivesse se refugiado em seu antigo eu infantil.

Konerak Sinthasomphone havia chegado aos Estados Unidos da América com sua família dez anos atrás, quando ele mesmo era ainda uma criança de apenas quatro anos recém-

-completos. Seus pais, Sounthone e Somdy, fugiram da República Democrática Popular de Laos em busca da esperança representada pelo Novo Mundo. Os comunistas haviam tentado tomar a fazenda de arroz da família e, dia após dia, o país se tornava insuportável. Os Sinthasomphone fugiram para a Tailândia, pois o país estava acolhendo refugiados provenientes tanto do Cambodja quanto do Laos. Sounthone o havia drogado com remédios para dormir, a fim de que ele – criança que era – não chorasse durante a travessia, atraindo a indevida atenção dos soldados comunistas. O primeiro grande homem da vida de Konerak o havia drogado para fazer uma travessia. Não deixava de ser irônico que o segundo grande homem agora também o drogasse em prol de outro tipo de viagem.

No campo de refugiados, Sounthone fizera contato com representantes de um programa de relocação subsidiado pela Igreja Católica e, a partir dessa interação, decidira iniciar vida nova com sua família em Milwaukee, nos Estados Unidos. Sabendo da grande comunidade laosiana vivendo na América – algo em torno de sete mil imigrantes – o senhor e a senhora Sinthasomphone se empolgaram com a possibilidade de criar seus filhos num país onde as liberdades individuais seriam respeitadas. E, assim, os irmãos Anouke e Konerak iniciaram vida nova, tendo se adaptado com bastante facilidade. Seus pais fala-vam apenas o básico do básico de inglês, pois interagem mais com a comunidade laosiana. Anouke se virava bem, mesmo sendo um tipo calado. Dentre todos, sem dúvida Konerak era o que melhor tinha se adaptado, desenvolvendo um inglês fluente e uma personalidade tipicamente americana. Era

um garoto feliz e extrovertido, com quase nenhuma lembrança de sua sofrida vida pregressa em Laos.

Konerak sabia que gostava de homens, soube disso desde que se entendia por gente. Tinha, é claro, muito medo de expor isso aos seus familiares. Recalcando ao máximo seus desejos inconfessos, perdeu o controle ao conhecer, dias antes e por acaso, Jeffrey. Mal podia acreditar que aquele loiro lindo, de personalidade solar e sorriso luminoso estava lhe dando bola. Mentiu a idade, dizendo ter 18 anos, temendo a reação de Jeffrey diante do fato de ele, Konerak, ser legalmente menor. Mas, para surpresa do garoto laosiano, a descoberta da verdade não pareceu subtrair o interesse de Jeffrey. Ao contrário, aumentou seu encanto. *Vou ser seu paizão*, disse-lhe o amante loiro no terceiro encontro. As drogas começaram no quarto encontro, com juras de amor eterno. Konerak fantasiara por muito tempo o sexo com outro rapaz, mas nem em suas fantasias imaginou que tudo poderia ser tão bom, tão perfeito. Enquanto transavam, era como se ele e Jeffrey se tornassem uma só pessoa. Não sabia explicar como seria possível mas, desde a primeira vez em que fizeram sexo, Konerak tinha a certeza de poder ouvir a voz de Jeffrey dentro de sua mente. A penetração não havia se limitado ao aspecto físico, e Konerak se alegrou diante da expectativa de nunca mais ficar sozinho na vida.

Havia, contudo, um probleminha: Jeffrey tinha um namorado mais velho, chamado Anthony Hughes. *Nada que deva lhe preocupar*, disse Jeffrey a Konerak. *Eu e ele não somos compatíveis, e já ficou evidente que ele não pode me dar o que eu preciso. Já me livrei dele, docinho. Coloquei Tony na geladeira por um tempo e, mais cedo do que você pensa, ele não será mais nenhum obstáculo. Você vai poder morar comigo, o que acha? Quer morar com seu paizão?*

A única coisa que Konerak não havia imaginado é que “colocar Tony na geladeira” fosse algo tão carregado da mais pura literalidade.

Jeffrey voltou, após uma pausa de quinze minutos no “quarto das experiências”, como ele mesmo chamava o laboratório

particular repleto de substâncias químicas. Entrou na sala carregando consigo uma injeção enorme, cheia de ácido clorídrico.

– Você pôde sentir ontem, Konerak, enquanto fazíamos amor? Por alguns segundos, eu fui você e você foi eu. Não consegui chegar nem perto disso com Tony ou Errol, muito menos com Curtis ou David, nem com nenhum dos anteriores. Eu amo você, e em breve nada vai poder nos separar. *Confie em mim. Venha, deite-se aqui no sofá, deite-se no colo do seu paizão* – ordenou Jeffrey, exercendo pressão sobre a já fragilizada mente do garoto.

O impedimento à fusão, Jeffrey teorizava, tinha a ver com partes do cérebro responsáveis pela censura. Após estudar pacientemente alguns procedimentos de psicocirurgia abandonados há décadas, resolvera experimentar variações de técnicas de lobotomia. Abandonara a lobotomia com picador de gelo após considerá-la pouco eficiente. Nas três vezes em que usara o picador, golpeando o crânio logo acima dos canais lacrimais, a atividade censora do cérebro dos rapazes diminuía, mas sem cessar completamente. Seria preciso, talvez, destruir os lobos temporais, sem deixar o menor vestígio. Havia o risco de matar o garoto antes de absorver suas memórias, o que seria lamentável, mas valeria experimentar. A conexão experimentada com Konerak superara todas as expectativas de Jeffrey. O jogo, ele bem sabia, era por tentativa e erro. Pesquisara muito, mas não encontrara nenhum caso de estudo sério que lhe desse alguma dica, por mais vaga que fosse, sobre os procedimentos da fusão mental. No máximo, lera a respeito de experiências de telepatia em laboratório realizadas tanto pelos EUA quanto pela antiga URSS, no auge da Guerra Fria. Teve contato com artigos de um tal Sergey Tarasov sobre indícios de paranormalidade em esquizofrênicos e telepatia entre humanos e cetáceos. Pesquisara sobre tribos antropofágicas que devoravam seus inimigos a fim de extrair-lhes o conhecimento. Lera sobre rituais indígenas que celebravam um tal “encantamento da união”, a partir da ingestão de chás feitos de plantas específicas. O que lhe restava, enfim, era experimentar até acertar. Ele sabia que tinha o poder, mas não entendia por que costumava experimentar apenas uma *quase* fusão.

“Quase” não era suficiente para Jeffrey. Ele queria ser outros, e adoraria que seu “outro” fosse o jovem Konerak.

Ademais, o mundo estava cheio de gente. Em algum momento, que lhe parecia cada vez mais próximo, ele conseguiria realizar o encantamento da união. Conseguiria aplacar a fome devastadora, a ansiedade da fusão. Reunindo o máximo de mentes em si mesmo, talvez conseguisse fazer calar as vozes incessantes que lhe mandavam comprar coisas, anunciavam assassinatos, casamentos, desastres e oscilações na bolsa. Ser apenas um neste mundo era pouco. Jeffrey precisava ser muitos para aplacar as vozes.

Devorar os rapazes incorria em resultados limitados: preenchimento temporário de seu vazio abissal, absorção de meras reminiscências de suas memórias. Nada que durasse a contento. Ele já conseguia sentir os restos psíquicos de Tony Hughes se esvaindo, ainda que tivesse devorado boa parte do corpo do namorado há menos de três dias. Jeffrey não conseguia discernir o porquê dos experimentos antropofágicos incorrerem em resultados tão variados, e isso o irritava. Richard Guerrero, por exemplo, absorvido em 1988, havia durado quase um ano em sua mente. Quando Jeffrey finalmente resolvera devorar Anthony Sears, ainda era capaz de sentir traços marcantes de Guerrero circulando em sua consciência. Sears também durara muito tempo, mais de um ano, na verdade. Os problemas começaram a partir do momento em que Jeffrey teve a péssima ideia de devorar Eddie Smith. Hesitara desde o início, pois tinha achado o cara muito velho, uma mente muito cristalizada. A partir de Eddie, tudo degradingolara, e a essência dos rapazes passou a não durar mais do que alguns poucos meses no interior de Jeffrey.

O vazio, em sua imensidão monstruosa e angustiante, sempre voltava. Inexorável, persistente. Faminto.

Jeffrey, então, entrara numa verdadeira febre de assassinatos mensais. Eventualmente, dois num mesmo mês. Foi ficando cada vez mais desesperado ao perceber que a durabilidade da absorção diminuía de forma drástica. A ansiedade dera lugar à falta de cautela e a atos pouco planejados. Cometera erros idiotas com Konerak, subestimando o instinto de preservação do menino e nem

se preocupando em trancar a porta. Quando Jeffrey se deu conta, enquanto havia se ausentado por apenas cinco minutos, Konerak já havia saído do prédio e sido socorrido por aquelas duas garotas intrometidas e imunes aos seus encantos. Felizmente para o americano, tudo se resolveu. Ele amava Konerak como nunca tinha amado alguém antes. Amava-o tanto que chegava a doer.

Com um duro e preciso golpe, Jeffrey enfiou a imensa agulha bem fundo no crânio de seu amor.

O ácido penetrou o cérebro de Konerak Sinthasomphone, corroendo os últimos vestígios de sua consciência. Uma vez devastadas as barreiras, Jeffrey iniciou sua intrusão, abraçando o corpo imóvel do garoto e beijando sua boca. Enquanto o fazia, sentia o fluxo da consciência do corpo alheio se derramando profusamente, como água a desabar numa cascata.

– Konerak... Ah, Konerak, como você é lindo! Sente a fusão? *Khony hak chao... Você sente? Como nós somos lindos! Renasça em mim, Konerak... Viva pra sempre em mim...*

A primeira mordida arrancou sem esforço os lábios do garoto, sangue e memórias fluindo aos borbotões para dentro do abismo negro cujo nome era Jeffrey Lionel Dahmer.

39. SISTEMA ESTELAR ALLOSSIANO

ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Após deixar Irani sã e salva no centro médico mais próximo a Muhipu, Lorena comandou o globo espacial, fazendo-o se deslocar ao longo do planeta. De dentro da nave transparente, o trio composto por Arthur, Laura e Martin conseguia divisar o ambiente exterior com facilidade. Nada do que eles viam sugeria alguma anomalia capaz de provar que eles estavam de fato em outro mundo, conforme sugerido por Arthur. Abaixo da nave globular, tudo o que conseguiam ver era uma vasta floresta tão densa que bem parecia um tapete verde. Era também possível identificar um largo rio, o mesmo que Martin teorizava ser o Negro.

Martin estava errado.

Após deslizar sobre a floresta por alguns poucos minutos, Lorena ergueu o indicador esquerdo para o alto, como que apontando uma nova direção para um espectador invisível. Em obediência ao comando da governadora, as moléculas inteligentes da nave mudaram o curso de navegação, fazendo o quarteto subir cada vez mais alto, até que as nuvens a tudo envolveram. Lorena nada dizia, mas bem sabia que era questão de tempo até as perguntas começarem. Como que adivinhando os temores da governadora, Arthur resolveu partir para o enfrentamento direto. Postou-se à frente de todos e disparou:

– O que vocês são, Lorena? Alienígenas?

– Arthur, todos somos alienígenas neste planeta – respondeu Lorena, sem desviar os olhos.

– Não me enrole! – contestou Arthur. – Onde nós estamos? Quem são vocês? Quem é Ravi?

Lorena suspirou. Bem levariam uns quarenta minutos até alcançar a base do doutor, e esta seria uma ótima oportunidade para esclarecer algumas coisas. Além do que, ela não tinha mais nenhuma paciência com tantas meias-verdades e estava especialmente grata por não precisar mais esconder coisa alguma.

– Estamos em Neokosmos, o quarto planeta em órbita de uma estrela idêntica ao Sol, por nós batizada de Allos. Vista da Terra, essa estrela é a décima oitava em brilho na Constelação do Escorpião. Estamos a pouco mais de 45 anos-luz da Terra.

Martin parecia estar bastante assustado. Andava ao redor da nave sem parar, olhando para fora com grande ansiedade, enquanto as nuvens eram deixadas para trás e já era quase possível divisar o planeta como um grande globo azul. Ele era, acima de tudo, um homem realista. No presente caso, tanto apego ao mundo ordinário o fazia entrar em negação. Postando-se diante de Lorena, desabafou:

– Desculpe, não faz sentido. Não faz! Eu entendo o conceito de uma estrela idêntica ao Sol. Mas um planeta idêntico ao nosso girando em torno dessa estrela? Com uma Lua igual à nossa? Conta outra, minha senhora! Isso tudo é um experimento militar, não é? Admita! Para qual governo vocês trabalham? O dos Estados Unidos?

– Este planeta não é igual à Terra, Martin – contestou Lorena. – Quando chegamos aqui, ele tinha potencial, mas era bem diferente. Nós realizamos um procedimento que os cientistas da Terra conhecem apenas em teoria e chamam de “terraformação”. Mudamos tudo até que ele se tornasse um ambiente propício para a habitação humana. Ainda assim, ele não é igual, é um pouco menor. A gravidade também é menor, e é por isso que vocês se sentiram mais fortes quando chegaram. Os continentes, os mares, tudo é diferente. O que fizemos foi criar microambientes controlados que copiam, numa versão melhorada, alguns lugares especiais do nosso planeta original. E quando falo em “versão melhorada” quero dizer sem muitos dos vírus, bactérias e protozoários que nos seriam nocivos.

– Isso explica a ausência da malária... e o terror do meu gato quando chegou. Ele sentiu a diferença da gravidade – interrompeu, pasmo, Arthur.

Laura, que até então tinha permanecido calada, postou suas duas mãos na parede transparente que mudava sutilmente de cor. Olhando para fora, via o planeta se afastar cada vez mais e a Lua aumentar de tamanho até se converter num colosso acinzentado parcialmente iluminado por refletir a luz do Sol alienígena. Sem se virar, ciente de que seria ouvida, entrou na conversa:

– E a Lua? Ela é uma ilusão?

– Não, querida. A Lua é bem real, mas foi construída, e não para enganar ninguém. Quando chegamos aqui, este mundo não tinha um satélite natural. Para reproduzirmos as condições terrestres, principalmente no que diz respeito às alterações entre o dia e a noite e mesmo as marés, precisávamos de uma Lua. Construímos uma menor, mais próxima e mais densa, capaz de gerar o efeito gravitacional necessário. Ela também é uma imensa estação espacial.

– Os índios sabem que não estão na Terra? – perguntou Laura, maravilhada.

– Eles nasceram aqui, querida. Não existe outro mundo que não seja “a selva” para eles. Apenas os primeiros sabiam, quando

salvamos várias tribos da extinção ao longo dos séculos. Os relatos orais de geração a geração criaram os mitos – explicou Lorena.

– Afinal, quem são vocês? – interrompeu Arthur.

– Nós somos a Areté. Garanto que não somos extraterrestres e nunca fizemos contato com nenhum alien inteligente, apesar de nossos esforços. Somos humanos ou, melhor dizendo, transumanos, tecnologicamente aperfeiçoados de forma inimitável. Nossa história é a de uma evolução em paralelo e discreta no planeta Terra, uma longa história que Ravi certamente contará para vocês. Estamos realizando uma evacuação em escala global, transferindo indivíduos-chave da Terra para Neokosmos – respondeu a governadora.

– Por quê? Por que estão evacuando a Terra? – inquiriu Martin, nervoso.

– Lamento, mas eu acho melhor que Ravi explique isso para vocês – desviou-se Lorena. – Em breve, o alcançaremos.

– Onde? Onde o alcançaremos? Aonde estamos indo, afinal? – perguntou Arthur.

Laura era a única que permanecia tão calma que beirava a estranheza. Lorena temia que ela entrasse em colapso, o que seria terrível considerando que se tratava da garota mais perigosa dos dois mundos. Laura encarava o céu brilhante e repleto de estrelas do lado de fora da nave, como quem fazia um passeio pelo campo. Sorrindo de uma forma que assustou a todos, a garota olhou para trás e encarou seus amigos. Seus olhos brilhavam como os de uma criança que tinha acabado de ganhar o mais cobiçado presente. Lorena não pôde deixar de notar que a luz nos olhos de Laura era bem mais do que uma metáfora. Os óculos bloqueadores pelo visto estavam perdendo o efeito. Ravi teria de dar um jeito naquilo.

– Para o Sol – declarou Laura, com a certeza das pitonisas. – Nós estamos indo para o Sol.

**40. CORNELL UNIVERSITY, NEW YORK,
EUA, 3 DE JULHO DE 1978**

A despeito do forte calor dos últimos dias, David Grinspoon tinha decidido abdicar das tão desejadas férias de verão naquele ano. Seus amigos provavelmente estariam curtindo as delícias das praias em Fire Island, mas não era sempre que um calouro de apenas dezoito anos tinha a oportunidade e a honra de trabalhar no laboratório do astrônomo Carl Sagan, em Cornell.

Além disso, faltavam poucos dias para o fechamento de mais uma edição da Icarus – Revista Internacional de Estudos do Sistema Solar – e Sagan em pessoa havia pedido a David que examinasse um texto para lá de esquisito. Um artigo tão exótico que seria classificado como “puro delírio”, não fosse pelo detalhe de que havia sido escrito por dois bioquímicos japoneses muito respeitados: Hiromitsu Yokoo e Tairo Oshima.

– Acho que você vai ter muito com o que se divertir lendo este texto, David – anunciou o professor Sagan, atirando no colo do estudante um artigo de cinco páginas intitulado *Seria o DNA do bacteriófago ϕ X174 uma mensagem de uma inteligência extraterrestre?*

Só de ver o título, David considerou a possibilidade de o professor Sagan estar lhe passando alguma espécie de “trote inteligente”, daqueles que os calouros costumam receber no primeiro ano de seus cursos. Era normal que a revista Icarus, dirigida pelo mais carismático e televisivo astrônomo do momento, recebesse todo tipo de artigo bizarro enviado pelas mais loucas pessoas de todos os cantos do mundo. O destino da larga maioria das propostas de publicação costumava ser um simpático arquivo intitulado “delírio”, cujo conteúdo faria a festa dos adoradores de OVNI. Receber aquele tipo de artigo era comum. Incomum era que o professor Sagan considerasse a possibilidade de publicá-lo.

O resumo do material dizia o seguinte:

A possibilidade de que o material biológico pode servir como um meio de comunicação extraterrestre é aqui discutido, e o DNA do bacteriófago Phi-X174 é investigado para determinar se uma mensagem desse tipo poderia ser derivada a partir dele. Especula-se que civilizações poderiam manipular o DNA viral ou bacteriano de modo que a sua sequência de bases carregaria uma mensagem

codificada, além de especificar os compostos necessários para a sobrevivência e enviar um microrganismo contendo mensagens a um planeta com condições semelhantes às do planeta de envio, em que o microrganismo poderia se replicar.

David leu e releu o artigo três vezes e, ao fazê-lo, compreendeu o porquê do interesse do professor Sagan no que pareceria pseudociência a qualquer outro. Um dos pilares do projeto SETI, que buscava enviar sinais inteligentes para eventuais civilizações alienígenas, consistia na transmissão de pulsos digitais que se repetissem como o produto de dois números primos multiplicados. Considerando que números primos não podem ser criados pela multiplicação de quaisquer números inteiros, a manifestação ordenada de pulsos do gênero dificilmente se daria por um processo natural. Algo do tipo revelaria intencionalidade, uma inteligência por detrás. Um notável sinal de contato consistiria na detecção de algum pulso alienígena cujo padrão fosse, a título de exemplo:

1-3-5-7-11-13-17-19-23

O que Yokoo e Oshima apresentavam naquele artigo era a curiosa evidência da manifestação de números primos no material genético de um vírus muito simples que costuma infectar bactérias intestinais comuns ao nosso organismo: as assim chamadas *E. Coli*. O bacteriófago ϕ X174 havia sido o primeiro organismo cujo genoma tinha sido inteiramente decifrado. Apesar de genética não ser o objeto de estudo de David ou do professor Sagan, ambos sabiam que o código genético consiste numa dupla fileira de nucleotídeos cujas unidades são representadas pelas letras A (adenina), T (timina), G (guanina) e C (citosina). No caso de ϕ X174, o que chamou a atenção foi o fato de que, nele, os genes se sobrepunham. Não um simples par, mas três. Se contássemos a quantidade de letras nessas sobreposições, descobriríamos os números 121, 91 e 533, sendo que cada um deles resultava da multiplicação de dois primos (11 X 11, 7 X 13 e 13 X 41).

– Que coisa mais bizarra! – murmurou David, ao repetir a leitura pela quarta vez.

Seria possível que uma inteligência avançada tivesse enviado uma carta biológica para a Terra? Faria sentido, se levássemos em conta a alta eficiência de uma mensagem com o poder de se multiplicar ao chegar ao planeta almejado. Considerando-se, é claro, que a suposta inteligência alienígena conheceria muito a nossa biologia.

Ou, apenas talvez, esse extraterrestre tivesse projetado a nossa biosfera. Um super criador de mundos, deixando sinais como testes do desenvolvimento intelectual de suas criaturas? Aguardando que fôssemos capazes de entender o que ele havia escrito no mais íntimo de nós mesmos? A hipótese era fascinante e polêmica. Ainda que essa ideia fosse acusada de ser uma forma sofisticada de criacionismo, apenas deslocava a pergunta de lugar: se nossa biosfera foi criada por uma inteligência alienígena, quem criou essa inteligência?

Estaríamos buscando nas estrelas os sinais que estavam dentro de nossos próprios corpos?

David sorriu ao perceber que, com suas perguntas, estava quase aprendendo a se colocar no lugar de seu exótico professor. Sua formação, ao que tudo indicava, seria uma grande e deliciosa aventura.



– O código genético de ϕ X174 foi decifrado, e dois japoneses sacaram a “coincidência” envolvendo números primos – declarou Helena, atirando o exemplar de número 38 da Icarus no colo de Ravi.

Folheando tranquilamente a publicação, Ravi comentou, sem tirar os olhos do papel.

– Então a ingenuidade de nossos ancestrais começou a dar frutos.

– A intenção era boa, Ravi – disse Helena. – Eles pensavam em deixar uma mensagem, um código, alguma coisa para quando a humanidade tivesse saído do obscurantismo supersticioso e alcançasse o conhecimento científico necessário para compreender

a mensagem. Por isso escreveram essa senha com números primos no bacteriófago ϕ X174. Nesse momento, a humanidade talvez estivesse pronta para se unir coletivamente à Areté, mas...

– Mas, como bem sabemos, ela não está – declarou Ravi, fechando a revista, após ler o artigo em menos de dois segundos. – Um bom desenvolvimento tecnológico se deu e continua a se dar, admito. Só que isso ocorre em paralelo à superstição, aos delírios religiosos. Não se verifica unidade neste mundo, Helena. O que temos na Terra é um aumento de complexidade sem uma gestão capaz de lidar com tudo isso, além de uma “democracia” perigosa para os objetivos de colonização espacial da Areté.

– E o que você sugere? Quebramos de uma vez com os protocolos de não interferência? Nos revelamos a eles? – indagou Helena, preocupada.

– Ah não, ainda não, querida – respondeu Ravi, relaxado. – Note que os japoneses viram alguma coisa, só não entenderam o que viram. Nenhum dos quadros bidimensionais que eles montaram a partir do bacteriófago sequer chega perto da mensagem de nossos ancestrais. Os cientistas da Terra estão pensando de modo binário: ou isso ou aquilo. Eles não entenderam ainda o princípio da superposição quântica, tampouco da superposição genética. Não percebem o quanto essas duas coisas estão interligadas. Vai demorar até que surja alguém cuja inteligência se classifique como de nível Alpha-0, se interesse pelo assunto e seja capaz de se tocar do que está escrito ali.

– E se algum deles descobrir? – preocupou-se Helena.

– Se isso acontecer, é provável que o que tenha a dizer mal seja ouvido por seus pares. De todo modo, caso surja alguém, coopte-o imediatamente para a Areté. Quer ele queira, quer não. Até lá, quero que continue a monitorar Grinspoon e Sagan, além dos dois japoneses. Bem espertinhos esses quatro.

41. MILWAUKEE, EUA, 27 DE MAIO DE 1991

O telefone tocou na Central de Polícia de Milwaukee precisamente às dez horas da manhã. A atendente identificou

Glenda Cleveland em sua quarta tentativa de comunicação em menos de três horas. Percebendo que seria impossível se livrar daquela mulher obcecada, a atendente resolveu transferir a chamada para o policial Balcerzak.

– Bom dia, meu nome é Glenda Cleveland. Sou mãe de Sandra Smith e tia de Nicole Childress, as duas garotas que encontraram o menino asiático. Com quem falo, por favor?

– Sou o policial Balcerzak, madame. John Balcerzak, a seu dispor. No que posso ajudá-la?

– Pois bem, oficial, gostaria de saber o que aconteceu. Minha filha e minha sobrinha testemunharam a ocorrência. Algo foi feito a respeito da situação? Vocês precisam do nome delas para que testemunhem posteriormente?

– Não, senhora Cleveland, não precisamos de nada.

– Tem certeza?

– Absoluta, madame. Era apenas o namorado drogado de outro homem.

– Muito bem, meu senhor. Qual era a idade da criança?

– Não era uma criança, minha senhora. O rapaz era maior de idade.

– Você tem certeza do que está dizendo, policial?

– Claro!

– Oficial, o senhor tem realmente certeza? Porque, segundo minha filha e minha sobrinha, o rapaz não falava inglês. Elas ficaram com ele por um tempo, após encontrar o menino na rua, enquanto esperavam os senhores chegarem. Elas insistem que ele era apenas um garoto de, no máximo, 15 anos.

– Minha senhora, eu realmente não sei como deixar tudo isso mais claro. Tudo o que poderia ter sido feito, foi feito. O rapaz está com seu namorado, no apartamento onde os dois vivem.

– Mas e se ele for apenas uma criança? Você tem certeza de que se tratava de um adulto?

– Senhora, conforme lhe expliquei, tudo foi checado. Sim, tenho certeza de que era um adulto. Eu não posso fazer nada quanto à preferência sexual de alguém, lamento.

– Mas eu não estou preocupada com a preferência sexual alheia, oficial. Pelo amor do Santo Deus! Estou preocupada com o fato de que minha filha e sobrinha insistem de que se tratava de um menino!

– Não, ele não era “um menino”. Era um homem.

– Ok. O senhor está me afirmando que o asiático não era uma criança?

– Não, minha senhora, decididamente ele não era. Não era, ok? Foi apenas um problema entre namorados. Chequei a casa do rapaz que o levou, o tal Jeffrey, e não vi nada de errado.

– Ok, então. Eu estava apenas preocupada com a possibilidade de que estivesse ocorrendo um caso de abuso infantil. O senhor checkou a identidade do asiático?

– Não, madame, não chequei. Ele tinha perdido a identidade. Mas o namorado dele, o tal Dahmer, mostrou a própria. Para nós, é suficiente. Um cidadão americano, tranquilo, sóbrio e com endereço confirmado, deu-nos sua identidade e demonstrou preocupação com o rapaz. A senhora me desculpe, mas o que queria que fizéssemos? Temos muitos casos importantes para resolver, não temos tempo para bancar as babás de gays bêbados. E por que a senhora está tão preocupada com um asiático? Quem dá a mínima pra esses imigrantes?

– Eu dou, policial. Sou cristã e, se bem entendi a mensagem de Cristo, “dar a mínima” é a minha obrigação moral.

– Amém, senhora. Garanto que não há nada de errado, ficou tudo bem com o rapaz.

– Bem, ok então. Obrigada e até logo.



Glenda Cleveland era uma mulher muito religiosa e compassiva. Orou pelo garoto asiático que nunca vira, pedindo a Deus que cuidasse dele. Sentia que o menino precisava de orações e, assim, passou a lhe dedicar bons pensamentos sempre que podia. Infelizmente, foi no dia 25 de julho de 1991, ao abrir o jornal, que Glenda deu seu primeiro passo na direção do mais triste tipo de

ateísmo: não aquele que decorre da saudável investigação filosófica, mas o que brota do desapontamento mais profundo e do terror mais sombrio.

42. ESTAÇÃO SOLAR ALLOSSIANA

ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Flutuando em posição de lótus numa grande sala branca sem móveis, Ravi Chandrasekhar aguardava o momento em que Lorena surgiria, trazendo consigo os três pequenos rebeldes que causaram pânico coletivo em Muhipu. Emoções humanas não eram corriqueiras na programação autogerada do doutor, mas naquele momento sua personalidade se inclinava para algo que seria bastante similar à raiva comum. Ravi achou interessante constatar tais sentimentos em si mesmo.

Por outro lado, o que parecia ser fúria se esvaneceu diante da curiosidade gerada pelas últimas informações enviadas pelo matemático Hideo Oshima. O que o gerador de números aleatórios havia revelado consistia a mais notável evidência do que Ravi procurara por tanto tempo.

– Eu não entendo, de verdade – comentou Hideo, ao perceber a empolgação do doutor com a matriz 6X6 apresentada. – A única coisa relevante nesta matriz é que a soma de seus componentes, seja na vertical, na horizontal ou nas diagonais principais, sempre resulta em 111. Mas ela não parou de se formar no RNG de Arthur, Laura e Martin desde que o fenômeno de interferência molecular foi disparado. O que isso pode significar?

Os números fosforesciam diante de Ravi, tão flamejantes quanto a estrela na qual ele orbitava:

06 32 03 34 35 01

07 11 27 28 08 30

19 14 16 15 23 24

18 20 22 21 17 13

25 29 10 09 26 12

36 05 33 04 02 31

– Não se lamente, Hideo, por não ser capaz de perceber a magnífica importância dessa matriz – reconfortou Ravi. – Você é o mais inteligente de todos, e seu tio sentiria orgulho de suas capacidades, tenho certeza disso. Você não identifica o significado desta matriz porque ela não faz parte dos estudos acadêmicos oficiais de matemática. Seu desconhecimento deriva da falta de contato com uma matéria assaz exótica. Sim, a soma de quaisquer colunas resulta em 111. E 111 é o resultado da multiplicação de dois primos: 3 e 37. Isso é relevante, mas não é “o ponto”. Acontece que essa matriz é por demais famosa nos textos herméticos de magia, alquimia e astrologia da tradição humana.

Hideo riu, sem acreditar no que estava ouvindo.

– Você está brincando! Uma “matriz mágica”? E qual a relevância disso? – questionou o japonês.

– Sim, uma matriz mágica. Existem várias delas em diversas culturas. Há registros de “quadrados mágicos” na China e Índia antigas. Ao que tudo indica, seus objetivos eram meramente recreativos. Porém, segundo um manuscrito que se encontra na Universidade de Cambridge, na Terra, chamado *Liber de Angelis*, o uso desses quadrados em talismãs atrairia a proteção de inteligências divinas e angélicas. Seria uma forma de se comunicar com os deuses. Essa matriz que você identificou é o Quadrado Mágico do Sol.

Hideo Oshima nunca fora uma pessoa fechada a teorias exóticas. Sobrinho de quem era, seria de se estranhar que apresentasse o tradicional ceticismo empedernido que refuta coisas apenas porque parecem loucas demais. Havia sido identificado como uma criança superdotada quando tinha apenas onze anos e ficou claro para seus professores que seu conhecimento matemático superava o de muitos pós-doutores. Em 2015, quando tinha treze anos, Hideo aplicara algoritmos genéticos numa antiga pesquisa de seu tio, Tairo Oshima, descobrindo um símbolo oculto nos genes de um vírus. Tratava-se da assinatura biológica clara e distinta de alguma inteligência superior. Antes que pudesse mostrar o que havia descoberto para seu tio, Hideo fez como a maioria dos adolescentes empolgados: postou tudo em seu perfil no Facebook,

para todo mundo ver. Em questão de cinco minutos, a imagem foi censurada e Hideo caiu de costas no chão quando uma luz verde invadiu seu quarto e uma entidade cuja silhueta era nitidamente humana atravessou a parede, declarando:

– Hideo Oshima da Terra, regozije-se, você foi convocado para participar de algo maior. – E foi assim que ele e Ravi se encontraram pela primeira vez. Inicialmente, Hideo achava que os quadrinhos de super-heróis revelavam alguma verdade e ele iria virar um “Lanterna Verde”. Enganara-se. Hideo havia se tornado algo muito, *muito* mais poderoso. Havia se tornado um membro da Areté.

Desde então, a vida do jovem japonês havia sido muito mais excitante do que ele jamais imaginara. Ainda que soubesse que quase toda sua família estaria morta, dada a demora de 50 anos para ir de um sistema estelar ao outro, Hideo se sentia feliz ao perceber que integrava uma família intelectual que lhe era mais cara do que qualquer eventual vínculo sanguíneo. Sentia-se importante, indispensável, e apreciava a ideia de ter oferecido algo capaz de deixar Ravi tão satisfeito.

– E o que quer dizer esta matriz, então? – indagou o japonês.

– Significa contato, Hideo. Contato extraterrestre. Algo que nós teorizávamos há muito, mas não tínhamos provas suficientes. Nossa busca por inteligência alienígena esbarra em nossas limitadas considerações sobre o que a vida é ou não é. Olhamos para o que conhecemos, nossa atenção seletiva não identifica o que escapa aos paradigmas. Entendemos “vida” como tudo aquilo que se parece conosco, que guarda similaridade com nossos processos. Já pensou numa vida baseada em plasma? Estrelas nascem, crescem, morrem... e geram filhos. Já aventou a possibilidade de as estrelas serem vivas? Mas nós não as percebemos, assim como elas não nos percebem. A matemática como linguagem universal atua como ponte para esse abismo.

– Espere... Você quer dizer que... – interpelou Hideo, sendo prontamente interrompido pelo entusiasmado Ravi.

– Sim, Hideo, ao que tudo indica o nosso trio de rebeldes chamou a atenção da inteligência solar. Eles entraram em contato

com o que os hindus chamariam de “Deva do Sol”.

**43. CHAPADA DIAMANTINA, BRASIL,
22 DE OUTUBRO DE 1993**

Todo o grupo se reuniu duas horas antes do amanhecer, após um lauto café da manhã. A maioria tinha dormido cedo e muito bem, de modo que boa disposição não faltava aos vinte e três integrantes do grupo esotérico “Povo das Estrelas”. Subiram até o topo da Cachoeira da Fumaça, uma queda-d’água de 340 metros de altura situada no Parque Nacional da Chapada Diamantina. Belíssima, a cascata levava esse nome pelo fato de suas águas parecerem evaporar antes de chegar ao chão.

Radha, uma moça brasileira de pele morena e longos cabelos negros, adotara esse nome em homenagem à deusa homônima, esposa da entidade hindu conhecida como Krishna. Seria ela, naquela manhã, a liderar a meditação coletiva. Sua ideia era proporcionar uma sessão de *mantra yoga* aos seus colegas de grupo. Postando-se em posição de lótus no chão de pedra lisa no alto da cachoeira, Radha iniciou as explicações:

– Em sânscrito, “*man*” significa “mente” e “*tra*” significa “liberação”. Ao cantarmos os mantras sagrados repetidas vezes, vivenciaremos um estado de neutralização de nossas mentes individuais. Abriremos nossos espíritos para o plano espiritual e contribuiremos para a recriação da realidade planetária.

– Temos de pensar em alguma coisa em especial? – perguntou Rose, uma das participantes.

– Não, não é preciso. Temos de tentar nos focar nas pala-vras e no som dos mantras. Quanto mais nos esquecermos de nós mesmos, melhor.

Reunindo o grupo numa disposição circular, Radha iniciou sua canção, sendo prontamente seguida por todos os outros ao longo de exatos 40 minutos:

*Vande 'ham sri-guroh sri-yuta-pada-kamalam sri-gurun
vaisnavams ca Sri-rupam sagrajatam saha-gana-raghunathanvitam
tam sa-jivam Sadvaitam savadhutam parijana-sahitam krsna-*

*caitanya-devam Sri-radha-krsna-padan saha-gana-lalita-sri-
visakhanvitams ca*

Ao final da experiência, outra participante – uma moça muito bonita chamada Aline – declarou, emocionada:

– Que coisa mais linda! Enquanto eu cantava, sabe a imagem que não saía de minha mente? A imagem do Sol! Era como se ele se comunicasse comigo!



Ao meio-dia, hora de Istambul, um detector de terremotos turco registrou uma explosão na Antártida cuja energia equivalia a milhares de toneladas de TNT. Em torno de vinte e seis segundos depois, energias não identificadas que deixaram os físicos alvoroçados emergiram do fundo do Oceano Índico, perto do Sri Lanka. E, tão logo surgiram, tais energias desapareceram como se nunca tivessem existido. No dia 2 de dezembro de 1993, diversos físicos da Areté escreveram um relatório detalhado e o apresentaram a Ravi, para averiguação.

Ravi Chandrasekhar não tinha traços de medo presentes em sua matriz de programação autogerada, mas isso não o impedia de identificar a alta periculosidade do que havia testemunhado. Era sabido que partículas bizarras tinham se formado durante o Big Bang e continuavam a se formar no interior de estrelas superdensas. Uma dessas partículas, chamada de *strangelet*, abreviação de “*strange-quark nuggets*”, poderia também ser formada em aceleradores de alta energia em decorrência da colisão de prótons. Em geral, a manifestação de um *strangelet* não era suficientemente estável para causar danos irreversíveis em caso de colisão, nada além de explosões e terremotos. Mas havia o risco do surgimento de um *strangelet* suficientemente estável e capaz de transformar tudo o que tocasse em outros *strangelets*, num efeito dominó devastador para grande parte da superfície do planeta.

Diversos delegados da Areté haviam alertado Ravi para a curiosa coincidência de grupos inteiros de HEM-positivos, os famosos “Eleitos”, se reunindo para exercícios espirituais. Era sabido

que, quando a hipersensibilidade eletromagnética era muito intensa, incorria em vários graus de esquizofrenia. Quando moderada, manifestava-se em níveis suaves de paranormalidade que inclinavam os portadores a se identificar com agrupamentos místicos. Ravi não tinha ainda subsídios suficientes para afirmar a existência de uma conexão causal entre meditações coletivas, rituais de magia e outras coisas do gênero com manifestações espontâneas improváveis de *strangelets*. Mas tinha todas as razões para suspeitar.

Ele bem conhecia o principal efeito da reunião de HEM-positivos: o improvável se tornava certo. Sobretudo no Brasil, graças à falha eletromagnética do Hemisfério Sul, falha que nem mesmo a Areté com toda sua tecnologia conseguia corrigir. O “buraco” no campo de força terrestre possibilitava uma inacreditável interação entre o Sol e os paranormais brasileiros, uma conexão muito maior e assustadora do que em outros países. A Areté tentara corrigir a falha diversas vezes, mas o buraco sempre voltava, era como se a Terra quisesse assim. O jeito era remover os Eleitos para contextos controlados.

Helena havia estabelecido infiltrações de agentes da Areté em alguns dos mais organizados grupos místicos ao redor do globo. Um desses agrupamentos, no Brasil, havia chamado especialmente a atenção de Ravi. Costumavam se reunir na Chapada Diamantina, o que fazia sentido, já que a inclinação natural de um HEM-positivo é buscar o distanciamento das grandes cidades, além do apreço pela natureza. As atividades esotéricas desse grupo coincidiram com a explosão de um *strangelet* na Antártida, durante o mês de outubro.

Suas suspeitas se converteram em quase certeza quando, pouco mais de um mês depois, o grupo se reuniu novamente e, valendo-se de um ancestral exercício sonoro da cultura indiana, desencadeou um choque probabilístico que se irradiou como um farol em torno do campo magnético terrestre, atraindo mais um *strangelet*. No dia 24 de novembro de 1993, uma explosão se deu ao largo das ilhas Pitcairn, no Pacífico Sul. Menos de vinte segundos após a explosão, outra partícula estranha emergiu da Antártida e,

dessa vez, Ravi pôde analisá-la antes que sumisse. Era um *strangelet*.

Flutuando sobre o continente gelado, Ravi contatou Helena e ordenou:

– Quero uma infiltração nesse grupo, já. De preferência, crie as condições para a dispersão deles. Faça exames genéticos discretos em cada um. Se algum demonstrar ser especialmente poderoso, transfira-o para Muhipu. Se essa contínua geração de *strangelets* continuar a se dar, eles podem desencadear um evento de colapso total capaz de arrasar o continente sul-americano!

44. MILWAUKEE, EUA, 22 DE JULHO DE 1991

Se foi após consumir Eddie Smith que Jeffrey passara a sentir a fugacidade dos efeitos da união mental, após devorar Konerak Sinthasomphone sua vida se encheu de esperança – esta que é a mais traidora das amigas. Por vinte dias, Jeffrey Lionel Dahmer experimentou um tipo de êxtase contínuo decorrente da completa fusão com o menino laosiano. A felicidade experimentada só foi proporcional ao terror de Jeffrey ao perceber as memórias e os sentimentos de Konerak se esvaírem tão subitamente quanto vieram. Era como se a essência do garoto tivesse passado do sólido para o gasoso sem estado intermediário. Parecia sublimação, tal qual naftalina num guarda-roupas.

Na data de 16 de junho de 1991, o preciso vigésimo dia após a fusão com Konerak, Jeffrey se viu mais uma vez sozinho e assolado pelas vozes trovejantes e os zumbidos eletrônicos:

A situação na URSS se agrava e analistas políticos apostam na renúncia, muito em breve, do então presidente Mikhail Gorb... Estática, luzes, terror. Confirmadas mais de oitocentas mortes em decorrência da erupção do vulcão Pinatubo, nas Filipinas. O presidente George W. Bush emitiu uma nota de condol... Estática, zumbido. Falta menos de um mês para o lançamento de Sonic, o jogo que irá conquist...

Diante de tanta informação ribombando em sua cabeça, o único alívio de Jeffrey era constatar que, pelo jeito, ninguém estava

ligando para um garoto laosiano desaparecido.

Descontrolado, alucinando em decorrência do amargo vazio que se apoderava de sua alma, Jeffrey partiu para a caça mais destrambelhada. No dia 30 de junho, após alguma preparação e sondagem prévia da próxima vítima numa parada gay, o “americano bonito” – conforme adjetivavam suas vizinhas – seduziu e matou um jovem negro de 20 anos, de nome Matt Turner. Repetindo o procedimento efetuado com as vítimas anteriores, Jeffrey distribuiu partes dos ossos descarnados de Turner por todo o apartamento como quem decora uma macabra casa de campo. Nesse ínterim, devorou grandes pedaços do cérebro do garoto negro, juntando o crânio devidamente limpo à sua coleção particular de exóticos souvenirs. A essência de Matt Turner, todavia, não durou mais do que três dias e se esvaiu.

Entre desesperado e confuso, sem se dedicar a nenhuma preparação especial, foi no dia 5 de julho que Jeffrey deu o bote em Jeremiah Weinberger, a quem Jeffrey dedicou uma estratégia diferente, mantendo o rapaz de 23 anos vivo e lobotomizado ao longo de quase dois dias, enquanto lhe devorava a carne, um pedacinho por vez. *Talvez seja uma questão de não comer com tanta pressa*, teorizou Jeff.

A hipótese, contudo, não se confirmou. As memórias de Jeremiah evaporaram em quatro dias, levando Jeffrey a, no dia 12 de julho, atacar outro rapaz negro chamado Oliver Lacy, cuja absorção foi frustrante: durou pouquíssimo. Em sua aloprada falta de cautela, Jeffrey só mantinha como critério razoável a etnia de suas vítimas: negros, asiáticos, latinos. Não convinha escolher rapazes brancos, pois seu sumiço se espalharia nos noticiários tal qual fogo sobre pólvora e, por outro lado, a mídia americana não costumava dar muita bola para não brancos desaparecidos.

Antes de atacar Oliver, Jeffrey constatou que havia algo de especial em Jeremiah: apesar de sua essência também ter se evaporado, ela havia sido a mais intensa e avassaladora que Jeff experimentara nos últimos tempos. Em decorrência dessa constatação, o coração de Jeremiah foi armazenado na geladeira, repleto de memória residual passível de ser absorvida mais tarde.

Durante poucos dias, a carne de Oliver e de Jeremiah se revezaram nas refeições de Jeff. Tudo bem temperado com bastante molho e pimenta.

A sucessão de conquistas e assassinatos começou a angustiar Jeffrey. Ele não via o menor indício de como poderia realizar uma fusão que perdurasse.

No dia 19 de julho, Jeffrey atacou Joseph Bradehoft. Ofereceu dinheiro para que o rapaz comparecesse a uma sessão privada de fotos de nu artístico, quando então o drogou, estrangulou e o consumiu. A absorção de Bradehoft foi a mais terrível para Jeff. As memórias do rapaz não duraram mais do que quinze horas. A capacidade de sustentar a união fenecia a ponto de fazer o americano desejar a própria morte. Se não se matou, foi mais pelo medo de continuar a existir, mesmo sem corpo, do que por falta de coragem. Jeffrey desconfiava, sem ter razões concretas para tal, de que o suicídio não seria seu fim.

Então veio o dia 22 de julho e, com ele, um improvável encontro que representou o fim de suas caçadas. A ansiedade crescia, conduzindo a pouco cautelosa escolha das vítimas. Se tivesse observado com mais atenção e seguido seus instintos de sobrevivência, Jeffrey Lionel Dahmer jamais teria escolhido aquele homem negro e magro chamado Tracy Edwards.

Os sinais estavam todos ali, mas Jeffrey não os percebeu. A simples proximidade de Tracy enchia o ar de estática e o zumbido mental aumentava de intensidade. Apressado, Jeffrey há muito havia deixado de lado as sutilezas e a corte, partindo para a dominação mais acintosa e descarada.

– *Vamos para o meu apartamento? Você está com muita vontade de vir comigo, eu sei* – ordenou Jeffrey, ao se aproximar de Tracy. E não foi sem espanto que o americano ouviu do rapaz negro uma pouco usual resposta:

– Ah tá, só porque você pediu com tanto jeitinho. Vai tomar no cu, seu otário.

Fazia tempo que Jeffrey não encontrava um homem, hétero ou homossexual, que resistisse aos seus comandos, de modo que o desafio se via incrementado de excitação. Outros fatores o

encheram de curiosidade: a nítida eletricidade no ar em torno de Tracy. O fato de a TV do bar começar a dar defeito na hora exata em que eles se aproximaram um do outro. Se soubessem mais sobre suas próprias naturezas, Jeffrey e Tracy teriam saído correndo tão logo se encontraram.

Jeff recuou, ciente de que precisaria apelar para as anti-gas estratégias e aguardar o momento certo de agir. Postou-se em outro ponto do bar, observando Tracy com o canto dos olhos e torcendo para que seu objeto de desejo consumisse álcool suficiente ao longo da noite. De fato, Tracy bebeu uma assombrosa quantidade de cerveja – a única coisa capaz de amenizar o zumbido que tanto o atormentava por anos a fio – e, num dado momento, ficou evidente que estava bêbado.

Agora é a minha vez, disse Jeffrey para si mesmo, num quase sussurro, e foi na direção de Tracy. À medida que andava na direção do rapaz, Jeff sentia a excitação crescer não apenas em seu corpo, como também em seu espírito. Cada um dos cento e cinquenta bilhões de neurônios em seu cérebro alterado, conectados por seus respectivos axônios, passaram a emitir pulsos específicos e todos eles diziam *VOCÊ. É. MEU. VENHA. COMIGO.*

Embriagado, Tracy não teve a mínima chance. Com três simples sugestões verbais, Jeffrey arrastou o rapaz para seu apartamento-laboratório e tudo indicava mais um final como todos os outros. Munido de algemas, Jeffrey as apresentou ao convidado-repasto.

– *Ponha isto* – comandou.

– Ah, cara, você é um destes pervertidos... – balbuciou, rindo, Tracy. – Ok, vamos fazer seu joguinho, vai ser divertido brincar de polícia e bandido. Eu sou o crioulo safado que você prendeu. É assim que você gosta, garotão?

Com um clique, a alga se fechou em torno do pulso direito do futuro jantar. Quando ia colocar o restante no pulso esquerdo, uma imagem tão poderosa quanto um soco na cara assolou a mente de Tracy Edwards. Por dois segundos, ele viu a si mesmo através dos olhos de Jeffrey.

– Mas que merda... que merda é esta? – grunhiu Tracy através dos lábios de Jeffrey. E, então, retornou ao seu próprio corpo.

Entre pasmo e extasiado, Jeffrey não sabia como agir. Por dois segundos, dois maravilhosos segundos, ele havia conseguido realizar uma união completa sem precisar devorar seu parceiro. Ficou com cara de bobo, sorrindo e pensando em abraçar Tracy que, por sua vez, recuou como quem via o diabo.

– Como... como você fez isso? *Faz de novo!* – implorou Jeffrey.

Mais uma vez, a fusão se deu. Por longos cinco segundos, em decorrência de um pouco conhecido fenômeno de entrelaçamento psíquico, a entidade Tracy-Jeffrey emergiu. Mentis distintas tornadas uma, como se nunca tivessem sido separadas. Tudo o que era Jeffrey se tornou Tracy e vice-versa. Não havia memória, por mais ínfima que fosse, inacessível naquele momento. Mas o fenômeno, por qualquer que tenha sido a razão, encerrou-se após exatos cinco segundos e os dois rapazes se viram mais uma vez devolvidos às suas respectivas individualidades.

– O que... o que é você? – balbuciou Tracy, aterrorizado com tudo o que tinha visto.

– Não “o quê”. “Quem”. Meu nome, como você já deve ter descoberto, é Jeffrey Lionel Dahmer – declarou, apossando-se de uma imensa faca de açougueiro. – Eu estou procurando alguém como você há décadas. Décadas! E tem sido muito, muito solitário. Agora que nos encontramos, não vou te perder. *Entre no quarto* – comandou.

Comandou, mas não funcionou. Talvez pelo emaranhamento recém-experimentado, talvez pela diminuição do efeito do álcool em decorrência do choque, a quase irresistível voz de Jeff não causou efeito algum sobre Tracy. A faca teria, então, de falar por si só e consistir argumento suficiente.

– Entre no quarto, Tracy. Não quero te machucar. Mas não posso deixar você ir embora. Não depois que encontrei alguém com quem me unir sem precisar matar. Não tenha medo de mim, eu não sou um cara mau.

Apavorado, Tracy não teve como reagir. Adentrou o quarto daquele que para sempre estaria em sua memória como “o monstro” e tentou pensar nas alternativas: como enfrentar um cara armado com uma faca de cozinha daquele tamanho?

Olhando para o lado, Tracy divisou um grande barril azul e se deu conta do cheiro horrível que saía dali de dentro. Graças à fusão, ele sabia. Era naquele barril de ácido que Jeffrey dissolvia os restos humanos para depois atirar tudo na privada e dar a descarga.

– Não sei por que você está tão chocado – argumentou Jeffrey.
– As pessoas comem carne todos os dias, pois não veem os animais como seus semelhantes. Bichos são comida, Tracy. E nós não somos como os outros. Não somos da mesma espécie deles, só parecemos ser, então quem tem moral pra me julgar? Mas não se preocupe, não pretendo comer você.

– O que você quer de mim? – grunhiu Tracy, entre apavorado e enraivecido.

– Tem sido muito solitário, sabe? Um vazio que eu sinto desde garoto. Eu sou tão, mas tão vazio, que as merdas das estações de rádio e TV não param de me invadir. Eu não aguento mais, Tracy. Não aguento mais. Eu não sou uma pessoa ruim, acredite! Eu só... só... *eu só preciso me preencher*. Eu preciso ser dois. Talvez três. Que tal? Depois que nos tornarmos um, podemos ficar mais fortes ainda encontrando um terceiro como nós.

– Cara, você tá doidão – replicou Tracy.

– Estou? Isso lhe parece loucura? – Jeffrey abriu sua mente e, por puro instinto, evocou a união. Uma explosão de imagens partilhadas se deu, tornando quase impossível manter o senso de individualidade. Tracy se sentia deixando de ser, esquecendo de si mesmo e despertando para uma nova realidade: não havia mais Jeffrey e Tracy como seres distintos. Havia, isso sim, Tracy-Jeffrey, ou Jeffrey-Tracy. *A ordem dos fatores não altera o produto*, pensou a entidade. *Exceto em multiplicação matricial*, raciocinou, a partir dos conhecimentos matemáticos da vida pregressa quando existia apenas Jeffrey Lionel Dahmer.

Jeffrey “vezes” Tracy não era o mesmo que Tracy “vezes” Jeffrey. Se considerarmos cada entidade como uma matriz, como uma pluralidade de entes auto-organizados em vez de um único ente-número, a ordem dos fatores alterava efetivamente o produto. A nova entidade, fruto das duas matrizes, intercalava ambas possibilidades de resultado, oras assumindo uma ou outra

conformação. Em algum momento ocorreria a estabilidade mas, até lá, havia a constante substituição de um resultado por outro. E, por longos cinco minutos, a criatura se pôs a refazer sua própria tessitura:

Jeffrey-Tracy.

Tracy-Jeffrey.

Jeffreyacy.

Tracyrey.

A reordenação contínua se alastrou como uma praga, afetando todo o ambiente circundante. Carregado de resquícios psíquicos acumulados ao longo de meses a fio, o apartamento 213 do número 924 Norte dos Apartamentos Oxford explodiu em descarga emocional, uma nuvem molecular escura que envenenou a vizinhança, penetrando os habitantes através da respiração e os infestando com sentimentos de angústia, vazio, ódio e desejo de morte. Naquela mesma noite uma pessoa se matou e duas outras a seguiram ao longo dos três dias subsequentes. Um marido espancou sua esposa sem motivo aparente, enquanto um garoto de 11 anos – armado com o revólver do pai – atirou em seu melhor amigo em decorrência de uma discussão envolvendo videogames.

A mente da entidade dupla irrompeu num turbilhão caleidoscópico de imagens que tentavam se organizar, fundindo as duas histórias.

Tracy com 10 anos, envolvido numa briga de rua, apanhando mais do que poderia imaginar. Jeffrey com 11 anos, sentado no jardim e olhando as estrelas, pensando no quanto se sentia só. Tracy com 15 anos, tendo sua primeira relação sexual com um primo mais velho. Jeffrey com 17 anos, ao mesmo tempo apaixonado e terrificado com a perspectiva de o garoto abandoná-lo, assim como fez sua mãe. Tracy com 22 anos, experimentando cocaína e odiando a experiência. Jeffrey com 19 anos, dissecando um cachorro e estudando a fascinante anatomia do animal. Tracy, com 25 anos, mais apaixonado do que jamais julgou ser possível. Jeffrey com 21 anos, dispensado do Exército em decorrência de seu alcoolismo. Tracy com 28 anos, louco de alegria por ter conseguido dinheiro para comprar uma guitarra. Jeffrey e Tracy, ambos ouvindo

zunidos e vozes desde os 13 anos de idade. Tracy: seu remédio era o álcool. Jeffrey: seu anestésico se encontrava entranhado na carne de seus amantes.

– Fora... – murmurou o aspecto – Tracy, lutando em vão para se individualizar novamente – FORA DA MINHA CABEÇA, PORRA!

Jeffrey com 28 anos, detido pela primeira vez por molestar um garoto de 13 anos. Tracy com 30 anos, deprimido pelo fim do relacionamento e bebendo até cair na sarjeta. Jeffrey com 28 anos, usando sua poderosa voz no juiz: *Excelência, não me prenda. Recomende-me um tratamento psicológico.* Tracy com 32 anos, vendo Jeffrey pela primeira vez e pensando *como é bonito, pena que seja tão metido.*

Se no emaranhamento o espaço se revelava como a ilusão que era, com o tempo não era nada diferente. Se a separação física de um metro e vinte centímetros entre Jeff e Tracy não fazia sentido nem impedia a união, passado e futuro não tinham por que sustentar seu divórcio. Em vez de cessar no presente, as imagens avançaram rumo a diversos futuros possíveis.

Jeffrey com 32 anos, ostentando o número 177252 na prisão de Columbia. Tracy com 33 anos, convertido a “herói de Milwaukee” e dando entrevistas aos jornais. Jeffrey com 33 anos, aceitando Jesus como seu salvador diante do escurecimento do Sol. Tracy com 36 anos, iniciando um treinamento de corrida e se sentindo muito bem em relação aos zumbidos. Jeffrey com 35 anos, recebendo a visita de um Anjo do Senhor em toda Sua glória. Tracy com 45 anos, envolvendo-se numa briga. Jeffrey com 35 anos, elevado aos céus pelo Anjo do Senhor. Tracy com 52 anos, enlouquecendo com as vozes a ponto de assassinar outro homem na ponte de Milwaukee e sendo aprisionado. Jeffrey com 85 anos, despertando em Muhipu, seu passado convertido em branca folha e sua juventude, preservada. Subitamente, não havia mais futuro para Tracy Edwards. Em seu lugar, restava apenas o vazio do não-ser.

Jeffrey com 85 anos, adotado por Lorena.

Jeffrey com 86 anos, vomitando ao receber a oferta de um pedaço de porco do mato cozido. *Tenho nojo de carne, sou vegetariano.*

Jeffrey com 88 anos, mais feliz do que nunca imaginara ser capaz. *Eu amo Muhipu.*

Jeffrey com 92 anos, ajudando a aperfeiçoar captadores de energia solar.

Jeffrey com 103 anos, conhecendo Paula Carvalho, sua melhor amiga.

Jeffrey com 104 anos, descobrindo onde estava e não contando a ninguém.

Jeffrey com 106 anos, diante de um colosso estelar azul. *Eu lembro... Eu lembro de tudo!*

Jeffrey faminto, de volta para casa.

Aterrorizado com tudo o que via, Tracy Edwards lutou o máximo que pôde.

– SAIA DA MINHA CABEÇA! – gritou Tracy e, com o ricochete mental, Jeffrey escorregou e caiu de bunda no chão.

Tracy aproveitou a deixa e saiu correndo, pulando por cima de Jeffrey. Voou pela porta, com a algema pendurada em seu braço, e correu como nunca imaginou que seria capaz, sentindo o próprio diabo em seu encalço.



Faltavam alguns minutos para a meia-noite, porém o calor úmido do verão não dava sinal de trégua. Os policiais Robert Rauth e Rolf Mueller se sentiram bastante afortunados ao serem enviados para fazer a ronda no lado oeste de Milwaukee. Mesmo rodar por aquele bairro degradado com cheiro de lixo e mijo seria melhor do que ficar no calor escaldante da delegacia, pois o condicionador de ar tinha parado de funcionar.

Quando chegaram perto da 25 Norte, Rolf viu um movimento estranho.

– Mas que diabos... – grunhiu, alertando Robert.

Correndo e olhando para trás como se algo o perseguisse, era possível divisar um homem negro e baixo. Se um negro correndo já seria razão suficiente para a suspeita na imaginação de Rolf e Robert, o fato de aquele rapaz em especial estar algemado numa

das mãos consistia mais do que certeza: ele tinha fugido da polícia. Rolf, vendo a cena, ligou a viatura, acelerou e parou com os pneus cantando ao lado do rapaz.

– Mãos na cabeça e parado, crioulo safado! – ordenou Robert, sacando sua arma.

A última coisa que os dois policiais esperavam era que o cara negro se ajoelhasse, erguesse as mãos para o céu e, aliviado, exclamasse:

– Ai, graças a Deus!

45. ESTAÇÃO SOLAR ALLOSSIANA

ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Após 42 minutos de viagem dentro do globo espacial de Lorena, o trio composto por Arthur, Laura e Martin conseguiu divisar o Sol resplandecendo, titânico, diante deles. A luz irradiada, contudo, não lhes feria os olhos. Algum filtro especial nas paredes da nave impedia que eles sentissem calor ou tivessem seus olhos feridos pela luminosidade estelar.

Orbitando a estrela alienígena idêntica ao Sol, descortinava-se a estação do doutor Ravi Chandrasekhar. Com exceção de Lorena, nenhum deles jamais havia visto ou imaginado algo como aquilo. Ao contrário das construções futurísticas da maioria dos filmes de ficção, a estação de Ravi se assemelhava a um gigantesco cristal bruto de quartzo rutilado.

A nave de Lorena avançou na direção do colosso espacial, não dando mostras de que reduziria a velocidade. Martin ensaiou um grito antevendo a colisão, mas Laura o apaziguou.

– Calma, querido – disse ela. – Vai ficar tudo bem!

Atravessaram a parede da estação sem nenhuma dificuldade, como se fossem fantasmas. Uma vez dentro, viram-se numa ampla sala branca sem móveis, portas ou janelas e puderam divisar uma silhueta humana flutuando a cinco metros acima da cabeça deles. Era Ravi, em posição de lótus. Vagarosamente, o doutor desceu até o chão e caminhou até mais perto do grupo.

– Arthur, Martin, Laura, bem-vindos ao meu lar. Imagino que vocês tenham muitas perguntas.

Martin sempre fora um rapaz impulsivo, mas nem em um milhão de anos concebeu ser capaz de cometer a imprudência de atacar alguém que, ele mesmo imaginava, seria a criatura mais poderosa do mundo. Mas o fato é que, quando Ravi se aproximou o suficiente, Martin o atacou de chofre. Voou sobre o doutor, com o intuito de lhe dar um soco no meio da cara. Ravi sequer se mexeu. Quando o golpe foi dado, o punho de Martin atingiu um duro campo de força que quase lhe quebrou a mão. Diante do grito do amigo, Arthur o acudiu. Impassível, o doutor declarou:

– Existem 243 formas diferentes de deter você, Martin. Crie-me: esta foi a menos dolorosa.

– O que você fez? – perguntou Arthur, enquanto tentava apaziguar Martin, dando a Ravi a deixa para estabelecer as condições daquele encontro:

– Manipulação da força de Van der Waals. Dois elétrons não podem existir no mesmo estado quântico. Quando eles se aproximam demais, repelem-se mutuamente. Quando tocamos as coisas, pensamos que as estamos tocando, o que não é verdade. Na realidade pairamos sobre elas, a menos de um nanômetro de distância. O que eu fiz? Por um segundo, ampliei essa distância para vinte centímetros. Oh, eu poderia tê-lo feito me atravessar, mas ele poderia se esborrachar na parede atrás de mim. Não quero que vocês se firam. Por favor, peço que não me agridam mais uma vez. Prefiro dar aulas de Física num contexto mais civilizado.

Ainda que furioso, Martin se deixou conter. Arthur, por sua vez, queria ouvir o que Ravi tinha a dizer. Quanto a Laura, ela parecia não apenas calma. Parecia feliz.

Atrás deles, tudo começou a se alterar e diversas cadeiras cristalinas surgiram do chão, como que por brotamento.

– Por que não se sentam? Vamos conversar – sugeriu Ravi.

– E o que você tem a oferecer nesta conversa? – questionou, cético, Arthur. – Mais mentiras? Quando me convidou, você disse que me levaria para um lugar no Hemisfério Sul, mas me trouxe pra outro planeta!

O doutor sorriu e, com um gesto, evocou um turbilhão de imagens que revelavam duas estrelas amarelas idênticas. Era possível divisar uma miniatura da Terra flutuando diante deles, assim como outro planeta parecido em coloração, mas com uma conformação de continentes bastante diferente. Ao que parecia, era a miniatura de Neokosmos. Enquanto mostrava o modelo astronômico, Ravi se pôs a confirmar o que Lorena já havia contado:

– Eu não menti, Arthur. Eu nunca minto. Vocês estão, de fato, no Hemisfério Sul. Eu jamais disse que seria o Hemisfério Sul do planeta Terra, disse? Vocês estão em Neokosmos, planeta--réplica da Terra, orbitando Allos, uma perfeita gêmea do Sol do seu mundo. Muhipu é uma das muitas comunidades de Neokosmos. Nós nos encontramos a uma distância de 45,285 anos-luz do sistema estelar de seu nascimento.

Neste ponto, Lorena se intrometeu.

– Gostaria que vocês três entendessem que omitimos a verdade completa para seu próprio bem. Não queríamos apavorá--los diante de uma realidade alienígena, e eu bem sei como tudo isso é chocante.

– Não entendo. Com tanta tecnologia, aposto que vocês teriam como falsificar o céu, simulando as constelações que conhecemos – disse Arthur.

– Falsificar? Eu já disse que não mentimos, meu caro, e falei sério – interrompeu Ravi. – O fato é que a fraca luz combinada de milhares de estrelas energiza vocês mais do que a luz direta de um único Sol. Notava-se isso desde que vocês viviam na Terra. Os piores momentos eram sempre à noite. Há tratamento para isso, mas demanda tempo, tempo suficiente para vocês criarem vínculo com Muhipu e decidirem ficar. Neokosmos é tudo o que a Terra já foi, Arthur. Só que melhor, muito melhor. Um único governo central: a Areté. Tecnologia ecologicamente correta. Animais que corriam risco de extinção, além de tribos indígenas exterminadas, encontraram um paraíso em Neokosmos.

– Passei pelo mesmo terror quando me tornei gover-nadora – interrompeu Lorena. – Se trouxemos vocês para cá, é porque

tínhamos uma boa razão. Cada um de vocês, a seu modo, se encontrava numa situação que expunha não apenas os outros, como vocês mesmos ao perigo extremo. Estamos pouco a pouco retirando todos os HEM-positivos do planeta Terra, para a segurança geral. Com o tempo, íamos contar tudo!

Mais calmo, Martin entrou na conversa:

– Essa baboseira não explica tudo. Vocês poderiam ter nos removido para alguma colônia afastada da cidade em nosso próprio planeta. Eu quero saber o que vocês não estão nos contando.

Laura, sentada na cadeira, permanecia sem piscar, como se estivesse hipnotizada. Arthur havia notado o estranho comportamento da amiga, mas estava mais preocupado com outra coisa. Ele queria a verdade inteira, e Ravi lhe daria, quer quisesse, quer não. *Vai falando, Martin, pensou Arthur, vai distraindo nosso bom doutor.*

Respirando fundo e aquietando a mente do jeitinho que Acauã lhe ensinara, Arthur Coimbra iniciou sua cantilena interior:

Eu sou você. Eu sou Ravi Chandrasekhar.

Eu sou o doutor Ravi Chandrasekhar.

Diante do Sol, inesperadamente foi tudo escuridão.

46. MILWAUKEE, EUA, 22 DE JULHO DE 1991

Diante do rapaz negro, os policiais dividiram suas tarefas: enquanto Robert mantinha a arma apontada, Rolf revistava o suspeito, que tremia, apavorado e chorando.

– Quem é você? Que diabos aconteceu pra você estar correndo com uma algema pendurada no braço? Você fugiu da polícia? – inquiriu Rolf.

– Não... não! Não tô fugindo da polícia, cara. Meu nome é Tracy... Tracy Edwards. Um cara branco muito louco colocou isso em mim e tentou me matar com uma faca de cozinha. Acho que ele me drogou, eu tô vendo coisas. Tá foda, mano, tô com a cabeça fodida! – respondeu.

Robert olhou para Rolf, duvidando da história. A região oeste de Milwaukee era conhecida por ser um dos piores bairros da cidade,

um lugar cheio de prostitutas, traficantes e criminosos das mais variadas laias. A dúvida de Robert, contudo, contrastava com o semblante apavorado de Tracy, de modo que os policiais decidiram investigar melhor tudo aquilo.

– Leva a gente até onde o cara te atacou – disse Rolf.

Os três entraram na viatura e não seguiram para muito longe, chegando rápido nos Apartamentos Oxford. Os policiais bateram à porta do apartamento 213 e foram recebidos por um homem branco, loiro, alto e muito calmo. Um cheiro podre invadiu as narinas de Rolf e Robert quando a porta se abriu, mas a limpeza do apartamento não parecia condizer com o odor. Diante deles, descortinava-se um ambiente acolhedor e muito bem arrumado. Havia até um aquário, onde peixinhos dourados nadavam.

– Olá, policiais, boa noite. No que posso ajudá-los? – perguntou Jeffrey, sorrindo.

– Podemos entrar por um minuto? – pediu Rolf.

– Mas é claro que sim! Vejo que encontraram meu amigo. Tracy, por que você saiu correndo? – questionou Jeffrey com ar genuinamente preocupado. – Vai dizer que você se chateou com nossa brincadeira?

Para Robert, o cara loiro parecia uma simpatia de pessoa. Gostou dele de imediato.

– Brincadeira? Você tentou me matar com uma faca de cozinha! – indignou-se Tracy.

Jeffrey sorriu, expondo seus dentes brancos alinhadíssimos. *Que dentes bonitos!*, pensou Rolf.

– Senhores, por favor, *tudo não passou de um mal-entendido* – declarou Jeffrey, usando pressão psíquica. - Eu e o cavalheiro estávamos namorando, e eu gosto de umas aventuras sexuais mais, digamos, apimentadas. Ele se assustou e, antes que eu pudesse explicar que se tratava de uma brincadeira, saiu correndo. Tracy, eu vou pegar a chave das algemas, está bem?

Rolf balançou a cabeça, rindo da situação. Dirigiu-se a Jeffrey e disse:

– Está bem, está bem. Cavalheiro, peço que se sente no sofá e aguarde enquanto eu mesmo pego a chave das algemas. Onde ela

está?

– No quarto, policial. Em cima da cama. *A cama está limpa, e não há nada no quarto além da cama e da chave* – sugeriu Jeffrey, criando as condições mentais de atenção seletiva para que o policial não notasse o barril azul e as manchas de sangue na coberta.

O problema foi que, por algum motivo – talvez a presença de Tracy –, as pressões mentais de Jeffrey não surtiram o menor efeito.

Rolf Mueller entrou no quarto e notou que, de fato, havia uma grande faca de açougueiro em cima de uma cômoda. Era mesmo algo bem estranho de se ver mas, até então, não constituía evidência suficiente de que uma tentativa de homicídio havia ocorrido. Podia mesmo ser uma brincadeira de mau gosto. *Sadomasoquismo entre viados*, pensou. Virando-se para a direita, notou que uma das gavetas da cômoda estava entreaberta e, dentro do criado-mudo, havia boa quantidade de fotos caseiras. Ao se apoderar das fotografias, Rolf ficou tão chocado que chegou a cambalear para trás. O que as imagens revelavam superava a imaginação mais doentia de qualquer autor de filmes de terror.

Nelas, era possível ver relações sexuais entre Jeffrey e vários corpos parcialmente fatiados. Numa delas, via-se um homem negro cujo tórax tinha sido aberto e as vísceras, desaparecido.

– Filho da puta... – murmurou Rolf.

Andando a passos largos, o policial saiu do quarto e foi direto para a cozinha. Se ele bem tinha entendido o que viu, a geladeira tinha histórias para contar. Ao ver Rolf passando pela sala e indo na direção do freezer, Jeffrey entrou em pânico. *NÃO!*, urrou mentalmente, e o grito psíquico foi ouvido por todos os humanos e animais num raio de trezentos metros em todas as direções. Robert Rauth sentiu sua cabeça formigar e as pernas tremerem. Rolf Mueller, alvo do grito mental, sentiu suas tripas revirarem. Se não fosse a proteção telepática involuntária de Tracy Edwards, os dois policiais teriam caído mortos imediatamente, vítimas de um súbito acidente vascular cerebral.

– Algemas... ponha as algemas nele, Robert! – gritou Rolf, zozzo, para seu parceiro.

Com um salto, Jeffrey pulou do sofá e voou na direção de Robert. Engalfinhados em luta corporal, foram separados por Rolf, que – mais rápido do que julgava ser possível – algemou Jeffrey. Tracy a tudo assistia, aturdido.

Rolf se voltou para a geladeira e a abriu. Demorou dois segundos para sua mente processar o que estava vendo.

– E aí, Rolf? – perguntou Robert, enquanto mantinha Jeffrey dominado.

– Ah, puta merda... Puta que o pariu! Tem... tem uma porra de uma cabeça dentro da geladeira! – respondeu Rolf.

– Como é que é? – indagou, incrédulo, o parceiro.

– E tem uns potes... Cara, acho que essas coisas dentro dos potes são pênis. Essa aberração de merda tem uma coleção de caralhos dentro da geladeira!

Acuado e preso, nada restou a Jeffrey Lionel Dahmer a não ser gritar. Seu uivo foi longo, sinistro e inumano, não se limitando à expressão vocal. Foi também um lamento psíquico tão intenso, doloroso e devastador que tanto Robert quanto Rolf seriam assolados por pesadelos constantes e horrendos até o fim de seus dias.

47. ESTAÇÃO ORBITAL ALLOSSIANA

ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Passaram-se cinco longos minutos até que Arthur se recuperasse do desmaio. Lorena e Martin o acudiram e Ravi nada fez além de materializar um copo de água para que o rapaz pudesse beber. Laura sequer se moveu, como se nada tivesse acontecido. Ao despertar, Arthur olhou apavorado para o doutor e perguntou:

– Quem... o que é você?

– Os seus truques não irão funcionar comigo, rapazinho. Eu não sou um sistema biológico com o qual você possa se fundir –

advertiu Ravi.

– Você é um alien? Um robô? – questionou Martin.

Ravi riu. Lorena, em contrapartida, não via graça nenhuma.

– Garanto que cada molécula minha foi desenhada na Terra, meu caro. Mas não, não sou algo tão simples quanto um robô. Sou uma inteligência autônoma artificial. Sou um sistema binário auto-organizado. Um para cada estrela. Na Terra, vocês conheceram meu Gêmeo, também chamado Ravi. Nós somos a essência do conhecimento acumulado pela Areté ao longo de milhares de anos. Surgimos em 1929, eu e meu irmão, a fim de atuarmos como arquivos vivos. Ele ficou na Terra, enquanto eu fui deslocado para Neokosmos. Cheguei aqui nos anos 80 do século XX. Somos superinteligências em constante contato mútuo, apesar da defasagem de 45,285 anos em nosso processo de comunicação, em decorrência das limitações impostas pela relatividade geral.

O doutor parecia disposto a falar. Arthur considerou que seria, então, uma questão de fazer as perguntas certas e não se deixar enrolar pelo que ele dizia. Mas duas coisas o preocupavam mais do que o doutor: a inquietude agressiva de Martin e a aparente catatonia de Laura. A garota permanecia empertigada na cadeira, como se estivesse num transe leve.

– Quero falar sobre a evacuação planetária – anunciou Arthur. – Por que vocês estão fazendo isso? Por que apenas HEM-positivos e indígenas?

– Estamos fazendo isso porque a Terra vai ser destruída, Arthur – disparou Ravi, enquanto Lorena desviava o olhar, aparentemente envergonhada.

Martin deu um salto na cadeira e se pôs a andar ao redor da sala vazia. Para ele, tudo soava cada vez pior.

– Destruída? Como assim? Vocês pretendem destruir a Terra?

– Nós? Nem de longe, Martin! – esclareceu Lorena. – Veja bem: o sistema binário intitulado “Ravi Chandrasekhar” é um sofisticado computador quântico capaz de vislumbrar probabilidades e mundos possíveis. Em praticamente todas as configurações e cenários aventados, a civilização humana entra em colapso em algum momento indefinido nas próximas décadas. Talvez já tenha até

entrado e nós não sabemos! Cada notícia que recebemos é de 45 anos atrás.

– Mas vocês podem nos ajudar a mudar esse problema de comunicação – declarou Ravi.

– Nós? Como? - inquiriu Arthur.

– Entrelaçamento mental instantâneo. Julgávamos que seria impossível, uma vez que a comunicação interestelar se restringe à velocidade da luz. Não entendemos ainda como isso é viável, mas alguns poucos HEM-positivos demonstram a capacidade de estabelecer contato telepático imediato, independente da distância. É o que você fez com sua ex-namorada, a hoje astrofísica Julia Rivera – explicou Ravi.

– Mas se nós estamos a mais de 45 anos-luz da Terra e eu levei mais tempo do que isso pra chegar aqui, isso significa que Julia tem, atualmente... – calculou Arthur, no que foi interrompido por Lorena, numa declaração que lhe pareceu pesarosa:

– Setenta anos. Julia tem 70 anos hoje em dia. Mas está viva e bem, pelo visto, já que você estabeleceu contato com ela.

Martin balançou a cabeça, entre irritado e preocupado. A perspectiva de ter sido deslocado de planeta o incomodava demais. Na verdade, o apavorava.

– E nosso mundo? Qual o estado dele atualmente? Aconteceu algo de ruim? Quais são esses desastres que vocês dizem que podem acontecer? – perguntou.

Nesse ponto, Ravi se levantou e passou a flutuar na frente do grupo. Abriu os braços, tal qual o maestro de uma sinfonia fúnebre e, ao seu redor, imagens distintas se sobrepunham umas às outras. Asteroides, vulcões em erupção, terremotos, explosões nucleares, fome, guerra, peste. Uma gosma cinza que tomava conta de todo o planeta. Uma explosão tão intensa que quebrava a Terra em pedacinhos.

Os quatro cavaleiros do Apocalipse foram multiplicados por cem ao redor do doutor.

– Dos desastres naturais, cuidamos nós – esclareceu Ravi. – Desviamos asteroides, reduzimos os danos de terremotos e tsunamis. Moderamos vulcões. Mas nem a Areté consegue controlar

os altos e perigosos níveis de complexidade da civilização terrestre. O pior não são os perigos naturais, o pior é a civilização caótica, cancerosa, diversa *demais*, sem um poder central. Vocês se equilibram numa corda bamba prestes a arrebentar, uma corda frágil e superestimada chamada “democracia”. Querem saber o que aguarda a humanidade em algumas das realidades possíveis graças à sua adorada democracia? Relaxem e abram suas mentes, compartilhem minhas percepções. Em cinco segundos, vocês serão capazes de ver o que eu levaria quase uma hora explicando.

Projetada diretamente para dentro da cabeça de cada um dos presentes, a explosão caleidoscópica de eventos irrompeu em todos os seus mais minuciosos detalhes. O mais assustador não foi o que eles viram, mas sim saber que o que Ravi lhes mostrava representava apenas uma ínfima parte de todos os esquemas de realidade que o doutor trazia dentro de si.

Coreia do Norte, entre 2018 e 2110: um ditador maluco, munido de tecnologia dos anos 1940 do século XX, constrói várias bombas de pulso eletromagnético e as lança na direção dos países ocidentais, usando mísseis SCUD. As explosões de alta energia que se sucedem na atmosfera criam uma sobrecarga de corrente elétrica que mata instantaneamente vários HEM-positivos e queima todas as máquinas do planeta – inclusive as da atrapalhada Coreia do Norte –, devolvendo a humanidade inteira a um estágio pré-industrial. O que parecia ser apenas um apagão se revela como definitivo ao longo dos dias. Ao final da primeira semana, o pânico toma conta da população e as cidades são tomadas por saqueadores. O colapso civilizacional que se segue leva trinta anos para ser revertido, e um quinto da população humana morre.

Numa hipótese pior ainda, o pulso eletromagnético atinge um HEM-positivo forte o bastante para se defender. Alguém como Laura ou Lionel. A contraonda de choque gera uma desencadeia um turbilhão probabilístico que gera diversos *strangelets*, fazendo a área continental em cacos.

Afganistão, entre 2012 e 2125: duramente golpeada pela morte de seu principal líder, Osama Bin Laden, a Al Qaeda treina uma criança superinteligente dentro de seus princípios

fundamentalistas. A criança cresce, estuda nas melhores universidades e tem acesso a todo o conhecimento disponível em engenharia genética. Cria então, em seu próprio laboratório doméstico, um devastador casamento do ebola com o vírus da influenza tipo B, mais a transcriptase reversa do HIV. Esse microscópico monstro de Frankenstein se propaga pelo ar e tem tão acelerada taxa de mutação que ninguém consegue descobrir um tratamento que seja vagamente eficaz. Em questão de um ano, noventa e cinco por cento da humanidade morre – inclusive o criador do vírus, que sucumbe feliz com a ideia de ser recebido por quarenta mulheres virgens no paraíso.

Estados Unidos, entre 2011 e 2090: um hacker americano superdotado de nível Alpha-0 encontra uma brecha de segurança no sistema DNS da internet. Em vez de se beneficiar com o que descobriu, raspando o tacho de várias contas de banco ao redor do mundo e fugindo para as praias do Brasil, o sujeito acha que seria “divertido” embolar toda a rede. Oitenta por cento dos sites desaparecem, engolidos por um buraco negro virtual. Um colapso financeiro é desencadeado, os ânimos esquentam, a União Europeia é desfeita, uma guerra civil é deflagrada nos EUA. A distopia que se instaura leva os HEM-positivos a se reunir em agrupamentos ora religiosos, ora esotéricos, com a finalidade de estimular psiquicamente a paz mundial. Após uma colisão de mais de cem *strangelets* ao mesmo tempo, a América do Sul é rachada em quatro pedaços.

Japão, entre 2030 e 2150: os esforços em prol do domínio da nanotecnologia logram êxito, e cientistas japoneses criam robôs do tamanho de moléculas, capazes de se replicar. Tecnologia com “nível Areté”. Esse montador molecular é capaz de criar qualquer coisa a partir dos recursos disponíveis. Seu sistema quântico delicadíssimo em algum momento termina por sofrer interferência diante da presença de um HEM-positivo, e o nanorobô enlouquece, iniciando um processo de replicação enlouquecedor, convertendo tudo o que é biológico em matéria cinzenta. Ao final de alguns dias, a biosfera inteira é devorada pelo nanocâncer e se converte num

gigantesco computador esférico e consciente, sustentado por energia solar.

Enlouquecido pela profusão de cenários tatuados em sua mente, Martin perdeu o controle e pulou da cadeira, aos gritos.

– CHEGA! PARE COM ISSO! NÃO AGUENTO MAIS!

Lorena rompeu o contato e abraçou Martin, que chorava. Com sua voz suave, falou para todos os presentes:

– Entendem agora a importância de remover os HEM--positivos da Terra? A reação de vocês à tecnologia existente coloca em risco tudo o que lá existe. Vocês não são apenas sensíveis a eletromagnetismo. Seu organismo desenvolveu um sistema imunológico psíquico muito poderoso, capaz de colapsar o planeta. Em *todas* as realidades aventadas, vocês causam inadvertidamente um colapso planetário. Não era, então, só uma questão de mover vocês para uma comunidade rural no interior de um país. Eu precisava de vocês aqui, num novo planeta onde as situações são... controladas.

– Não me parece que nos remover resolva o problema, diante de tudo o que vimos – contestou Arthur.

– De fato, apenas reduzimos os danos – corroborou Ravi. – É questão de tempo até que algum desastre ocorra. Os ancestrais de Areté cometeram um grave erro, Arthur. Eles optaram por uma política de não interferência, considerando que a humanidade poderia cuidar de si mesma. As consequências são estas que vemos agora: um mundo tão complexo que se torna imprevisível. Mas vocês podem nos ajudar a mudar isso. Há uma chance muito pequena, mas ela existe.

– Como? – questionou Arthur.

– Existem quatro forças fundamentais no Universo: a força nuclear forte, a nuclear fraca, a gravidade e o eletromagnetismo. A Areté conquistou as quatro, e as manipulamos ao nosso bel--prazer. Nas últimas décadas, contudo, teorizamos a existência de uma quinta força, a mais poderosa de todas: o caos. O caos faz com que todos os sistemas tenham uma taxa considerável de imprevisibilidade. É isso o que gera os futuros possíveis, os cenários alternativos de realidade. Se dominarmos o caos, tudo será

previsível e ordenado. Um mundo sem perigos. E vocês três são capazes de nos fornecer duas coisas de que a Areté necessita.

– E que porra seria? – perguntou Martin, enxugando as lágrimas.

– Arthur tem a capacidade do entrelaçamento telepático instantâneo. Só vi isso em uma pessoa antes, e ela... Bem, infelizmente sua psique é muito avariada. Arthur é estável. E vocês três, juntos, parecem ter o poder de transformar caos em ordem. É preciso apenas treinar essa capacidade, e eu posso ajudá-los neste quesito.

Fisgado por sua natural curiosidade, Arthur se inclinou para a frente, encarando Ravi nos olhos. Sério, questionou:

– Quanto à telepatia, eu confirmo. No que diz respeito à manipulação do caos, não faço ideia. Como você sabe que somos capazes disso?

Ravi sorriu. Fez silêncio por alguns segundos e, então, respondeu:

– Vocês dispararam um efeito de reconfiguração das moléculas programadas de toda Muhipu. A maioria das coisas na vila não é composta por matéria comum, são compostas por átomos programáveis. A presença de vocês fez disparar um efeito de mutações probabilísticas. Vocês três são como um jogo de I Ching ambulante e eu sou a prova viva disso, Arthur. Enquanto converso com vocês, realizo esforço considerável para manter minha forma. Eu também sou feito de átomos programáveis. Desde que vocês chegaram, cada partícula de meu ser tenta se desdobrar num dos muitos egos alternativos que assumi ao longo de minha existência. Juntos, poderemos realizar coisas incríveis. Tornar Neokosmos o mundo que a Terra poderia ter sido e não foi.

– Eu tenho mais uma pergunta – disparou Arthur.

– E o que está esperando? Faça-a – pediu Ravi.

– O que diabos é a Areté?

Sorrindo, Ravi se levantou e parecia preparado para enviar outra onda de informações mentais instantâneas. Então estancou, como se tivesse levado um choque, olhando para um ponto fixo à sua frente. Sem entender o que acontecia, Martin, Lorena e Arthur

se voltaram para trás no momento exato em que puderam ver Laura Boccardo flutuando no ar, dois metros acima do solo, olhos arregalados e sorriso congelado, num transe assustador. Ficaram os quatro estupefatos diante daquela cena, quando então Laura quebrou o silêncio. E o que ela disse gelou cada átomo inteligente de Ravi Chandrasekhar:

– Vocês estão ouvindo? Ele fala comigo... e é lindo. O Sol! O Sol fala comigo... O Sol fala comigo...

**48. MAWRTH VALLIS, PLANETA MARTE, SISTEMA ESTELAR SOL
PRIMEIRO DE MAIO DE 1994, TEMPO DO MERIDIANO DE
GREENWICH DA TERRA**

Sempre que queria ficar sozinho, Ravi Chandrasekhar do Sistema Solar tinha como destino predileto a região conhecida como Mawrth Vallis, no planeta Marte. Esse vale de 636 quilômetros de extensão se localiza a 22.6° de latitude norte e 343.5° de longitude leste, no quadrângulo conhecido como Oxia Palus. Suas rochas em tons claros de argila integravam o mais antigo canal de escoamento pluvial do planeta vermelho, milênios atrás. Ravi caminhava pelo vale, fascinado com os fósseis bacteriológicos que encontrava nas camadas mais profundas do solo, testemunhas de uma época antiga, pulsante de vida. Olhando tudo aquilo, o doutor nunca deixava de filosofar acerca de todas as contingências responsáveis pela quase total extinção da vida marciana, em contraponto ao florescer terrestre. Era evidente que o caos tirava a vida com a mesma generosidade com a qual a criava. Domar essa força, pensava Ravi, tornaria o Universo um lugar muito mais interessante e com menos desperdício de espaço.

Subitamente, um canal de comunicação foi aberto entre Ravi e Helena, retirando o doutor de sua contemplação. Helena era o único membro da Areté autorizado a interromper o líder da organização em qualquer eventualidade. Em decorrência da distância entre Marte e a Terra, o que um comunicava levava quase 9,6 minutos para alcançar o outro. Mesmo com toda a tecnologia da Areté, em tese nada poderia superar a relatividade geral e, até

onde se sabia, nenhuma informação poderia viajar mais rápido que a luz. Mesmo o todo-poderoso doutor tinha seus limites.

– Ravi, desculpe por interromper suas investigações, mas há uma coisa que eu gostaria que você visse, e rápido – declarou Helena. – Já compilei todas as informações e as enviarei diretamente para seu tecnocórtex, ok? Em dez minutos você terá acesso a tudo.

Nove minutos e trinta e seis segundos depois, o sofisticado computador quântico que era o cérebro de Ravi Chandrasekhar foi tomado por uma profusão de informações ao mesmo tempo assustadoras e fascinantes. Ao que tudo indicava, um Eleito, um HEM-positivo clássico havia feito um furdunço na cidade norte-americana de Milwaukee, no Estado do Wisconsin. George Palermo, um dos psiquiatras envolvidos na análise oficial do caso, era um infiltrado da Areté e coletou todo o material genético necessário cuja testagem confirmou a hipersensibilidade eletromagnética de Jeffrey Lionel Dahmer.

Segundo o relatório do doutor Palermo, o indivíduo Dahmer manifestava, além da sensibilidade a campos elétricos e magnéticos, um grau moderado de telepatia ativa a respeito da qual o paciente demonstrava ter boa percepção. Não apenas consciente de sua leve capacidade de controle mental, Jeffrey pelo visto se valia disso para viabilizar seus desejos. Ao se concentrar, o indivíduo sofria sutis alterações de timbre vocálico, mas não era a voz em si que exercia influência sobre os outros. As mudanças na voz não passavam de um sintoma referente ao uso da projeção telepática. Em decorrência disso, o próprio Jeffrey impunha limites involuntários a si mesmo: por ser homossexual, sua falta de interesse por mulheres as tornava em geral imunes à indução psíquica.

À parte o comportamento sociopático, o “caso Jeffrey Lionel Dahmer” não seria muito diferente de outros que Ravi já havia presenciado ao longo de suas investigações acerca dos Eleitos em torno da Terra. Mas uma coisa em especial chamou a atenção de Ravi: de acordo com o doutor Palermo, havia indícios de que Jeffrey era mais do que um telepata leve. Ele era capaz de realizar

emaranhamentos. Dito de forma simples, o psicopata parecia ser dotado da habilidade de dissolver limites individuais, recriando dois ou mais seres como se fossem um só. Jeffrey Lionel Dahmer, em tese, era capaz de anular a ilusão da separação entre entidades biológicas.

O fenômeno do emaranhamento entre partículas subatômicas já era do conhecimento da física quântica. Dois elétrons, ainda que separados no espaço, comportavam-se como se fossem um só quando entrelaçados. Albert Einstein costumava brincar dizendo que se tratava de uma “ação assombrada a distância”. A possibilidade de algo do gênero ocorrer na escala da física clássica, entretanto, parecia não se confirmar. Estudiosos da Areté já haviam considerado o emaranhamento de grandes corpos como uma hipótese viável, mas nada disso havia sido demonstrado. O mais incrível é que talvez – apenas talvez – tal emaranhamento poderia se dar de modo instantâneo, independentemente de onde os dois corpos se encontrassem, contrariando a relatividade geral.

Se isso fosse possível, representaria um notável avanço de comunicação entre as delegações das estrelas gêmeas. Separados por mais de 45 anos-luz, o Ravi do Sol e o Ravi de Allos se viam limitados pelo imenso intervalo entre as comunicações. Não que isso fosse um problema para duas entidades imortais, mas era bem complicado no tocante à gestão dos projetos que ambos desenvolviam juntos. Cada qual só sabia o que tinha acontecido no sistema estelar do outro após 45,285 anos.

A dupla de doutores Chandrasekhar tinha seus limites, mas Jeffrey Lionel Dahmer (seja lá por qual razão) também tinha os seus. Em decorrência de traumas acumulados e má orientação, o rapaz havia desenvolvido o hábito bizarro de devorar os outros como forma de tentar a fusão. Ele era bem-sucedido em decorrência da memória molecular. A carne que devorava tinha lembranças, afinal. Mas tal procedimento se revelava cada vez menos eficiente, quanto mais Jeffrey o repetia. Ignorante de tudo isso, o paciente orquestrou uma série de assassinatos dantescos, devorando uma pessoa atrás da outra, buscando vivenciar o entrelaçamento, todavia sem grandes êxitos.

O relatório do doutor Palermo era pesado e descrevia todas as atrocidades de Jeffrey, mas era também confiante na recuperação do paciente. *Eu sei que parece estranho dizer isso, informava o psiquiatra, mas ele não é uma pessoa má. Além disso, temos nele a oportunidade de compreender melhor o fenômeno do emaranhamento. Recomendo o cancelamento da memória do rapaz, assim como a imediata transferência dele para uma das vilas de Allos.*

O mais interessante no relatório de Palermo era a sua analogia entre a mente de Jeffrey e um fenômeno natural: buracos negros.

Sei que o paralelo que faço pode parecer exótico – declarou Palermo na mensagem gravada. – Mas o que acontece com o indivíduo Dahmer me faz lembrar de uma descoberta astronômica. Lembre-se, Ravi: seu “pai”, Subrahmanyam Chandrasekhar, descobriu que existe um limite de massa estelar a partir do qual os elétrons não são capazes de contrariar a força gravitacional. Uma anã branca só pode ter massa de até 1,44 massas solares, caso contrário colapsa e se torna um buraco negro. Este é o “Limite de Chandrasekhar”. Pense no pobre Jeffrey Lionel Dahmer como uma estrela que ultrapassou esse limite. Ele não suporta a própria “gravidade” e entrou em colapso, convertendo-se num buraco negro humano que busca engolir todos os que dele se aproximam. Ele não vai parar. Nada pode tamponar um buraco negro. Para curá-lo, é preciso recriá-lo em essência.

A analogia não deixava de ser interessante, embora Ravi a visse mais como uma metáfora do que como ciência real. De um modo ou de outro, era fato inconteste que tudo na existência tinha seu limite: de estrelas a indivíduos, todas as coisas traziam consigo uma fronteira cuja ultrapassagem seria por demais perigosa.

A ideia de que Jeffrey Lionel Dahmer não era “essencialmente maligno”, mas sim distorcido pelas condições ambientais, era fascinante para Ravi. Há muito que o sistema binário auto-organizado chamado “Ravi Chandrasekhar” postulava que, pelo menos no caso dos HEM-positivos, a maldade e a inclinação ao crime não passavam de reações psiquiátricas à influência eletromagnética ambiental. Surgia, então, a questão: que tipo de

peessoa Jeffrey se tornaria em Muhipu? Seria, de fato, um experimento interessante. Além de tudo, para Ravi parecia que o psicopata tinha, de fato, sentimento de culpa e ciência dos horrores que cometera. Contrariando as orientações do próprio advogado, Jeffrey Lionel Dahmer se declarou culpado e pediu ao juiz para ser encarcerado pelo resto da vida. Assim dizia sua última declaração, antes de ser sentenciado à prisão perpétua:

Meritíssimo, acabou agora.

Este nunca foi um caso de tentar escapar, eu nunca quis a liberdade, sinceramente eu queria a morte para mim. Este é um caso para dizer ao mundo que eu fiz o que fiz, não por razões de ódio, eu nunca odiei ninguém. Eu sabia que era doente, ou perverso, ou ambos. Agora eu acredito que era doente. Os médicos disseram sobre a minha doença e agora eu tenho alguma paz.

Eu sei quanta dor eu causei. Eu tentei fazer o melhor que pude após ser preso, amenizar, mas não importa o que eu fizesse, eu não poderia desfazer o terrível dano que causei. Me sinto mal pelo que fiz àquelas pobres famílias e eu entendo sua raiva.

Decidi passar por esse julgamento por inúmeras razões. Uma das razões era deixar o mundo saber que isso não era crime de ódio. Não sou racista. Eu gostaria que o mundo e Milwaukee, a qual eu profundamente machuquei, soubessem a verdade do que eu fiz. Eu não queria questões não respondidas. Todas as questões agora foram respondidas. Eu queria saber exatamente o que me levou a ser tão mau e perverso. Mas, acima de tudo, o Sr. Boyle e eu decidimos que talvez houvesse uma maneira de dizer ao mundo que, se existem pessoas por aí com esses transtornos, talvez eles possam receber alguma ajuda antes que eles acabem sendo feridos, ou antes de ferir alguém. Eu acho que esse julgamento fez isso.

Eu vi as lágrimas das famílias e se eu pudesse dar minha vida para trazer seus entes queridos de volta eu faria. Eu sinto tanto...

Eu sinto muito pelas pessoas que machuquei. Eu machuquei minha mãe, meu pai e minha madrasta. Eu amo muito todos eles. Eu espero que eles possam encontrar a mesma paz que estou procurando.

Passado algum tempo, Ravi recebeu nova mensagem de Helena.

– Ravi, quero dizer pra você que, apesar de entender os argumentos de Palermo e mesmo ciente de que podemos deletar as memórias do indivíduo Dahmer, seria terrível se apenas o tirássemos do cárcere. Isso devastaria a vida de muitas famílias, que se sentem apaziguadas pela prisão do assassino de seus parentes. Além do que, geraria uma insegurança geral. Imagine como seria termos um psicopata supostamente foragido? Inocentes pagariam por isso, e a paranoia estaria instaurada.

Ravi Chandrasekhar apreciava por demais a companhia de Helena ao seu lado. Ela era sua âncora com a humanidade. As preocupações, contudo, não procediam, pois o doutor já havia rodado milhares de cenários enquanto recebia a mensagem e sabia muito bem como proceder de modo a acabar com o que Jeffrey representava de uma vez por todas. A operação selecionada demandaria sutilezas e uma devida preparação do terreno. E o melhor de tudo: a natureza o ajudaria em sua dramatização, já que em nove dias um eclipse solar seria visível nos Estados Unidos. Palermo havia detalhado algumas superstições de Jeffrey no tocante ao sobrenatural, e elas talvez fossem úteis para a pequena novela que seria engendrada. Até os astros estavam a seu favor.

Rearranjando os próprios átomos e assumindo morfologia ovoide, mais adequada para a navegação interplanetária, Ravi partiu como uma foguete na direção da Terra, deixando para trás o planeta vermelho e toda sua deliciosa solidão.

49. PENITENCIÁRIA DE PORTAGE, WISCONSIN, EUA 27 DE NOVEMBRO DE 1994

Acionado pela Areté, o pastor infiltrado conhecido como Roy Ratcliff havia cumprido muito bem o seu papel, batizando o canibal de Milwaukee no exato momento do eclipse anular do Sol, em 10 de maio de 1994. Eclipses eram uma curiosa coincidência cósmica passível de ser explorada. O fato de os discos do Sol e da Lua terem o mesmo tamanho quando vistos a partir da Terra no preciso

momento da história do planeta no qual podiam ser apreciados por olhos capazes de entender o que viam, tudo isso junto costumava gerar a crença de uma ação divina que a tudo coordenava. O evento celeste havia, por conseguinte, conferido um ar de notável dramaticidade à conversão cristã de Jeffrey Lionel Dahmer que, por sua vez, havia se tornado um dedicado estudioso de temas bíblicos.

Palermo estava certo em seu diagnóstico: havia algo de bom no rapaz. Era perfeitamente possível visualizar uma vida alternativa na qual o paciente seria um cidadão construtivo, praticante do bem. Mas Palermo também estava correto ao afirmar que o americano tinha, sim, consciência de suas ações. Ravi discordava, contudo, no tocante à questão da escolha. Teria Jeffrey de fato o poder de escolher como agir diante do mundo? A Areté se dividia quanto a isso. Como fazer escolhas racionais e acertadas com o cérebro assolado por uma esquizofrenia induzida e tudo isso piorado pelo abuso do álcool? Por outro lado, a acachapante maioria dos Eleitos, mesmo nas mais agudas crises de insanidade, jamais procedia como Dahmer. À parte as contradições dentro da Areté, todos concordavam num ponto: ele precisaria ser removido do planeta Terra, sua memória deletada e deveria ser inserido numa vila cujo contexto cultural não fosse nem vagamente parecido com a cultura norte-americana. Jeffrey não poderia ter nenhum elemento de conexão que lhe permitisse rememorar sua vida pregressa, e deveria ser monitorado pelo resto da existência. Dada a sua alta periculosidade, jamais poderia se tornar um governador, muito menos ser aprimorado pela tecnologia da Areté.

Mais: se era mesmo capaz de realizar entrelaçamentos, deveria haver algum indício biológico de tal capacidade. Estudá-lo seria fundamental.

Naquela noite de domingo, ao se aproximar da Penitenciária de Portage, Ravi Chandrasekhar da Estrela Sol já havia reconfigurado sua morfologia, comandando as moléculas do próprio corpo de forma a se conceder uma aparência exótica e luminosa suficiente para envolver Jeffrey no necessário teatrinho. Entrando com facilidade pela porta da frente da prisão, Ravi bloqueou a percepção de todos à sua volta até chegar à cela do temido canibal.

Jeffrey tinha passado a noite lendo o Salmo 34 da Bíblia. *O anjo do Senhor é sentinela daqueles que o temem, e os livra* era sua passagem favorita. Adormeceu, um tanto perturbado pelos zumbidos eletrônicos persistentes atravessando seu cérebro. Não dormiu nem uma hora, quando despertou em decorrência de uma estranha luminosidade azulada que vinha do outro lado das grades. Levantou-se devagar e tentou fazer com que seus olhos se adaptassem à escuridão, porém não precisou de muito tempo, uma vez que a luz azul havia se tornado mais intensa. Entre aliviado e espantado, percebeu que a estática em sua mente havia desaparecido. Ao identificar o que tinha diante de si, Jeffrey ficou de boca aberta, o queixo pendendo numa expressão abobalhada.

– Jeffrey Lionel Dahmer, eu vim lhe fazer um convite – anunciou Ravi, enquanto flutuava a dois metros do solo. Havia assumido uma forma antropomórfica de um branco claro e homogêneo, irradiando uma belíssima aura azul.

Jeffrey imediatamente caiu de joelhos.

– Oh meu Deus! – balbuciou o prisioneiro. – Você... você é um Anjo do Senhor?

– Eu sou aquele que veio lhe tirar da prisão física e espiritual na qual você adentrou, Jeffrey Lionel Dahmer. Você aceita vir comigo? – indagou Ravi.

– Sim! Oh, sim, claro que sim! Obrigado meu Deus, obrigado! – respondeu Jeffrey, com o rosto lavado em profusas lágrimas. – Para onde iremos?

Com um simples gesto da mão esquerda de Ravi, o teto da prisão se tornou transparente, revelando o céu noturno em toda a sua fulgurante beleza estelar.

– Para o céu, Jeffrey. Iremos juntos para o céu, para um lugar sem dor, sem sofrimento e onde a morte não existe. Iremos para um Novo Éden, na décima oitava estrela da Constelação do Escorpião.

Jeffrey ria e chorava ao mesmo tempo, constatando que a simples presença do Anjo do Senhor consistia sinal de sua importância e dignidade. Suas preces haviam sido escutadas, e ele se esforçaria ao máximo para fazer jus a tamanha dádiva.

De repente, uma lembrança o assolou. Jeffrey bem sabia o que os homens eram capazes de fazer aos anjos. Tinha lido tudo na história de Sodoma e Gomorra.

– Meu bom Anjo, temos de ter cuidado! Se o virem aqui, tentarão destruí-lo! – advertiu Jeffrey.

– Providenciei para que todos durmam, inclusive os guardas. As câmeras não nos gravarão. Venha, meu filho. É hora de irmos – E, dizendo-o, a porta da cela se abriu como que por magia. Ravi estendeu a mão na direção de Jeffrey que, por sua vez, a agarrou com respeitosa hesitação. No imediato momento em que se tocaram, Ravi fez Jeffrey desfalecer.

– E aqui termina para sempre a sua triste história, meu rapaz. Que outra comece, esperemos que melhor.

Minguante naquela noite, a Lua foi a única testemunha da discreta saída de Jeffrey Lionel Dahmer do planeta Terra.



Duas horas depois, foi a vez de Ravi desempenhar se-melhante teatro com Christopher Scarver, um prisioneiro evidentemente psicótico que deveria estar internado num hospital psiquiátrico, mas jamais preso numa penitenciária comum. Considerando que Scarver era negro, não era de estranhar que recebesse aquele indevido tratamento. A seletividade do racismo humano enojava Ravi. Se fosse preciso uma prova maior da incapacidade mental de Scarver, ele a providenciaria. E, assim, resolveria dois problemas de uma só vez.

Diante da cela do prisioneiro, flutuando e resplandecendo no mais celestial tom de azul, Ravi iniciou seu discurso:

– Carpinteiro, meu bom carpinteiro, trago boas novas.

Ao despertar, Christopher Scarver aceitou na hora tudo o que via. Era muito religioso e já costumava conversar com anjos em sua mente. Só não imaginava ser digno de receber a visita de um, tampouco de ser chamado pela designação profissional de um passado tão distante. Christopher havia, de fato, sido um ótimo

carpinteiro, e sentia orgulho de atuar na mesma profissão do pai adotivo de Jesus Cristo.

– Deus! Meu Deus! Um anjo! – exclamou o prisioneiro.

– Tenho uma missão para você, Christopher Scarver. Um grande mal caminha entre nós, e você foi o escolhido para eliminá-lo da face da Terra – anunciou Ravi.

– Uma missão? Para mim? O que o Senhor desejar! Sou seu servo dedicado!

Com um comando mental, Ravi fez com que todas as moléculas de seu corpo artificial se rearranjassem, assumindo a perfeita aparência de Jeffrey Dahmer.

– Este homem que você ora vê é o mal encarnado. Agente do demônio. Amanhã, quando vocês se encontrarem, queremos que o mate. Não tenha piedade. Destrua-o – determinou Ravi.

Christopher Scarver sorriu, irradiando a mais pura felicidade. Ser escolhido por um Anjo do Senhor para atuar como sua Espada era bem mais do que poderia ter sonhado para si. Determinado, não falharia.

Ravi lhe agradeceu e voltou para a cela de Jeffrey, mantendo a forma do canibal de Milwaukee, enquanto o verdadeiro se encontrava em plena migração interestelar. Nessa forma Ravi Chandrasekhar permaneceria, até toda aquela novela terminar no dia seguinte, quando ele mesmo seria “assassinado” no lugar de Jeffrey Lionel Dahmer.



Jornal Daily Register, 29 de novembro de 1994.
Dahmer assassinado na Penitenciária de Portage.

Primeiro caso de assassinato na CCI desde sua construção.
Por Troy Laack, para o Daily Register.

PORTAGE – O assassino serial Jeffrey Dahmer foi assassinado durante um ataque no começo da manhã desta última segunda-feira, aparentemente por outro colega de prisão, na academia do Instituto Correccional de Columbia, em Portage.

O delegado Jim Smith informou que Dahmer morreu em decorrência de um severo traumatismo craniano.

Autoridades disseram que Dahmer foi transportado para o Hospital do Divino Salvador em Portage, onde foi declarado morto às 9:11 A.M. Ainda segundo as autoridades, o prisioneiro Christopher Scarver foi o agressor e alega ter sido orientado por um Anjo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Scarver está atualmente cumprindo pena por outro assassinato cometido anos atrás. Aventa-se a possibilidade de transferência de Scarver para um hospital psiquiátrico, local mais adequado para lidar com sua demência.

Ao longo da última segunda-feira, desde que o Departamento de Polícia de Portage recebeu a solicitação de uma ambulância às 8:26 A.M., os oficiais não disseram muito sobre o incidente. Smith disse que o corpo de Dahmer foi transportado para o Hospital Universitário de Wisconsin para uma autópsia. A causa da morte deverá ser determinada pelo patologista que realizar o procedimento, disse o delegado.

**50. HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE WISCONSIN,
EUA 28 DE NOVEMBRO DE 1994**

O corpo de Jeffrey Lionel Dahmer jazia estendido sobre a maca hospitalar, sem nenhum sinal vital. Havia sofrido diversos traumas na cabeça, todos muito graves, em decorrência das duras pancadas perpetradas por Scarver, munido de uma barra de ferro. Diante do cadáver estava a doutora Elizabeth Montgomery ladeada pelo enfermeiro Mark Anderson. Ainda que fosse muito bem treinada, Elizabeth estava ciente de uma vontade de rir que não lhe abandonava as entranhas.

– Mark, você pode ir. Cuidarei disso sozinha – anunciou a médica.

– A senhora tem certeza? Eu posso ajudar, sem problemas – declarou o enfermeiro.

– Oh, sim, tenho certeza, querido. Na verdade, preciso que você auxilie o professor Thompson numa aula para os estudantes do primeiro ano de Medicina, na sala 304. Eles também estão fazendo

uma autópsia por lá, e sabe como é Thompson. Ele com certeza vai precisar de ajuda quando algum dos garotos desmaiar...

– Então tudo bem, até logo e boa sorte – aquiesceu Mark, despedindo-se.

Ao se perceber sozinha, Elizabeth relaxou e começou a rir. Os olhos de Jeffrey se abriram na maca, e o cadáver esboçou um sorriso amarelo.

– Você acha tudo isso divertido, não é mesmo, Elizabeth? – perguntou Ravi, em sua forma alterada.

– Olha, você me desculpe, mas isso tudo é digno de um filme B. Sei que foi necessário, mas convenhamos: que cena ridícula! O rapaz foi resgatado com sucesso, imagino. Ele já foi enviado para Neokosmos? – perguntou a médica.

Sentado na maca, o cadáver de Jeffrey Dahmer sofreu paulatina alteração morfológica, até se converter na imagem saudável de Ravi Chandrasekhar.

– A esta altura do campeonato, estimo que o rapaz já tenha ultrapassado a órbita de Saturno. Em 50 anos, ele chegará ao seu destino. Já transmiti todas as informações necessárias e sugestões de procedimento para o Gêmeo, em Allos. À medida que viaja, o cérebro de Jeffrey Lionel será recondicionado e terá suas memórias deletadas. De quase nada se lembrará. Talvez do próprio nome. Também preservará algumas habilidades, como o domínio da língua inglesa e todas as outras coisas básicas que o fazem um adulto funcional. Se apagássemos tudo, ele viraria um vegetal.

– Bem, você sabe que terá de assumir a forma do cadáver de Dahmer até que ele seja enterrado, Ravi. Depois, pode sair. Em menos de dois dias, o simulacro biológico dele estará pronto e poderá ser colocado dentro do caixão – recomendou Elizabeth. – Mas até lá, imploro que seja discreto e permaneça quieto como um verdadeiro cadáver. Não quero lendas urbanas de zumbis em meu hospital.

– Oh, não se preocupe, minha cara – replicou Ravi, rindo. – Permanecerei tão inanimado que até você chegará a duvidar que sou eu, e não um corpo. Não se preocupe comigo, eu jamais me entedio.

– Admito que sua ideia foi genial. Para todos os efeitos, Dahmer terá sido assassinado, e ninguém se revoltará ou temerá por sua suposta fuga. Só não é lá muito ético fazer as pessoas crerem que o cara morreu, devo dizer – opinou Elizabeth. – Eu achava que você não mentia.

– “Fazer crer”? – contestou Ravi. – Não se trata de “fazer crer”, Elizabeth. O prisioneiro Dahmer morreu assim que saiu da Terra. O que saiu daqui foi uma pessoa, e o que chegará em Neokosmos será outra. Sua memória será apagada pouco a pouco, até que reste apenas o essencial.

– Se você diz... – contemporizou Elizabeth. – Mas, por curiosidade, para qual das vilas Dahmer será transferido? Imagino que o enviarão para uma comunidade latina. Quanto menos elementos de recordação de sua vida pregressa, melhor.

– Muhipu – informou Ravi. – Dahmer viverá na Vila Muhipu até o fim de seus dias.

51. ESTAÇÃO SOLAR ALLOSSIANA

ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 78 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Fascinado como se estivesse diante de um evento cósmico jamais testemunhado, Ravi Chandrasekhar da estrela Allos iniciou imediatamente as sondagens em Laura Boccardo. As leituras que ele obtinha ultrapassavam todas as escalas. A garota permanecia flutuando, dois metros acima do chão, num estado que parecia ser uma espécie de êxtase místico.

– Não compreendo! – exclamou Lorena para Ravi. – Eu pensei que você não tivesse feito modificações nesta menina!

– E não as fiz! – respondeu Ravi, pasmo como nunca antes havia ficado. – Não há nenhum traço de tecnologia Areté no organismo dela. Estamos diante de um fenômeno paranormal genuíno.

– Não pode ser! Como isso é possível? – contestou Lorena.

– Fenômenos naturais que ainda não compreendemos. A Areté não conhece tudo, minha cara. Não existe magia, apenas ciência

desconhecida – lembrou o doutor.

Laura flutuava, e seus globos oculares haviam girado em suas órbitas, de modo que a íris não era mais vista. Apenas duas bolas brancas despontavam onde antes figurava um lindo par de olhos azuis. Preocupado com a amiga e amante, Martin se aproximou e a chamou, carinhosamente:

– Laurinha, você pode me ouvir? Você está bem?

De repente, um arrepio tomou conta de todos, como se uma corrente elétrica suave tivesse atravessado o grupo. As paredes e o chão da sala começaram a se reconfigurar, mudando de cor, do mesmo modo que havia ocorrido com a nave pessoal de Lorena. Um som surgiu de todos os cantos da nave, tão longo quanto profundo. A voz era de Laura, mas não apenas de *uma* Laura.

Era o som do cântico de todas as Lauras de todas as realidades possíveis.

Vande 'ham...

A governadora, em pânico, olhou para Ravi.

– Por Cronos e Reia! Por tudo o que é mais sagrado! Ela vai despedaçar a estação orbital! Vamos todos ser engolidos pelo Sol!

...Sri-guroh... Sri-yuta-pada-kamalam...

Arthur correu na direção da amiga e gritou o mais alto que podia:

– Laura! Pelo amor de Deus, Laura! Acorde!

– Mantenham a calma, eu irei tentar me comunicar com ele – disse Ravi.

– Ele?! – espantou-se Martin.

– O Sol. O Sol a possuiu – explicou, fascinado, Ravi.

Laura Boccardo, entretanto, não dormia. Na verdade, nunca estivera mais desperta em toda a sua curta vida. Emaranhada ao próprio Sol que iluminava aquele sistema, Laura se encontrava sem palavras que pudessem comunicar o que estava sentindo. Seu senso de identidade – a ilusão fundamental à qual todo ser humano se atracava – concernia não mais a ela mesma, mas abarcava todos os átomos circundantes.

...Sri-gurun... ...vaisnavams... ...caaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa...

O brilho fotosférico ribombava na mente de Laura, de modo que a ela – e apenas a ela – havia sido dada a autorização de encarar a face de Deus sem ser de pronto fulminada. Sentia dentro de si o vento solar freando a rotação da estrela, ao mesmo tempo que tomava consciência da nucleossíntese em curso no astro vivo. Núcleos de hidrogênio se fundindo e criando um núcleo de deutério. O deutério se fundindo com outro hidrogênio, fazendo surgir um isótopo do hélio.

*...Sri-rupam sagrajam... ...saha-gana-raghunathanvitam...
...tam... ...sa-jivaaaaaaam...*

O Sol não tinha a menor consciência das criaturas de carne que nasciam e morriam em sua órbita, tanto quanto nenhum dos humanos ou animais tinha a mais vaga percepção de que o astro que os iluminava era, ele mesmo, vivo de um modo único, cuja natureza lhes escapava. Naquele momento, Laura Boccardo recebeu sua Revelação: *tudo é vivo*.

Se para Laura o coração pulsante do Sol se desvelou, o contrário também valia. Num átimo de segundo, a estrela amarela classificada como de tipo-G pelos astrônomos se deu conta de que existia outro tipo de vida no Universo. Um tipo de vida da qual ela jamais se dera conta, tão infinitamente pequenas que eram tais criaturas. Dentre as quatro entidades que o Sol via diante de si através dos olhos de Laura, uma em especial lhe chamava a atenção. Ao contrário dos outros entes, aquele em específico parecia não ter forma definida, existindo numa encruzilhada de múltiplas possibilidades. Interessado em manter contato com o que parecia ser uma estrela em miniatura, a entidade chamada de Allos moveu a mão esquerda de Laura como se a garota fosse uma marionete e, como que por magia, o corpo de Ravi Chandrasekhar começou a mudar a olhos vistos, convulsionando.

– Ravi! – alarmou-se Lorena. – O seu corpo!

Quando Ravi Chandrasekhar foi criado pela ciência da Areté no ano de 1929 e dividido em duas entidades gêmeas, muitas formas foram aventadas para ele. Assim como os móveis de Muhipu tinham passado por uma longa etapa de planejamento, com muitas possibilidades de design aventadas, os criadores de Ravi

deliberaram sobre a aparência principal que ele deveria ter. Após alguma discussão, concluiu-se que ele deveria ter um aspecto indiano em homenagem a Subrahmanyan Chandrasekhar, o garoto de intelecto Alpha-0 que havia contribuído para a criação da entidade. O sistema binário "Ravi" seria, para todos os efeitos, o filho de Subrahmanyan.

Mas naquele exato momento, diante do deva solar batizado pelo próprio Ravi de "Allos" (não que a estrela se importasse com nomes... o conceito em si sequer lhe interessava), a matriz morfológica do doutor disparou uma metamorfose alucinante. Incapaz de sustentar uma forma estável, Ravi Chandrasekhar gritou pela primeira vez em sua longa vida, enquanto suas moléculas se remontavam em altíssima velocidade. Indiferente à agonia do doutor, a canção estelar perseverava ao redor de todos:

...Sadvaitam savadhutam parijana-sahitam... ...krsna-caitanya-deeeeeevaaam...

– Laura, por favor, pare! – gritou Lorena.

Martin e Arthur se encontravam estatelados, sem saber o que fazer.

– Não Laura aqui – disse a voz que vinha de toda a nave. – Sim, apenas EU. EU feliz, amoroso, satisfeito com contato. EU puro júbilo com presença de todos feitos de matéria de Irmão. Fabricados no coração de Irmão. Criaturas de Irmão visitar EU.

– Grande Cronos... – sussurrou Lorena, apavorada.

Reunindo o máximo de esforço que podia, Ravi se determinou a reagir. Ciente de que sua própria existência estava sendo ameaçada, ainda que sem intenção maligna por parte da inteligência estelar, Ravi voltou sua atenção para Laura. Se a ferisse, o contato seria rompido e o Sol perderia a noção da existência de todos eles.

– Não... não é nada... nada pessoal, Laura... – declarou o doutor, agonizando, prestes a disparar raios gama concentrados na direção da garota que levitava. Uma descarga energética perfeitamente calculada para ferir o organismo Laura-Sol, desfazendo a conexão. Tal descarga mataria qualquer criatura, exceto a superentidade que se desvelava aos olhos de Ravi.

Vendo o que estava prestes a ocorrer e agindo sem pensar direito, motivada por seu instinto protetor, Lorena se atirou entre Laura e Ravi.

– NÃO! – gritou a governadora, na hora exata em que recebeu toda a descarga fatal e morreu imediatamente.

– LORENA! – exclamou Martin. – Ravi, o que você fez?

– Eu não... eu não queria... – balbuciou o doutor, cujas moléculas haviam se separado tanto que conferiam a ele a imagem de um homem que evaporava.

Naquele exato momento, todos puderam divisar outra pequena nave globular adentrando a estação orbital. Era Clarice, que tinha resolvido ir até Ravi alertá-lo sobre os riscos do retorno da memória de Lionel. Assim que viu Laura flutuando em transe e Lorena incinerada no chão, Clarice imaginou o que tinha acontecido e atacou Laura com todo o poder de fogo que possuía em seu corpo modificado.

Foi insuficiente.

Laura permaneceu flutuando impassível no mesmo lugar, a despeito do ataque elétrico contra ela perpetrado. Clarice, todavia, conseguiu chamar a atenção da entidade que se apossara do corpo da garota. Com um gesto da mão esquerda de Laura, todos os nanocircuitos da psicóloga fritaram e seu cérebro recebeu a indução certa para um acidente vascular cerebral fulminante. Clarice morreu tão rápido que nem teve tempo de entender o que estava lhe acontecendo.

Ignorando por completo Martin e Arthur, Laura flutuou na direção de Ravi, cuja estrutura molecular se desintegrava rapidamente. A entidade se comunicou pela última vez em linguagem humana:

– *EU conhecer não-eu.*

– Laura, por favor... – apelou Ravi.

– *Não Laura aqui.*

Arthur e Martin estavam paralisados de terror. As paredes da estação pareciam se desfazer, e eles sabiam o que aconteceria: seriam todos fulminados pela estrela Allos. Ravi tentou um último

recurso, iniciando uma intrusão telepática no cérebro de Laura Boccardo.

Foi uma péssima escolha. A entidade se enfureceu.

– Não-eu vem até EU e estuda EU. Invade EU. Tenta dominar EU. Não-eu, coisa pequenina e incômoda... Não-eu é nada! Menos do que nada!

E, num átimo de segundo, as forças atômicas no corpo de Ravi Chandrasekhar se desfizeram e seus átomos se dispersaram como pó diante do invencível tufão cósmico.

...Sri-radha-krsna-padan... saha-gana-lalita-sri-visakhanvitams... caaaaaaaaaa...

Subitamente, todas as paredes da estação orbital se tornaram lousas digitais, em que a matriz solar foi estampada. Por todos os cantos, numa repetição infinita, o Quadrado Mágico do Sol se impôs.

E a soma de todos os seus números era 666:

06 32 03 34 35 01
07 11 27 28 08 30
19 14 16 15 23 24
18 20 22 21 17 13
25 29 10 09 26 12
36 05 33 04 02 31



As polêmicas hipóteses que sustentavam a possibilidade de um entrelaçamento quântico instantâneo estavam certas. Numa distância de 45,285 anos-luz de Allos, o Ravi Chandrasekhar da Terra se preparava para subir ao palco para dar uma palestra na Universidade de Cambridge, porém usando outro aspecto físico. O dia era 4 de abril de 2070, o preciso momento terrestre equivalente àquele no qual o conflito se deu na órbita da estrela Allos. Em seu recém-assumido propósito de controle dos governos terrestres, Ravi costumava tomar a forma da presidente da Organização das Nações Unidas, uma italiana de 62 anos falecida há três anos, Rosa

Domasco. Através de suas múltiplas personalidades e agentes, Ravi conseguia influenciar os novos rumos políticos da Terra, após o colapso plástico ocorrido trinta anos antes. A “Operação Reiniciar” fluía de vento em popa.

A falsa Rosa Domasco subiu ao palco ao som de efusivos aplausos. Em grande parte graças aos seus esforços, os governos da Terra haviam assinado um pacto que proibia a interferência de religiões na vida política de qualquer nação. Todos os países seriam geridos por princípios estritamente laicos. O fundamentalismo religioso havia sido classificado como crime inafiançável. E, é claro, os atuais presidentes eram quase todos da Areté. O passo seguinte, “dissolver fronteiras”, estava prestes a ser dado, e seria exitoso tão logo a operação “uniformizar culturas” chegasse ao final.

Dezenas de jornalistas se apinhavam, buscando um bom ângulo para fotografar Rosa Domasco. Diante da plateia de mais de trezentas pessoas e filmada por várias emissoras de TV, a presidente da ONU iniciou seu discurso.

– Meus caros, estou aqui diante de vocês para, com grande satisfação, anunciar que conquistamos uma etapa importante no que diz respeito às nações do Planeta Unido. Os protocolos que 06 assinamos contribuirão para 32...

A falsa Rosa estancou. Conseguia sentir alguma forma de intrusão em seu sistema. A hipótese de uma invasão não fazia sentido, uma vez que algo do gênero implicaria uma tecnologia igual ou superior à da Areté. Respirou fundo, sentiu-se melhor e continuou:

– Desculpem. Como eu dizia, assinamos os protocolos que estabelecem as condutas fundamentais para a atividade política 03 34...

Na mente da falsa presidente da ONU, a voz de Helena surgiu, temerosa:

– Ravi, você está bem? O que está acontecendo?

– Eu não sei – respondeu o doutor mentalmente. – Alguma tentativa 01 de intrusão 07.

– Ravi, não é só isso! Você está mudando de forma na frente de todo mundo! – berrou telepaticamente Helena.

Foi então que a falsa Rosa Domasco se deu conta das expressões aparvalhadas das pessoas diante dela. Vendo a si mesma no telão do auditório, percebeu que não apenas seus cabelos haviam mudado de cor, como ela havia se alongado, tornando-se mais alta do que seu personagem deveria ser. Ravi tentou comandar mentalmente as próprias moléculas a fim de impedir aquela mutação forçada, mas elas não reagem. Diante do esforço, tudo piorou. Como se fosse uma espécie de monstro metamórfico, a figura de Rosa Domasco se desfez numa aberração desproporcional, cujos braços tinham tamanhos diferentes enquanto a cabeça se transmutava tal qual um balão que enche e esvazia.

As pessoas começaram a gritar e a correr. Flashes pipo-caram de todos os cantos. As emissoras reprisaram ao longo de semanas a fio a evaporação pública da tão aclamada líder. O tiro da Areté terminou por sair pela culatra. Diversos líderes religiosos fundamentalistas exploraram o ocorrido com a presidente Domasco, alegando ter sido tudo uma vingança divina contra “o monstro herético” que desejava “conter a religião”. A evaporação de Rosa Domasco era a prova definitiva da existência dos milagres. Muita gente acreditou nesse argumento.

O fenômeno em si não durou um minuto, mas foi assustador para quem teve a oportunidade de presenciá-lo. Tão inesperado quanto poderia ser e totalmente fora de qualquer cenário que a entidade mais inteligente do planeta pudesse ter previsto, o caos reafirmou sua furiosa presença.

Ravi Chandrasekhar se dissipou ao vento sem declarar uma única palavra que fosse, ciente da inutilidade de qualquer coisa que pudesse ser dita naquele calamitoso instante.

INTERREGNO – A ENCRUZILHADA DAS REALIDADES

“Uma das coisas mais belas da vida é olhar para o céu, contemplar uma estrela e imaginar que, muito distante, existe alguém olhando para o mesmo céu, contemplando a mesma estrela e murmurando baixinho: – Que Saudade!”

BOB MARLEY

Em 1936, o físico austríaco Erwin Schrödinger propôs um experimento mental com o objetivo de ilustrar o problema da interpretação de Copenhague para a mecânica quântica. Tomemos como exemplo o gato acinzentado que Arthur trouxe consigo em sua viagem interestelar. O gato, que recebera de Julia o nome de Erwin como uma homenagem ao cientista austríaco. O mesmo gato que durante tantos dias quedou apavorado em decorrência da menor gravidade do planeta Neokosmos em comparação à Terra, seu lar natal.

Imaginemos que Lionel recompusesse sua personalidade original afeita a perversões e, por pura falta do que fazer, sequestrasse Erwin, o gato, inserindo-o numa caixa onde também se encontraria um pequeno frasco contendo veneno. É claro que quando Schrödinger propôs o experimento ele não havia pensado nem no gato de Arthur nem no loiro canibal de Milwaukee. Tudo girava em torno de um animalzinho hipotético, que bem poderia ter sido um cão, um rato ou um coelho.

Mas o fato é que sempre, em todos os lugares e em todos os tempos, sempre há uma caixa e um gato e um frasco contendo veneno. A caixa é onde estamos, o gato somos nós e o recipiente tóxico é o que difere uma possível realidade da outra.

A caixa é inteiramente opaca, de modo que um observador externo jamais consegue divisar seu interior. Ela é, de certa maneira, como as folhas seguintes deste livro. Você só saberá o que aconteceu quando virar a página. Até lá, diversas realidades são possíveis.

Como, por exemplo, no caso do gato Erwin, preso na caixa junto ao frasco de veneno conectado a um contador Geiger e um pequeno martelo automático. Em algum momento totalmente desconhecido que pode ser já ou daqui a muitos dias ou mesmo nunca, o contador aciona o martelinho que golpeia o frasco e libera o veneno. Até abrirmos a caixa, não temos como saber se o martelo agiu e se o gato Erwin está vivo ou morto. E aqui reside o fascínio da superposição quântica: enquanto não ousarmos abrir o pacote, o animal está ao mesmo tempo vivo e morto. As duas realidades coexistem, emaranhadas. É o limitado pensamento humano que

nos faz pensar nos caminhos como “um ou outro”, quando talvez cada singular momento seja “um e outro”. Tudo superposto, até o fim dos tempos – se é que poderíamos pensar num final para o que parece eternamente recomeçar.

E o que são encruzilhadas senão espaços que reúnem tanto um caminho quanto o outro?

Este livro é a caixa e dentro dela se encontra um gato: todos os moradores de Muhipu que sobreviveram ao confronto com Allos, o dragão solar. Diante deles, o frasco de veneno: a proposta de voltar ao planeta Terra com o intuito de tentar salvá-lo. Se o martelo quebra o frasco, eles voltam. Caso contrário, todos permanecem no Sistema Estelar Allos, longe de todas as agruras da Terra.

Se o frasco se preserva, nosso relato se encerra por aqui. Viveram todos felizes para sempre em sua Nova Terra, livres da dor, da doença e da morte. Não há muito mais o que dizer, além de que Laura primeiro deu à luz um filho de Martin e, dois anos depois, pariu uma filha de Arthur. O menino e a menina cresceram e se tornaram regentes não apenas de Muhipu, como de todas as outras vilas do planeta Neokosmos. Era um mundo feliz aquele. Não fazia o menor sentido querer sair dali.



Mas às vezes o martelo quebra o frasco, liberando o veneno. E o martelo é um pouco de compaixão diante do destino da Terra, um pouco de indignação diante da passividade e também – como não poderia deixar de ser – um tanto de saudade. Saudades de Julia, sempre Julia, e de tudo o que ela representa: inteligência, curiosidade. Admiração pela existência.

A saudade libera o veneno, e aquele gato morre.

Morre para que outro nasça em seu lugar em outra caixa, outro experimento.

Outro Universo.

Não se trata de escolha entre um caminho ou outro. As duas coisas coexistem, e este é o paradoxo do gato de Erwin

Schrödinger. Virando a página, você aciona o martelo, quebra o frasco, libera o veneno...

... E cria um mundo.

52. SISTEMA ESTELAR ALLOSSIANO

ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 81 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

Tão logo se deu a evaporação de Ravi, o deva solar perdeu o interesse pelo grupo e abandonou o corpo de Laura que, por sua vez, desabou ao chão como uma marionete abandonada. Martin, Arthur e Laura permaneceram dentro da estação orbital sem saber o que fazer por quase três horas, até que vários governadores apareceram. Transtornados com as imagens carbonizadas de Lorena e Clarice e diante do inesperado desaparecimento de Ravi Chandrasekhar, os cientistas realizaram um funeral digno das velhas amigas, atirando seus respectivos corpos no núcleo solar. O Sol as acolheu, mais por ignorá-las por completo – ínfimas que eram – do que por gentileza.

Decorridas mais algumas horas de lamentação, era a hora de cuidar dos vivos. Movido para a Base Lua Nova no imenso satélite artificial de Neokosmos, o trio se reuniu com todos os governadores e membros de Muhipu, quando então Arthur teve a oportunidade de contar tudo o que se sucedera na estação orbital, diante de dezenas de olhos incrédulos. Não limitado a relatar os fatos, Arthur realizou seu discurso:

– Eu me recuso a acreditar que pessoas tão inteligentes e poderosas se disponham a deixar a Terra entregue ao seu próprio destino sem sequer tentar. Pelo que pude entender, a tal Areté da qual vocês fazem parte se sustenta a partir de uma vergonhosa falta de compaixão. Do que adianta criar um paraíso para uns, deixando os outros em graves perigos? Como vocês conseguem dormir quando se deitam à noite? Lorena morreu tentando salvar Laura. Isso, meus caros, é heroísmo. Não sejam a elite covarde que fecha os olhos para seus próprios irmãos. Vamos voltar para a Terra!

Todos os presentes se entreolharam, inicialmente divididos. Para a maioria, não havia a menor razão para querer retornar ao planeta Terra, ainda que Arthur fosse bastante sincero – e mesmo comovente – em seu discurso messiânico. Era esperado que Martin e Laura apoiassem Arthur até o fim, assim como alguns poucos governadores e outros tantos membros das diversas vilas espalhadas ao longo do planeta Neokosmos. Mas a perspectiva geral de apoio não era boa, e dificilmente Arthur teria conseguido o que pretendia, se não fosse por um elemento imprevisível:

Lionel.

Já fazia tempo que o americano descobrira estar num planeta alienígena. Desconfiara algumas vezes, mas a certeza plena veio depois que sua amiga Paula Carvalho – realizando medições geométricas - desvelou o mistério. Lionel guardara o segredo mais por estratégia do que por temor. Do que adiantaria, afinal, sair aos gritos contando a verdade quando poderia ter o mesmo fim de Paula e ser transferido sabe-se lá para onde? Acima de tudo, Lionel amava Lorena profundamente como se ela fosse sua mãe. Lorena era o que de mais caro havia para Lionel na Vila Muhipu, e sem ela não havia a menor razão para continuar ali. Empolgado com o que lhe parecia ser a oportunidade de, enfim, saber mais sobre si mesmo, Lionel deu um passo à frente, tocou no ombro de Arthur com a mão esquerda enquanto dava a direita para Laura e declarou, naquele jeito *irresistível* que lhe era peculiar.

(Embora, é claro, ele nem se desse conta do que estava fazendo.)

– *Eu acho que Arthur tem razão e que deveríamos voltar para a Terra. Não todos, não há necessidade de todos, mas acredito que temos o dever moral de retornar e tentar fazer alguma coisa* – disse Lionel, mal se dando conta de que, ao dar a mão a Laura e tocar Arthur, anulava qualquer possibilidade de resistência psíquica por parte dos habitantes do planeta Neokosmos. Por mais poderosos e aprimorados que fossem, os delegados da Areté nada podiam fazer diante do poder combinado daqueles específicos Eleitos. Ninguém sentiu quando suas vontades se curvaram diante do inescapável querer de Jeffrey Lionel Dahmer, Laura Boccardo e Arthur Coimbra.

Hideo Oshima foi o primeiro a se levantar e a gritar *apoiado!*, sendo seguido por vários outros e por uma profusão de aplausos. Empolgação pura em seu estado mais bruto e, não mais que de repente, até os mais reticentes queriam correr de volta para a Terra. Martin chegou a estranhar, mas queria tanto retornar para casa que nem se alongou em suas desconfianças. Outra governadora pediu silêncio, pois queria falar. Era morena, bonita, um clássico tipo mediterrâneo. Cloe era seu nome.

– Tudo bem, voltaremos para a Terra. Mas precisamos nos preparar. Gostaria de propor aperfeiçoamentos com tecnologia Areté nos habitantes das vilas que ainda não haviam sido elevados. Não faz nenhum sentido manter o teatro agora. E concordo com Lionel: também acho que nem todos deveriam ir. Alguns precisam ficar no Sistema Allos, até porque temos de cuidar de todos esses mundos e do projeto de resgate e colonização. A colonização do maior planeta do sistema, a Super Terra, corre de vento em popa, e o momento é crucial. Diante dos perigos previstos por Ravi, há o risco de que este sistema estelar possa vir a ser o único lar do qual disporemos no futuro.

Arthur, Lionel, Martin e Laura ouviram com atenção o discurso da governadora Cloe e acharam que fazia sentido.

– Eu adoraria ir, mas os golfinhos acham que eu deveria ficar aqui – declarou Gerd, governador da comunidade cetácea conhecida como Vila Tétis. – Eles pedem que, se vocês voltarem a Neokosmos, tragam novos tipos de peixes.

Arthur não pôde conter o riso, pois era tudo muito bizarro e fascinante ao mesmo tempo. Diante de um Sol que fala e de golfinhos inteligentes, Arthur considerou que jamais conseguiria pensar em si mesmo como membro da raça mais importante do universo.

– Vocês têm o conhecimento necessário para a mani-pulação de toda essa tecnologia, ou apenas Ravi sabia lidar com ela? – questionou Martin.

– Temos sim, claro que temos! – respondeu Cloe, animada. – O doutor centralizava tudo, mas nós temos conhecimento dos instrumentais e naves. As naves são semi-inteligentes, nem

precisam ser controladas. A única coisa que se perdeu foram as fichas dos moradores de Muhipu. Estava tudo armazenado em Ravi, e apenas ele, Clarice e Lorena dispunham dessas informações detalhadas.

Bem, esses registros não deviam ter nada de importante, pensou Arthur.

– Eu acho que você tem razão – declarou Martin. – E acho que deveríamos perguntar quem gostaria de voltar para a Terra. Eu, por exemplo, quero.

– Eu também quero voltar – anunciou Laura. – Não acho justo aceitar que tanta gente morra sem tentar até o final.

Arthur olhou com ternura para Laura, fascinado com o quanto ela conseguia ser tão linda.

– Fico feliz com a decisão de vocês, meus amigos – disse Arthur. – Feliz e orgulhoso, de verdade. A gente tem que tentar salvar a Terra.

Ficou então acordado que o retorno de todos ao planeta Terra não era, de forma nenhuma, uma necessidade. Alguns preci-savam ficar, sobretudo diante da ausência de Ravi, para poder tocar o desenvolvimento de Neokosmos e dos outros planetas de Allos, a gêmea do Sol. As tribos indígenas permaneceriam no Novo Mundo. Se a Areté realizara um grande feito, era este: as tribos supostamente extintas no planeta Terra estavam todas lá, em Neokosmos, herdeiras legítimas de florestas que jamais lhes seriam roubadas.

– Eu também gostaria de ir, se vocês *mim aceitar* – declarou Lionel. – Quero ajudar e também tentar lembrar coisas.

– Ora, mas é claro, Lion! – exclamou Arthur, esfuziante. – Vai ser um prazer ter você conosco.

Lionel sorriu. Era bom se sentir querido. *Preenchido.*



No fim das contas, graças ao impacto dominante da telepatia amplificada de Lionel, Arthur e Laura, muitos queriam voltar para a Terra. A onda persuasiva havia sido tão intensa, tão poderosa, que

até os animais teriam voltado, se tivessem a oportunidade. Um longo debate se deu, a fim de estabelecer uma delegação suficiente e representativa. Decidiu-se, enfim, que vinte e três pessoas retornariam, e a este grupo foi dado o nome de Delegação Retorno. Dentre os membros, destacavam-se Hideo Oshima, Cloe Acidália, Arthur Coimbra, Laura Boccardo, Martin dos Santos.

E, evidentemente, Jeffrey Lionel Dahmer.



Ao longo dos dez dias seguintes, aqueles dentre os vinte e três membros da Delegação Retorno ainda não aprimorados pela Areté se viram submetidos a uma intervenção tecnológica fascinante. Era, no final das contas, muito mais simples do que Arthur ou os demais poderiam ter imaginado. Nada de cirurgias, implantes ou próteses, nada tão tosco e primitivo. O processo era bastante elegante em sua aparente simplicidade: milhões de nanorobôs infiltrados na biologia de cada um, e o que era apenas carne e osso se converteu em algo inteiramente novo. Cloe e Hideo cuidaram pessoalmente da introdução de Arthur, Martin, Laura, Lionel e tantos outros a uma nova existência transumana.

Quatro são as forças essenciais do Cosmo: eletrodinâmica, gravitacional, nuclear forte e nuclear fraca. E os transumanos da Areté controlavam-nas, todas. Como se feiticeiros fossem, podiam voar, gerar campos de força, desintegrar objetos e se comunicar telepaticamente com clareza jamais antes experimentada, mesmo quando já eram "paranormais". Martin se adaptou rapidamente aos aprimoramentos, assim como Lionel. Mas mesmo a nanotecnologia da Areté parecia ter limites: nada conseguiu desbloquear as memórias do misterioso americano. Talvez tivessem sido irremediavelmente deletadas. Quem quer que ele tenha sido antes de chegar a Muhipu era um segredo que havia morrido com Ravi, Lorena e Clarice. *Quem sabe com o tempo?*, incentivou Hideo, que adorava um desafio.

Arthur se atrapalhou um pouco no início, assustando-se diante da recém-adquirida capacidade de voar. Por um tempo, as

habilidades sobre-humanas teriam de conviver com as limitações banais de um jovem excessivamente racional para lidar com tudo sem se espantar.

Quanto a Laura... Nada parecia surpreender ou impressionar Laura Boccardo.

Tudo se torna o que deve se tornar, refletia Laura enquanto ensaiava seus primeiros voos. Com alegria, deparou-se com o tangará dançarino que havia ressuscitado em segredo, dias antes. Ele era pelo menos dez vezes maior do que um tangará deveria ser.

Nem que para isso seja preciso dobrar a realidade, concluiu a mais poderosa mulher de dois mundos.

E o tangará voou para longe, cantando para o mundo o seu segredo inaudível.

53. ANO 581 DA FUNDAÇÃO DE NEOKOSMOS

DIA 111 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

As preparações da Delegação Retorno estavam quase no fim. Era chegada a hora de partir.

Ao crepúsculo, enquanto vislumbrava pela última vez Allos descendo no horizonte, Arthur não deixou de se emocionar. Não havia, de fato, diferença alguma entre aquele astro amarelo e o Sol que lhe dera luz por tantos anos. E, à parte a gravidade levemente menor do planeta Neokosmos, seria bem difícil perceber que ali não era a Terra. A perfeição da obra de Ravi era de tirar o fôlego.

– Ok, eu tenho de admitir. Este lugar é lindo, seu manipulador filho de uma puta – sussurrou Arthur, torcendo para que o doutor pudesse ouvi-lo onde quer que estivesse, se é que ainda existia de algum modo.

Allos se foi e a escuridão veio. As trevas magníficas, repletas de estrelas estrangeiras, um tapete negro de novas possíveis constelações. Quem as desenharia, e a partir de quais critérios? Arthur pôs os óculos bloqueadores a fim de se defender da sobrecarga estelar, sorriu e começou a tecer desenhos mentais: a cabeça de Erwin poderia ser vista juntando seis estrelas a oeste. E aquelas outras doze estrelas mais ao norte poderiam se chamar

Constelação do Arabá. As quatro estrelas ao leste poderiam ser a Serpente de Acauã, por que não? Seria uma forma de homenagear seu amigo estranhamente desaparecido.

Doravante, as noites teriam suas luzes nomeadas.

– Na verdade são três estrelas, e não quatro. Uma delas é um planeta. É a Super Terra. Hideo me ensinou hoje mais cedo. A Areté está criando muitas novas formas de vida adaptadas à gravidade e condições gerais daquele planeta. Eu achei isso demais. Adoraria ajudar a criar novas formas de vida, você não?

Virando-se, Arthur viu que Laura havia se sentado próxima a ele e também contemplava o firmamento. Riu, pois a cena lhe lembrava uma parecida em outra vida, quando outra garota lhe corrigira, dizendo *não é estrela, é planeta*. Nos últimos dias, todo o desconforto que sentia em relação à sua amiga e antiga tutora havia passado, sendo substituído pouco a pouco por algo mais do que mera simpatia. Ela tinha parado de se insinuar, deixando Arthur mais à vontade. É claro, a quase incontrolável vinculação telepática que passou a se manifestar entre eles e Martin após o incidente na cromosfera estelar tinha um grande papel nessa sensação de pertencimento e intimidade. Era quase impossível esconder pensamentos muito fortes de Laura e Martin agora.

– Arthur... – iniciou Laura. – Pelos cálculos, quando voltarmos será o ano 2120 da Terra. Um século terá se passado desde que saímos de lá. Você acha que vamos ficar bem quando voltarmos?

– Eu não sei, espero que sim. Mas de uma coisa eu sei, Laura: eu gostei de você dizer “quando” voltarmos, e não “se” voltarmos. Precisamos voltar, precisamos tentar.

– Eu tô nessa contigo até o fim, meninão – respondeu Laura, piscando o olho esquerdo.

– Nossos aperfeiçoamentos laboratoriais são impressio-nantes, assim como a história da Areté – comentou Arthur, como se pensasse em voz alta. – É tudo muito bizarro, não consigo deixar de pensar nas implicações disso. Tudo o que sabemos sobre a história da Terra é falso, tudo!

– Nada é verdadeiro, Arthur. Tudo é ficção. Histórias dentro de histórias. Sabia que eu às vezes sou a rainha de uma cidade no

deserto? São tantos sóis, todos lindos...

Às vezes era difícil compreender as “tiradas” filosóficas e os devaneios de Laura Boccardo. De onde ela retirava tais ideias?

– Do Sol. Ele fala comigo às vezes... – respondeu Laura, após ouvir em alto e bom som os pensamentos do amigo.

Arthur riu.

– Que seja, nada mais me espanta. Com esses “poderes”, nada, nada pode me espantar, Laurinha. Tudo isso é tão estranho, parece bruxaria!

– Eu imagino que se falássemos num celular diante de nossos bisavós, eles desmaiariam diante do que, para eles, seria milagre e magia. Não é magia, é só ciência que desconhecíamos – filosofou Laura. – Ah! Está sabendo da nave?

– Não tenho detalhes. É claro, sei que para voltarmos à Terra precisaremos de um meio de transporte.

– A nave é incrível, Arthur! – declarou Laura, empolgando--se – É inteligente, toda feita de matéria programável. Ela falou comigo! Não é incrível? Em velocidade máxima, chegaremos à Terra em 50 anos. Mas vamos dar uma parada antes.

– Parada? Onde? Por quê?

– Cloe disse que entre Allos e o Sol há uma estrela azul, e ela gostaria de fazer um experimento, já que está em nossa rota. Ao que parece, nós vamos nos energizar lá.

Arthur parecia querer rir mais e mais, um tanto nervoso. Acariciou os cabelos da amiga e admitiu:

– Você parece encarar tudo isso com muita naturalidade, Laura. Como consegue? Martin, aquele homem enorme, quase entrou em choque, mas você... você está ótima!

– Sei lá, lindo. Eu acho que sempre soube que tudo isso aconteceria em minha vida. Não sei explicar. Tudo tem uma sensação de algo que eu já vivi não sei quantas vezes... Mas o fato é que nada é novo, sabe, Arthur? É como se eu... como se eu estivesse revendo o já visto, num eterno retorno.

– Gosto muito de você, Laura. Eu acho que, antes, eu me defendia. Achava você meio... meio amalucada. Eu ainda acho você amalucada, mas não sinto mais medo.

Laura explodiu numa gargalhada tão sincera que espantou uma família de macacos nas árvores vizinhas.

– É, imagino. E não te culpo, Arthur. Sabe o que é? Acho que eu precisava tomar um banho de Sol...

– Falando em Sol, você sabe – disse Arthur olhando para as constelações - qual é o nosso? O Sol da Terra?

– Sei, sim. É aquele ali – respondeu Laura, apontando para uma estrela minúscula, pálida, quase invisível a olho nu. Era ela, a única estrela de uma constelação ainda por inventar.

Arthur riu, espantado.

– Você está brincando! Até isso você já aprendeu? Quem te ensinou?

– Ninguém – respondeu Laura, sem tirar os olhos do astro. – Ninguém me ensinou, Arthur. Ele mesmo, o nosso Sol natal, me contou.



Sozinho em seu quarto na casa comunal de Muhipu, Arthur se deu conta do quanto temia de verdade várias implicações referentes à viagem. E a principal delas dizia respeito ao tempo de deslocamento. Em velocidade sub-luz, ele tinha levado 50 anos entre a Terra e Neokosmos. Para voltar, portanto, seriam outros 50 anos. Laura tinha razão em se preocupar com o bem-estar de todos os que voltariam. Família e amigos de Arthur estariam mortos, sem sombra de dúvida. E Julia também. Que sua ex-namorada se encontrava viva naquele preciso momento, Arthur não tinha dúvidas, afinal ele a tinha envolvido no encantamento da união e foi por causa dela que o mistério da noite proibida de Muhipu foi desfeito. Arthur estimava que ela teria em torno de setenta anos agora. Por mais longeva e bem cuidada que fosse, dificilmente estaria viva aos cento e vinte anos, quando todos voltassem ao planeta Terra.

Havia inúmeras coisas que Arthur gostaria de conversar com Acauã, mas não viu o pajé nos últimos dias, e ninguém – nem Cauré – sabia onde ele estava. Nenhum dos índios, contudo,

parecia preocupado. Acauã sabia se virar, e bem poderia ter saído em alguma jornada espiritual solitária. Frustrou-se ao tentar um contato telepático que não logrou êxito. O que não significava muito, pois Acauã sabia muito bem como bloquear o acesso à sua mente. Arthur ficou um pouco triste diante da perspectiva de não se despedir do amigo indígena. Sua vida havia sido uma sucessão de encontros onde ele sempre perdia a oportunidade de dizer às pessoas queridas o quanto elas haviam sido importantes. Gostaria de ter podido dizer “adeus” e “obrigado”.

Sim, ele teria adorado poder dizer *ayu* a Acauã.

Alguma coisa, contudo, dava para consertar. Isso ele sabia. Teria, agora, a oportunidade de se despedir adequadamente.

E para sempre.

Fechando os olhos, Arthur Coimbra pensou no quão afortunado tinha sido por ter, por um breve momento de sua vida, partilhado a existência com Julia Rivera. Deu-se conta também do quão ingrato havia sido, por nunca ter lhe respondido a carta. Deu-se conta de que a vida é uma sucessão de iniciativas, e que nada fazer é pior do que tentar e errar. E só agora ele atentou para o fato de que Julia esperara, de fato, por uma resposta que nunca veio.

Aprendida a lição, Arthur olhou para o espelhinho pendurado em seu quarto e recitou: *Eu sou Julia. Eu sou Julia Rivera. Eu sou a astrônoma Julia Rivera.*

54. RIO DE JANEIRO, BRASIL, 7 DE ABRIL DE 2070

DIA 111 APÓS O DESPERTAR DE ARTHUR

PRIMEIRO DIA DO DESPERTAR DE JULIA

Havia sido a quarta vez que as roupas inteligentes tinham salvado a vida de Julia, detectando a alteração em seus sinais vitais e convocando o socorro médico. Dura na queda, a astrônoma sabia que ainda viveria muitos e muitos anos. Quando entrou em choque, dias atrás, estava caminhando na orla reconstruída pós-tsunami de Ipanema e, quando se deu conta, estava no hospital. De pouco se lembrava dos seus dias de coma, além de um sonho estranho no qual se encontrava numa floresta, rodeada por índios e

vislumbrando um céu cujas estrelas tinham uma bizarra organização, algo que ela nunca tinha visto. No sonho, viu de relance Arthur, seu namorado de meio século atrás. *O inconsciente humano é mesmo uma coisa esquisita*, pensou Julia antes de se dar conta de que estava ainda muito fraca e seu corpo dava sinais de querer apagar mais uma vez.

Caiu no sono. Quando despertou, dez minutos depois, assustou-se ao perceber que, ao seu lado, havia uma carta que alguém havia lhe deixado. A carta assim dizia:

Querida Julia,

Muito, muito tempo atrás, você me deu uma aula sobre confiança. Me ensinou que eu só estou sozinho se assim quiser. Eu aprendi a lição, sabe? Sei que vai parecer que demorou, dentro dos seus padrões de passagem do tempo porque, Nossa Senhora, 50 anos é mesmo demais, mas seu tempo não é o meu, e até que eu aprendi rapidinho. Fico triste em não poder mostrar isso pra você, mas fico orgulhoso pela mulher que você se tornou. Você não vai entender nada quando ler esta carta, mas eu quero te dizer que agora entendo a sua fascinação pela Astronomia. O universo é mesmo um lugar maravilhoso e eu tive a sorte de dividi-lo com você, ainda que por um curto espaço de tempo. Você, Julia, meu amor, me ajudou em diferentes mundos.

E, em todos eles, me fez entender e admirar ainda mais a beleza das noites.

A razão, essa sua melhor amiga, diz que nunca mais nos veremos. Mas eu não sei por que, de fato não sei explicar esta sensação estranha de que tudo no final é a mesma história: a sina de minha vida é eternamente voltar pra você.

Com amor, Arthur.

EPÍLOGO

SISTEMA ESTELAR KYANÓS 15 ANOS APÓS A PARTIDA DA DELEGAÇÃO RETORNO

A estrela Kyanós havia sido descoberta quase que por acidente pela Areté, no dia 18 de abril de 1938. Uma estrela como aquela, de tipo-O, é muito, muito quente e de um azul intenso, além de ser deveras rara. Estima-se que apenas uma dentre três milhões de estrelas na vizinhança dos Domínios da Areté seja tipo-O. A intensidade luminosa de um astro do gênero costuma ser pelo menos um milhão de vezes maior que o humilde Sol amarelo tipo-G dos planetas Terra e Neokosmos, e a maior parte de sua frequência ocupa o espectro ultravioleta. De tão massiva, uma estrela tipo-O tem núcleos superquentes e quase nenhuma apresenta planetas em órbita, em decorrência do efeito de foto-evaporação. Lindas e inóspitas, as tipo-O eram para ser admiradas, mas não serviam como pontos de colonização da Areté.

Dentre suas tantas peculiaridades, ao que tudo indicava, Kyanós era uma estrela expulsa de seu berçário original. Distante meros 38,415 anos-luz da Terra, aquele colosso azul estava longe de seu lugar de nascimento, pois não deveriam existir tipos-O na vizinhança do Sol terrestre. O mais fascinante é que diversos fatores contribuíam para que Kyanós fosse indetectável a partir da Terra. Uma lente gravitacional monstruosa composta por matéria escura desviava sua luz e, para completar o misterioso conjunto, uma nuvem de densa poeira cósmica bloqueava a intensidade azul daquela estrela solitária. Era uma tão engendrada ocultação, que

mesmo os cientistas da Areté chegaram a aventar a possibilidade de tudo ser obra de algum tipo de inteligência que tinha o claro intento de esconder Kyanós dos olhares humanos.

Todavia, a Areté procurara – com franca dedicação – e nada encontrou em termos de inteligência biológica ao longo dos 500 anos-luz de raio. Planetas com microrganismos eram vulgares. Alguns poucos tinham algas, plantas e seres similares a vermes. Mas nada, em lugar algum, sugeria inteligência biológica. A experiência de contato entre Laura e a estrela Allos havia sido interpretada pela maioria dos governadores da Areté como um surto esquizofrênico. Mas ela sabia, e nunca mais se esqueceria da derradeira lição daquele evento: *tudo é vivo*.

Talvez tudo fosse incidental no que dizia respeito à arquitetura cósmica capaz de ocultar Kyanós. A impressão que se tinha, ao olhar para o sistema bem de perto, era a de um ovo cósmico opaco com um interior azul-elétrico. A estrela se escondia. Do que ou de quem, ninguém saberia explicar.

Cloe havia programado a nave-mãe da Delegação de Allos para despertar seus ocupantes quando estivessem próximos a Kyanós. Mantendo uma distância segura do colosso estelar azul, a nave inteligente pouco a pouco despertou seus convidados.

– *Abram seus olhos* – ordenou o sistema de suporte vital.

Arthur acordou primeiro, seguido por Lionel. Laura, Martin e Hideo demoraram alguns minutos a mais. Em menos de meia hora, toda a Delegação composta por vinte e três indivíduos estava desperta e operante.

Diante deles, desvelava-se Kyanós em toda sua majestade monocromática azul. A radiação emitida pela estrela golpeou em cheio o criptocromo presente nos olhos de cada membro da Delegação, ativando os efeitos quânticos e os nanocircuitos alterados de todos eles. O que já era poderoso se tornou quase divino. Arthur ficou sem palavras diante do que só poderia ser descrito como um êxtase celestial. Martin seria capaz de, sozinho, criar ou destruir uma cidade. Laura teve certeza de que poderia salvar quantos mundos fossem necessários após receber um banho

daquela luz. Todos tiveram um momento tão único que lhes faltavam palavras para descrever o que sentiam.

De fato, ninguém nada disse. Ninguém exceto Lionel que, sorrindo como se estivesse face a face com Deus, murmurou tão baixinho e respeitosamente que mal foi possível ouvi-lo:

– Eu lembro... Eu lembro de tudo.

E, então, seguiram seu curso de volta para casa.

De volta ao Planeta Terra.



Um a um, cada membro da Delegação voltou ao sistema de suporte vital altamente sofisticado da nave. Dormiriam por dezenas de anos em tão intensa estase que sequer perceberiam a passagem do tempo. Seria como dormir uma boa noite de sono. Apenas Lionel decidiu ficar acordado um pouco mais, admirando a estrela azul à medida que dela se afastava. Não queria alarmar ninguém, mas sentia como se fosse explodir a qualquer momento. Havia algo esperneando dentro dele.

– Tem certeza que você está bem, querido? Você parece um pouco ansioso – observou Cloe.

Constrangido, Lionel não sabia exatamente o que fazer. Passou por sua cabeça a ideia de se abrir e conversar sobre tudo com alguém tão experiente quanto Cloe, mas desistiu da ideia. Naquele momento tão difícil, Lorena era a pessoa de quem ele sentia mais falta. Na ausência dela, preferia ficar um pouco sozinho, o que significava também fechar sua mente a qualquer forma de intrusão telepática.

– Sim, está tudo bem, Cloe, obrigado. Estou apenas fascinado com tudo isso, com tanta tecnologia. O sistema de tradução é simplesmente perfeito. Em qual língua você fala?

– Grego – respondeu Cloe, sorrindo. – Você me ouve em inglês, e eu ouço você em grego. Tudo é muito fantástico, de fato. Mas tente descansar, a viagem é longa.

– *Não se preocupe comigo, querida. Apenas durma* – comandou Lionel.

– Não me preocupo com você, Lion, querido. Vou apenas dormir
– respondeu Cloe, e foi direto para o casulo de estase.

Quem diria, funcionou com uma mulher, pensou Lionel.

O americano não conseguiu dormir por um bom tempo. Enquanto viajava cosmo afora em velocidade sub-luz, quatro anos decorreram na mais pura escuridão, mas Lionel não parecia perceber a passagem do tempo e mal se movia dentro da nave. Sobrecarregado com a intensidade energética de Kyanós, ele sentia como se pesados portões se abrissem lentamente em seu íntimo, expondo o que sempre estivera ali, escondido dele mesmo. Encontravam-se todos vivos dentro de Lionel, do primeiro ao último, de Steven Hicks a Joseph Bradehoft, passando, é claro, por Konerak e todos os outros. Um tanto confusos, porém preservados no abismo negro de Lionel e lutando por liberdade. A descarga da estrela azul havia feito o seu trabalho, exorcizando as essências aprisionadas no americano. Quatro anos foram necessários, mas cada uma de suas vítimas pôde finalmente voar rumo ao esquecimento, espalhando-se no vácuo espacial. Lionel sentia um mescla de redenção com saudade e, inesperadamente, principiou a chorar.

Eram lágrimas demais, expressões da dor não apenas dele e de suas vítimas, mas de cada familiar dos jovens que ele tão impiedosamente assassinara. Foram mais dois anos sem dormir, em prantos, na escuridão. O americano chorou tudo o que pôde até se sentir aliviado. A luz de Kyanós fizera seu trabalho e, enfim, havia se esgotado. Lionel estava livre.

Livre e vazio.

Ergueu-se de onde estava e se pôs a passear pela nave, admirando cada um dos outros vinte e dois membros da Delegação Retorno. Não tinha reparado antes, mas eram todos, sem exceção, tão bonitos. Especialmente Arthur. Eram pessoas tão lindas, e com elas nunca mais Lionel ficaria sozinho. Lamentava apenas o fato de não haver um sistema de suporte vital coletivo, para que todos viajassem abraçados rumo à Terra, como o grupo unido que eram.

Uma só alma, uma só carne.

Lionel sentia o amor crescer dentro de si, aquele amor faminto e sem fundo que lamenta o menor resquício de separação. Era tão injusto, o universo. Por que tudo existia separado? Não- -ser era melhor que ser. Estar vivo era sentir fome constante, fome que passa, fome que volta, fome maldita.

Mas eu sei que vai passar, eu sei, eu sei, e entre o início e o fim desse específico pensamento, mais dois anos decorreram sem que Lionel se desse conta. Quando percebeu, estava de pé diante do casulo-suporte de Arthur, olhando seu rosto com candura. Levou mais um ano para abrir o casulo e se pôs a afagar os cabelos escuros do rapaz, sentindo a pulsação forte em suas têmporas. *A fome passa, vai passar, tem de passar, por favor, Deus me ajude,* desesperou-se.

Passou.



Nunca os dragões dentro das estrelas haviam testemunhado tão solitária e silenciosa nave singrando a vastidão do espaço.

CARTA AO LEITOR NERD

Torço para que vocês tenham se divertido lendo este livro tanto quanto eu me diverti o escrevendo. Vamos a uma última conversa? Apesar de eu endereçar estas palavras ao "leitor nerd", fique à vontade para lê-las ainda que não se considere um. Entre em contato com seu *nerd* interior e me acompanhe.

Quando lemos um conto ou assistimos a um filme ficcional, nós costumamos realizar – de modo pouco consciente, a bem da verdade – um exercício chamado *suspensão da descrença*. Fazemos de conta, por algumas horas, que a realidade a nós apresentada sob a forma de ficção é aceitável. Desse modo, a nossa mente lida com elementos altamente improváveis, como magia, pessoas levitando e falando com estrelas, psicopatas imortais, mutantes, discos voadores e tantas outras coisas. A quantidade de improbabilidades que se desfilam ao nosso olhar no universo de filmes e contos é, dirão alguns, uma sofisticada forma de evasão. Outros, mais abertos, verão na fantasia um saudável exercício de criatividade. De fato, se no século XIII alguém escrevesse um conto de ficção que considerasse a existência de meios voadores de transporte ou a possibilidade de uso de pequenas caixas que permitem a comunicação à distância, isso não seria evasão. Seria antecipação criativa, e das boas! Vários autores fizeram isso, em maior ou menor grau, antecipando coisas que passaram a existir no que para eles é futuro e para nós é presente. Ainda assim, não é obrigação principal da ficção científica "prever o futuro", embora isso possa até acontecer como efeito colateral. Tampouco é obrigação da ficção científica ser "cientificamente correta", embora eu ache bem legal quando isso acontece.

A proposta principal da ficção científica é – surpresa! – entreter. Divertir.

Há, entretanto, um tipo de pessoa que é constantemente acusada de não conseguir exercitar o jogo lúdico da suspensão da descrença: os cientistas. Tal acusação sempre me pareceu demasiado injusta, mesmo antes de me tornar um estudante de ciências.

De fato, cientistas em geral costumam se divertir apontando os absurdos científicos que se desfilam em obras ficcionais. Em *Guerra nas Estrelas*, temos sons de explosão no espaço sideral. Mas como, se o som não se propaga no vácuo? Uma nave pousa no planeta Saturno em *Jornada nas Estrelas*. De que forma, se Saturno é um planeta gasoso? Qualquer nave capaz de resistir à poderosa gravidade deste planeta, aproximando-se sem se destruir, dificilmente encontraria superfície sólida para pousar. Uma explosão gama transforma um homem franzino numa criatura fortíssima, como em *O Incrível Hulk*, sendo que em verdade a fatídica consequência da exposição à radiação gama direta seria a morte imediata do organismo. Em fóruns virtuais de discussão de ficção científica, não é incomum que nos vejamos diante de listas do tipo “as maiores bizarrices contidas em filmes ficcionais”. Neste parágrafo, apresentei apenas três. Acredite: a lista é pelo menos vinte vezes maior. E meu livro deve ter umas tantas outras!

Pesa em favor dos amantes da ciência o fato de que tais exercícios de “identificação de bizarrices” e erros científicos constituem tão somente uma forma bem-humorada de demonstrar conhecimento. Na prática, verifico o oposto: cientistas e estudantes de ciências adoram suspender a descrença, e não apenas lidam muito bem com distorções da realidade, como apreciam esse tipo de exercício. Porque, de fato, é muito difícil encontrar uma alma de cientista que não aprecie, ao mesmo tempo, a ficção científica.

Este livro está recheado de informações científicas reais mescladas com pura fantasia. Nos agradecimentos iniciais, eu fiz uma recomendação: Google em tudo! Vocês ficarão felizes em descobrir que algumas coisas muito legais são verdadeiras. Sim, o nosso Sol tem uma estrela gêmea, ela é mesmo a décima oitava

mais brilhante da Constelação do Escorpião. Quem identificou essa profunda semelhança foi um astrônomo brasileiro, Gustavo Porto de Mello. Ainda que eu o tenha inserido em diversos momentos nesta história, é claro que as coisas não se deram do jeito que vocês leram. Lembrem-se: este é um livro de ficção. Se insiro aqui fatos reais ou mesmo nomes reais, é para que vocês se sintam instigados a pesquisar. Pesquisem sobre a falha magnética do Atlântico Sul, estudada por Tulio Baars, ainda praticamente um garoto enquanto escrevo estas linhas. Ele montou um laboratório, o ALEXA, e estuda o nosso Sol. Em sua iniciativa, foi apoiado até pela NASA. Averiguem a “hipersensibilidade eletromagnética”. Ela existe e foi considerada real por um grupo de médicos que se reuniu em Praga, e posteriormente pela própria Organização Mundial de Saúde – embora, a bem da verdade, ainda exista polêmica a esse respeito. Investiguem e descobrirão que há, de fato, um artigo aprovado por Sagan e Grinspoon, sobre a possibilidade de inserir mensagens inteligentes em vírus. Chequem e descobrirão: Dahmer existiu, e infelizmente fez mesmo todas aquelas atrocidades.

Eu sei que há quem se chateie por eu ter inserido elementos parapsicológicos na história. Mas, ora, a história é minha e eu a deixo tão maluca quanto quiser! Se Arthur Clarke, gênio que era (e sim, o nome do personagem principal é uma homenagem ao Mestre), inseriu o famoso tabuleiro *ouija* – sucesso em reuniões espíritas adolescentes - em seu livro *O Fim da Infância*, por que eu não poderia evocar algo tão banal quanto a telepatia? Ademais, lembrem-se da terceira lei de Clarke: não existe magia, não existe “paranormalidade”, existe apenas ciência que ainda não conhecemos! E o futuro talvez seja muito, muito mais mágico do que eu ou ele conseguimos imaginar.

A própria Física, por exemplo, não diz respeito necessariamente à realidade em seu sentido estrito. Estudantes lidam com ficção o tempo todo em suas provas: *desconsiderar o atrito do ar*, pede o exercício, exigindo que acreditemos num mundo em que o ar não provoca atrito; *considerar que se trata de uma polia ideal*, declara o professor ao apresentar uma prova final. Sempre que um exercício apresenta as palavras *considerar* e *desconsiderar*, ele está na prática

solicitando uma suspensão da descrença. Está a dizer: isso é ficção, ok, mas acredite nisso por um minuto, pois apenas assim você poderá resolver o exercício. E, bem, não é preciso um olhar muito atento para compreender que a natureza escapa a modelos exatos. Se fôssemos considerar a realidade tal qual ela é num exercício de Física, teríamos de levar em conta muito mais elementos do que costumamos utilizar!

O emaranhamento da ficção com a Física é muito mais amplo, e não se limita a questões apresentadas a estudantes de graduação. A situação se torna problemática quando o próprio físico, sobretudo o contemporâneo, não parece consciente dos pontos falhos existentes naquilo que filósofos da ciência chamam de "credo do físico ingênuo". Uma das premissas da Física, por exemplo, é a de que a observação é a fonte de *todo* conhecimento físico. Será mesmo? Em parte, tal afirmação é verdadeira, pois é evidente que a observação fornece conhecimento. Todavia, é inegável que o conhecimento físico vai além da mera observação empírica. Físicos estão a todo momento postulando a existência de entidades inobserváveis: elétrons, por exemplo. Ninguém "vê" um elétron. *Considera-se que ele exista*, pois sua existência permite a plausibilidade de modelos teóricos que têm se revelado como muito consistentes até o presente momento. Não é nada impossível que, no futuro, abandonemos esse modelo e o substituamos por outro. Epa! Note que não estou dizendo que tudo o que temos é ilusão. É perfeitamente razoável considerar como verdadeiro o conhecimento científico que ora temos. Se ele um dia se revelar incompleto ou incorreto, mudamos o modelo. Essa é a grande vantagem da ciência sobre os dogmas.

O exercício da imaginação é, portanto, parte integral do cotidiano não apenas de um autor de obras ficcionais, mas também de todo e qualquer cientista. Conforme nos explica o filósofo Hans-Georg Gadamer, a obra de ficção não parte do nada. Ela leva em conta um recorte da realidade, mas vai muito além da realidade em si. Não se trata de uma simples transferência de um mundo (real) para outro (ficcional). Veja bem: é claro que o mundo ficcional é *outro mundo*, fechado em si, no qual um jogo é jogado. Essa

dimensão ficcional encontra sua medida nela própria, e não deve ser julgada a partir de nada que esteja fora de si mesma, de seu próprio “novo universo”. É absolutamente injusto compararmos a ficção com a realidade cobrando acertos científicos, como se tal realidade fosse a medida secreta de todas as coisas. A ficção científica, portanto, pode – ou não – ser uma previsão de nosso futuro.

Assim como num exercício de Física, quem cria um novo mundo tem de deixar coisas de fora, ou mesmo exagerar algo. Toda criação artística ficcional é um exagero para mais ou para menos, um exercício que em alguns momentos encontra ecos em nosso mundo, oras não. E, como nos ensina Hans-Georg Gadamer, é absurdo querer supor que exista uma “representação correta” da realidade, em face de nossa finitude histórica. Por isso, filosoficamente falando, podemos afirmar que *toda criação artística e ficcional tem, em si mesma, suas leis*. Dito de outro modo, no mundo de *Guerra nas Estrelas*, o som se propaga no vácuo. No mundo do *Incrível Hulk*, raios gama podem tornar as pessoas superfortes. E, no planeta Saturno de um universo paralelo, é possível pousar. No mundo de Clarke o tabuleiro *ouija* revela segredos e, no meu mundo, Laura Boccardo falou com o Sol. Simples assim.

O que desejo? A partir do romance ficcional, a partir deste *outro mundo*, desejo instigar a curiosidade do leitor para maravilhas fascinantes do nosso próprio mundo, fazê-lo se apaixonar pela ciência e, sobretudo, pela Astronomia. Se em algum momento eu por acaso acertar em meus exercícios futuroológicos, saiba que isso foi apenas coincidência. Às vezes os universos colidem, e a fantasia se revela mais verdadeira que a realidade.

A vida é mesmo uma coisa incrível, não é?

Alexey Dodsworth
São Paulo, Brasil

Planeta Terra, Sistema Estelar Sol

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



1 "Que saudade de você, meu amorzinho", em tupi-guarani.

2 Nome que algumas tribos dão à serpente *Micrurus*, ou cobra-coral, especialmente venenosa. Os gêneros *Erythrolamprus*, *Oxyrhopus* e *Anilius*, apesar de serem muito parecidos com a *Micrurus*, não possuem veneno algum. A distinção entre um gênero e outro é muito difícil e exige uma análise minuciosa de suas presas ou da forma e coloração de seus anéis.

3 O nome "Andirá", em tupi-guarani, significa "morcego".

4 Do tupi "Martin, você está triste? Por quê?".

5 Referência ao mundo do clássico *1984*, de Orwell, onde câmeras vigiam os movimentos dos cidadãos.